

CURSO DE

INTRODUÇÃO

AO

CANDOMBLÉ

ILÊ AXÉ OXOSSI E OXALÁ

JULHO DE 1994

DEDICATÓRIA

Esta modesta contribuição ao nosso amado Candomblé eu dedico àqueles que a prestigiarem com sua leitura e críticas construtiva e a todos àqueles que tornaram possível sua realização.

Em especial:

Meu Pai, **AGUINALDO DE OXOSSI,**

Minha Mãe, **IZETE DE OXUM,**

Meus Pais de Santo, **JOÃO BOSCO e LURDES DE OBALAUÂÊ,**

Meu Babakekerê, **ALEFÁ,**

Ao meu amor, **WALKINHO**

Aos amigos que me inspiraram, como professores e mestres, meu agradecimento especial à FERNANDES PORTUGAL e FÁTIMA.

Agradecimentos

Aos meus irmãos: Alexandre,
Richard e Renato.

À querida Hellen e a Janaína.

Aos amigos queridos:

Walker

Branca

Walma

Nina

Ana Nascimento

Aída de Xangô

Yundia (Regina)

Maria Gorda

Ana de Oxalá

Bomboxé

Biau e Cleunice

Gílio e família

Nevinha

Neuzi e sua amiga

Dani

Joel e esposa

Dona Maria

E aos demais Irmãos e crianças do Ilê Axé Oxossi e Oxalá

MÓDULO I

I – Cargos no Barracão

II – Termos e nomes no rito

III – A dança dos Orixás

IV – Tipos de Ejé que existem

V – Tipos de mediunidade

VI – Comportamento do Filho-de-santo

VII – Eleké

VIII – Lôorogun

IX – Termos e palavras em Yorubá

HISTÓRICO

O Candomblé é uma religião originária da África, trazida ao Brasil pelos negros escravizados na época da colonização brasileira. A presença das religiões africanas é uma consequência imprevista do tráfico dos escravos, que determinou a afluência de cativos Gegês e Nagôs (Daomeanos e Yorubás), trazidos da Costa dita dos Escravos e desembarcados, principalmente, na Bahia e em Pernambuco.

A extraordinária resistência oposta pelas religiões africanas às formas de alienação e de extermínio haveria de surpreender. A religião foi tolerada porque os senhores julgavam as danças e os batuques simples divertimentos de negros nostálgicos, úteis para que eles guardassem a lembrança de suas origens diversas e de seus sentimentos de aversão recíproca.

O Candomblé se difundiu no Brasil no século passado, com a migração de africanos como escravos para os senhores de terra. A população escrava no Brasil consistia quase totalmente de negros de Angola. No momento da chegada dos nagôs, um século e meio de escravidão havia passado, distribalizando o negro e apagando seus costumes, crenças e sua língua nacional. Mas o elemento africano, resistiu e criou uma forma de cultuar seus deuses através do sincretismo com os santos católicos.

Mesmo levando em conta a pressão social e religiosa, era relativamente fácil para os escravos, na sonolência geral, reinstalar na Bahia as crenças e práticas religiosas que trouxera da África, pois, a igreja católica estava cansada do esforço despendido na criação de irmandades de negros como tentativa de anular toda sua cultura, mas todos os meses novas levas de escravos, adeptos ao culto aos Orixás, desembarcavam na Bahia.

Por volta de 1830 três negras conseguiram fundar o primeiro templo de sua religião na Bahia, conhecida como Ylê Yá Nassó, casa da mãe Nassó. (Nassó seria o título de princesa de uma cidade natal da costa da África). Esta seria a primeira a resistir às opressões católicas, desta casa se originam mais três que sobrevivem até hoje e que fazem parte do grande Candomblé da Bahia, sendo elas: O Engenho velho ou Casa Branca, Gantóis, cuja ilustre dirigente foi mãe menininha do gantóis (falecida em 1986) e do Alaketu.

Os Candomblés se diversificaram desde 1830, a medida que a religião dos nagôs se firmava, primeiro entre os escravos e por fim, no seio do povo. Hoje há quatro tipos de Candomblé ou Candomblé de quatro nações: Kêtu (povo nagô), Jêje (povo nagô, mas obedientes a uma outra cultura), Angola-congo (povo bantu, este culto é mais abasileirado) e de caboclo (cultuam mais os caboclos, mistura-se com a Umbanda).

O Candomblé baseia-se no culto aos Orixás, deuses oriundas das quatro forças da natureza: Terra, Fogo, Água e Ar. Os Orixás são, portanto, forças energéticas, desprovidas de um corpo material. Sua manifestação básica para os seres humanos se dá por meio da incorporação. O ser escolhido pelo orixá, um dos seus descendentes, é chamado de elegum, aquele que tem o privilégio de ser montado por ele. Torna-se o veículo que permite ao orixá voltar à Terra para saudar e receber as provas de respeito de seus descendentes que o evocaram. Cada orixá tem as suas cores, que vibram em seu elemento visto que são energias da natureza, seus animais, suas comidas, seus toques (cânticos), suas saudações, suas insígnias, as suas preferências e suas antipatias, e aí daquele que devendo obediência os irrita.

A síntese de todo o processo seria a busca de um equilíbrio energético entre os seres materiais habitantes da Terra e a energia dos seres que habitam o orum, o supreal (que tanto poderia localizar-se no céu - como na tradição cristã - como no interior da Terra, ou ainda numa dimensão estranha a essas duas, de acordo com diferentes visões apresentadas por nações e tribos diferentes). Cada ser humano teria um orixá protetor, ao entrar em contato com ele por intermédio dos rituais, estaria cumprindo uma série de obrigações. Em troca, obteria um maior poder sobre suas próprias reservas energéticas, dessa forma teria mais equilíbrio.

Cada pessoa tem dois Orixás. Um deles mantém o status de principal, é chamado de orixá de cabeça, que faz seu filho revelar suas próprias características de maneira marcada. O segundo orixá, ou ajuntó, apesar de distinção hierárquica, tem uma revelação de poder muito forte e marca seu filho, mas de maneira mais sutil. Um seria a personalidade mais visível exteriormente, assim como o corpo de cada pessoa, enquanto o outro seria a face oculta de sua personalidade, menos visível aos que conhecem a pessoa superficialmente, e às potencialidades físicas menos aparentes.

Como qualquer outra religião do mundo, o Candomblé possui cerimoniais específicos para seus adeptos porém, esses ritos mostram singularidades especialíssimas, como a leitura de búzios (um primeiro e ocular contato com os Orixás), a preparação e entrega de alimentos para cada uma das entidades ou as complexas e prolongadas iniciações dos filhos-de-santo. Através da observância desses procedimentos é que o Candomblé religa os humanos aos seres astrais, proporcionando àqueles o equilíbrio desejado na existência.

O CANDOMBLÉ é uma estrutura de culto às forças da natureza, a um hino à vida como Eterno Movimento, que se manifesta nas danças, nas cores dos ORIXÁS, nos alimentos sacramentais. Ritual comunitário de cantos, danças e alimentos sagrados na sua forma pública, o Candomblé é sacramentado pelo Pai ou Mãe de Santo, pelos Filhos de Santo, pelos tocadores de atabaque (OGAN), que entoam os cantos sagrados possibilitando a vinda do ORIXÁ, com a participação da comunidade dos mais velhos às criancinhas. Todos cantam e saúdam os ORIXÁS, executam a dança sagrada, num hino à Alegria, Amor e Partilha.

O CANDOMBLÉ se expressa nos terreiros ou roças, onde se cultuam os ORIXÁS e os ancestrais ilustres. O terreiro contém dois espaços, com características e funções diferentes: (a) um espaço urbano, construído, onde se dá a dança; (b) um espaço virgem (árvores e uma fonte, equivalentes à floresta africana), que é considerado sagrado.

O chefe supremo do terreiro é o BABALORIXIÁ ou IYALORIXÁ (pai ou mãe que possuem o ORIXÁ). Eles são detentores de um poder sobrenatural - o AXÉ, a força propulsora de todo Universo. O AXÉ impulsiona a prática sagrada que, por sua vez, realimenta o AXÉ, pondo todo sistema em movimento. O AXÉ sendo princípio e força é neutro. Transmite-se, aplica-se e combina-se aos elementos naturais, que contam e expressam o AXÉ do terreiro, que pode ser: (a) o AXÉ de cada ORIXÁ, realimentado através das oferendas e da ação ritual; (b) o AXÉ de cada membro do terreiro, somado ao do seu ORIXÁ, recebido na iniciação, mais o AXÉ do seu destino individual (ODU) e o herdado dos próprios ancestrais; (c) o AXÉ dos antepassados ilustres.

O AXÉ como força pode diminuir ou aumentar dependendo da prática litúrgica e rigorosa observância dos deveres e obrigações. A força do AXÉ é contida e transmitida através de elementos representativos do reino vegetal, animal e mineral (oferendas) e podem ser agrupados em três categorias: (a) sangue vermelho do reino animal (sangue), vegetal (azeite de dendê) e mineral (cobre); (b) sangue branco do reino animal (sêmen, a saliva), vegetal (seiva), mineral (giz); (c) sangue preto do reino animal (cinzas de animais), vegetal (sumo escuro de certos vegetais) e mineral (carvão, ferro). Estes três tipos de sangue, por onde veicula o AXÉ, com sua coloração, vai determinar a fundamental importância da cor no culto. Resumindo: o AXÉ é, portanto, um poder que se recebe, partilha-se e distribui-se através da prática ritual, da experiência mística e iniciática, conceitos e elementos simbólicos servindo de veículo. É a força do AXÉ que permite que o ORIXÁ venha e realize-se.

A existência transcorre em dois planos: o AIYE (mundo, habitação do homem) e o ORUN (além, habitação dos ORIXÁS, mundo paralelo ao mundo real, que coexiste com todos os conteúdos deste). Cada indivíduo, árvore, animal, cidade etc, possui um duplo espiritual e abstrato no ORUN. Os mitos revelam que, em épocas remotas, o AIYÉ e o ORUN estavam ligados, e os homens podiam ir e vir livremente de um local a outro. Houve, porém, a violação de uma interdição e a conseqüente separação e o desdobramento da existência. Um mito da criação nos conta que nos primórdios, nada existia além do ar. Quando OOLORUN começou a respirar, uma parte do ar transformou-se em massa de água, originando ORIXALÁ - o grande ORIXÁ FUNFUN do branco. O ar e as águas moveram-se conjuntamente e uma parte deles transformou-se em bolha ou montículo uma matéria dotada de forma - um rochedo avermelhado e lamacento. OOLORUN soprou vida sobre ele e com seu hálito deu a vida a EXU, o primeiro nascido, o procriado, o primogênito do Universo.

OOLORUN abrange todo espaço e detém três poderes que regulam e mantêm ativos a existência e o Universo: IWA, que permite ao Universo genérico o ar, a respiração; AXÉ, que permite a existência advir dinâmica; ABÁ, que outorga propósito e dá direção. Ou como diz o poeta Moraes Moreira em "Pensamento Ioruba": Para tudo ser tem que ter IWA. Para vir a ser tem que ter AXÉ. Para o sempre ser tem que ter ABÁ

Ao combinar esses três poderes de forma específica, OOLORUN transmite-os aos IRUNMALÉ, entidades divinas que remontam aos primórdios de universo, encarregados de mantê-las nas diferentes esferas de seu domínio. Os IRUNMALÉ seriam em número de seiscentos, quatrocentos da direita (os ORIXÁS, detentores dos poderes masculinos) e duzentos da esquerda (os EBORAS, detentores dos poderes femininos). Os ORIXÁS são massas de movimentos lentos, serenos, de idade imemorial. Estão dotados de um grande equilíbrio que controlam as relações do que nasce, do que morre, do que é dado, do que deve ser resolvido. São associados à Justiça e ao equilíbrio, princípio regulador dos fenômenos cósmicos, sociais e individuais.

Vimos que quando OOLORUN começou a respirar, gerou ORIXALÁ e EXU, o procriado. Na qualidade de procriado, EXU não pode ser isolado nem classificado em qualquer categoria. Minha homenagem ao meu BARA! Nestes escritos sobre os ORIXÁS, EXU com seu perfil psicológico e o tipo determinante dos seus filhos, abrirão os caminhos sendo o primeiro a ser evocado.

I – CARGOS NO BARRACÃO

O candomblé é uma seita de origem africana na qual se presta culto aos Orixás. Chegou ao Brasil através dos negros africanos, que para cá vieram como escravos, mas trouxeram consigo o AXÉ dos ORIXÁS e a forma de cultuá-los, o que foi o princípio do que até hoje é praticado.

A hierarquia no Egbé (barracão) é fundamentada no tempo de iniciação no culto, obrigações realizadas ("tempo de santo"), qualidade do Orixá, sexo do filho-de-santo e, especialmente, pela indicação do Babalorixá, que o fará segundo a determinação dos Orixás.

A seguir relacionam-se alguns cargos no culto:

ATÔ-AXOGUN: Sacrificador de animais de dois pés.

AXOGUN: Sacrificador de todo tipo de animais.

ABAXÉ: Pessoa que ajuda na cozinha, ou cuida das crianças enquanto as mães estão ocupadas.

IYÁ-BASSU: Pessoa responsável pela cozinha.

EBÂMI ou EBÔMI: Após sete anos como Iaô, ofertadas as obrigações devidas, o iniciado é levantado EBÔMI. A situação do Iaô que passa à ebômi é modificada, pois ao receber o DEKÀ (cua do axé), poderá iniciar outras pessoas, assumindo a direção de outro barracão. Caso não assuma tais responsabilidades e continue na mesma casa, assumirá funções específicas como Mãe-Pequena ou Pai-Pequeno, organizador de rituais, etc...

IYÁ-KEKERÊ: Substituta da YALORIXÁ, também conhecida como Mãe-Pequena

EKEDE: Cuida dos assentamentos e quartinhas do Babá, ajuda a Mãe-Criadeira, transmite ensinamentos soa Abiãs e zela pelos Orixás durante os rituais.

DAGÃ e OSSIDAGÃ: Despacham o padê e determinadas oferendas a Exu.

IYÁ-TEBEXÉ: Dirige o canto, obedecendo às normas do ritual.

MÃO-DE-OFÁ: Conhece e colhe as ervas do culto aos Orixás.

IABÁ (IYÁBÁ): Cozinheira do culto aos Orixás.

TIBONÃ: Fiscal das cerimônias.

OGÃ: Significa padrinho.

ALABÊ: Tocador de atabaques.

OGÃNILÛ: Chefe dos alabês, os quais dirige sob ordem direta do Babalorixá.

TÁTA: Quando o Babalorixá atinge 21 anos de atividade no seu Egbé é proclamado TÁTA (Grande Pai). Nesse caso, ele pode escolher um filho para substituí-lo, este passará à ser Babalorixá, dando ao Táta oportunidade de elevar-se.

VODUNCES: Poucos conseguem atingir esse grau, devido às exigências, especialmente de tempo que é de 50 anos de culto ou Chefia.

DENOMINAÇÕES DE ZELADORES:

BABALAWÔ: Pai de Segredo

BABALORIXÁ: Pai de Orixá

BABALAXÉ: Pai da Força

BABALADÊ: Pai da Coroa

BABAOXÉ: Pai do Axé

BABAEWÉ: Pai da Folha

BABAODÊ: Pai da Navalha

BABAKEKERÊ: Pai Pequeno

BABAEFUM: Pai da Pintura do Iaô.

II – TERMOS E NOMES NO RITO

Conforme dissemos, o candomblé no Brasil tem origem africana, sendo assim, utiliza termos e nomes cuja tradição, mantém em uso corrente no culto.

A seguir, citamos alguns termos e nomes de uso freqüente:

ATABAQUES:

RUM: É o maior deles, pertence ao Orixá dono do ILÊ.

RUMPI: Menor que o Rum, seria o de tamanho médio.

LÊ: É o menor entre os três.

ILÚ: Pequeno atabaque usado na nação IJEXÁ.

AKIDAVÍ (AGHIDAVÍ): É o nome dado às varas com que se toca os atabaques.

AXÉ: Princípio e poder de realização. Força que dá o movimento, sem ele tudo estaria paralisado. É a fonte que torna possível a renovação da vida. Pode ser transmitido através de comidas e bebidas ou pelo contato, já que pode ser transmitido a objetos e seres humanos.

Para que o Agbé possa atender à sua função de vê ter AXÉ. Para isso o “plantamos”, ou seja, fazemos símbolos que representam pontos de culto do axé. Uma vez plantado, se fortifica combinando todas as formas nele existentes:

- (a) O Axé de cada Orixá, obtido através de oferendas, bori e iniciação.
- (b) O Axé de cada membro do terreiro (Egbé), somado com os de seu Orixá, através de um elo de ligação entre o filho-de-santo e o Orixá (Cuidado com os assentamentos e zelo pelas coisas do Orixá, além de respeito pelos irmãos e Babalorixá.
- (c) O Axé dos antepassados do Egbé, seus ilustres mortos, cujo poder é acumulado e mantido ritualmente nos assentamentos do ILÊ-IBÓ OKU.

EWÓ: São cuidados com o que o filho-de-santo come e faz, afim de não agredir ao Orixá (é o mesmo que quizila). Quem desobedece pode ter as mais variadas reações, tais como: enjôos, problemas materiais, espirituais, etc...

ADÔXU: Nome dado às pessoas iniciadas no culto aos Orixás (Oxú). Pequeno cone feito de ervas e outros axés, colocados no alto do Ori do Iaô.

ATAKÂN: Pano que envolve o peito da filha-de-santo quando está incorporada pelo Orixá.

AGOGÔ: instrumento de ferro com dois sinos, badalo, superpostos, um menor que o outro, donde se tira som batendo-se com um pedaço de ferro.

ADJÁ: Sinos de metal, usados pelos zeladores para chamar os orixás.

ABIÃ: São filhos ou filhas-de-santo que ainda não se iniciaram, ou seja, não nasceram.

AJUNTÓ ou JUNTÓ: É o segundo Orixá que comanda a pessoa junto com o seu Orixá assentado no Ori no dia de sua feitura.

ABASSÁ: Salão onde se realizam as cerimônias públicas do candomblé.

AYÊ: Terra (planeta).

ORUN: Além do céu.

ILÊ: Terra (chão).

ILÉ: Pombo.

Exemplos: ILÊ-AXÉ: Casa privada destinada ao recolhimento do Iaô.

ILÊ-IBÓ OKU: Casa onde são adorados os mortos e onde se encontram seus assentamentos. O local deve ser guardado por sacerdotes preparados para este mistério. É separado do resto do terreiro (Egbé), sendo conhecida também como ILÊ ISINMI.

EGBÉ: Nível, perto, roça-de-santo, terreiro.

EJÉ: Sangue.

ILARE: brado de guerra do Orixá, erradamente chamado "ilá".

ILÁ: Quiabo.

ADOBALE: Bater cabeça ao Orixá.

DIDÊ: Levantar. Exemplo: "Didê Orixá!"

JOKÔ: Sentar.

ADUPÉ ou DUPÉ: Obrigado. Exemplo: "Adupé lowó Olorum" (obrigado à Olorum, agradeço à Olorum)

DIJINA ou DJINA: Nome da iniciada ou iniciado.

IRUNMALÉ ou IRUNMOLÉ: São aqueles que habitam o Orum, também chamados Irunmolés e ARA_ORUM. Usa-se essa terminologia durante as invocações, no começo dos rituais, como por exemplo: "Awom irinwó Irunmolé ojû kofun" (Os quatrocentos Irunmolés do lado direito e os duzentos do lado esquerdo).

OSIWAJU: O primeiro cargo, primeiro Orixá para os Yorubás (Oduduwa e Oxalá). Na Bahia Ogum, Exu, e Oxossi.

OSI: Lado esquerdo.

OTUM: Lado Direito.

ORI: Cabeça.

PARTES EM QUE SE DIVIDE O ORI:

ORI: Centro da cabeça.

ÔJU-ORI: Parte da frente.

IKÔKO ORI: Parte de trás.

OPÁ OTUM: Lado direito.

OPÁ OSI: Lado esquerdo.

IBORI ou BORI: É a cerimônia realizada dentro do culto para adoração à cabeça (ori). São oferecidos sacrifícios ao ORI-INU e ao IGBÁ-ORI da pessoa. Durante este ritual, quaisquer que sejam as oferendas devem ser dadas à cabeça. Todos deverão comer obi.

O OBI E SUA IMPORTÂNCIA:

O Obi é um fruto africano, produtor da noz de cola. É utilizado em quase todas as oferendas (cerimônias). É o primeiro oferecimento que se faz à cabeça antes de qualquer obrigação. Pode ser oferecido inteiro ou triturado pelos dentes. A massa mastigada é oferecida aos quatro lados da cabeça e ao centro.

SAUDAÇÃO AO ORI:

“ Ori pele atete miran
atete gbeni kòósá
ko sòósa tu danil gbé
léyin ori eni ori pélé
ori aloiye eni oriba
gboboo re re yo sebe
kó yó sésé”

OJU-ORUN: O céu.

ORUPIN: Cargo de todos os axés das obrigações do Iaô.

OTÁ: Pedra do Santo.

Cuidados com o Otá:

- Não lavá-lo com sabão, esponja e similares;
- Não mudar sua posição;
- Limpá-lo com farinha de acaçá;
- Pode-se colocar o sumo das ervas do Axé do Orixá;
- Recomenda-se rezar para o Orixá durante o ossé;
- Colocar somente o necessário, sem exageros;
- Transmita a ele somente energias positivas;
- Evite que outras pessoas zelem por ele, a obrigação é sua.

PAÓ: Bater de palmas ritmado e específico, para demonstrar respeito, reverência e submissão. Representa o ato de despertar os Orixás, usado antes e depois das incorporações, oferendas, etc...

IPADÊ ou PADÊ: Significa ato de reunir. Trata-se de cerimônia pública realizada no início de qualquer festividade (de saída de Iaô ao Axexê).

No Ipadê é oferecido a Exu:

OMI (água): que é a oferenda por excelência

I EFUN (farinha): caracteriza abundância

EPÔ (dendê): poder de gestação, ação

OTÍ (cachaça): bebida destilada de sua preferência

OYIN (mel): beleza, energia

AKAÇA: pasta feita com milho branco, enrolado na folha de bananeira (alternativo), é feito ao por do sol.

Observação: Tipos de toques executados nas cerimônias

ALUJÁ: Toque predileto do Orixá XANGÔ.

OPANIJÉ: Toque específico de OBALUAÊ.

AGUERÊ: Toque cadenciado com duas em duas variações, uma para OXOSSI e outra para OYÁ, mais conhecido como "Quebra-pratos".

ADARRUM: Toque muito rápido e contínuo, usado para chamar os Orixás às cabeças dos filhos.

BOLONÃ: Toque para bolar.

III – A DANÇA DOS ORIXÁS

As chamadas danças ritualísticas são em forma de círculo ou semicírculo (metade de um círculo), ao redor de algum símbolo, acompanhada de sons que representam a natureza viva (ar, fogo, animais, vento, chuva tempestade, etc...), havendo uma harmonia entre o componente da roda e a natureza, junto aos astros.

O **CÍRCULO** simboliza o movimento dos astros, o poder de renovação junto à força espiritual.

As **CANTIGAS** encantam os Orixás que estão relacionados aos astros.

Os **PASSOS E GESTOS** representam as características do Orixá.

Exemplo:

A dança de OGUM simboliza a luta, desbravamento de caminho;

A dança de NANÃ representa o embalo de uma criança;

A de OXOSSI figura a caça;

A de LOGUN mudança;

A dança de BESSÉM representa o arco-íris, céu e terra, a serpente (AIDÃ);

INHASÃ representa em sua dança os movimentos de despachar Egum, dominá-los, espalhar o vento;

OPARÁ o ato ou ação de por fogo no mato;

XANGO figura a corte, o bater do pilão e

OXALÁ os movimentos do pombo.

IV – TIPOS DE EJÉ QUE EXISTEM

IV . 1 – SANGUE VERMELHO:

REINO ANIMAL: Corrimento menstrual, sangue humano e sangue de animais.

REINO MINERAL: Cobre, bronze, etc...

IV . 2 – SANGUE BRANCO:

REINO VEGETAL: Seiva, sumo, álcool e as bebidas brancas extraídas das palmeiras e alguns vegetais.

IYÊROSUN – pó branco extraído do **IRÔSUN**.

ORI – MANTEIGA VEGETAL.

REINO MINERAL: Sais, giz, prata, chumbo, platina, etc...

IV . 3 – SANGUE PRETO:

REINO ANIMAL: Cinza de animais, fósseis, petróleo

REINO VEGETAL: Sumo escuro de certos vegetais como o ILÚ ÍNDICO, extraído de diferentes tipos de árvores.

V – OS TIPOS DE MEDIUNIDADE:

MÉDIUM CONSCIÊNTE: É aquele em que a manifestação não toma por completo seus sentidos, independentemente do tipo de entidade que esteja se manifestando (Preto-Velho, Caboclo, Orixá). Ele escuta, enxerga, mas não tem controle sobre seus sentidos.

MÉDIUM CONSCIÊNTE DE FORMA PARCIAL: Parte dos acontecimentos ficam registrados outros não, a entidade se encarrega de limpar sua memória. A maior parte dos médiuns está neste nível.

MÉDIUM INCONSCIÊNTE: Acontece de forma mais limitada, são raros os casos, pois envolve todo um aspecto físico, emocional e significa que este conseguiu um controle do seu interior, entrando em transe completo.

VI – COMPORTAMENTO DO FILHO-DE-SANTO, REGRAS BÁSICAS:

- Ao entrar no portão saudar Exu: " Laroie Exu ! Peço licença ! "
- Ogum: " Ogum Patacory ! Ogum Jacy Jacy ! "
- Ir até a árvore de Bará
- Cumprimentar Ossanha
- Cumprimentar Tempo

- Cumprimentar Oxossi
- Cumprimentar o seu Orixá
- Reverenciar o assentamento de seu Egbé
- Pedir a Bênção do seu Babá e da sua Yιά
- Cumprimentar seus irmãos
- Nunca chegar da rua dando notícias boas ou ruins, sem aguardar uma oportunidade conveniente
- Não fumar durante as obrigações nem perto das oferendas
- Não entrar na cozinha onde se prepara as oferendas para os Orixás, sem tomar banho e descansar da rua
- Evitar certos tipos de assuntos
- Quando duas ou mais pessoas com tempo de santo estiverem conversando, não entrar sem ser chamado nem cortar o assunto, ou mesmo passar sem pedir licença
- Durante as rezas ficar deitado de cabeça baixa.

Com essas medidas simples estarás honrando teu Orixá, a casa onde ele está assentado, o teu Babá, a tua Tia, além de estar ensinando aos mais novos que respeito é o primeiro sinal de amor e de força espiritual.

OBSERVAÇÕES:

1 – Quando falamos de cumprimentar os Orixás ou saudá-los, falamos em pedir licença para que através das saudações, do paó, Exu nos olhe com bons olhos e transmita ao Orixá que chegamos. Assim, parte das energias negativas que adquirimos no dia-a-dia seja encaminhada pelos coordenadores das energias negativas.

Esta regra se aplica também, antes de entrarmos na casa de Exu, Orixá, Ronco, Ilê Ibó Oku. Deve-se bater na porta 3 vezes a dar paó. Tal atitude faz com que evitemos tomar sustos ou vermos coisas indesejáveis, uma vez que estamos desrespeitando o Ilê do Orixá.

Paó significa despertar o Orixá, para que ele venha ao nosso encontro e receba nossa homenagem. No momento em que estamos emitindo sons, estamos fazendo um elo de ligação entre nós e o Orixá.

2 – Para colher essabas, deve-se proceder da seguinte forma:

- Saudar Ossanha
- Saudar Omulú, senhor da terra
- Bater paó
- Pedir ago ao orixá
- Agradecer
- Nunca retirar essabas após as 18: h, fazendo-o somente em casos de extrema necessidade, principalmente se você não estiver preparado.

VII – ELÉKÉ

Elékés são fio de conta diferentes do Delogun, usados por aqueles que já possuem determinado tempo de iniciação. Cabe destacar que delogun é usado pelos iniciados recentes.

O eleké indica a hierarquia no culto e fornece uma identificação com o Orixá. A tradição exige adoração e respeito por estes elementos que não são bijuterias ou adornos, mas possuem para nós a mesma importância que terço na Santa Igreja Católica.

Suas cores podem variar de acordo com a nação, o tipo e a qualidade do orixá, cuja representação é dada a seguir:

EXÙ: preto, vermelho e todas as demais cores em pequena proporção.

OGUN: Azul-marinho, verde e branco.

OXOSSI: Azul claro, verde e branco.

OSSANHE: Verde musgo, branco e amarelo.

OMOLÚ: Preto, branco, marrom, vinho e coral.

OXUM: Amarelo, salmão, rosa, azul, branco, dourado.

OYÁ: Vermelho, branco, rosa e cobre.

YEMONJÁ: Azul em todas as tonalidades, branco e prateado.

BESSÉM: Amarelo, verde e as cores do arco-íris.

NANÃ: Branco, lilás e rosa.

OXALÁ: Branco.

IBEJI: Todas as cores, menos preto.

Existem cerimônias que são de grande importância para a consagração do eleké, como por exemplo a LAVAGEM, que consiste em retirar as impurezas físicas e astrais.

No ritual da lavagem utilizam-se efusão de ervas (quinadas), que devem ser preparadas por sete moças virgens, de preferência crianças. Enquanto as moças quinam as ervas em uma grande bacia, os filhos da casa formam uma roda ao redor delas, rezam e batem paó.

Para esta cerimônia solene, todos devem estar de corpo limpo e respeitosamente lavar seu eleké, sacando-o em seguida com uma pequena toalha branca. Devem ser acendidas velas para todos os Orixás.

O período mais propício para esta cerimônia é o das águas de Oxalá ou final de ano.

VIII – LOÔROGUN

O Lôorogun é uma cerimônia fechada, ou seja, somente participam os filhos da casa. Consiste no "fechamento" do Egbé durante a Quaresma. Este ritual evita que forças negativas atinjam o Egbé e os filhos-de-santo, que deverão permanecer resguardados durante este período.

Para que se realize o Lôorogun são necessários os seguintes procedimentos:

- Todos devem chegar cedo ao Egbé e tomar o banho de costume;
- É indispensável a participação de todos os filhos-de-santo;
- Preparar um grande Ebó com todos os tipos de comida;

- Agradar Exu e Egun;
- Todos deverão agradecer seus Orixás e;
- Todos os Orixás deverão permanecer acesos durante a quaresma.

É evidente que todo Egbé possui seu ritual próprio e isto de ser respeitado.

A realização do Lôorogun é indispensável em um Egbé, pois o Axé é a fonte da realização e do poder e uma vez abalado todos serão atingidos e responsáveis. Se o indivíduo se diz filho-de-santo, às vezes com orgulho exagerado, deve saber que possui direitos e OBRIGAÇÕES.

O final desta cerimônia é marcado pela manifestação de todos os Orixás nos filhos-de-santo, que são a seguir recolhidos ao Roncó, de onde sairão com as respectivas folhas de cada Orixá incorporado na palma da mão e comidas cruas dentro de uma sacola branca de murim.

Na saída dos Orixás canta-se:

“O Lôorogun eu
O lôorogun já já
Acajá loni ago man sãn
O loôrogun já já”. (Bis)

Os Orixás fazem um sacudimento em todos os presentes e distribuem as comidas. Os Ogãs e todas as demais pessoas que não estão incorporadas retiram os enfeites do Barracão e colocam em um cesto junto com as folhas que foram usadas no sacudimento. Tudo será despachado em lugar determinado pelo Babá.

Todos deverão levar flores para ofertar aos Orixás após a realização do sacudimento.

IX – TERMOS E PALAVRAS EM YORUBÁ

NÚMERAÇÃO EM YORUBÁ

1 : Éni, Ókan	8 : Ejó	14 : Érinlá
2 : Êji	9 : Ésan	15 : Édogun
3 : Etá	10 : Éwá	16 : Érindi lógun
4 : Erin	11 : Ókanlá	17 : Étadilogun
5 : Árun	12 : êjilá	18 : Egidilogun
6 : Éfá	13 : Étalá	19 : Ókandilogun
7 : Êjê		20 : Ôgun
Goma : ódá	Anil : Ilú	Pimenta : atá
Azeite : epô	Milho : agbádô-óká	Pimenta da costa : ataré

NOME DE ANIMAIS:

Boi ou varão : málú, akô	Veado : agburim	Galinha : adié, uabaodié
Ovelha : agutan, abô-agutan	Elefante : erim, adjiniju, zamba	Pombo : eiyê
Águia : idi	Caracol : igbin	Rabo de cavalo : éru exin
Cabra : agbárigbá, ewré	Coelho : ehrô	Abutre : gunungun
Avestruz : ôgôngô	Coruja : owiwi	Cordeiro : odó agutan
Carne de vaca : eranlá	Abelha : agbón	Caramujo : okotó
Jibóia : êré	Andorinha : olopandédé	Égua : abô axin
Gato : ôlogbô, ifé, olofu	Leão : kiniu, koji	Gaivota : adie ôdô
Jacaré : ôni kadá	Mosca : êxinxin	Carneiro : abô, oubikó, eran
Pato : pépeiyé, pekeié, apepeié	Camaleão : agemó	Galinha d'angola : coquem, sacué
Cachorro : aja, ajaú, adiaia	Bode : ôlubé, ôuko	Vaca : aban-malu
Porco : eledé, aledá, ledé	Peru : tolótoló, taleu-taleu	Burro : patapá
Galo : akukó, akokorô, uabaodié	Esquilo : ókééré	Cágado : ajapá, logozé
Cupim : ikan	Formiga : káriká, êrá	Rabo grande : ouê-êyá
Sapo : ópoló, xenimi, xenifidam	Gavião : auôdi	Periquito : alodé
	Cavalo : exin, exie-atabexi	Macaco : ohá, dudô
	Borboleta : labálabá	Peixe : oguri

FRUTAS:

Fruta : obi	Limão : rômbô êwê	Laranja : osan ôibô
Abacaxi : Abocatí	Manga : mangórô	Côco : fiju, ibêpê
Banana : ógédé		

LEGUMES

Cebola : alubôsa	Inhame : icu	Azedinhas : amukan
Abóbora : é ué êrê awunjé	Quiabo : ilá	Batatas : kukundukun
Feijão : é ué êrê aunjé	Mandioca : gbágubá	Cana : irêkê
Ervilha : orubú		Cera : idá

UTENCÍLIOS:

Prato : awô	Navalha : abe	Rede : anda
Garrafa : igô	Cama : ibusun akété, <i>cumbaú</i>	Lâmpada, luz, clarão : tânta-laiá
Faca : obé	Esteira : éni, jajá	Quarto : jará
Colher : xibi	Travesseiro : irôri	Banco : aputi
Colher pequena : xibi kékêrê	Pilão : ódô	Cozinha : ilê-ageun
Colher de pau : xibi igi	Pedra de ralar : ôló	Fogão : ajeké-neulune
Garfo : agunjé	Panela : otun, ikkô	Candieiro de querosene : teçu
Toalha de mesa : axó tabilé	Balde, pote : akruba	Panela grande : odu-ikekê
Prato de pimenta : awô ataré	Saco grande : apô ôkê	Travessa, tijela de louça vidrada : ita
Toalha de prato : axó awô	Casa : ilê	Faca tridente ou garfo tridente ou lança tridente : obé-fará
Açucareiro : awô ijó ôibô	Mesa : ajaké, tapacê, tainguém	Alguidar : oberó
Xícara : ago sikara	Carvão : egui	Faca de ponta : obé-nuxo-inxó
Fósforo : ixánã	Teto : nlê	
Vassoura : igbalé		
Cadeira : aga-ijôkô, <i>idiôçu</i>		

PARENTESCO :

Parentes : ará-ibatan	Irmão mais moço : aburô ôkurin	Irmão gêmeo : babassá
Avô : babá agbá	Tio : arákurin babá, aua-mete	Esposo, marido : okorim
Avô patriarca : babá-nla	Tia : arábirin yíá	Esposa, mulher : obirim
Avó : iyá agbá, ya-nla	Primo : omôkurin, arakurin, táta-mete	Mulher favorita : yá-lé
Mãe : iyá, yá	Prima : omôbirin, arabirin	Minha mulher : mô-obirim, obirim-mim
Pai : babá	Marido : o'kó	Viúva : bi-egun, muturi
Filho : ómô-kurin, omam omoborim	Senhora : ayá	Noivo : okebiã
Filha : ómô-birin, exi omobirim	Moça : o'módê birin	Solteiro : ikobassu
Irmã : arábiri	Rapaz : o'módê kurin	Homem : oko-okorim
Irmão mais velho : égbon ôkurin		Menino : ô-madê
		Casado : okuamuri

SENTIMENTOS :

Inveja : ilará	Raiva : binu	Duvidar : xé iyémeji si
----------------	--------------	-------------------------

Escutar : desiti

Bater, sacudir : já, bajá

Fome : ebi npá

Odiar, aborrecer : karijá

Ignorar : kómó

Praguejar : ro

Mentir : ro mó

Desprezar : gan

Falar : soro

Piedade : fun

Chamar : fun pê

Ódio : fagurômo

Tocar : gôgô

Sofrer : ran

Sono : orun nkun

Amor : ifé

Querer, amar : fé

Ignorante, ignorância: aimó

MEDIDAS DE TEMPO:

Os meses do ano : awón oxú

Janeiro : oxú kini ti ódun

Fevereiro : oxú kêji ti ódun

Março : oxú kêtá ti ódun

Abril : oxú kerin ti ódun

Maió : oxú kárun ti ódun

Junho : oxú kefá ti ódun

Julho : oxú kējê ti ódun

Agosto : oxú kejó ti ódun

Setembro : oxú kesan ti ódun

Outubro : oxú kéwá ti ódun

Novembro : oxú kókanla ti ódun

Dezembro : oxú kêjilá ti ódun

Ódun kan : um ano

Ódun tókójá : o ano passado

Ódun to mbó : próximo ano

Ójó-kan : um dia

Wakati : uma hora

Abó wakati : meia hora

Wakati kan pêlu ábó : uma hora e meia

Ixéjú kan : um minuto

Ósan : aurora

Órun aú : tarde

Óganjó : meia noite

Lonim : hoje

Lanan : ontem

Nijétá : antes de ontem

Lólá : amanhã

Lótunlá : depois de amanhã

Ibéré : princípio

Ari i ósan : meio

Nijelo : passado

Opin : fim

VESTUÁRIO:

Axó : roupa

Ubatá : sapato

Abata e Bata > : sapatos

Fila : gorro, capuz de Obaluayê

Akêtê : chapéu

Ojá : fita, faixa

Peké-pé`é : chapéu de sol

Axó-dudu : roupa suja

Abade : toalha

CORES:

Dudu : preto

Fin-fun, mandulé : embolo e puti-branco

Obádo : verde

Elvikei : vermelho

Okâm : azul

Mucumbe : roxo

Kiobambo : amarelo

BEBIDAS :

Omim : água

Otin-nibé : cerveja

Otin-dudu : vinho tinto

Otin-fum-fum : aguardente

Oin : mel

Aluá : Brasil, refresco feito de rapadura com casca de abacaxi ou tamarindo

Xeketé : milho e gengibre

Emelum : feito com epô

Furá : feito com diversas frutas

CORPO HUMANO :

Ará : corpo

Ory : cabeça

Ipakó : nuca

Etu : orelha

Imum : nariz

Iban : queixo

Irun : cabelo

Irun-ban : barba, bigode

Efin : dente

Eeté : lábios

Apá : braço

Qué : mão

Esse e Alessé : pé

Itankô : coxas

Idi-cu : ânus

Kitaba e ebeu : vagina

Éepã : testículo

Ogungum : osso

Enum : boca

Era e Ancê : carne

Ejé : sangue

Euú e oju : olhos

Okan : coração

Elgiká : ombros

Obó : nádegas

Akô : macho

Abam : fêmea

Mulembu : dedo

Rivenum : barriga

VOCABULÁRIO YORUBÁ:

"A"

A dúpé - agradecemos a você

Ààbò - metade

Ààfin - Palácio, residência de um rei (Oba)

ÀÀJÀ - Sineta de metal composta de uma, duas ou mais campainhas utilizadas por pais-de-santo (vd.) para incentivar o transe. Também chamado Adjarin.

Àáké - machado

Aará - Raio

Aará Òrun - Relâmpago

Ààrè - doença, fadiga, cansaço

Ààyè - vida

Aba - escada de mão

Abadá - Blusão usado pelos homens africanos.

Abadô - Milho torrado

Abánigbèro - conselheiro, aquele que aconselha, um sábio mais velho

Abanijé - difamador

Abassa - Salão onde se realizam as cerimônias públicas do candomblé, barracão.

Abaya - rainha mãe

Abebé - Leque.

Abélà - vela

ABIÁ - Posição inferior da escala hierárquica dos candomblés ocupada pelo candidato antes do seu noviciado; em yorubá significa "aquele que vai nascer".

Abomalè - aquele que cultua os ancestrais (egúngún)

Abòrisà - aquele que cultua/adora os orixás

ABORÔ - Denominação genérica dos òrisà (vd.) masculinos, por oposição as iabás, que são as divindades femininas.

Aboyún - mulher grávida

Abuku - desgraça

Àbúrò - Irmã mais nova

ADAHUN - Tipo de ritmo acelerado e contínuo executado nos atabaques (vd.) e agogós (vd.).

É empregado sobretudo nos ritos de possessão como que para invocar os òrisà (vd.).

Adé - Coroa.

ADE - Termo com que se designam (nos candomblés) em especial os efeminados e, genericamente, os homossexuais masculinos.

Adèbo - pessoa que prepara a comida com os animais oferecidos em sacrifício de acordo com as regras religiosas

Adie - Galinha.

Adití - surdo

ADÓSÙU - Diz-se daquele que teve o osùu (vd.) assentado sobre a cabeça. O mesmo que iaô.

ADUFE - Pequeno tambor. Instrumento de percussão de uso mais frequente nos xangôs (vd.) no Nordeste

Adupé = Dupé - Obrigado.

Adúrà - Oração

Afará - oyin - fovo de mel

Aféfé - Vento

Àfin - Palácio

AFIN - O mesmo que ifin. Designa a noz-de-cola branca, na língua yorubá; por extensão a cor branca (vd. efun).

Afóju - Cego

Àfomó - doença infecciosa, trazida pelo Orixá das doenças infecciosas (Babaluaiyé; Xapanã)

Afonjá - É uma qualidade de Xangô.

Àga - Cadeira

Àgàn - mulher estéril

Agbádá - vestes sacerdotais

Àgbàdo - milho, sagrado para o Orixá Èsù (Bará)

Àgbaiyé - o mundo inteiro

Agbára - Poder

Agbèdù - estômago

ÀGBO - Infusão proveniente do maceramento das folhas sagradas as quais se vem juntar o sangue dos animais utilizados no sacrifício e substâncias minerais como o sal. Esse Íquido, acondicionado em grandes vasilhames de barro (porrões), é empregado ao longo do processo de iniciação e para fins medicinais sob a forma de banhos e beberagens.

Agbô - Carneiro.

Àgbon - coco

AGÈ - Instrumento musical constituído por uma cabaça envolta numa malha de fios de contas, de sementes ou búzios (vd.).

Agemo - Camaleão

AGERE - Ritmo dedicado a Òsòòsi executado aos atabaques (vd.).

AGOGO - Instrumento musical composto de uma ou mais campânulas, geralmente de ferro, percutido por uma haste de metal

Àgo Lónan - Com licença

AGONJÚ - Um dos doze nomes de Sòngó (vd.) conhecidos no Brasil

Àgòtàn - Ovelha

Aguntam - Ovelha.

Ahón - Língua

Áike - machado

Àisàn - doença

Àiya - Peito

Àiyé - Mundo; Palavra de origem yorubá que designa o mundo, a terra, o tempo de vida e, mais amplamente, a dimensão cosmológica da existência individualizada por oposição a òrun (vd.), dimensão da existência genérica e mundo habitado pelos òrisà (vd.), povoado, ainda, pelos espíritos dos fiéis e seus ancestrais ilustres.

Ajá - Cão

ÀJÀLÁ - vd. Òòsàálá

AJALAMO - vd. Òòsàálá

Àjapá - Tartaruga

Àjé - Bruxa

Ajeum - Comida.

AJOGÚN - Palavra de origem yorubá que designa os infortúnios, como a morte, a doença, a dor intolerável e a sujeição

Àkàrà Jé – Acarajé
ÀKÀSA – Bolinhos de massa fina de milho ou farinha de arroz cozidos em ponto de gelatina e envoltos, ainda quentes, em pedacinhos de folha de bananeira. (Acaçá)
AKIDAVIS – Nome dado nos candomblés Kétu e Jeje (vd. Nação) as baquetas feitas de pedaços de galhos de goiabeiras ou araçazeiros, que servem para percutir os atabaques (vd.).
Àkùko – Galo
ÁLÁ – Pano branco usado ritualmente como pálio para dignificar os òrìsà (vd.) primordiais. Geralmente feito de morim
Aláàfin - título tradicional para o rei de Oyó
Alabá - Título do sacerdote supremo no culto aos eguns.
ALABÉ – Título que designa o chefe da orquestra dos atabaques (vd.) encarregado de entoar os cânticos das distintas divindades
Alagba – Senhor
ALAMORERE – vd. Òòsàálá
Alaruê - Briga.
Alàyé - Explicação
Aledá - Porco.
ALÉKESSI – Planta dedicada a Òsòòsi (vd.). Também conhecida como São Gonçalinho – Casaina silvestre, SW. F LACOURTIACEAE
ALIÀSE – vd. runko
Alubaça - Cebola.
Àlubósà – Cebola
AMACIS (ou AMASSIS) – Abluções rituais ou banhos purificatórios feitos com o líquido resultante da maceração de folhas frescas. Entram geralmente em sua composição as folhas votivas do òrìsà do chefe-de-terreiro do iniciando, e as assim chamadas "folhas de nação" (vd.).
ANIL – vd. Wàjì.
ANGOLA – vd. Nação.
ANGOMBAS – vd. Atabaques
Apá - Braço
Apeja - Pescador
Apère - exemplo
Arailé - Parentes
Àríwá – Norte
ARREBATE – Abertura rítmica das cerimônias públicas dos candomblés. O modo vibrante de tocar os atabaques (vd.); equívale a uma convocação
ÀSE – Termo de múltiplas acepções no universo dos cultos: designa principalmente o poder e a força vital. Além disso, refere-se ao local sagrado da fundação do terreiro, tanto quanto a determinadas porções dos animais sacrificiais, bem como ao lugar de recolhimento dos neófitos (vd. Runko). É usado ainda para designar na sua totalidade a casa-de-santo e a sua linhagem.
ASSENTAMENTO – Objetos ou elementos da natureza (pedra, árvore, etc.) cuja substância e configuração abrigam a força dinâmica de uma divindade. Consagrados, são depositados em

recintos apropriados de uma casa-de-santo. A centralidade do conjunto é dada por um òta, pedra-fetichê do òrìsà (vd.)
Àso - Roupas
Ata – Pimenta
ATABAQUES – Trio de instrumentos de percussão semelhantes a tambores que orquestram os ritos de candomblé. Apresentam-se em registro grave, médio e agudo, sendo chamados respectivamente Rum, Rumpi e Lé (ou Runlé). Nos candomblés angola são chamados de Angombas. Sua utilização no âmbito das cerimônias, cabe a especialistas rituais (vd. Alabê e Ogã)
Atégùn - Brisa
Àwa - Nós
Àwó - Cor
Àwo Ewé - Verde
Àwo Ojú Òrun - Azul
Àwo Pako - Marrom
Àwodi - Gavião
Àwon - Eles (as)
Axé - Assim seja
Axó - Roupas.
Axogum - Auxiliar do terreiro, geralmente importante na hierarquia da casa, encarregado de sacrificar os animais que fazem parte das oferendas aos orixás. - Importante especialista ritual encarregado de sacrificar, segundo regras precisas, animais destinados ao consumo votivo
Àya - Esposa

"B"

Báàlè - chefe de um povoado, com menos status que um Oba
Bàbà - milho da Guiné
Bàbá - Pai.
Bàbá nlá – Vovô
BABAÇUÉS – vd. Candomblés
Babagba - homem velho, geralmente o avô
BÀBÁLÁWO – Sacerdote encarregado dos procedimentos divinatórios mediante o òpèlè de Ifá, ou rosário-de-Ifá
Bàbálórìsà - Pai de Santo
BABALORIXÁ – Sacerdote chefe de uma casa-de-santo. Grau hierárquico mais elevado do corpo sacerdotal, a quem cabe a distribuição de todas as funções especializadas do culto. É o mediador por excelência entre os homens e os òrìsà. O equivalente feminino é denominado ialorixá. Na linguagem popular, são consagrados os termos pai e mãe-de-santo. Nos candomblés jeje – doté e vodunô; e nos angola – tata de inkice
BABALOSSAIN – vd. Olossain
Babaojê - Sacerdote do culto dos eguns; Ojé é o nome de todos iniciados no culto aos eguns.
Babassá - Irmão gêmeo.
Báde - caçar em grupo
Bájà - lutar, brigar
Bàlagà - entrar na maturidade

Balê - Casa dos mortos. Balé - Chefe de comunidade.
Balògun - chefe da sociedade dos guerreiros
Balùwè - Banheiro
BANHA-DE-ORI - Espécie de gordura vegetal obtida pelo processamento das amêndoas do fruto de uma árvore africana que é vendida nos mercados brasileiros para uso ritual nas casas-de-santo. Diz-se também "banha-de-Oxalá" e "limo-da-costa". A mesma denominação é dada a gordura de origem animal extraída do carneiro
BANHOS - vd. Àgbo. vd. Amacis.
BARCO - Termo que designa o grupo dos que se iniciam em conjunto. Suas dimensões são variáveis. Há barcos de mais de vinte neófitos e "barcos-de-um-só". Através do barco se consegue a primeira hierarquização dos seus membros na carreira iniciática. Como unidade de iniciação gera obrigações e precedências imperativas entre os irmãos-de-barco ou irmãos-de-esteira
Barapetu - grande, uma pessoa de distinção
BARRAÇÃO - vd. Casa-de-santo.
BATUCAJÉ - Com este termo costumava designar-se a percussão que acompanha as

danças nos terreiros; por extensão designa também as danças.
BATUQUES - vd. Batucajé. vd. Candomblés
Béèni - Sim
Beji - Orixá dos gêmeos.
Berè - Perguntar
Bèré - Começar
Bèru - Medo
Bi - Nascer
Biyi - Nasceu aqui, agora.
Bô - Adorar.
BOMBOJIRA - vd. Èsù.
BORÍ - Ritual que, juntamente com a lavagem-de-contas, abre o ciclo iniciático. Fora deste ciclo, rito terapêutico. Em ambos os casos, consiste em "dar de comer e beber a cabeça"
Buburú - Maldoso
Burú - ruim, negativo, destrutivo
Buruku - Mau
BÚZIOS - Tipos de conchas de uso recorrente na vida cerimonial dos candomblés. Especialmente servem às práticas do dilogun - sistema divinatório onde são empregados geralmente dezesseis búzios

"C"

Cabaça - Fruto do cabaceiro (Cucurbita lagenaria L., ou Lagenaria vulgaris - cucurbitácea, e outras espécies). Sua carcaça é freqüentemente utilizada nos cultos afro-brasileiros como utensílio, instrumento musical" insígnia de òriisà ou mesmo para representar a união de Obàtálá e Odùduwà (o Céu e a Terra).
CABOCLOS - Espíritos ancestrais cultuados nos candomblés-de-angola, de caboclos e na umbanda. São representados, geralmente, como índios do Brasil ou de terreiros da África mítica.
Cafofo - Túmulo.
Cambaú - Cama.
CAMARINHA - vd. Runko.
CANDOMBLÉS - Designação genérica dos cultos afro-brasileiros. Costumam, no entanto, distinguir-se pelas suas designações regionais: candomblés (leste-setentrional, especialmente Bahia), xangôs (nordeste-oriental, especialmente Pernambuco), tambores (nordeste ocidental, especialmente São Luís do Maranhão), candomblés-de-caboclo (faixa litorânea, da Bahia ao Maranhão), catimbós (Nordeste), batuques ou parás (região meridional, Rio Grande do Sul,, Santa Catarina e Paraná), batuques e babaçuês (região setentrional, Amazonas, Pará e Maranhão), macumba (Rio de Janeiro e São Paulo).
CANDOMBLÉS-DE-CABOCLO - vd. Caboclo. vd. Candomblés
Caô - É um tipo de Xangô.

CASA-DE-SANTO - Designação do espaço circunscrito que constitui a sede de um grupo de culto. Costuma chamar-se também de ilé (kétu), roga e terreiro (angola) e, em alguns casos, barracão. Este último termo serve também para designar o recinto onde ocorrem as festas públicas.
CATIMBO - vd. Candomblés
Catular - Cortar o cabelo com tesoura, preparando para o ritual de raspagem para iniciação no Candomblé.
CAURIS - vd. Búzios.
CAXIXI - Chocalho de cabaça e de vime trançado, contendo sementes ou seixos. Em alguns casos, vasilhames rituais em miniatura.
CESTO-DA-CRIAÇÃO - O saco-de-existência (àpò aiyé), que, na cosmologia do povo-de-santo, Olódumarè deu a Obàtálá para que criasse o mundo a flor das águas primordiais. Foi, no entanto, Odùduwà quem verteu o seu conteúdo sobre a superfície das águas
CONGO - vd. Nação
Conguém - Galinha da Angola.
CONTRA-EGUN - Trança de palha-da-costa que os neófitos trazem amarrada nos dois braços, logo abaixo do ombro, com a finalidade de afastar os espíritos dos mortos
Cutilagem - É o corte que se faz na cabeça do iniciado; é realizado para abrir o canal energético principal que o ser humano tem no corpo, exatamente no topo da cabeça, (no Ori), por onde vibra o axé dos Orixás para o interior de uma pessoa.

"D"

Dã - Orixá das correntes oriundas do Daomé.
Dáàdàà - bom ou bonito
Dabòbò - proteger, fornecer proteção
Dáda - Beleza
Dàgalágbà - tornar-se um homem adulto
Dàgbá - envelhecer, ficar velho, crescer
Dagô - Dê licença.
Dáhùn - Responder
Dalè - quebrar uma promessa
DAN - Serpente sagrada (Daomé - Benin) representando a eternidade e a mobilidade sob a figura de uma cobra que engole a própria cauda. Genericamente designa os filhos-de-santo da nação jeje; encontrando-se sincretizada com Òsùmàrè e Besen.
DANDALUNDA - vd. Yemoja
Dara - Bom, agradável.
Dára - bom, ser bom
Dáradára - muito bom, tudo certo
Dê - Chegar.
DEFUMADOR - Composto de essências aromáticas, folhas e cascas, usado ritualmente em fumigações propiciatórias e terapêuticas
Délade - coroar um rei
Dele - chegar em casa
DENDÊ - Palmeira africana aclimatada no Brasil (*Elaeis guineensis*; Jacq.) de ampla utilização na liturgia dos candomblés. O óleo obtido dos seus frutos (azeite-de-dendê) é

considerado indispensável para a elaboração de grande parte das comidas-de-santo. Suas folhas servem para guarnecer entradas e saídas das casas-de-santo (vd. màrìwò)
DESPACHO - Tipo de oferenda dedicada a Èsù, quer no início das crimônias (vd. Pàdè), quer nas encruzilhadas, nos matos, rios e cemitérios.
DIA-DO-NOME - vd. Orúko
Dídá - ara - boa saúde
Dide - Levantar.
Dígí - espelho
DIJINA - Nome iniciático dos filhos-de-santo dos candomblés de nação angola
DILOGUN (Èrìn dínlógun) - Nome dado à adivinhação com búzios que podem ser de 4 a 36 (mais comumente 16). Nesse jogo de Ifá as respostas ao oráculo são dadas por Èsù
Dín - Fritar
DÓBÁLÈ - Cumprimento prescrito aos iniciados de òrìsà femininos diante dos lugares consagrados ao culto, pai ou mãe-de-santo, òrìsà e graus hierárquicos elevados. O termo iká designa o seu correspondente para o caso de filhos-de-santo de brisa masculinos
Dùbúlè - deitar
Dudu - Preto.
Dúpé - Agradecer
Dúro - De pé

"E"

E Káààrò - Bom-dia
E Káàsán - Boa-tarde
E Kále - Boa-noite
Ebí - Família
Ebi - Fome
EBO - Termo que designa, genericamente, oferendas e sacrifícios, Usa-se também trabalho, despacho e, as vezes, feitiço.
EBÔMIN - Pessoa veterana no culto; título adquirido após a obrigação de sete anos.
Opõe-se a iaô, sendo equivalente a vodunci
Èdán àrá - pedra de raio, sagrada para o Orixá Sàngó
Èdò - Fígado
Edu - Carvão.
Edùn - machado
Èèdì - encanto, feitiço
Èègun - ossos, ossos humanos
ÈÈWÒ - vd. Quizila
Efi - fumar
Efó - vegetais verdes
Èfóri - dor de cabeça
EFUN - Nome dado a argila branca com que são pintados os neófitos. Essa pintura corresponde ao que se chama de "mão-de-

efun" (vd. 18-Efun). Como sinônimo de efun ocorre, também, afin
Ègbé - comunidade de pessoas com o mesmo propósito
Ègbéé - amuleto de proteção para o Orixá (Ògún)
Egbò - chaga, ferida
Ègbón - Irmão mais velho
Ègé - Aipim
Egun - Alma, espírito. Nome genérico dos espíritos dos mortos
Ègún - espírito dos ancestrais
Egúngún - Espíritos dos ancestrais, cultuados especialmente em terreiros situados na Ilha de Itaparica, na Bahia
Èhin - Costas
Ehín - Dente
Eiye - pássaro
Eiyelè - Pombo
Eja - Peixa
Èjè - Sangue
Eji - chuva
Èjìkà - Ombro
Ejò - cobra
Ejó - Cobra.
Èkáná - Unha

Èké - pessoa mentirosa, falsa, fraudulenta
Èkú - rato
Elebó - Aquele que está de obrigação. Aquele em nome do qual se faz o sacrifício ou oferta
Èlédà - Criador
Eledá - Orixá guia.
Elégbògi - curandeiro que usa ervas
Elésù - pessoa que adora o mensageiro Èsù
Elikan - Ninguém
Elu - estranho
Èmi - Eu
Èmí - respiração, também se refere a alma humana
Emi - Vida
ENI - Nome dado a esteira de palha utilizada pelos neófitos, sobretudo durante o período de reclusão. É empregada como "mesa", "cama" e "tapete" em distintos ritos. No candomblé é usual a expressão "irmãos-de-esteira" para designar o conjunto de neófitos reclusos ao mesmo tempo, e que eventualmente tenham participado desse artefato simbólico na liturgia da iniciação
Ènia - Ser humano
Enìní - inimigo
Enini - orvalho da manhã
Enu - Boca
Enyin - você
Epô - Azeite, óleo
Epô-pupa - Azeite de dendê
Equê - Mentira.
EQUÉDE - Cargo honorífico circunscrito às mulheres que servem os òrisà sem, entretanto, serem por eles possuídos. É o equivalente feminino de ogã
Eran - Carne
Eranko - Animal
ERÉ - Termo que caracteriza um estágio de transe atribuído a um espírito-criança
Ère - Estátua
Erè - Lama

"F"

Fá - Raspar
Fadaka - Prata
Faiya - encantar, seduzir
FAMÍLIA-DE-SANTO - Termo de referencia que designa os laços de parentesco místico nos quais incorre o filho-de-santo em virtude da iniciação
Fári - cortar o cabelo com lâmina (raspar)
Farí - Raspar cabeça
Fé - amar
Fe - há muito tempo
FEITO - O mesmo que adósù e iaô.
FEITURA - Processo de iniciação que implica em reclusão, catulagem, raspagem, pintura, instrução esotérica, imposição do osù (vd.) e apresentação pública (vd.) orúko
Féniyawo - casar

Erin - Elefante
Erinká - milho na espiga
Eró - Segredo
Erú - carregamento, fardo
Erú - Carrego; carga.
Erú - Cinza
Erú - Escravo
Èrúbo - compromisso de fazer uma oferta aos Orixás
Erupe - sujo
Esan - Vingança.
Èsin - Religião
ESSA - Espíritos de ancestrais ilustres do candomblé
Èsù - Primogênito da criação. Também conhecido como Elégbára (jeje) é popularmente referido como compadre ou homem-da-rua. Suscetível, irritadiço, violento, malicioso, vaidoso e grosseiro. Dizem que provoca as calamidades públicas e privadas, os desentendimentos e as brigas. Mensageiro dos òrisà e portador das ofertas. Guardião dos mercados, templos, casas e cidades. Ensinou aos homens a arte divinatória. Costuma-se sincretizá-lo com o diabo. Ocorre tanto em representações masculinas como femininas. Nas casas angola é Bombogira; nas casas angola-congo é (Exúlonã). Na umbanda tem múltiplas personagens, entre elas, Pomba-gira. Suas cores são o vermelho e o preto. Saudação - "Laró yè!"
ESTEIRA - vd. Eni
Èti - Ouvido
Èwà - Feijão
Èwé - folha de planta
Èwòn - corrente
Èwú - cabelo grisalho, sinal de dignidade
Èwu - perigo
Èwúre - cabra
Eya - tribo
Eyin - Ovo
Eyin - Vós

Fenukó - Beijar
Féran - Gostar
Fèrè - flauta
Fereze - janela
Fijúbà - respeitar
Filá - Gorro, chapéu
FILHO-PEQUENO - Termo de parentesco místico que se refere a um laço interposto pela iniciação entre um noviço e seu padrinho, gerando obrigações e deveres semelhantes aos do compadrio (vd. Mãe-pequena).
FILHO-DE-SANTO - Diz-se de todo aquele que é afiliado ao candomblé. (vd. Povo-de-santo).
FIRMA - Fecho de colar de forma cilíndrica. Suas cores indicam a vinculação de seu portador a um determinado òrisà
Fò - Lavar

Fó - Quebrar
Fòiya - estar com medo, amedrontado
FÓN - vd. Jeje. vd. Nação
Fowólérán - agir com paciência
Fún - Dar
Funfun - branco

"G"

Ga - Alta, grande
Gáàri - refeição feita de farinha de mandioca
Gala - veado, alce
GANZÁ - Instrumento musical de percussão, semelhante a um chocalho, geralmente de folha-de-flandres e forma cilíndrica, contendo em seu interior pedaços de chumbo ou seixos
Gari - Farinha
GB
Gbabe - esquecer
Gbada - faca com lâmina grande
Gbàdùrà - rezar
Gbagbo - acreditar
Gbaguda - farinha de mandioca
Gbajumo - cavalheiro; homem gentil
Gbé - levantar
Gbédè - agir de maneira inteligente
Gbèrè - cumprimentos
Gbese - dívida
Gbéyàwó - casar

"H"

Hà - expressão de prazer
Halè - amedrontar, ameaçar, intimidar
HAMUNYIA - Cadencia executada pelos atabaques e agogôs que capitula a estrutura dos diferentes toques que marcam o siré (vd.). Mais conhecida por Avamunha

"I"

Ia - Mãe
Ia ia - Avó
IABÁ - vd. Aborô.
IÁBASSÉ - Especialista ritual encarregada do preparo das comidas votivas dos òrìsà.
IÁ-EFUN - Especialista ritual encarregada das pinturas corporais durante o período de iniciação. Embora esse título honorífico signifique literalmente "mãe-do-efun", o ofício litúrgico não se limita às pinturas com o pigmento branco (efun). São também empregados: wájí e osùn, respectivamente as cores azul e vermelho
IÁLAXÉ - Título honorífico geralmente ostentado pela própria mãe-de-santo, significando "mãe-do-axé" ou "zeladora-do-axé"
Ialorixá - Mãe de santo (sacerdote de orixá)
IAÔ - Termo que designa o noviço após a fase ritual da reclusão iniciatória. Em yorùbá significa "esposa mais jovem"

Funfun - Branco
Fúnlèfólorun - dar liberdade, agir de maneira certa
Fúnwiniwini - garoar
Fúù - o som feito pelo vento

Gbìn - Plantar
Gbó - Ouvir
Gbogbo - Todos
Gbóju - bravo
Gbórín - grande
Gbúròó - ouvir
Gé - Cortar
Gé Irun - Cortar o cabelo
Gèlédé - sociedade dedicada a homenagear os ancestrais
Géndé - homem forte
Gibá - Jogar
Gòmbó - cicatriz; marca no rosto que indica linhagem
Góòlù - ouro
Gùn - pessoa alta
Gun - subir
Gunnugun - abutre, urubu
Gúrú - Pipoca

He - pegar, apanhar
Hó - ferver
Hun - tecer, trançar
Hùwà - comportar-se

Ibá - Colar, cheio de objetos ritualístico
Ìbà - homenagem em respeito aos Orixás
Ìbà pójúpójú - febre muito alta
Ìbamolè - forças espirituais que são merecedoras de respeito
Iban - Queixo
Ìbanújé - Tristeza
Ìbéjì - Gêmeos
Ìbere - Origem
Ìbí - Nascimento
Ìbínu - Raiva
Ìbó - Lugar de adoração
Ìbô - Mato
Ìbòòjì - sombra
Ìbúlè - àrun - leite de doença
Ìbúlè - ikú - leite de morte
Ìbùsùn òkú - cemitério
Idà - Espada
Ida-oba - Espada do Rei
Ìdàwò - consulente de adivinhação
Ide - Pulseira

Ideruba - Fantasma
Idí - Ânus, nádega
Ìdódò - Umbigo
Idunnu - Felicidade
IFÁ - Deus dos oráculos e da adivinhação.
Senhor do destino. Há quem afirme ser sua representação a cabaça envolvida por uma trama de fios de búzios. Sua cor é o branco. Seu dia é a quinta-feira. Conhecido também como Òrúnmìlà, "somente-o-céu-sabe-quem-será-salvo". Saudação - "Èèpààbàbá/"
Ifá - Adivinhação
Ifáiyable - visão mística
Ìfeseji - perdão
Ìfun - Intestino
Iga - quintal de um ancião
Ìgbà - história
Igbado - milho
Ìgbàlè - cemitério
IGBÁ ODÙ - Expressão yorubá que designa a cabaça ou o artefato litúrgico que contém no seu interior os elementos simbólicos e as substâncias que tornam possível a existência individualizada.

IGBÁ-ORÍ - Expressão yorubá que designa, no rito do borí, o recipiente em que vão sendo depositadas as substâncias constitutivas e reveladoras da identidade do sacrificante. Literalmente significa "cabaça-da-cabeça". Na liturgia dos candomblés é frequentemente utilizada a forma ibá, com o mesmo sentido
Igbe - Grito
ÌGBÍN - Cadência rítmica lenta executada pela orquestra cerimonial em louvor a Òsàálá. O termo designa também o molusco gasterópode terrestre, com concha univalva, corpo prolongado e tentáculos na cabeça. E o caracol também conhecido como "o boi de Òsàálá" e sua oferenda predileta. Na linguagem corrente dos candomblés é usual a forma ibí
Ìgbín - lesma, caracol
Igbó - floresta
Igbódù Òrìsà - local sagrado para iniciar uma pessoa nos mistérios dos Orixás
Ìgboro - rua, estrada
Igi - Árvore
Igi - òpe - palmeira
Ihò - buraco
Ija - luta, briga
Ìjábà - Acidente
Ìjéta - Anteontem
Ijexá - Nome de uma região da Nigéria e de um toque para os Orixás Oxum, Ogum e Oxalá.
Iji - Árvore
Ijo - Dança
Ìka - Dedo
IKÁ - vd. Dòbálé
Ìkòódíde - Pena vermelha do papagaio-da-costa (*Psittacus eritacus*, sp.). Simboliza o

nascimento do novo filho-de-santo e, de um modo geral, a fecundidade
Ìkú - Morte
Ikùn - estômago
Ilà - marcas faciais
Ilá - Quiabo
Ìlà Òrùn - Leste
Ilê - Casa - vd. Casa-de-santo
Ilè - Terra
Ilé Okú - Cemitério
ILÉ-ÒRÌSÀ - Expressão yorubá que designa a dependência de uma casa-de-santo onde se encontram depositadas as diferentes insígnias e objetos que compõem a representação emblemática de cada um dos òrìsà. É também conhecida a forma "quarto-de-santo" ou "casa-do-santo"
Ìlú - Cidade
Ìlù - tambor
Ìmale - respeito ao ancestral
Ìmáwò - ara - encarnação, estado de reencarnação
Imo - ope - folhas de palmeira
Ìmólè - forças da natureza (Òrìsà)
Imonamona - raio
Imú - Nariz
Iná - fogo
Inã - Fogo
INKICE - vd. Òrìsà
Inón - Fogo
Ìpàdé - encontro
Ipadê - Reunião
Ìpelé - pequena cicatriz facial que indica a linhagem familiar
Ipin - guardião
Ìpitan - tradição oral
Ìràwò - estrelas
Ìrèmòjé - cânticos do funeral dos caçadores
Ìrépo - Harmonia
Ìrésì - arroz
Irin - ferro, sagrado para o Orixá Ògún
IRMÃO-DE-AXÉ - Termo de referência que designa a relação de parentesco místico entre os membros de uma mesma casa-de-santo. Diz-se, também, irmão-de-santo.
IRMÃO-DE-BARCO - vd. Barco.
IRMÃO-DE-ESTEIRA - vd. Eni
Iró - Mentira
Irun - cabelo
Irúnmòle - forças da natureza (Òrìsà)
Ìsàlè - órgãos reprodutores
Ise - trabalho
Ìségún - reverência aos antepassados
Isinkú - funeral, enterro
Ìtan - àtowodowo - lenda tradicional, história sobre os orixás
Ìtan - história, lenda, mitologia
Ìtefá - iniciado nos fundamentos de Ifá
Ito - urina
Ìwà - àgba - caráter de um ancião
Ìwà - édá - natureza
Ìwà - Respeito

Iwájú orí - Testa
Ìwé Ìrohin - Notícia do jornal
Ìwo - Chifre
Ìwo - Tu
Ìwò Òrùn - Oeste
Iwóòrò - ouro
Ìyá - àgan - mulher mais velha, (anciã),
dentro da sociedade dos médiuns ancestrais
Ìyá - mãe
Ìyá nlá - Vovó
Ìyáàgbà - avóÌyáláwo - divindade de ifá
feminina, significa: " mãe dos mistérios ".
Iyabasé - Cozinheira
IYÁ EGBÉ - Título honorífico importante na
hierarquia dos terreiros que distingue sua
portadora como "mãe-da-comunidade"
Ìyáláwo - divindade feminina, mãe dos
mistérios

"J"

Jáde - Sair
Jádeogun - preparar o combate
Jádi - atacar
Jagunjagun - Guerreiro, Soldado
Jajá - Esteira
Jalè - Roubar
Jé - acordar
Je - comer
Je ewo - má sorte que vem como o resultado
de uma violação de tabu/regra
Jéjé - rogar uma praga
JEJE - vd. Nação. vd. Fón.
JELÚ - Um dos nomes pelos quais é conhecido
Èsù Àjelú ou Ijelú
Jeun - Comer

"K"

Kà - Ler, contar
Kábiyèsí - cumprimento de respeito a um rei
(oba)
Kábiyèsilè - expressão de respeito a um chefe
ou mais velho
Kádàrà - destino
K'àgò - pedir permissão para entrar em uma
casa
Kalè - sentar
Kan - Azedo
Kaná - estar em chamus
Kárò - bom dia
Kárùn - ficar doente
Kàwé - ler
Káwó - saudação, aclamação
Ké - cortar
Kedere - clarear, esclarecer
Kéhìndé - o segundo gêmeo a nascer
Kekerê - Pequeno
Kékeré - pequeno
Kéré - ser pequeno
KÉTU - vd. Nação

Iyalaxé - Mãe do axé do terreiro
Ìyálè - esposa mais velha em uma família
polígama.
ÌYálorísà - mulher iniciada nos mistérios das
forças da natureza (Òrìsà), mãe de santo.
ÌYÁSAN - Divindade das tempestades e do Rio
Niger, mulher de Ògún, e, depois, de Sòngó.
Relacionada com os vendavais, os raios e os
trovões. Sincretizada com Santa Bárbara. Seu
dia da semana é a quarta-feira. Suas insígnias
são a espada e o espanta-moscas de crinas de
cavalo. Suas cores são o vermelho escuro e o
marrom. Considerada a mãe dos egún, que é
a única a dominar. Saudação - "Eparrei !"
Iyekan - ancestrais do pai
Iyo - Sal

Jéwó - confessar
Ji - Acordar, roubar
Jigi - espelho
Jije - comer
Jikelewi - borrifar
Jimi - Acorda-me
Jó - Dançar
Jóko - sentar
Jóná - estar em chamus
Jòò - desculpar, perdoar
Jowo - grande favor
Júbà - Respeitar
Juba - rezas, pedido
Juwó - Acenar

Kíkún - mortal
Kiniun - leão
Kó - Aprender
Ko Dara - Ruim
Kò Tòpé - De nada
Kókóró - chave; sagrado para o mensageiro
Exu (Èsú)
Kòla - noz de cola amarga. Sagrada para a
maioria dos Orixás
Korin - cantar
Kórirá - odiar
Koró - Fel, amargo
Kosi - Nada
Kòtò - Buraco
Ku - morrer
Ku - Morrer
Kunle - ajoelhar no chão como um gesto de
respeito, tanto para um local sagrado como
para uma pessoa mais velha
Kunrin - cantar
Kuru - Longe
Kurumu - redondo

"L"

Là - Abrir
Lá - sonhar
Labalábá - Borboleta
Lábelè - secretamente
Làí - làí - o começo (considerar tempo)
Láí - láí - para sempre
Láikú - imortal
Lailai - Para sempre
Lála - Sonhar
Lálé - De noite
Làlójú - esclarecer, iluminar
Láná - Ontem
Larin - Moderado
LAVAGENS - Termo genérico pelo qual são designados os ritos Iustrais dos candomblés. Esses ritos purificatórios podem ser exercitados sobre os colares cerimoniais, as pedras (òtá) consagradas aos òrìsà, e nos templos. A mais tradicional manifestação publica dessa cerimônia é realizada na Igreja de N. S. do Bonfim, na Bahia.
LAVAGEM-DE-CONTAS - Rito de agregação que consiste em lustrar os colares sagrados. Esse ritual marca o aparecimento do postulante como abiã, vinculando-o a estrutura hierárquica de uma casa-de-santo
Lê - Forte
Létòl'tò - segmentos de um ritual

"M"

Ma - de fato, realmente
MACUMBAS - vd. Candomblés.
MÃE-CRIADEIRA - Termo de referência que designa a ebômin encarregada de atender o noviço durante o seu período de reclusão. É a responsável pelo preparo e administração dos alimentos; higiene pessoal; guarda-roupa e instrução do neófito nos mistérios do culto. Por isso, diz-se que "cria" aquele que está sendo iniciado.
MÃE-DE-SANTO - vd. Babalorixá.
MÃE-PEQUENA - Título honorífico feminino que corresponde à segunda pessoa na ordem hierárquica de uma casa-de-santo. Também ocorre a forma ia-kekerê. Seu equivalente masculino é pai-pequeno. Diz-se, também, mãe ou pai-pequeno daquele que, ao lado da mãe ou pai-de-santo, encarrega-se da formação do iaô (vd. Filho-pequeno)
Maga - sacerdote chefe do Orixá Xangô (Sàngó)
Maleme - Pedido de perdão
Malú - Vaca
Malu - Boi
Malú Ako - Boi
Màlùù - boi
Mandinga - Feitiço
Màrìwò - folhas de palmeira - As folhas desfiadas do dendezeiro (Elaeis guyneensis, A.

Léwà - ser bonito
Lile - Feroz, violento
Liló - Partir
Ló - Ir
Lódè - do lado de fora
Lodê - Lado de fora, lá fora
Lodê oni - no presente
Lodo - No rio
LÒGÚN EDE - Divindade yorùbá considerada no Brasil filho de Ibulama ou Inle (Òsòòsì) e Òsun Yéyéponda. Homem durante seis meses, jovem e caçador. Nos outros seis, mulher, bela ninfa que só come peixes. Suas insígnias são o ofà (vd.) e o leque dourado (abebe) de Òsun. Suas cores são o azul e o amarelo-ouro translúcido. Seu dia da semana é quinta-feira.
Saudação - "Lògùn!"
Lókan - bravo
Lókun - forte
Lóla - Amanhã
Lona - No caminho
Lóni - hoje
Lósàn - De tarde
Lowo - Rico
Lówò - ser rico, ter abundância
Lu - Furar
Lukoun - pênis

Cheval, PALMAE) que guarnecem as entradas de uma casa-de-santo contra os egún, os espíritos dos mortos
MATAMBA - vd. Ìyásan.
MAWU - vd. Òòsàálá
Meje - Sete
Mejeji - Duas vezes
Méjì - dois
Mérin - quatro
Mérìndílógún - dezesseis (16), também usado para referir a um sistema de adivinhação usado pelos iniciados de Orixás que está baseado nos primeiros dezesseis versos da divindade Ifá (Odù)
Meta - três
Méwà - dez
Mi - engolir, respirar
Mí - Viver
Mi-amiami - Farofa oferecida para exu
Mímo - sagrado, divino
Míràn - outro
Mò - Conhecer
Mo - Eu
Modê - Cheguei
Mojú - saber, conhecer
Mojubá - Apresentando meu humilde respeito. Louvação endereçada aos ancestrais ilustres, forças da natureza e aos próprios òrìsà, durante os ofícios litúrgicos

Móoru - tempo quente
Mú - Pegar
Mu - beber
Muló - Levar embora
Mun - Beber

"N"

Nà - Bater
Ná - Gastar
Ná - primeiro de todos
NAÇÃO - Designa, no Brasil, os grupos que cultuam divindades provenientes da mesma etnia africana, ou do mesmo subgrupo étnico. Mo exemplos do primeiro caso as "nações" congo, angola, jeje, ao passo que o segundo caso é ilustrado por kétu, ijèsà e òyó, correspondentes aos subgrupos da etnia nagô. Trata-se, na verdade, de categorias abrangentes as quais se reduziram as múltiplas etnias que o tráfico negreiro fez representadas no País. O termo tem servido para circunscrever os traços diacríticos através dos quais se revela um mundo caracterizado por um notável conjunto de elementos comuns. Tem servido, além disso, para hierarquizar esse universo em termos da maior ou menor "pureza" atribuída a cada "nação" em virtude de uma suposta fidelidade e autenticidade litúrgicas.
Najé - Prato feito com argila
NĀNĀ - Divindade das águas primordiais, dos pântanos e brejos. Daí associada quer ao limo fertilizante e a vida, quer a putrefação e a morte. Considerada mãe de Omólú é sincretizada com Sant'Ana. Suas cores são o vermelho, o branco e o azul que exhibe em seus colares. Sua insígnia é o Ibiri - artefato confeccionado com a nervura central das folhas do dendzeiro, de ápice recurvo como um báculo. Seu dia é sábado. Saudação - "Sálùba"
Nba - juntar-se
Nfe - amar
Ni - dizer, ser, alguém, aquele, depende do contexto
Ní - Ter
Ni Àárò - De manhã
Níbi - No lugar
Nígbàtí - quando
Nikan - sozinho
Níle - em casa
Nínú - dentro
Nipa - Sobre
Nipon - Grosso.
Nítorí - Por que
Nítorípè - Porque
Nje - bem
Njo - dançar
Nko - não
Nlá - grande

MUZENZA - Diz-se dos filhos-de-santo nos candomblés de "nação" angola. O mesmo que iaô. Por extensão, designa a primeira saída pública do neófito no rito angola. Significa, literalmente, "estranho ser animado", na etimologia da língua kikongo.

Nlo - indo
Nmu - bebendo
NOZ-DE-COLA - vd. Obì
Nrin - caminhando
Nro - pensando
Nu - Sumir
Nyín - você

"o"

O - ele, ela, isto

Obá - Rei

OBÁ - Terceira mulher de Sòngó, Obá é a deusa nigeriana do rio do mesmo nome.

Muitas vezes se confunde com Ìyásan, pois, além de casada com Sòngó, usa também espada de cobre. Na outra mão leva, seja um escudo, seja um leque com o qual esconde uma de suas orelhas em lembrança do episódio mítico que deu margem à sua rivalidade com Òsun. No Brasil é sincretizada com Santa Catarina e Santa Joana d'Arc. Seu dia é quarta-feira. Seus colares são de contas alternadamente amarelas e vermelhas de tonalidades leitosas. E saudada como "Obáxireê!"

OBALÚWÀÌYÉ - É a "forma" jovem de Sòpònnón, do qual Omolu é a "forma" velha. Divindade da varfvola e das moléstias infecto-contagiosas e epidêmicas, consta como filho de Nàná, criado por Yemoja, e, portanto, irmão de Òsùmàrè Veste-se todo de palha, com o que cobre as suas ulcerações. Sua saudação - "Atotó!" - significa "Calma!", exigida a um deus tão poderoso e temível.

Sua insígnia é o sàsàra - feixe de nervuras das folhas do dendezeiro, amarrado com tiras de couro, em vermelho e preto (ou branco e preto), incrustadas de búzios. É sincretizado, no Brasil, com São Roque, as vezes, com São Lázaro e ainda com São Sebastião, em Recife Oba obìnrin - Rainha mãe

OBÀTÁLÁ - vd.Òsàálá

Obé - Termo que designa a faca usada nos sacrifícios, por extensão qualquer faca no jargão do candomblé

Obé fari - Navalha

Oberó - Alguidar

Obì - noz de cola, usado num sistema simplificado de adivinhação. Fruto de uma palmeira africana (Cola acuminata, Schott. & Endl. - STER-CULIACEAE) aclimatada no Brasil. Indispensável no candomblé, onde serve de oferenda para os òrìsà e é usado nas práticas divinatórias simples, cortado em pedaços

Obí - sexo feminino

Obinrin - Mulher

Obirim - Mulher, feminino

Òbo - Macaco

Óbo - vagina

OBRIGAÇÃO - vd. Ebo.

OBRIGAÇÃO DE SETE ANOS - É uma das obrigações mais importantes da carreira iniciática. Equivale a um autentico rito de investidura, a partir do qual, tornando-se ebômin, o filho-de-santo pode proceder a iniciação de outros

Òbukó - bode

Odé - Caçador

Òde - do lado de fora

Odê - Fora, rua

Òde ayé - o mundo todo

Odideé - papagaio

Odò - Rio

Òdodo - justiça

Odù - Destino

ODÙ - Pronunciamento oracular resultante da prática divinatória com o òpèlè (vd.), com os cocos de dendê (vd.) ou com os búzios (vd.). Há 16 odù primários ou maiores. Suas combinações com os 16 secundários resultam em 256, cujos desdobramentos chegam a 4.096. Cada odù é nominado e pertence a uma divindade

ODÙDUWÀ - Divindade yorubá, ora apresentada, nos mitos, como masculino e irmão de Obàtálá (vd.) (vd. também Cesto-da-criação), ora como feminino e, no caso, esposa deste ultimo. Odùduwà significa "a cabaça de onde jorrou a vida". É evocada, no Brasil, em alguns terreiros (vd.) e, também, no candomblé-dos-eguns de Itaparica (vd. Egúngún).

ODUNDUN - A folha-da-costa ou saião africano (Kalanchoe brasiliensis, Comb.-CRASSULACEAE). Uma das folhas rituais mais importantes dos candomblés

Odukun - batata doce

Odún - Ano

Òdúndún - erva medicinal

OFÁ - Designa o instrumento simbólico de Òsóòsi, consistindo num arco e flecha unidos em metal branco ou bronze

Ofá - Arco e flecha

Ofà - flecha

Òfin - lei, direito

Ofò - feitiçaria

Òfurufú - Respirar, ar, espaço

OGÃ - Título honorífico conferido, seja pelo chefe do terreiro, seja por um òrìsà incorporado, aos beneméritos da casa-de-santo, que contribuam com sua riqueza, prestígio e poder, para a proteção e o brilho do àse (vd.). Esse tipo de titulação admite uma série de especificações que abrangem, desde cargos administrativos, até funções .rituais. A iniciação dos ogãs é mais breve e se distingue daquela dos iaôs (vd.), por excluir a catulagem, a raspagem e alguns outros rituais. Tal como as equédes (vd.) os ogãs não são passíveis de transe.

Ògá - Chefe

Ogbe - crista de galo

Ogbo ato - ficar velho, vida longa

Ogboni - sociedade de homens anciões que adoram o Orixá Onile

Ògèdè - Banana

Ògèdè - encanto, feitiçaria

Ogìnrin - mulher

ÒGÚN – Divindade da forja e dos usuários do ferro; por extensão, da guerra e da agricultura e, também, da caça ou de todas as demais atividades que envolvem a manipulação de instrumentos de ferro. É rei de Iré e por isso chamado, no Brasil, Oníré. Costuma ser representado por um semicírculo soldado a base por uma haste, no qual se encontram, pendurados no arco do semicírculo, todo o tipo de instrumentos, que, como o conjunto inteiro, são de ferro. E filho de Yemoja e irmão de Èsú e Òsòòsì. Por isso, tem a ver com os caminhos, a caça e a pesca. Pertence-Ihe a faca sacrificial – o obe (vd.). Os colares são de contas verdes ou azul-escuro (em angola). Seu dia é a terça-feira. Saudação – "Ògún yé!"

Ogun - Guerra
 Ògún - Orixá da Guerra e Metais
 Ohùn - Voz
 Òjiji - Sombra
 Ojise - mensageiros
 Òjò - chuva
 Ojó Àbáméta - Sábado
 Ojó Àikú - Domingo
 Ojó Ajé - Segunda-feira
 Ojó Bò - Quinta-feira
 Ojó Etí - Sexta-feira
 Ojó Íségún - Terça-feira
 Ojó Rú - Quarta-feira
 Òjòlá - jibóia
 Ojú - olho ou face, dependendo do contexto
 Ojú - óòri - sepultura, túmulo
 Ojù àse - força nos olhos
 Ojú ònà - caminho, estrada
 Oju ona - Olho da rua, (caminho)
 Ojú Òrun - Céu
 Ojubona - professor
 Ojugbede - sacerdote chefe do Orixá do ferro
 Ògún em Ilé Ifè
 Oka - cobra
 Okan - Coração
 Òkè - Montanha
 Oko - Esposo
 Okó - Pênis
 Okòn - coração
 Òkú - cadáver, defunto
 Òkun - o oceano, mar
 Okunlin - Homem
 Òkúta - Pedra
 Olé - ladrão
 Olodê - Senhor da rua
 Olódùmarè - Supremo– vd. Olóòrun
 Olona - nome em louvor ao Orixá Ogun que significa: "proprietário da estrada"
 OLÓÒJÀ – Expressão yorubá que na língua ordinária significa seja o vendedor, seja o dono do mercado. Na cosmologia do povo-de-santo, a locução dono-do-mercado equivale a um dos títulos de Èsú
 OLÓRÍ – Termo que designa o "dono da cabeça", isto é, o òrìsà pessoal de cada iniciado (vd. Orí).

OLÓÒRUN – Divindade suprema yorubá, criador do céu e da terra. Deus do firmamento. É o Eléeda, "senhor-das-criaturas-vivas"; o elèèémí "dono-da-vida"; que criou o homem e a mulher a partir do barro, encarregando seu filho, Obàtálá, de moldá-los e animá-los com o sopro vivificante. De caráter inamovível, é o numinoso que permanece fora do alcance dos homens que não Ihe podem render culto. Não tem insígnias. Sua cor é o branco absoluto. É também chamado de Olódù-marè
 Olóri - chefe
 Olórum - Deus
 Olosa - Orixá da laguna
 OLOSSAIN – Sacerdote encarregado da coleta e da preparação ritual das ervas sagradas na liturgia dos candomblés. O mesmo que babalossain
 Olòwò - sábio mais velho
 Olùkó - Professor
 Oluwo - chefe adivinhador de Ifá do conselho masculino dos anciãos
 Omi - Água
 Omi ayé - as águas da terra
 Omi Dúdú - Café preto
 Omira - sangue menstrual
 Omi-tútù - água fria
 Omo - filho, criança.
 Omodé - criança jovem
 Ònà - estrada, caminho
 Ongé – Comida
 Oníbàárà - cliente
 Oníbode - porteiro
 Onilé - guarda da casa
 Oni're - nome em louvor para o Orixá do ferro
 Ogun, que significa "chefe da cidade de Ire"
 Onísé - trabalhador
 Onje - omida
 Onje Àárò - Café da manhã
 Onje Alé - Jantar
 Onje Òsán - Almoço
 Òòni - O Rei da nação Yorubá
 Oòrùn - Sol
 Òòsà - o mesmo que Orixá
 ÒÒSÀÁLÁ – Este é o nome pelo qual se conhece, no Brasil, Obàtálá (o Senhor do Pano Branco) e significa "o grande òrìsà". Filho de Olóòrun (vd.) foi encarregado por este de criar o mundo e os homens. Nesta ultima condição é portador dos títulos de Àjàlá, Àjàlámò e Alá-morerê. Apresenta-se ora como um jovem guerreiro, simbolizado pelo arrebol – Òsògìnyón, ora como um velho, curvado ao peso dos anos, simbolizado pelo sol poente – Òsòlúfón. Suas insígnias, em prata lavrada, são, em consequência, ora a espada e o pilão, ora o òpásorò – um bastão com aros superpostos, adornados de pingentes, encimados por um passado (em geral uma pomba) – símbolo do poder. Costuma-se sincretizá-lo com Nosso Senhor do Bonfim.

Sua cor heráldica é o branco e seu dia a sexta-feira. A ele se dedica a grande festa popular da "lavagem do Bonfim" (vd. Lavagem). Saudação – "Èèpàà bàbá! Èèpàà èé!"

Òòsàoko - Orixá da fazenda

Òpè – palmeira

ÒPÈLÈ – Colar aberto no qual se encadeiam oito metades de coquinhos de dende, mediante um fio trançado de palha-da-costa. É o instrumento divinatório privativo dos autênticos sacerdotes de Ifá (vd. – Os bàbáláwo (vd.)).

Opélé - corrente usada pela divindade Ifá, significa: " enigma da palmeira "

Òpin isìn - o fim do ritual

Òpolo - Sapo

Òpópó - rua

Òpùrò - mentiroso

Òrè - Amigo (a)

Orí - Termo que designa a cabeça na vida litúrgica dos candomblés. É, além disso, uma divindade doméstica yorubá guardiã do destino e cultuada por adeptos de ambos os sexos. Também se diz que é a alma orgânica.perecível, cuja sede é a cabeça – inteligência, sensibilidade, etc.

ORÍKI – Conjunto de narrativas da saga mística dos òrìsà que proclamam seus feitos. Ocorre também sob a forma de pequenos enigmas endereçados a uma pessoa como voto de bons augúrios

Orílè - nome de uma nação

Orin – Cantiga

ÒRÌSÀ – Qualquer divindade yorubá com exceção de Olóòrun (vd.). Seus equivalentes fón (vd.) são voduns. A designação das divindades do culto angola-congo que Ihe correspondem é inkice. Essas equivalências são imperfeitas, pois, ao passo que uns são forças da natureza, outros são espíritos que retornam sob a representação de animais, enquanto outros ainda são espíritos ancestrais

Òrìsà bi - esposa de Orungan

ÒRÌSÀNÌLÁ – É um título de Obàtálá, a partir do qual se formou, no Brasil, o nome Oxalá

ORÓGBÓ – Fava de uma planta africana adaptada no Brasil (Garcinia Kola, Hae-ckel, GUTTIFERAE).

Orúko - Expressão yorubá, empregada na liturgia dos candomblés, que significa "qual é o teu nome?". Ocorre na mais expressiva cerimonia publica do candomblé, conhecida como saída-de-santo, dia-do-nome, saída-de-iaô e muzenza

Òrùn - Pescoço

Orun – Céu

ÒRUN – vd. Aiyé

Orúnkún – Joelho

ÒRÚNMÍLÀ – vd. Ifá

Òsa - Lagoa

Osàn - Laranja

Osán - fruta

Òsányìn - Orixá das ervas e dos medicamentos

Òsé - Sabão

Òsè - semana ritual de quatro dias

Òsí - Esquerda

Osó – Bruxo

ÒSÓNYNÌN – Òrìsà das folhas litúrgicas e medicinais, imprescindíveis para a realização do culto. Na África é considerado companheiro de Ifá e também adivinho. Seu emblema são sete hastes de ferro pontiagudas, das quais a haste central é encimada por um pássaro. As sete hastes estão soldadas pela base, formando, no seu ápice, um círculo em torno da haste com o pássaro. As cores das contas de seus colares são o verde (ou azul) e o vermelho leitoso. Seu dia é, para alguns, a segunda, e para outros, a quinta-feira. Sua saudação – "Ewé ó!"

Òsóòsì - orixá da caça - Filho de Yemoja, irmão de Ògún (vd.), companheiro de Èsú e Òsónyìn, este òrìsà, considerado rei de Kétu, tem o título de ode (o Caçador). No Brasil é sincretizado, seja com São Jorge (na Bahia), seja com São Sebastião (no Rio de Janeiro e Porto Alegre). Seu símbolo é o ofã (vd.). O cotar votivo é de contas azul-de-viena (azul esverdeado). Saudação – "Òkè àró"

Osù – Mês

ÒSÙMÀRÈ – Costuma ser identificado com o arco-íris e com a serpente. Representa a continuidade, o movimento e a eternidade. No Brasil é considerado irmão de Obalúwàiyé (vd.) e filho de Nàná (vd.), possivelmente em virtude de sua origem daomeana. Dele se diz que é o Rei de Jeje. Seu símbolo são as duas cobras que leva nas mãos quando dança, sendo uma masculina e outra feminina, alusão ao seu caráter duplo de macho e fêmea. Dia consagrado: terça-feira. Colares de contas verdes e amarelas listradas. Saudação – "Aróbò bo yí!" Sincretizado com São Bartolomeu.

ÒSÚN – Divindade das águas, em particular no Rio Òsún, na Nigéria. E a segunda esposa de Sòngó, mas foi casada também com Ògún e Òsóòsì. Deste ultimo casamento nasceu Lògún-edè (vd.). Seus símbolos são o leque dourado e a espada. É pois uma iabá que se caracteriza pela coqueteria, gostando de enfeites e jóias de ouro (ou cobre amarelo). Tem o título de Ialodê – chefe das mulheres do mercado, sendo sincretizada no Brasil com diversas Nossas Senhoras (da GIória, da Conceição, do Carmo, das Candeias, da Candelária) e com Santa Luzia. Além disso, é a Rainha de Òsogbo e Òyó. Seus colares são de contas amarelo-douradas translúcidas. Saudação – "Rora yèyè o!" Seu dia é o sábado.

Òsupá – Lua

OSÙU – Artefato cônico, confeccionado a partir de substâncias sagradas de origem animal, vegetal e mineral, imposto a cabeça do noviço após as incisões rituais feitas sobre o alto do crânio (vd. Adósùu).

Ota e Okuta - Pedra

Otí - Álcool

Otí Biá - Cerveja

Otin Dudu - Vinho tinto

Otin fum-fum - Aguardente

“P”

Pá – Matar

Pada – Voltar

PÀDÉ – Rito que é desempenhado no início das cerimônias do candomblé em homenagem a Èsù, considerado necessário como rito propiciatório, pois as primícias sacrificiais devem caber aquele que é, além de primogênito da criação, o portador titular de qualquer oferenda. O seu não cumprimento é visto como implicando em perturbação de toda a ordem ritual

Padê - Encontrar

Pàdé - encontrar

Paeja – Pescar

PAI-DE-SANTO – vd. Babalorixá.

PAI-PEQUENO – vd. Mãe-pequena

Pákí - farinha de mandioca, mandioca

Paki - Sala

Pákórò - ritual noturno nos funerais

PALHA-DA-COSTA – Tipo de palha proveniente da Costa da África, com que se designa a região sudanesa da África Ocidental (Golfo da Guiné).

Usa-se trançada em diferentes artefatos litúrgicos.

Pamó - Esconder

Paré - desaparecer, ser destruído

Pari - completar

Pariwò - gritar, barulho

Patapá – Burro

PATÉWÓ ou ÌPATÉWÓ – Palmas em cadência sincopada empregadas como saudação aos òrìsà, bem como em circunstâncias que impõem o silêncio, como no caso do recolhimento, para indicar uma necessidade a ser atendida. Diz-se paô.

“Q”

QUEBRA-DE-QUIZILA – vd. Quizila.

QUITANDA-DE-IAÔ – Rito do ciclo iniciático em que são rompidos alguns dos tabus que cercam o noviço. Consiste no desempenho dramático de funções e atividades evocativas de situações do cotidiano. O termo alude, ainda, a venda que o iaô efetua de produtos variados (frutas, doces, etc.) expostos sobre tabuleiros, como nas feiras e mercados. A origem do termo quitanda é

Otin nibé - Cerveja

Òtító - verdade

Otu - sacerdote que faz oferendas em nome do Rei (Oba)

Òtún - Direita

Òun - Ele (a)

Owo - Não

Owó - Dinheiro

Oyin – Mel

PARÁS – vd. Candomblés

Pè - Chamar

Peji - Espécie de altar onde se encontram dispostos os diversos tipos de insígnias da divindade, como as pedras votivas (òta), armas e demais objetos simbólicos, e onde estão dispostos os recipientes contendo as comidas ofertadas aos òrìsà

PEMBAS – Espécie de giz de diferentes cores que é usado para traçar desenhos mágico-religiosos e de caráter invocatório. É mais freqüentemente empregado nos ritos de umbanda.

Pèlé - marcas na face. Caracteriza as famílias

Pelebi - Pato

Peleke - aumentar

Pépeíye - Pato

Pepelê – Banco

Pín - dividir, repartir

Pitan - contar histórias

POMBA-GIRA – vd. Èsù

Pòòkò - copo feito de uma casca de coco

POVO-DE-SANTO – Designação coletiva que abrange o conjunto dos filhos-de-santo de todos os candomblés

PRETOS-VELHOS – Termo que designa um tipo de entidade característica dos cultos de umbanda. Representam os espíritos de negros escravos que se notabilizaram por sua humildade, sabedoria e magia. São conhecidos como Vovô/Vovó, Tio/Tia e Pai/Mãe.

Pupa - Vermelho

Púpò - Muito

Putu – bom

kimbundo e significa expor, e, por extensão, feira ou mercado.

QUIZILA – Interdito ritual; o mesmo que èèwò. Na liturgia dos candomblés há um ciclo cerimonial, onde se realiza o rompimento dos tabus que circundam o noviço durante a iniciação, conhecido como quebra-de-quizila. Dele fazem parte o panán e a quitanda-de-iaô.

"R"

Rà - Apodrecer
Rà - Comprar
Rá - engatinhar
Rará - Não
Rári - reparar a cabeça, o primeiro degrau da iniciação
Re - Ir
Réin - rir
Rèrè - coisas boas, boa fortuna
Rere - Muito bem
Rérin - Rir
Rí - Ver
Rìn - Andar
Rìn - Trabalhar

"S"

Sàà - estação, determinado espaço de tempo
SAÍDA-DE-SANTO - vd. Orúko
Saju - Antes
SAKPATÁ - vd. Obalúwàiyé
Sàn - estar bem
Sánku - morte prematura
Sánmò - céu
Sanra - estar gordo
Sanro - Gordo
SANTO - vd. Òrìsà
Sarapebé - Mensageiro
Sáré - Rápido, correr
SAWORO - Artefato de palha trançada e que tem como fecho um guizo. O noviço deve tê-lo atado ao tornozelo, e portá-lo durante um longo período após a sua reclusão. Um dos símbolos cerimoniais da sujeição do iaô numa casa-de-santo
Sè - cozinhar
Sééré - chocalho, sagrado para o Orixá Sàngó
Ségègè - tirar a sorte, fundição de certas formas de adivinhação
Sèké - mentir
Si Ori - Abrir a Cabeça
Simi - Descansar
Sinsin - descansar
Sínun - Dentro
Sirè - Diversão

"T"

Tà - vender
Tàbá - Tabaco, fumo
Tàìwo - o primeiro gêmeo a nascer
Táláká - pessoa pobre
TAMBORES-DE-MINA - vd. Candomblés
Tanã - Vela, lâmpada
Tanná - acender a luz
Tara - pequena pedra
Tata - Gafanhoto
TATA-DE-INKICE - vd. Babalorixá
Taya - Esposa

Riri - tremer de medo
Rò - Pensar
Roboto - Redondo
ROÇA - vd. Casa-de-santo
Ròjo - chover
Ronu - Pensar
Rúbo - Sacrifício
RUM, RUMPI, RUNLÉ - vd. Atabaques
Run - perecer, sucumbir
RUNKO - Termo pelo qual se designa o aposento destinado a reclusão dos neófitos durante o processo de iniciação. f conhecido também como alíase, camarinha ou ainda àse
Rúsúrúsú - Amarelo

SIRI - Conjunto de danças cerimoniais onde ocorrem distintos ritmos, cânticos e estilos coreográficos característicos do desempenho de cada Òrìsà
Sise - Trabalho
So - amarrar
Sódé - fora
Sòkoto - calças
SONPÒNNÒN - vd. Obalúwàiyé.
SONGÓ - Divindade iorubana do raio e do trovão. Descendente do fundador mítico da cidade de Òyò e seu 4º. rei. Seu símbolo é o machado duplo, notabilizando-se ainda como o dono da pedra-do-raio, indispensável aos seus assentamentos. E viril, como atestam suas várias esposas (Òsun, Oba, Oya), violento e guerreiro, distinguindo-se, sobretudo, pelo seu senso de justiça, aspecto mais desenvolvido da sua representação no Brasil, e que o liga a São Jerônimo, com quem é sincretizado. Suas cores são o vermelho e o branco. Seu dia é quarta-feira. Saudação - "Ká wòóo, ká biyè sí!"
Sòrò - falar
Sòrò - Falar
Sòtito - ter fé
Sùn - Dormir
Sunkun - chorar
Sùrú - Paciência

Té - espalhar
Te - estabelecer
Tè - pressionar
Téfá - iniciação Ifá
Telé - seguir
Tèmi - Meu, minha
TEMPO - É um índice. Corresponde ao ìrokò nagô. Muitas vezes seus assentamentos (vd.) se encontram ao ar livre, isto é, "no tempo". Dele se diz que é o dono da bandeira branca que distingue as casas-de-santo (vd.). Seu

símbolo é uma grelha de ferro com três pontas-de-lança. É sincretizado com São Lourenço, santo católico que sofreu o martírio sobre uma grelha.

TERREIROS – vd. Candomblés

Tete – Aplicado

TETEREGUN – Planta da família das

ZINGIBERACEAE (*Costus spicatus*, SW.). É conhecida, ainda, como sangolovô e cana-de-macaco. Na classificação das folhas litúrgicas é considerada de agitação

“W”

Wa - Nosso

Wà - ser

Wádi - fazer perguntas

WÁJÌ – Nome litúrgico do anil ou índigo, a cor azul-escura

Wakati - Hora

Wàrà – Leite

Wè - Banho

Wejeweje - coisas boas

Were - jovem

Wèrè - Louco

Wípé - dizer algo

Wò - Vestir

“Y”

Yá - inundar

Yà - virar para o lado

Yàgó - Licença

Yalayala - gavião, rápido, veloz

Yama - Oeste

Yàn - escolher

Yan - Torrar

Yanran - bom

Yara - quatro

Yára - ser rápido

Yara-ypejo – Sala

Yaro - Ficar aleijado

Yesi – quem

YEWÀ – Òrìsà feminino do rio e da lagoa Yewè, na Nigéria. Uma das iabás, considerada ora

“S”

Corresponde a letra “X”

Saju - Antes

Sirè – Diversão

XANGÔS – vd. Candomblés

Xaorô - Tornozeleira de palha da costa usada durante o recolhimento para o processo de iniciação.

“V”

VODUN – vd. Òrìsà.

Tímótímó - pequeno

Tìnùtìnù - sincero

Titi - até

Titun - Novo

Tò - Urinar

Tóbi - Grande, maior

Tóbi ode - caçar

Toto - Atenção

Tún - Retorno

Túndé - renascer

Tutu - Frio, gelado

Wó - o qual

Wo - relaxar

Wodi – investigar

Wo'gun mérin - os quatro cantos do mundo, as quatro direções

Wolé - entrar

Woléwòdè - entrar e sair

Won - então

Wòran - assistir

Wu - Desenterrar

Wun ni - Gostar

Wúra – Ouro

irmã de iyásan, ora esposa de Òsùmáré. Seu nome significa beleza e graça. As cores de seus colares são o vermelho e o amarelo. Usa como insígnias o arpão, a âncora e a espada. Ha um vodun daomeano com o mesmo nome, cultuado em São Luís do Maranhão. Saudação – "Riró!"

Yewere - sem valor, indigno

Yèyé - bobagem

Yeye - mãe

Yi - isto

Yibi - grandeza

Yio - desejo

Yiyan - Assado

Yo - aparecer

Yonrin – Areia

Xarará - Instrumento simbólico do Orixá

Obaluaiyê

Xê - Fazer

Xirê - Festa, brincadeira

I/ODUNCI – vd. Ebômin

MÓDULO II

OS ORIXÁS:

- **ORIXÁS POUCO CULTUADOS**
- **EXU – ELEGBARÁ**
- **OGUM**
- **OSSANHE**
- **OXOSSI**
- **LOGUN-EDÉ**
- **OXUM**
- **EWÁ**
- **OYÁ**
- **OBÁ**
- **YEMONJÁ**
- **OXUMARÊ**
- **XANGÔ**
- **NANÃ**
- **OBALUAÊ / OMULÚ**
- **IRÔKO**
- **OXALÁ**

OS ORIXÁS

São massas de movimentos lentos, serenos e de idade imemorial. São dotados de um grande equilíbrio, necessário para manter a relação entre os que nascem e os que morrem, entre o que é dado e o que é devolvido. Por isso, estão associados à justiça e ao equilíbrio.

São as entidades mais afastadas dos seres humanos e as mais perigosas. Incorrer no desagrado ou na irritação desses Orixás-funfun é fatal. Tal situação, está associada ao sentimento que aterroriza alguns iniciados, ao aniquilamento total, a de ser completamente reabsorvido pela massa e não renascer nunca mais.

Funfun aqui é utilizado com duplo sentido: do branco, de tudo que é branco, os objetos e as substâncias brancas; e a do incolor, anti-substância, o nada.

O QUE SÃO ORIXÁS ?

Muita gente acredita que os orixás são seres inferiores, perversos e de pouca luz. Ou, então, chegam a defini-los como criaturas demoníacas, com grande poder de destruição, usados somente para o mal. Mas, então, o que realmente são os orixás?

Para nós, os orixás são seres divinos criados por Olorun, nosso Deus único, que o auxiliaram na criação do universo e de todos os seus componentes. A partir daí, eles ganharam a função de intermediários entre o criador e a criatura. É através deles que podemos tentar chegar um pouco mais perto de Deus, se isso não for muita pretensão para nós, meros mortais.

Segundo os yorubás, os orixás são os donos da nossa cabeça, ou "ori", e nossos protetores individuais. Eles estão sempre tentando nos transmitir seus conhecimentos, que, muitas vezes, passam despercebidos pela nossa razão, mas não pelos nossos sentidos. Infelizmente, não damos a devida importância a esse fato, achando que são "coisas da nossa imaginação". Segundo acreditamos, houve uma grande ruptura entre os seres humanos e os orixás, que antes viviam lado a lado, cada um podendo visitar o mundo um do outro; ou seja, a Terra (àiyé) e o céu (orun), estavam ligados entre si, não existindo barreiras. Algumas lendas do Candomblé contam que tudo corria muito bem, até um ser humano desrespeitar a ordem estabelecida por Olorun. Seu erro foi adentrar em um local proibido, maculando-o com a sujeira da Terra. Isso não foi perdoado, e a separação tornou-se inevitável. Assim, Oxalá soprou o seu hálito divino sobre a Terra, criando o ar atmosférico, que seria, daí em diante, a barreira entre esses dois mundos. Desde então, os seres humanos vivem tentando alcançar o céu e seus seres encantados, sem obter resultado.

Nós, através do Candomblé, conseguimos restabelecer essa ligação com o orun, e temos o poder de presenciar claramente a manifestação da centelha divina em nosso interior, que é a experiência mais maravilhosa que alguém pode experimentar. A esse conjunto de mecanismos criados pelos seres humanos para tentar chegar mais perto do criador e reatar, assim, a comunicação interrompida no passado, é a melhor definição para a palavra religião.

Há várias formas de um mesmo orixá, isto é, existem vários tipos diferentes provenientes de uma mesma origem divina. A esse fenômeno damos o nome de qualidades. Tomemos o exemplo do orixá Oxun, que reina nas águas doces. Ele irá subdividir-se em várias formas ou qualidades, como: Pondá, Opará, Kare, Topé, etc. Todas essas qualidades têm a mesma essência, mas diferem entre si em muitas coisas, inclusive no que diz respeito a seus fundamentos e rituais. Esse tema é muito complexo, gerando dúvidas até mesmo entre os babalorixás.

Por isso, para podermos detectar o orixá de uma pessoa, assim como sua forma ou qualidade, é preciso consultar o oráculo de Ifá, ou jogo de búzios. Não existe outro meio mais seguro e eficaz.

Através dos búzios, um bom sacerdote será capaz de identificar, o orixá ao qual a pessoa pertence, e também verificar se há, realmente, a necessidade de se fazer a iniciação. Caso isso seja inevitável, a pessoa em questão deverá passar por vários preceitos de confirmação até o dia da feitura. É fundamental que não haja erros de espécie alguma, pois é com a vida de um ser humano que estamos lidando.

Quando o babalorixá identifica o orixá de alguém, terá, necessariamente de levantar todos os detalhes que estão ligados a ele, como a família ao qual pertence, as oferendas de que gosta, o tipo de comida que mais lhe agrada, seus lugares de ebós, rezas, cantigas, etc. É, também, muito importante saber sobre o elemento da natureza que ele habita e domina, bem como a função que desempenha dentro do universo.

Os orixás podem ser evocados através de rezas (aduras), cantigas especiais (orikis), ou pelo seu nome dentro do plantel dos orixás (morunko). Cada um deles tem suas cores predominantes, que derivam das três cores básicas do universo, que, segundo os yorubás, são o vermelho, o preto e o branco. As roupas rituais de cada orixá, além de todos os adereços e ferramentas que lhe são peculiares, também exibirão essas cores. As comidas também são indispensáveis nas oferendas, variando muito de orixá para orixá.

ORIXÁS

Os negros africanos, ao chegarem ao Brasil, trouxeram um culto primitivo, oriundo de sua pátria, conhecido como Candomblé. Aparentemente de maneira infantil, cultuavam alguns deuses chamados por eles de "orixás". Essas divindades seriam, por um lado, ligadas à natureza e por outro aos homens. Praticantes seculares do mediunismo, os negros adeptos do Candomblé, não aceitavam e não aceitam até hoje, a "incorporação" em seus médiuns de Espíritos de "mortos". No Candomblé um Espírito errante é chamado de "egum".

As definições a seu respeito e as lendas africanas a respeito de onde eles se originaram são várias, mas coincidem em alguns pontos básicos: Orixás são divindades intermediárias entre o Deus Supremo e o mundo terrestre, encarregados de administrar a criação e se comunicar com os homens através de vistosos e complexos rituais. As estórias sobre eles falam-nos de seres profundamente humanos em seu comportamento - arquétipos que encontram correspondência com várias mitologias, entre elas a greco-romana.

Existem duas correntes básicas que tentam explicar o aparecimento dos Orixás. Uma delas remonta a criação do universo. Antes de tudo havia o caos, até que um deus supremo, Olorum (à semelhança do Deus católico) criou o universo, suas estrelas, planetas, o mundo material, que se separava, de

maneira drástica, do que havia antes, o mundo imaterial ou sobrenatural. Para estabelecer seu controle sobre os seres que habitariam esses mundos (ou, especificamente, à Terra), Olorum criou os elementos, sendo cada um deles a forma material dos Orixás.

Outra maneira de se explicar o mesmo processo é menos mística; os Orixás seriam seres humanos importantes, donos de grande poder em vida, que morreram de maneiras incomuns, por meio de grandes acessos de cólera ou então de fulminante paixão. Essa sobrecarga de sentimento teria provocado uma espécie de derramamento da essência de cada ser, impedindo que eles assumissem a forma comum de todos os espíritos mortos, os eguns. Neste caso, tais espíritos se identificariam com um dos elementos da natureza.

O Orixá seria, então, um ancestral divinizado, que, quando vivo, estabeleceu controle sobre certas forças da natureza, tais como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou mesmo sobre certas atividades como a caça, o trabalho em metal, ou ainda, sobre o conhecimento das virtudes e da utilização das plantas. O poder, o Axé, do ancestral Orixá teria a faculdade, depois da sua morte, de se transmitir momentaneamente a um de seus descendentes, no decorrer de uma crise de possessão. Havia cerca de 600 Orixás na África, que se reduziram a 50 no Brasil; desses, apenas 16 são cultuados no Candomblé na atualidade. Esse processo de assimilação, no entanto, não está definido; ao longo deste século, assistiu-se, por exemplo, à progressiva reabilitação de Nanã, assim como outras entidades aos poucos vão sendo esquecidas.

Os "orixás", ao presidirem a própria natureza através de seus agentes, trariam em si características de personalidade que os ligariam a determinados estados evolutivos da espécie humana. A vibração provocada pelo tipo de personalidade de um certo indivíduo, vai colocá-lo sob a influência de determinado "Orixá". Diz-se, então, que ele é oriundo daquela faixa psíquica, ou como fazem no Candomblé, que ele é "filho de Santo". Os orixás podem ser considerados arquétipos da personalidade freqüentemente escondida das pessoas. Os seus adeptos têm em comum tendências inatas e um comportamento geral correspondente a cada Orixá: a virilidade devastadora e vigorosa de XANGÔ, a feminilidade elegante e vaidosa de OXUN, a sensualidade desenfreada de OYÁ-YANSAN, a calma benevolente de NANAN, a vivacidade e a independência de OXOSSÍ, o masoquismo e o desejo de expiação de OMOLU etc. os mais cultuados atualmente no Brasil, e de acordo com o título, uma religião a serviço do povo, os de maior interesse pela nossa própria necessidade, maior conhecimento e interação. Levando sempre em consideração que são denominados na linguagem yorubana.

Existe uma subdivisão, entre os orixás, que os diferencia e identifica, de uma forma mais individual, mesmo dentro do seu grupo, que é denominado "qualidade" do orixá, cabe uma explicação mais aprofundada; cada pessoa tem um orixá individual, único e exclusivo, não existem dois orixás iguais em toda terra, e todos possuímos, o que chamamos de "cuia", formada por sete orixás, sendo um principal, chamado de "frente" - o dono do Orí - , o segundo "ajuntó", os demais: "proteção", "carrego", "alicerce" e "cumieira". A cada orixá, as qualidades variam de acordo com a nação que se pratica (kêto, gêge, angola, ijexá, fon...), essas qualidades exprimem situações desses orixás, que podem ser, títulos honoríficos (caso de Xangô), tipos de animais, lugares, situações, formas ... os sete orixás que formam a "cuia" de cada pessoa, com as suas mais diversas qualidades, formam entre si, uma combinação matemática, quase que infinita, o que propicia a cada indivíduo, um orixá único, sem outro igual.

Os ORIXÁS - deuses IORUBÁS na África e no Novo Mundo - seriam ancestrais míticos encantados e metamorfoseados nas forças da natureza. Cada indivíduo tem um ORIXÁ principal que é o "dono da cabeça", e outros três que exigem cultua cão e que também oferecem proteção. A tradição afirma que cada ser humano, no momento em que é criado, escolhe livremente sua cabeça (ORI) e seu destino (ODU). Cada pessoa tem uma origem divina, que a liga a uma divindade específica. Esta parte divina é situada dentro da cabeça. A substância de origem divina (IPORI) torna manifesta a filiação a um deus específico - o ELEDÁ, por isso chamado o dono da cabeça. Conhecer seu ELEDÁ possibilita ao homem ser artífice de seu próprio destino, cumprindo as obrigações ou Interdições que seu ORIXÁ determina.

Saber manipular tais influências equivale ao conhecimento do horóscopo natal com as melhoras de vida, que se pode obter sabendo ouvir os astros. O "dono da cabeça" (ELEDÁ) determina o tipo psicológico de seu filho e responde, também, por suas características físicas e seu destino. Tradicionalmente, sabe-se qual o ORIXÁ da cabeça, pela leitura de búzios - forma divinatória na qual se lê o ODU. Para isso, usa-se búzio africano (CAURI) previamente preparado para esse fim. Voltaremos, após uma visão geral da estrutura do CANDOMBLÉ, aos ORIXÁS e tipos psicológicos.

ORIXÁS POUCO CULTUADOS:

AAAJÁ : Está ligado à floresta, é aquela que ensina o uso das ervas.

ABÉ : É cultuado na Casa Grande das Almas das Minas, no Maranhão, é irmã gêmea de BADÉ, no Jêje é chamado de AGBÈ.

AFÉFÉ : Deusa dos ventos, Deusa Yorubá. Se relaciona com Oyá.

AFOMAN: Deus da varíola, responsável pelas epidemias.

AJÉ XALUGÃ : O escolhido de Olorum, representa riqueza e sucesso. Quando grande soma de dinheiro tem que ser obtida é feito apelo à este Orixá.

AJÁ : É um Orixá que comenda o vento e possui uma força extraordinária. As pessoas desse Orixá fazem sacrifícios de animais e festejos separados dos demais.

AGEMÓ : É um tipo de Orixá comum entre Ijébû e Agoiwóye.

AZAMODÔ : Cultuado no Jêje. No seu dia é realizada uma grande festa (6 de Janeiro). Nessa festa, todos os iniciados devem usar roupa branca. As mulheres trazem na cabeça travessas e gamelas de barro repletas de frutas, que são colocadas nos pés das árvores correspondentes. Todos devem comer frutas. Não há sacrifício de animais.

APAOKÁ : Orixá que tem o seu corpo em forma de árvore, é o senhor da jaqueira. Segundo algumas lendas gerou Oxossi. É muito confundido com Irôko.

AXABÓ : Orixá feminino da família de Xangô, usa vestimentas nas cores vermelho e branco (podendo ser estampado). Usa sempre pano da costa. Traz na mão uma lira.

AÍZA : É o vodum da morte. O seu assentamento é enterrado o mais fundo possível, ou tapado com cimento, de forma que ninguém tenha acesso. Esta entidade também protege aqueles que trabalham no comércio, seu assentamento é fundamentado com sangue humano. Seu ferro é uma foice.

AFREKUETÊ : ou AWEREKUETÊ. Deus da abertura dos caminhos, divindade africana, cujo culto é mais freqüente no Jêje. Tem ligação com Kevioso.

AIDOVEDÔ : Pertence ao culto da Dã.

AKONKORÊ : É assentado na cajazeira sagrada. Cultuado na Casa Grande das Minas do Maranhão.

AKÔSSAPATÁ : No nosso culto corresponde a Sakpatá.

BAIANNI ou BANHANI : Tem ligação com Xangô. Suas vestimentas são parecidas com a de Xangô, traz também um adé de búzios, de modo que fica desproporcional com a cabeça do Iaô.

BADÉ : Ele é o filho de Sogbo. É considerado príncipe. Usa roupa colorida com predominância de branco e vermelho, usa também um gorro na cabeça.

BALUFON ou BALUFAN : deus inventor da tecelagem.

BOSSÚKO ou POSSÚ : Pertence a família chamada Dambirá, ligada à terra. É muito perigoso.

DOSÚ ou DOSÚPE : Pertence à família dos antepassados.

YAMI OXORONGÁ : É um Orixá terrível ao qual devemos o máximo de respeito. Sua representação na África é através de um pássaro africano. YAMI emite sons assustadores, de onde vem o seu nome. Ao se falar nesse Orixá deve-se fazer reverência. Como dona da barriga humana ela é terrível em suas cobranças. É considerada uma bruxa e um pássaro ao mesmo tempo, seu símbolo é uma coruja.

Iyami Oshorongá é o termo que designa as terríveis ajés, feiticeiras africanas, uma vez que ninguém as conhece por seus nomes. As Iyami representam o aspecto sombrio das coisas: a inveja, o ciúme, o poder pelo poder, a ambição, a fome, o caos o descontrole. No entanto, elas são capazes de realizar

grandes feitos quando devidamente agradadas. Pode-se usar os ciúmes e a ambição das Iyami em favor próprio, embora não seja recomendável lidar com elas.

O poder de Iyami é atribuído às mulheres velhas, mas pensa-se que, em certos casos, ele pode pertencer igualmente a moças muito jovens, que o recebem como herança de sua mãe ou uma de suas avós.

Uma mulher de qualquer idade poderia também adquiri-lo, voluntariamente ou sem que o saiba, depois de um trabalho feito por alguma Iyami empenhada em fazer proselitismo.

Existem também feiticeiros entre os homens, os oxô, porém seriam infinitamente menos virulentos e cruéis que as ajé (feiticeiras).

Ao que se diz, ambos são capazes de matar, mas os primeiros jamais atacam membros de sua família, enquanto as segundas não hesitam em matar seus próprios filhos. As Iyami são tenazes, vingativas e atacam em segredo. Dizer seu nome em voz alta é perigoso, pois elas ouvem e se aproximam para ver quem fala delas, trazendo sua influência.

Iyami é freqüentemente denominada eleyé, dona do pássaro. O pássaro é o poder da feiticeira; é recebendo-o que ela se torna ajé. É ao mesmo tempo o espírito e o pássaro que vão fazer os trabalhos maléficis.

Durante as expedições do pássaro, o corpo da feiticeira permanece em casa, inerte na cama até o momento do retorno da ave. Para combater uma ajé, bastaria, ao que se diz, esfregar pimenta vermelha no corpo deitado e indefeso. Quando o espírito voltasse não poderia mais ocupar o corpo maculado por seu interdito.

Iyami possui uma cabaça e um pássaro. A coruja é um de seus pássaros. É este pássaro quem leva os feitiços até seus destinos. Ele é pássaro bonito e elegante, pousa suavemente nos tetos das casas, e é silencioso.

"Se ela diz que é pra matar, eles matam, se ela diz pra levar os intestinos de alguém, levarão".

Ela envia pesadelos, fraqueza nos corpos, doenças, dor de barriga, levam embora os olhos e os pulmões das pessoas, dá dores de cabeça e febre, não deixa que as mulheres engravidem e não deixa as grávidas darem à luz.

As Iyami costumam se reunir e beber juntas o sangue de suas vítimas. Toda Iyami deve levar uma vítima ou o sangue de uma pessoa à reunião das feiticeiras. Mas elas têm seus protegidos, e uma Iyami não pode atacar os protegidos de outra Iyami.

Iyami Oshorongá está sempre encolerizada e sempre pronta a desencadear sua ira contra os seres humanos. Está sempre irritada, seja ou não maltratada, esteja em companhia numerosa ou solitária, quer se fale bem ou mal dela, ou até mesmo que não se fale, deixando-a assim num esquecimento desprovido de glória. Tudo é pretexto para que Iyami se sinta ofendida.

Iyami é muito astuciosa; para justificar sua cólera, ela institui proibições. Não as dá a conhecer voluntariamente, pois assim poderá alegar que os homens as transgridem e poderá punir com rigor, mesmo que as proibições não sejam violadas. Iyami fica ofendida se alguém leva uma vida muito virtuosa, se alguém é muito feliz nos negócios e junta uma fortuna honesta, se uma pessoa é por demais bela ou agradável, se goza de muito boa saúde, se tem muitos filhos, e se essa pessoa não pensa em acalmar os sentimentos de ciúme dela com oferendas em segredo. É preciso muito cuidado com elas. E só Orunmilá consegue acalmá-la.

Fonte: As Senhoras do Pássaro da Noite

IYA : É uma Deusa cultuada pelos negros da nação Grunci. O assentamento dessa deusa é feito em um tanque, com conchas e caramujos, além de quartinhas de porcelana.

LISSA : É considerado Vodun pertence a família do raio.,

MAWU : Possui uma parte feminina e outra masculina, o seu par feminino é LISSA. Para alguns as duas partes são gêmeas, uma corresponde à Lua outra ao Sol, filhos de uma divindade suprema ANABIOLÁ.

POLIBOZI : Vodun cultuado na Casa Grande das Minas, no Maranhão, cujo pai é Sakpatá.

JOKÉN : Deuses jovens que servem de guias abrindo caminhos para outros Voduns mais velhos passarem. Cultuado no Jêje.

IMOLÉ : É uma entidade sobrenatural que representa os mortos e os ancestrais. São representados por pequenos montes de terra e é batendo a terra que devem ser invocados.

ONILÊ :É um irunmolé cultuado pelos sacerdotes de Eguns. É a primeira entidade a receber as oferendas nas obrigações.É uma entidade sobrenatural, pois representa os mortos e os ancestrais. Usa-se montículos de terra para representa-lo e é batendo ritualmente na terra que devem ser invocados os mortos.

YEBURU ou YE-BI-IRU : Mãe de todos os Orixás. É a mulher de Orumilá, cuja ligação concebeu Exu Elegbara.

YAMASE : É a mãe de Xangô, a esposa de Oranmian ou Araniyan.

BABA EGUN

Òya teve nove filhos, uns dizem que foi com Ògún, outro foi com Xàngó, oito nasceram mudos e o último nasceu um Egun e graças aos sacrifícios recomendados por Ifá, nasceu com o poder de falar com voz estranha e sobre natural, chamada Segi, que imita a voz do macaco africano chamado Ijimaré, macaco que é consagrado aos Èrés.

- 1. IMALEGÃ** - Nasceu no primeiro dia do Ebó Ykù, arrancado do ventre de Òya pelas Ìyámi, e foi envolvido em abanos.
- 2. IORUGÃ** - Foi envolvido na palha seca e alimentado com talos de bananeira. Nasceu com a vaidade de Òya e é o preferido.
- 3. AKUGÃ** - Nasceu no terceiro dia da tempestade e foi criado nas touceiras de bambu. É rebelde. Não se deve tocar no chão do bambuzal.
- 4. URUGÃ** - Alimenta-se das folhas da bananeira e esconde-se nas florestas. Faz buracos.
- 5. OMORUGÃ** - Alimenta se do pó do bambu que está caído no chão. Vive no milharal e fica escondido no milharal observando os seres humanos.
- 6. DEMÓ** - Òya cobriu-o de lama para saber o segredo dos seus inimigos. Usa pele de búfalo para acompanhar òxóòsi.
- 7. REIGÃ** - Acompanha os mortos e ronda os cemitérios. Esconde nas grandes árvores do cemitérios e ronda as sepulturas a procura de objetos perdidos ou esquecidos pelas pessoas.
- 8. HEIGÃ** - É violento e vive perseguindo o Ori do ser humano. Propicia desastres e desordens.
- 9. EGUN EGUN** - Filho de Xàngó. Òya preparou-o para combater. Ele se apossa do ser humano, fazendo cometer desatinos

ALGUNS BABA EGUNS QUE VEM NOS CAMINHOS DOS ORIXÁS

BABA EGUN LAPORIÓ - Este Baba Egun vem nos caminhos de Exú. É um egun muito perigoso quando não cultuado de acordo com suas vontades e fundamentos é trabalhador, gosta de limpar os caminhos das pessoas, tira doenças e feitiços. Costuma trazer sorte nas loterias.

BABA EGUN SENGRE - Este Baba Egun vem pelos caminhos de Ogún, muito guerreiro e não foge a uma luta para tirar seus protegidos das perseguições, ajudam muito os militares, policiais desde que estejam corretos, quando se zanga pode colocar pessoas na cadeia quando estas cometem atos incorretos.

BABA EGUN OKIN - Este Baba Egun vem nos caminhos de Òxóósi, traz fartura é caçador, gosta de ser bem tratado, gosta de comer espigas de milho enfeitadas com fitas coloridas, mingau de farinha de acaçá doce, frutas doces, acaçás passados no açúcar cristal; seu axó é feita do couro do leopardo.

BABA EGUN BAKABAKA - Este Baba Egun vem nos caminhos de Omolú, quando bem tratado gosta de tirar as moléstias das pessoas, pragas, perseguições de quiúmbas e quando aborrecido traz doenças é muito feiticeiro costuma tirar as feitiçarias de todos aqueles que lhe pedem.

BABA EGUN ALAMPALÁ - Este Baba Egun vem pelos caminhos de Òya e Obaluawe, traz muita prosperidade, gosta de participar dos ebós, abre caminhos e vence demandas. Quando se da comida a ele costuma aparecer um vento tipo rodaminho marcando a sua presença. É carregador de ebó e acorrenta os quiúmbas que costumam perseguir às pessoas.

BABA EGUN XEMBÉ - Este Baba Egun vem nos caminhos de Oxumarê, traz riquezas, progressos, dar intuições artísticas, livra quem lhe pede ajuda das traições. Quando come as pessoas costumam ouvir o sibilar da cobra.

BABA EGUN BAMBUXÊ ADINÔMODO - Este Baba Egun vem pelos caminhos de Xangô, livra as pessoas de problemas de justiça e das injustiças que aparecem no dia a dia da vida de cada ser humano. Ajuda os políticos e pune quem não cumpre corretamente seus afazeres dentro da política e da justiça. É muito bom quando bem tratado.

BABA EGUN OMITODÔ - Este Baba Egun vem nos caminhos de Iyemonjá, também se ouve falar que vem nos caminhos de Osún. Protege contra enchentes e maremotos, quando bem tratado

costuma trazer riquezas, esse Baba egun protege os viajantes por mar. Quando come o mar fica agitado.

AXEXÊ

A morte para nós espíritas é transitória, episódica, porque o termo morrer, não tem grande sentido, pois nós somos conscientes que ela representa apenas um pulo de uma vida para outra, cujo mistério e segredos só Oxalá é sabedor.

Só que cabe lembrar que para os iniciados no culto dos Orixás, temos que passar por um grande ritual para dar caminho ao Egun para que ele seja encaminhado ao seu destino que lhe foi reservado e somente através deste ritual é que se poderá ter contato com o Egun e saber a direção que ele vai tomar.

Uma delas é saber se ele quer ser despachado ou quer ser assentado para ajudar todos que ficaram para dar continuidade ao barracão.

Entramos numa parte do santo muito séria que é o culto a Baba Egun, onde tem que se ter um grande conhecimento e ter cargo dado pelo santo, pois do contrário irá por em risco a sua vida e a dos outros. O culto a Egun não pertence a ninguém mas se tem que ter um grande respeito, porque o egun não é a morte, mas contém a morte por isso ter muito cuidado para não atrair Ikú.

Todas as casas de Santo tem por obrigação de ter seu Lessen (local onde fica os ojobó dos eguns, Onilé, Ikú, Òya Balé, Bara Elerú e Ossanhe que é guardião da floresta de Ikú) para segurança do zelador e de todos que freqüentam a roça e também para poderem fazer os cerimoniais fúnebres que são restritos e sérios.

O ritual é perigoso para quem não está capacitado para tal poderá ter conseqüências com o risco da própria vida.

O sacerdote feito no santo não estará completo se não tiver conhecimento dessa parte.

A roça sendo própria do zelador a situação fica mais fácil para análise perante o Asé. O jogo de Yfá dará toda orientação necessária ao responsável pela obrigação, e a palavra do Egun, será ouvida para que ele determine quem será o sucessor que assumirá o destino da casa de santo. No meu conhecimento acho uma falta de conhecimento do zelador que em vida diz que não vai querer que façam o Axexê quando eles partirem. Isto não é correto e contraria toda a liturgia do candomblé pregadas. a todos ensinamentos deixado pelos nossos ancestrais. O que mais me indigna é que alguns filhos de santo não dão valor à este acervo cultural, limitando-se apenas que são feitos, mas não vão as casas de santo ajudar seus zeladores nem para visitar, quando está precisando de ajuda, ou quando a casa esta em função, perdendo com isto a oportunidade de participar e aprender e até mesmo assistir quem sabe, a uma obrigação com orô raro, que muitas das vezes só irá se repetir-se anos depois, e aí, o filho perdeu o bonde da história, e não aprendeu no seu próprio Asé os fundamentos das obrigações que foram realizadas.

Para quem não interessa isto nada afeta, porém para aqueles filhos que só se lembram do seu Asé quando lhes convém catar, vai um lembrete, que ao zelador também é reservado o direito de abrir as portas para quem o acompanha nos bons e maus momentos, e não os turistas, que nunca chegam juntos, que não compartilham com os demais, que estão na roça ralando para aprender.

Falarei agora sobre o procedimento do zelador quando está com um filho enfermo, muito mal mesmo. O que se faz normalmente é arriar o Ybá do santo do pepelê e coloca-lo sob água. Se for Yabá colocamos água dentro da tirrina, e se for Aboró com asentamentos de Ybá, de massa devemos colocá-lo dentro de uma bacia com água, arriamos um ebô, até que se defina a situação.

Em hipótese nenhuma devemos fazer sacrifício animal em casos como esses, temos que ter paciência e fé, e somente esperar, nada mais.

Acontecendo a recuperação do enfermo, ficando ele fora de perigo, suspendemos o santo para o pepelê, despachamos aquela água e o ebô, e a vida segue em frente, fazendo uma limpeza em regra na casa de santo, e aí sim ,pode se pensar em fazer um jogo e pedir permissão para dar comida de Injé aos Orixás.

Mas como estou falando da morte após o falecimento, despacha-se a água do Ybá na casa de Egun e o ebô , é carregado para ser despachado num rio.

Para melhor esclarecimento, supondo que o falecimento foi o zelador ou a zeladora o procedimento é o seguinte:

Arreiam-se todos os seus assentamentos, juntamos todos os seus pertences e colocamos tudo na casa de Egun(Ilê Ybô Akú) arrumado provisoriamente até a chegada do zelador que vai dar início às obrigações que antecedem o Asese.

A manutenção desses fundamentos secretos só é feito com pessoas altamente capacitadas, longe dos leigos.

O VELÓRIO

O velório do zelador deverá ser feito no barracão onde ele passou a maior parte de sua vida espiritual, ao lado do deus Ybás, e dos filhos do Asé.

Todos os filhos da casa do falecido, deverão estar de branco, sendo que as mulheres, com suas roupas simples, sem brilho nenhum, sem anáguas, sem pinturas nenhuma, com seus ojas de cabeça sem orelhas, e com uma conta de Xangô somente.

Os homens deverão estar de calça, camisa, uma conta de Xangô, e os Ogans além disto um Eketé. Todos deverão usar contra Egun e as mulheres, umbigueiras e um detalhe importante, todos tem que estar descalços.

Neste período do velório que serão feitas as obrigações do Ori do Egun, por quem de direito, acompanhado pelos seus Ogans.

ACOMPANHAMENTO COMO DAR ENTRADA NO YBALÉ

CEMITÉRIO

A saída do corpo deverá ser feita após a encomendação do Egun, e entre outros detalhes, tem Orô especial para isto.

Quando chegar no Ybalé, os Ogans da casa, e outros também que são amigos, colocam o caixão nos ombros e ao passar o portão principal é levantado e isto, todos cantando as louvações corretas para entrada e acompanhamento.

Ultrapassada a entrada principal, os Ogans abaixam o caixão do ombros e os levam pelas mãos segurando pelas alças.

Em cada encruzilhada do Ybalé que passar, tem que parar e dar uma embaladinha para frente e para trás três vezes, e aí são trocados os Ogans em cada uma, até chegar a sepultura.

No sepultamento deverá ser o caixão ser coberto por uma toalha branca, deverá ser derramado sobre ele, Deburú, Ebô, Acaças, Ekurus, e os atins de Oxalá, além das flores que ficam a critério da família.

Após o sepultamento nos tempos da antiga os filhos do terreiro voltavam todos para a roça para dar início aos preparativos para o ritual do Ase, que começava no mesmo dia do sepultamento.

Bom isto é nos tempos idos realmente, porque atualmente não é possível este procedimento devido ao alto custo de vida, não cedendo margem para viabilizar a obrigação.

O que se faz hoje é uma lista de ajuda, para ser passada aos membros da casa, clientes, no sentido de angariar fundos para enfrentar as despesas decorrentes da cerimônia fúnebre.

Aí então, será marcado o dia do início e se avisa a toda comunidade do Egbé para que compareça ao cerimonial.

MATERIAIS PARA MONTAGEM DO ASESE

Os materiais usados no Ase variam de nação para nação, e aos queridos irmãos que muito embora digamos que Egun não tem nação, isto é verdade, não obstante, os rituais são diferentes embora, usemos mais ou menos as mesmas coisas.

MATERIAIS PARA MONTAGEM DO YBALÉ

No Ybalé que é montado para início da obrigação, nós reunimos todos os pertences do morto, todos os Ybás de Santo, e tudo isto obedece a um ritual de profundidade.

COMIDA PARA O POVO

A comida a ser servida para o pessoal que está participando das obrigações é o peixe ou outras iguarias oriundas do mar, como bacalhau, camarão etc. Não usando peixe, pode ser feito arroz com salada, macarrão, enfim tudo o que puder sem levar nada de carne animal.

TEMPO DE DURAÇÃO DO ASESE

Se for zelador com casa de santo aberta, o tempo de duração é de 7 dias. Ebomis com obrigação de sete anos também são sete dias. Se for Yawó com um ano, o tempo é de um dia, se for Yawó de três anos, o tempo é de três dias. Ogans, Ekedy, Obás em quaisquer situação são sete dias.

Yawôs ou qualquer vodunssi sem obrigação tenha ele quantos anos tiver tem direito ao menos a um dia de Ase.

INDUMENTÁRIA

Como todos sabem o branco representa o luto de Oxalá, e representa a paz, na nossa religião o branco para essa obrigação é uniforme geral para quem vem assistir.

As senhoras usam saias, camisa, calção, pano da costa, ojú de cabeça. Os detalhes é que não usam anáguas, e nem roupas brilhosas, orelhas nos ojás e bata.

Quanto a bata, só poderão usá-las as Yalorisás de outros Asés e a zeladora da casa, se for o caso.

RITUAL DAS DANÇAS

Sabemos que o Candomblé e todo ele é ritmado e a cerimônia de Asese é também tocada pelos potes e cabaças, que através dos Ogans, são encontrados os cânticos sagrados de louvação ao espírito do falecido. Esses cânticos são lamentos, rezas e orações que propiciam o encaminhamento do Egun, viabilizando o seu desligamento das coisas terrenas. Os primeiros dias são de uma presença marcante, porque ele ainda não entendeu o seu passamento.

Quando o falecimento é normal torna-se mais fácil, porém quando o falecimento é ocasionado por acidente, crime ou qualquer outra situação traumática, a aceitação é muito mais demorada.

Esta é a razão por quê se faz o Asese de mês, três meses, seis meses, ano, três anos, sete anos, quatorze anos e vinte um anos. Este caso são para Babalorixás e Yalorixás que tiveram vidas muito ativas em suas casas quando eram vivas.

O ritual das danças nativas obedece a uma ordem rígida ao que se refere ao ritual, apelidado de tirar o pé de Egun isto quer dizer que a Yalorixá ou o Babalorixá mais velho é quem vai dançar primeiro lugar. A ordem é do mais velho para o mais novo, e quando esses estão dançando, os demais colocam as mãos para o alto no sentido de orar a pessoa, bem como transmitir uma energia positiva e forte para fila.

Neste andamento uns vão trocando de pessoas na frente do Ibalé, e colocando em suas mãos moedas, que são adquiridas com os Ogans. A troca de moedas correntes trata-se de um ebó que esta sendo passado. Visto que o dinheiro anda em tudo que é lugar e troca de mãos em mãos em bons e maus ambientes do planeta. Os antigos aproveitam este dinheiro adquirido, no decorrer dos dias, para ajudar a pagar a missa de sétimo dia do Egun.

IVOCAÇÃO DE EGUNGUN

BABA Egun lase se inse Ikú alura

Kodun Kodun a sagan nungan

Ikú adere Ikú sudan Dan nungan

Se inse Baba ope iwo iwo

Egun etileriwo.To ko Bibiwa

Maria womokokan totopé Iriwa

Ogun Alura-Egun-Atopé

Egun Igigi dagolonan sata Kadukan,

Di Intoto Kukan Kotoyo Kudan

Kotoyo Ese e Kotoyo Sande

PARA TRAZER O BABA EGUN AO OJUBÓ

BABA Egun min Dide min tie Baba

Ye omon Korin oná Ikúo. Emi Onilé

Igabaré Baba, Baba Alaye Aye Baba

Adupé Akoda Ikú Onã.

Nas mais diferentes culturas, a concepção religiosa da morte está contida na própria concepção da vida e ambas não se separam. Os iorubás e outros grupos africanos que formaram a base cultural das religiões afro-brasileiras acreditam que a vida e a morte alternam-se em ciclos, de tal modo que o morto volta ao mundo dos vivos, reencarnando-se num novo membro da própria família. São muitos os nomes iorubás que exprimem exatamente esse retorno, como Babatundê, que quer dizer O-pai-está-de-volta.

Para os iorubás, existe um mundo em que vivem os homens em contato com a natureza, o nosso mundo dos vivos, que eles chamam de *aiê*, e um mundo sobrenatural, onde estão os orixás, outras divindades e espíritos, e para onde vão os que morrem, mundo que eles chamam de *orum*. Quando alguém morre no *aiê*, seu espírito, ou uma parte dele, vai para o *orum*, de onde pode retornar ao *aiê* nascendo de novo. Todos os homens, mulheres e crianças vão para um mesmo lugar, não existindo a idéia de punição ou prêmio após a morte e, por conseguinte, inexistindo as noções de céu, inferno e purgatório nos moldes da tradição ocidental-cristã. Não há julgamento após a morte e os espíritos retornam à vida no *aiê* tão logo possam, pois o ideal é o mundo dos vivos, o bom é viver. Os espíritos dos mortos ilustres (reis, heróis, grandes sacerdotes, fundadores de cidades e de linhagens) são

cultuados e se manifestam nos festivais de *egungum* no corpo de sacerdotes mascarados, quando então transitam entre os humanos, julgando suas faltas e resolvendo as contendas e pendências de interesse da comunidade.

O papel do ancestral *egungum* no controle da moralidade do grupo e na manutenção do equilíbrio social através da solução de pendências e disputas pessoais, infelizmente, não se reproduziu no Brasil. Embora o culto ao *egungum* tenha sido reconstituído na Bahia em uns poucos terreiros especializados, o candomblé de *egungum* da ilha de Itaparica (Braga, 1992), mais tarde também presente na cidade de Salvador e em São Paulo, está muito distante da prática diária dos candomblés de orixás e praticamente divorciados da vida na sociedade profana, perdendo completamente as funções sociais africanas originais, de tal modo que a religião africana no Brasil, disseminada pelos terreiros de orixás, acabou por se constituir numa religião estritamente ritual, uma religião a-ética, uma vez que seus componentes institucionais de orientação valorativa e controle do comportamento em face de uma moralidade coletiva exercitada nos festivais dos antepassados *egunguns* ausentaram-se completamente da vida cotidiana dos seguidores da religião dos orixás.

O ideal iorubá do renascimento é as vezes tão extremamente exagerado, que alguns espíritos nascem e em seguida morrem somente pelo prazer de rapidamente poder nascer de novo. São os chamados *abicus* (literalmente, nascido para morrer), que explicam na cultura iorubá tradicional as elevadas taxas de mortalidade infantil. Em geral, um *abiku* renasce seguidamente do útero da mesma mãe. Quando uma criança é identificada como sendo um *abiku*, muitos são os ritos ministrados para impedir sua morte prematura. Assim como a sociedade *Egungum* cultua os antepassados masculinos do grupo (Babayemi, 1980), outra sociedade de mascarados, a sociedade *Gueledé*, celebra a mães ancestrais, às quais cabe também zelar pela saúde e vida das crianças, inclusive os *abicus* (Lawal, 1996). Os festivais *Gueledé* não sobreviveram no Brasil (segundo o Professor Agenor Miranda Rocha, em consequência de disputas, no começo do século, entre lideranças do candomblé da Casa Branca do Engenho Velho, que provocaram a cisão do grupo e fundação do Axé Opô Afonjá por Mãe Aninha Obá Bifí). Também não sobreviveu integralmente a idéia de *abiku* e o termo passou a designar, em muitos candomblés, as pessoas que são consideradas como tendo nascido já iniciadas para o orixá a que pertencem, não devendo, assim, ser raspadas, como devem ser os demais que se iniciam na religião. A maneira fragmentária como a religião africana foi se reconstituindo no Brasil implicou, claramente, em acentuadas mudanças nos conceitos de vida e morte, mudanças que vão afetar o sentido de certas práticas rituais, especialmente quando sofrem a concorrência de ritos católicos e de concepções ensinada pela Igreja.

A tradição cristã ensina que o ser humano é composto de corpo material e espírito indivisível, a alma. Na concepção iorubá, existe também a idéia do corpo material, que eles chamam de *ara*, o qual com a morte decompõe-se e é reintegrado à natureza, mas, em contrapartida, a parte espiritual é formada de várias unidades reunidas, cada uma com existência própria. As unidades principais da parte espiritual são 1) o sopro vital ou *emi*, 2) a personalidade-destino ou *ori*, 3) identidade sobrenatural ou identidade de origem que liga a pessoa à natureza, ou seja, o *orixá pessoal* e 4) o espírito propriamente dito ou *egum*. Cada parte destas precisa ser integrada no todo que forma a pessoa durante a vida, tendo cada uma delas um destino diferente após a morte. O *emi*, sopro vital que vem de Olorum e que está representado pela respiração, abandona na hora da morte o corpo material, fabricado por Oxalá, sendo reincorporado à massa coletiva que contém o princípio genérico e inesgotável da vida, força vital cósmica do deus-primordial Olodumare-Olorum. O *emi* nunca se perde e é constantemente reutilizado. O *ori*, que nós chamamos de cabeça e que contém a individualidade e o destino, desaparece com a morte, pois é único e pessoal, de modo que ninguém herda o destino de outro. Cada vida será diferente, mesmo com a reencarnação. O *orixá individual*, que define a origem mítica de cada pessoa, suas potencialidades e tabus, origem que não é a mesma para todos, como ocorre na tradição judaico-cristã (segundo a qual todos vêm de um único e mesmo deus-pai), retorna com a morte ao orixá geral, do qual é uma parte infinitésima. Finalmente, o *egum*, que é a própria memória do vivo em sua passagem pelo *aiê*, que representa a plena identidade e a ligação social, biográfica e concreta com a comunidade, vai para o *orum*, podendo daí retornar, renascendo no seio da própria família biológica. Quando se trata de alguém ilustre, os vivos podem cultuar sua memória, que pode ser invocada através de um altar ou assentamento preparado para o *egum*, o espírito do morto, como se faz com os orixás e outras entidades espirituais. Sacrifícios votivos são oferecidos ao *egum* que integra a linhagem dos ancestrais da família ou da comunidade mais ampla. Representam as raízes daquele grupo e são a base da identidade coletiva.

Na África tradicional, dias depois do nascimento da criança iorubá, realiza-se a cerimônia de dar o nome, denominada *ekomojadê*, quando o babalaô consulta o oráculo para desvendar a origem da criança. É quando se sabe, por exemplo, se se trata de um ente querido renascido. Os nomes iorubás sempre designam a origem mítica da pessoa, que pode referir-se ao seu orixá pessoal, geralmente o orixá da família, determinado patrilinearmente, ou à condição em que se deu o nascimento, tipo de gestação e parto, sua posição na seqüência dos irmãos, quando se trata, por exemplo daquele que

nasce depois de gêmeos, a própria condição de *abicu* e assim por diante. A partir do momento do nome, desencadeia-se uma sucessão de ritos de passagem associados não só aos papéis sociais, como a entrada na idade adulta e o casamento, mas também à própria construção da pessoa, que se dá através da integração, em diferentes momentos da vida, dos múltiplos componentes do espírito. Com a morte, estes ritos são refeitos, agora com a intenção de liberar essas unidades espirituais, de modo que cada uma delas chegue ao destino certo, restituindo-se, assim, o equilíbrio rompido com a morte. No Brasil, nas comunidades de candomblé e demais denominações religiosas afro-brasileiras que seguem mais de perto a tradição herdada da África, a morte de um iniciado implica a realização de ritos funerários. O rito fúnebre é denominado *axexê* na nação queto, *tambor de choro* nas nações mina-jeje e mina-nagô, *sirrum* na nação jeje-mahim e no batuque, *ntambi* ou *mukundu* na nação angola, tendo como principais fins os seguintes: 1) desfazer o assentamento do *ori*, que é fixado e cultuado na cerimônia do *bori*, cerimônia que precede o culto do próprio orixá pessoal; 2) desfazer os vínculos com o orixá pessoal para o qual aquele homem ou mulher foi iniciado, o que significa também desfazer os vínculos com toda a comunidade do terreiro, incluindo os ascendentes (mãe e pai-de-santo), os descendentes (filhos-de-santo) e parentes-de-santo colaterais; e 3) despachar o *egum* do morto, para que ele deixe o *aiê* e vá para o *orum*. Como cada iniciado passa por ritos e etapas iniciáticas ao longo de toda a vida, os ritos funerários serão tão mais complexos quanto mais tempo de iniciação o morto tiver, ou seja, quanto mais vínculos com o *aiê* tiverem que ser cortado (Santos, 1976). Mesmo o vínculo com o orixá, divindade que faz parte do *orum*, representa uma ligação com o *aiê*, pois o assentamento do orixá é material e existe no *aiê*, como representação de sua existência no *orum*, ou mundo paralelo. Mesmo um *abiã*, o postulante que está começando sua vida no terreiro e que já fez o seu *bori*, tem laços a cortar, pois seu assento de *ori* precisa ser despachado, evidentemente numa cerimônia mais simples.

Em resumo, podemos dizer que a seqüência iniciática por que passa um membro do candomblé, xangô, batuque ou tambor de mina (*bori*, feitura de orixá, obrigações de um, três e cinco anos, *decá* no sétimo ano, obrigações subseqüentes a cada sete anos) representa aprofundamento e ampliação de laços religiosos, quando novas responsabilidades e prerrogativas vão se acumulando: com a mãe ou pai-de-santo, com a comunidade do terreiro, com filhos-de-santo, com o conjunto mais amplo do povo-de-santo etc. Com a morte, tais vínculos devem ser desfeitos, liberando o espírito, o *egum*, das obrigações para com o mundo do *aiê*, inclusive a religião. O rito funerário é, pois, o desfazer de laços e compromissos e a liberação das partes espirituais que constituem a pessoa. Não é de se admirar que, simbolizando a própria ruptura que tal cerimônia representa, os objetos sagrados do morto são desfeitos, desagregados, quebrados, partidos e despachados.

O termo *axexê*, que designa os ritos funerários do candomblé de nação queto e outras variantes de origem iorubá e fom-iorubá, ou jeje-nagô, como são mais conhecidas, é provavelmente uma corruptela da palavra iorubá *àjèjé*. Em terras iorubás, por ocasião da morte de um caçador, era costume matar-se um antílope ou outra caça de quatro pés como etapa do rito fúnebre. Uma parte do animal era comida pelos parentes e amigos do morto, reunidos em festa em homenagem ao defunto, enquanto a outra parte era levada ao mato e oferecida ao espírito do falecido caçador. Juntamente com a carne do animal, depositavam-se na mata os instrumentos de caça do morto. A este *ebó* dava-se o nome de *àjèjé* (Abraham, 1962: 38). O *axexê* que se realiza no candomblé brasileiro pode ser pensado como um grande *ebó*, com a oferenda, entre outras coisas, de carne sacrificial ao espírito do morto, e no qual se juntam seus objetos rituais.

Sendo o candomblé uma religião de transe, várias divindades participam ativamente do rito funerário, especialmente os orixás associados à morte e aos mortos, ocupando Oiá ou Iansã lugar de destaque. Iansã é considerada o orixá encarregado de levar os mortos para o *orum*, atribuindo-se a ela o patronato do *axexê*, conforme mito narrado por Mãe Stella Odé Kaiodé, ialorixá do Axé Opô Afonjá, que resume bem a idéia do *axexê* como cerimônia de homenagem ao morto.

Assim diz o mito:

Vivia em terras de Queto um caçador chamado Odulecê.

Era o líder de todos os caçadores.

Ele tomou por sua filha uma menina nascida em Irá, que por seus modos espertos e ligeiros foi conhecida por Oiá.

Oiá tornou-se logo a predileta do velho caçador, conquistando um lugar de destaque entre aquele povo.

Mas um dia a morte levou Odulecê, deixando Oiá muito triste.

A jovem pensou numa forma de homenagear o seu pai adotivo.

Reuniu todos os instrumentos de caça de Odulecê e enrolou-os num pano.

Também preparou todas as iguarias que ele tanto gostava de saborear.

Dançou e cantou por sete dias,

espalhando por toda parte, com seu vento, o seu canto,
fazendo com que se reunissem no local todos os caçadores da terra.
Na sétima noite, acompanhada dos caçadores,
Oiá embrenhou-se mata adentro
e depositou ao pé de uma árvore sagrada
os pertences de Odulecê.
Nesse instante, o pássaro "agbé" partiu num vôo sagrado.

Olorum, que tudo via,
emocionou-se com o gesto de Oiá-Iansã
e deu-lhe o poder de ser a guia dos mortos
em sua viagem para o *Orum*.
Transformou Odulecê em orixá
e Oiá na mãe dos espaços sagrados.
A partir de então, todo aquele que morre
tem seu espírito levado ao *Orum* por Oiá.
Antes porém deve ser homenageado por seus entes queridos,
numa festa com comidas, canto e dança.
Nascia, assim, o ritual do *axexê*. (Santos, 1993: 91).

Também participam do *axexê* os orixás Nanã, Euá, Omulu, Oxumarê, Ogum e eventualmente Obá, não se incluindo, contudo, nesta lista Xangô, que dizem ter pavor de *egum*, conforme narram outros mitos. A seqüência do *axexê* começa imediatamente após a morte, quando o cadáver é manuseado pelos sacerdotes para se retirar da cabeça a marca simbólica da presença do orixá, implantada no alto do crânio raspado durante a feitura, através do *oxo*, cone preparado com *obi* mascado e outros ingredientes e fixado no coro cabeludo sobre incisões rituais. O cabelo nesta região da cabeça é retirado e o crânio lavado com *amassi* (preparado de folhas) e água. Esta lavagem da cabeça inverte simbolicamente o primeiro rito iniciático, quando as contas e a cabeça do novo devoto são igualmente lavadas pela mãe-de-santo. O líquido da lavagem é o primeiro elemento que fará parte do grande despacho do morto.

Depois do enterro, tem início a organização do *axexê* propriamente dito. Ele varia de terreiro para terreiro e de nação para nação. É mais elaborado quando se trata de altos dignitários e depende das posses materiais da família do morto. Genericamente conserva os procedimentos básicos de inversão da iniciação, havendo sempre: 1) música, canto e dança, 2) transe, com a presença pelo menos de Iansã incorporada, 3) sacrifício e oferendas variadas ao *egum* e orixás ligados ritualmente ao morto, sendo sempre e preliminarmente propiciado Exu, que levará o carregado, evidentemente, e os antepassados cultuados pelo grupo, 4) destruição dos objetos rituais do falecido (assentamentos, colares, roupas, adereços etc.), podendo parte permanecer com algum membro do grupo como herança, 5) despacho dos objetos sagrados "desfeitos" juntamente com as oferendas e objetos usados no decorrer da cerimônia, como os instrumentos musicais próprios para a ocasião, esteiras etc. Quando, no final, o despacho é levado para longe do terreiro, tudo juntado num grande balaio, nenhum objeto religioso de propriedade do morto resta no templo. Ele não faz mais parte daquela casa e só futuramente poderá ser incorporado ao patrimônio dos ancestrais ilustres, se for o caso, podendo então ser assentado e cultuado. Por ora, o *egum* está livre para partir. Igualmente, o orixá ou orixás pessoais do falecido já não dispõem de assentos (*ibá-orixá*) no terreiro, tendo portanto seus vínculos desfeitos. O *ori*, que pereceu junto com seu dono, também não mais existe fixado num *ibá-ori* (assentamento). Se algum objeto ou assento foi dado a alguém, ele tem novo dono, para quem é transferida a responsabilidade do zelo religioso. Nada mais é do morto. Nada mais há que o prenda ao terreiro.

Durante o *axexê*, acredita-se que o morto pode expressar suas últimas vontades e para isso o sacerdote que preside o ritual faz uso constante do jogo de búzios. Assim, antes de cada um dos objetos religiosos que lhe pertenceram em vida ser desfeito, rasgado ou quebrado, o oficiante pergunta no jogo se tal peça deve ficar para alguém de seu círculo íntimo. Não é de bom-tom, contudo, deixar de despachar pelo menos grande parte dos objetos. Quando se trata de fundador de terreiro ou outra pessoa de reconhecidos méritos sacerdotais, é costume deixar os assentos de seus orixás principais para o terreiro, os quais passam a ser zelados por toda a comunidade. Não raro, assentos de orixás de mãe e pais de grande prestígio costumam ser disputados por filhos com grande estardalhaço, havendo mesmo relatos de roubos e até de disputas a faca e bala.

O *axexê* é realizado no terreiro em dois espaços: num recinto reservado, preferencialmente uma cabana especialmente construída com galhos e folhas, e no barracão. Na cabana, em que poucos entram, são colocados os objetos do morto, onde são desfeitos, aí se realizando os sacrifícios para os

orixás e para o *egum*. No barracão são celebradas as danças, aí permanecendo os membros do terreiro, os parentes e amigos do finado.

O morto é representado no barracão por uma cabaça vazia, que vai recebendo moedas depositadas pelos presentes, no momento em que cada um dança para o *egum*. Todos devem dançar para o *egum*, como homenagem pessoal. Apesar dos cânticos e danças, o clima da celebração é propositalmente constrito e triste. Os atabaques são substituídos por um pote de cerâmica, do qual se produz um som abafado com uso de leques de palha batidos na boca, e por duas grandes cabaças emborcadas em alquidares com água e tocadas com as varetas *aguidavis*. Os presentes usam tiras da folha do dendezeiro, *mariô*, atadas no pulso, como proteção contra eventual aproximação dos eguns. Todo esse material, ao final, comporá o carregamento do morto. No barracão também é servido o repasto preparado com as carnes do sacrifício, reservando-se aos ancestrais, orixás e egum as partes que contêm *axé*. No quarto reservado, o morto é representado por recipientes de barro ou cerâmica virgens, os quais futuramente podem ser usados para assentar o espírito do falecido juntamente com os demais antepassados ilustres daquela comunidade religiosa, ou despachados.

Por influência do catolicismo, que costuma repetir a missa fúnebre em intervalos regulares, em muitos terreiros o rito do *axexê* é repetido depois de um mês, um ano e a cada sete anos, especialmente quando se trata do falecimento do babalorixá ou ialorixá. Mas a maioria dos iniciados, entretanto, acaba não recebendo sequer um dia de *axexê*. Isto ocorre por falta de interesse da família carnal do morto, muito freqüentemente não participante do candomblé, por dificuldades financeiras, já que é alto o custo da celebração, ou por incapacidade do pessoal do terreiro para officiar a cerimônia. Na melhor das hipóteses, os *otás*, pedras sagradas dos assentamentos, são despachadas com um pouco de canjica, reaproveitando-se todos os demais objetos sagrados.

Hoje, com a grande e rápida expansão do candomblé, o *axexê* parece estar em franca desvantagem com relação às demais cerimônias. Sobretudo em São Paulo, onde o candomblé não completou sequer cinquenta anos, poucos terreiros dispõem de sacerdotes e sacerdotisas capazes de cantar e conduzir o rito fúnebre, obrigando a comunidade, em caso de morte, a se valer dos serviços religiosos de pessoa estranha ao terreiro, que costuma cobrar e cobrar muito caro pelo serviço. Vários adeptos do candomblé, que se profissionalizam como sacerdotes remunerados, especializam-se em *axexê*. São então chamados para a cerimônia quando um terreiro necessita de seus préstimos. Isto, evidentemente, encarece muito a cerimônia, o que acaba por inviabilizá-la na maioria dos casos.

Mesmo quando morre um sacerdote dirigente de terreiro, há grande dificuldade para a realização dos ritos funerários, sobretudo naquelas situações em que a morte do chefe leva ao fechamento da casa, provocada tanto por disputas sucessórias, como por apropriação da herança material do terreiro pela família civil do falecido. Vale lembrar que se pode contar nos dedos os terreiros que, por todo o Brasil, sobreviveram a seus fundadores. Em geral, a família do finado não tem qualquer interesse em realizar o *axexê* e nem está disposta a gastar dinheiro com isso. Por outro lado, pouquíssimos pais e mães-de-santo, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, se dispõem a realizar qualquer tipo de cerimônia sem o pagamento por parte do interessado, mesmo quando o interessado é membro de seu próprio terreiro. Muitos pais e mães-de-santo mantêm terreiros especialmente como meio de vida, de modo que as regras do mercado suplantam em importância e sentido as motivações da vida comunitária.

Ao que parece, o empenho das comunidades de culto na realização dos ritos funerários, na maioria dos casos, é muito reduzido quando comparado com o interesse, esforço e empenho despendidos nos atos de iniciação e feitura, como se, com a morte, pouca coisa mais importasse. Cria-se assim uma situação em que a preocupação em completar o ciclo iniciático vai perdendo importância, alterando-se profundamente, em termos litúrgicos e filosóficos, a concepção da morte e, por conseguinte, a própria concepção da vida. Os conceitos originais africanos de vida e morte vão se apagando e o candomblé vai cada vez mais adotando idéias mais próximas do catolicismo, do kardecismo e da umbanda, criando-se, provavelmente, uma nova religião, que hoje já se esparrama pelas cidades brasileiras a partir de São Paulo e Rio de Janeiro, e que muitos chamam, até pejorativamente, de umbandomblé, em que os *eguns*, que são na concepção iorubá ancestrais particulares de uma específica comunidade, vão perdendo suas características africanas para se transformar em entidades genéricas, não ligadas a nenhuma comunidade de culto em particular, que baixam nos terreiros para "trabalhar", assumindo a justificativa da caridade, ideal e prática cristã-kardecistas que aos poucos vão suplantando os modelos africanos de ancestralidade e seus ideais de culto à origem e valorização das linhagens. Esta nova maneira de pensar a morte e vida por grande parte dos adeptos do candomblé, sobretudo os de adesão mais recente, constitui forte razão para a crescente perda de interesse na realização do *axexê* para todos os iniciados. Com isso, certamente, ganham terreno as concepções e ideais da umbanda e perdem as do candomblé. Isto é o contrário do movimento de africanização⁽¹⁾ e já há muito se

¹ Africanização é o processo de retomada das tradições religiosas africanas iniciado na década de 60 em terreiros de nação de origem iorubá ou nagô. Implica reaprendizado da língua iorubá, recuperação da mitologia e de rituais esquecidos e alterados

constituiu num processo oposto, o da umbandização do candomblé. Sem *axexê*, a feitura de orixá não faz sentido, pelo menos nos termos das tradições africanas que deram origem à religião dos orixás no Brasil. O ciclo simplesmente não se fecha e a repetição mítica, tão fundamental no conceito de vida segundo o pensamento africano, não pode se realizar.

EGUN	TAQUARAÇU; QUIXAMBEIRA; AMOREIRA; ALFACE; BAMBU; CARAMBOLA; JACA
-------------	---

PRETOS VELHOS

Calendário Festivo da Umbanda

13 de maio.

As obrigações devem ser oferecidas nas primeiras horas da manhã ou ao entardecer.

Ervas Consagradas

OBS: Todos amacis(líquido sagrado preparado com folhas maceradas, que se deixa repousar. É destinado a banhar as cabeças dos iniciados.) deverão conter também ervas de Oxalá (mais comum: Tapete de Oxalá (Bolto)).

Dias especiais também festivos.

13 de junho – Santo Antônio de Pádua (Santo Antônio de Pemba).

15 de novembro – Dia da Umbanda.

na diáspora, inclusive os procedimentos oraculares, e abandono das práticas sincréticas católicas e do culto de entidades de origem não iorubá, como os caboclos (Prandi, 1991; 1996). Mãe Stella Odé Kaiodé, ialorixá do Axé Opô Afonjá, de Salvador, Bahia, tem sido uma das lideranças mais expressivas, em âmbito local e nacional, na luta contra o sincretismo católico, tendo o terreiro que governa há muito abandonado, ao menos formalmente, as práticas católicas que usualmente estão mescladas com o pensamento e o ritual do candomblé.

EXÚ – “ELEGBARÁ”

Elegbará é o senhor do poder, ele o representa e o controla. A palavra Exu em Yorubá quer dizer esfera.

Elegbará tem o poder de se deslocar para todos os lugares e usam transportes (carros, barcos, etc...). Não vive somente nas encruzilhadas nas madrugadas fazendo emboscadas. É verdade que gosta de lugares escuros e suspeitos, porém se afina facilmente a qualquer local.

Elegbará tem o poder de fazer o bem e o mal.

No candomblé se usam denominações diferentes para distinguir Exu Bará dos demais Exus. Emprega-se o termo Iku-egun que significa entidades que tiveram vida terrena e que cumprem missão na Terra (exus, caboclos e pretos velhos de Umbanda).

Os Exus Ikú-eguns são aqueles eguns desencarnados que tiveram pouca iluminação espiritual e vivem à serviço de outros Exus, os quais trataremos mais tarde.

É de extrema importância que não se faça confusão com BABA_EGUN, que são ancestrais mortos, com desenvolvimento espiritual mais elevado e que atingiram a categoria de Babá.

Os Exus Ikú-eguns usam o tridente de ferro como símbolo, cujo significado é o seguinte: o primeiro dente representa a força positiva, o do meio a força neutra, e o último a força negativa.

O elegbará que trataremos nesse capítulo não é este que usa tridente, o Exu em questão usa uma ferramenta original feita de bronze ou ferro. É constituída de sete ferros voltados para cima, que simbolizam os sete caminhos do homem. Esse tipo de entidade recebe o nome de Exu Bará. A palavra significa:

OBÁ: REI; ARÁ: CORPO – “aquele que habita o corpo do homem”.

De modo geral, Exú Bará é o nome dado ao Exu ligado ao destino individual e princípio dinâmico de todas as coisas.

O Exú Bará traz no dorso um bastão de madeira com uma cabeça humana esculpida, terminando com um gorro curvo para traz, enfeitados com as contas e búzios. Este bastão recebe o nome de ògó-elegbará.

Saudação: “Laroiê Exú, Exú, |Exú Mojubá!”

A seguir apresentamos uma relação dos Ikú-eguns com os Orixás correspondentes:

OGUN: Tiriri, veludo, Tranca-Rua.

OXOSSI: Exú Veludo, Viramundo, Tranca Rua.

OSSANHE: Exú da Mata, Exú Barabô Toquinho.

OMOLÚ: Exú Caveira, Exú Sete Capas, Catacumba, Tata Caveira, Brasa, Maré, Carangola, Pagão, Meia-Noite.

XANGÔ: Marabô e Barabô.

OYÁ: Exú Ventania, Pombogira do Sumiço, Figueira e Mulando.

IEMONJÁ: Exú do Lodo, Pombogira do Lodo, Pombogira Menina.

OXUN: Exú Cheiroso, Brasa, Veludo, Padilhas e Pombas Giras Meninas.

OXUMARÊ: Rainha do Inferno, Figueira, Sete Saias.

NANÃ: Exú do Lodo, Pombogira do Lodo, Pombogira Menina.

OXALÁ: Exú Lúcifer, Sete Encruzilhadas, Veludo, Camisa Preta.

Exu é o primeiro orixá a ser louvado no candomblé, porque representa o princípio do movimento. Uma vez acionado é preciso controlá-lo, como se sabe com respeito a qualquer movimento. Como a fome é um dos motivos que levam o homem a se mover em direção a um objetivo, Exu come demais. E por comerem as plantações, é que as formigas são tidas como sendo de Exu e a terra dos formigueiros também. Ele é compreendido na África como um deus do movimento (nada a ver com o diabo cristão, embora o sincretismo o associe assim, no Brasil), que come tudo que pode, e que é "quente". Exu mora nas encruzilhadas (a idéia é "o que é mas não é", sempre. Uma encruzilhada a princípio não é caminho algum e ao mesmo tempo todos eles, certo?) Os pés de qualquer animal também são de Exu, segundo os africanos. E Exu é controverso, porque tem um gênio travesso (Em Cuba, por causa disso ele é o Menino Jesus) e faz o que lhe pedem. Não tem noção de bem e de mal e se movimenta apontando o pênis pro lugar onde quer ir. Não existe lugar, no passado, presente ou futuro a que Exu não possa ir. Existe um oriki (verso sagrado) que diz, inclusive, que "Exu mata ontem um passarinho com pedra que atirou hoje para o amanhã."

Exu também é associado à sexualidade, a segunda fome humana. O dia da semana: segunda-feira (o primeiro dia na semana ioruba, que tem 4 dias, também).

Existem infinitos avatares de Exu, e mitos muito bonitos também. Um deles, de que eu gosto muito conta que "Exu, filho primogênito de Iemanjá com Orunmilá, o deus da adivinhação e irmão de Ogum, Xangô e Oxóssi, era voraz e insaciável. Conseguiu comer todos os animais da aldeia em que vivia. Depois disso, passou a comer as árvores, os pastos, tudo que via até chegar ao mar. Orunmilá previu então que Exu não pararia e acabaria comendo os homens, e tudo que visse pela frente, chegando mesmo a comer o céu. Ordenou então a Ogum que contivesse o irmão Exu a qualquer custo. Para conseguir isto, Ogum foi obrigado a matar Exu, a fim de preservar a terra criada e os seres humanos. Mas mesmo depois da morte de Exu, a natureza, os pastos, as árvores, os rios, tudo permaneceu ressecado e sem vida, doente, morrendo. Um babalaô (representante de Orunmilá na terra) alertou Orunmilá de que o espírito de Exu sentia fome e desejava ser saciado, ameaçando provocar a discórdia entre os povos como vingança pelo que Orunmilá e Ogum haviam feito. Orunmilá determinou então que em toda e qualquer oferenda que fosse feita pelos homens a um orixá, houvesse uma parte em homenagem a Exu, e que esta parte seria anterior a qualquer outra, para que se mantivesse sempre satisfeito e assim possibilitasse a concórdia".

Cor: preto e azul escuro entre os iorubas, preto e vermelho entre os angolas (A cor preta se relaciona ao fato de que para que a luz chegue a algum lugar o movimento já precisa ter sido acionado, ou seja Exu deve ser antes do movimento da luz)

Elemento: fogo e ar.

Símbolo: ogó (um pênis de madeira, com búzios pendurados simbolizando o sêmen)

Numero 1

Comida: farofa

Saudação: Laroîê, Exu!

EXU ("esfera")

A palavra EXU em iorubá significa "ESFERA", aquilo que é infinito, que não tem começo nem fim. Exu serve como intermediário entre os Orixás e nós, homens. É a força da criação, é o princípio de tudo, o nascimento, o equilíbrio negativo do Universo, (o que não quer dizer coisa ruim). Exu é a célula da criação da vida, aquele que gera o infinito, infinitas vezes. É o primeiro passo em tudo. Está presente, mais que em tudo e todos, na concepção global da existência. É a capacidade dinâmica de tudo que tem vida. Principalmente dos seres humanos, que carregam em seu plexo este elemento dinâmico denominado Exu. No candomblé é chamado Bárá, ou seja, "no corpo", preso a ele. É a abertura de todos os caminhos e a saída de todos os problemas. Aquele que ludibria, engana, confunde; mas, também ajuda, dá caminhos, soluciona.

Seu símbolo não é o tridente associado ao diabo, mas sete ferros voltados para cima representando os sete caminhos do homem, os sete chacras (pontos de captação, distribuição e armazenamento de energia), as sete cores, as sete auras.

É o mais humano dos orixás, sendo uma divindade de fácil relacionamento. Sua função de contato entre o homem e os demais orixás faz com que supere o real, e atinja o mágico. São os orixás que respondem no jogo de búzios, mas é Exu que traduz a resposta.

Não é dele a responsabilidade de decidir o que é certo ou errado; apenas realiza a tarefa para a qual foi invocado. Teria mesmo papel que o deus Mercúrio na mitologia grega.

O mensageiro dos deuses. É o elemento de ligação entre este mundo e o outro. É difícil de ser definido de maneira coerente, gosta de gerar disputas e provoca acidentes. É vaidoso, grosseiro, indecente, a presença de Exu está no membro ereto do macho, na penetração da fêmea, na ejaculação, na primeira célula que está em formação, na paixão, no desprezo, no engano, na dor. Exú trabalha mediante dinheiro, bebida ou sacrifício animal. Mas, cuidado: é bom cumprir com suas obrigações, pois ele pune quem não cumpre a palavra, é um servo, porém enérgico e sensual ao extremo, atua como segurança de seus devotos, sua especialidade é quebrar normas e regras. Ele é amado e odiado em igual proporção e seus raros "filhos" costumam ser provocadores, abusados, astutos, ágeis física e mentalmente.

Seu comportamento humano é erroneamente ligado ao diabo, no sincretismo. Contudo, isso é uma inverdade. É um orixá que vive e transita entre todas as dimensões, muito vivido e, por vezes, amargo e explosivo. Ele é o resultado da integração água e terra, masculino e feminino, sendo o terceiro elemento. Cultuado entre os Orixás, apenas por seu intermediário é possível adorar as Yabás-Mi (as feiticeiras). Traçar e abrir caminhos é uma das suas principais atividades, pois ele circula livremente entre todos os elementos do sistema. É o princípio da comunicação. Está fortemente representado no O-POM-de-IFÁ (tábua adivinatória de Ifá – Deus da Adivinhação) pelos triângulos e losângulos. O sistema oracular funciona graças a ele. Está profundamente associado ao segredo da transformação de materiais em indivíduos. É o princípio dinâmico da expansão (evolução), agente de ligação, princípio do nascimento de seres humanos, princípio da reparação (causa/efeito). Porém, Exú possui o lado bom e, se ele é tratado com consideração, reage mostrando-se servil e prestativo. Se, ao contrário, esquecerem de lhe oferecer sacrifícios e oferendas, podem esperar catástrofes. Desta forma, revela-se o mais humano dos Orixás, nem completamente mau, nem completamente bom. Historicamente, por ter o poder de estar em vários lugares ao mesmo tempo, diz-se que Exú tem o dom da "UBIQUIDADE". Ele controla o equilíbrio entre ÒRUN (céu) e ÀIYÉ (terra). Como Orixá, diz-se que ele veio ao mundo com um porrete, chamado OGÒ, que teria a propriedade de transportá-lo, em algumas horas, a centenas de quilômetros e atrair, por um poder magnético, objetos situados a distâncias grandes. EXÚ é o guardião dos templos, casas, cidades e das pessoas e serve de intermediário entre os homens e os deuses. Cada ORIXÁ possui o seu EXÚ no jogo de IFÁ (uma prática comum, que se utiliza de 16 búzios) é ele o portador da resposta. Chamam-no também de Legba ou Elegba. EXÚ é o primeiro que se serve e cultua, é o Senhor, o decano de todos os elementos, todos os orixás necessitam de suas forças, pois ele está ligado à evolução e ao destino de cada um. Cada ser humano possui o seu EXÚ BARA, que é assentado, não vira na cabeça de ninguém. Este Exú nasce e morre com a pessoa. O principal Exú do LÉSÉ-ÉGÚN é o MONÃMONÃ, seu culto só acontece quando trovões e relâmpagos cortam os céus. Seu assentamento fica numa cabana de sapê, aberta, ficando a mostra. Na África existem iniciados no Culto Afro-Brasileiro, são pouquíssimas as pessoas "**feitas de Exu**". Não se pode ir a um Orixá sem antes tratar de Exú. Embora seus toques sejam rápidos (ex. Bravum Adarrum), ele dança com satisfação qualquer toque aos Orixás quando ordenado. Exceto para Oxalufã, com o qual ele brigou por desejar seu trono. Ele tem o título de ASIWAJU, quer dizer: aquele que vai na frente de todos e o primeiro a ser servido. Exú é o detentor de axé e quem, junto com Olodumaré, criou o universo, ambos têm o mesmo poder.

Num terreiro (egbé) temos o Exú da porteira (guardião), fica na entrada do terreno, faz a revista nas pessoas que entram e saem, e seguem as ordens do Exú, dono do local. Algumas casas tem, em volta, sete ou quatorze, assentos de Exú, abaixo do nível da terra, e todas as vezes que há alguma festa na roça, esses exus comem.

QUALIDADES

YANGI: É o mais velho, a primeira forma a surgir no mundo. É o dono do poder dinâmico do processo da multiplicação dos seres. Está ligado tanto ao ancestral masculino como ao feminino. Carrega o ADOYRAN, cabaça que contém a força de se propagar. Esta cabaça vai no assentamento. É companheiro, inseparável, de OGUN, a ponto de serem confundidos. Rei dos Exú. Veste o branco, vermelho e o azul escuro. Come bichos machos e fêmeas.

AGBO: De Omulú

AKESAN: É relacionado ao jogo de Búzios

LALU: É jovem, está ligado a Oxossi, Logunedé e vem dos caminhos de Oxalá. Não deve beber cachaça nem dendê. Veste-se de branco. Vem, também, para outros Orixás. Tem muitos filhos.

GERI: Ligado a Oxun Iapondá

GIBIRIN: Ligado a Oxaguiã e Ossayin

TIRIRI: É de grande valor e mérito, está associado a Ogun e Oxossi. Usa vermelho ou todas as cores. Sempre nas porteiras e caminhos, tem grande força.

SIGIDI: Só serve a homens. Provocador de brigas.

ALAKEFO: Associado a Nanã

BARAKESAN: Ligado a Oyá

IGBARABO: Junto a Xangô, Yemanjá e Ogun

YNÁ: É invocado no início do PADÊ. É associado ao fogo e representa a força. É simbolizado pelo EGAN (gorrinho em forma de cone), pelo pássaro e pelo IKOODÍDE, pena vermelha do papagaio ODÍDE. Usa vermelho.

BARA IFÁ: Destinado ao Jogo de Búzios

ALAKETU: É o Exú do dinheiro, veste branco, vermelho e azul escuro. Causador de acidentes.

ABENEKWA: Ligado a Oxun Ajagurá

ELERU: É o senhor das oferendas, o portador e o mensageiro. É sempre o primeiro a ser invocado. Veste o preto e o vermelho. É o dono do dendê. É ele que carrega o dendê na peneira.

YGELU: Associado ao WÁJÌ, que representa o fruto da terra e por extensão o mistério do processo oculto da vida e da multiplicação. Dele é o caracol africano. Veste o azul arroxeadado. Às vezes aparece vestido de preto.

ODARA: É invocado no padê. Providencia a comida e a bebida de todos. É benéfico, não gosta de bebida alcoólica, aprecia mel e vinho, gosta de branco, mas usa vermelho e preto. Ele nos dá a fortuna.

LONA: É o Exú das porteiras dos barracões, vigia os caminhos. Traz os clientes e a fartura. Usa vermelho, preto e azul arroxeadado.

OLOBÉ: Este Exu é o dono da faca. É ele que separa as frações de substâncias para formar outros seres diferentes. É muito semelhante ao OGUN XOROQUE, anda pelas madrugadas, sempre procurando os profanadores de oferendas postas nas encruzilhadas. Sua cor é azul arroxeadado. Ele é o AXOGUN e sacerdote, sacrificador da sociedade das ÌYÁMI ÀJÉ.

ENÚGBANIJO: É o dono da boca, aquele que fala e traz as respostas.

LARÓYÈ: É astuto e provoca brigas

COR: preto, vermelho, branco, azul-marinho e cinza

COMIDA:

- Acaçá branco/vermelho
- Aberén
- Obi vermelho
- Orogbo
- Epo pua
- Farofas de:
 - dendê – agilizar
 - Waji – dinamizar
 - Gema de ovo – prosperidade
 - Clara de ovo – despachar a rua
- Mel de abelhas

- Carne frígida no epo pupa ou crua ou carne seca
- Banana cozida
- Banana da terra no epo pupa
- Atare
- orogbo

DIA DA SEMANA: segunda-feira

DATA: não existe especificamente, pois todos os dias são de Exú.

FRUTAS: limão, banana, cana-de-açúcar

FOLHAS:

- Folha da costa
- Bredo-sem-espinho
- Alfavaquinha
- Mal-me-quer-bravo
- Tiririca
- Folha de bobô
- Canção-de-porco
- Canção branco-de-leite
- Picão da praia
- Folha da fortuna
- Urtiga
- Têto de Exú
- Arrebenta cavalo
- Mamona
- Mulungun
- Vassourinha de N. Senhora
- Folha de fogo
- Coração de negro
- Fruto da aroeira vermelha
- Figueira brava
- Bredo

BEBIDAS: Todas as bebidas fortes

IIEKÉ: contas pretas e vermelhas

METAL: não tem, sua matéria é a terra, pois nasceu da terra em forma de pênis.

PARTES DO CORPO: sensação de sede e de fome, cavidade do Ori (cabeça), cavidade do útero, atividade sexual (não da atividade procriadora, da fecundação, pois ele é o resultado, o descendente), placenta fecundada, os pés (bola dos pés), uma parte do fígado (a outra é de Oya).

SÍMBOLOS: Ogo (bastão cheio de tranças de palha numa ponta com cabeças penduradas, nas quais ele traz suas bebidas. O Ogo é todo enfeitado de búzios).

SACERDOTES: Lebasi – filhos de Exú

Obs: na Nigéria tem o nome de Oluponá

CARGOS: (femininos) DAGAN OTUN DAGAN OSI DAGAN

TOQUE: Bravun

SAUDAÇÃO:

Larôye, Exú

Koba Laroye Mojuba Exú Koko ro bi jô

(EXU, o Mercúrio africano, o intermediário necessário entre o homem e o sobrenatural, o intérprete da linguagem dos mortais e dos ORIXÁS. É pois o encarregado de levar aos deuses da África o chamado de seus filhos estrangeiros. E nestas notas introdutórias, ele é chamado a levar aos filhos estrangeiros amostragem das infinitas possibilidades deste rico Panteão, que se mantém vivo na África, no Brasil e em outros países do Novo Mundo).

EXU - EXU é o preexistente à ordem do mundo. Como a própria vida, ele se transforma sem parar, mas não uniformemente, porque EXU muda o jogo a seu bel prazer - é um "trickster". É astucioso, vaidoso, inteligente e ambíguo, a tal ponto que os primeiros missionários assustados compararam-no ao diabo, dele fazendo símbolo de tudo que é maldade. Mas EXU, por ser o próprio dinamismo, é quem faz, com seus paradoxos, as coisas manterem-se vivas. É ele que propicia estar o AXE sempre circulando e, ao ser tratado com consideração (oferendas) reage favoravelmente, mostrando-se serviçal e prestativo. EXU revela-se o mais humano dos ORIXÁS, nem completamente mau, nem completamente bom. Por estar relacionado com os ancestrais, ele é o guardião dos templos, das casas, das cidades e das pessoas. Cada pessoa tem o seu BARA - até cada ORIXÁ tem seu EXU. Ele está em tudo e com tudo, pois é o intermediário eterno entre os homens e os deuses. É por isso que em todas as cerimônias do CANDOMBLÉ sua oferenda é a primeira e chama-se PADÉ - que significa reunião. No PADÉ, EXU é chamado, saudado, cumprimentado e enviado ao além, com dupla intenção: convocar os outros ORIXÁS para a festa e ao mesmo tempo afasta-lo, para que não perturbe a boa ordem da cerimônia, com seus golpes de "trickster". Como transportador das oferendas, ele é OXETUÁ, filho de OXUM com os dezesseis ODU do oráculo (Jogo de búzios) (CAURI) Este aspecto benfazejo de EXU outorga-lhe o poder de restituir a fecundidade ao mundo. Como senhor do poder da transformação, ele é EXU ELEGBARA, que foi cortado em pedaços e em seguida se regenerou e, ao fazê-lo, reuniu simbolicamente o Universo inteiro.

EXU mantém o equilíbrio das trocas, provoca o conflito para promover a síntese. Tudo que se une, multiplica-se, separa-se, transforma-se - tudo é EXU, personificação do princípio da transformação. Seu dia é segunda-feira. Ele está associado ao nascente e ao futuro e sua cor é o azul escuro arroxado, cor do mistério da procriação. Seu animal é o cão; o cacto e o mandacaru são suas plantas. Rege o sexo e usa um chapéu que se assemelha ao falo: não há sexualidade sem EXU.

OKOTÓ é o caracol, símbolo de EXU, e representa a espiral da evolução. Quando se manifesta, é saudado por um de seus nomes (LAROYE). Veste-se de branco, azul e vermelho, leva na mão um tridente ou um ferro de sete pontas ou ainda uma lança.

O tipo psicológico do filho de EXU tem as seguintes características: é robusto, ágil, dinâmico, incansável, transborda vitalidade. É grande amigo dos prazeres da vida, guloso, está sempre com fome e bebe bastante. E por isso que ninguém do CANDOMBLÉ deve beber nada sem antes jogar no chão da porta da rua, bebida para EXU. Alegre, brincalhão, gosta de pregar peças, esconder objetos, contar mentiras, ensinar o caminho errado. Adora chocar, dizer palavrões. É desordeiro e adora tumultuar festas e reuniões. Quando lhe convém, pode ser extremamente trabalhador, eficiente, incansável e obstinado - tendo em vista sempre o que com isso irá ganhar. Mas é totalmente imprevisível, podendo deixar o trabalho em que se empenha apenas por capricho. Não é, entretanto, Insensível. É prestativo e não recusa sua ajuda aos amigos. É chamado sempre para resolver problemas financeiros, brigas, encrencas amorosas, as quais com habilidade e bom humor consegue dar uma solução feliz. Mas a principal característica dos filhos de EXU é a exacerbação da sexualidade; suas vidas são regidas por intensa atividade sexual, e fidelidade sexual é algo impossível de obter-se dos filhos de EXU. Exu para uns, é um Orixá como todos outros, mas que raramente se tem notícia de alguém que seja seu filho, na maioria das vezes as pessoas desse Orixá na hora da feitura são consagradas a Ogun. Segundo a maioria dos pesquisadores, na África as pessoas consagradas a Exu são orgulhosas disso, mas no Brasil em virtude do sincretismo que fizeram de Exu com o Diabo, o mesmo não acontece as pessoas de Exu preferem ser de Ogun, para não serem discriminadas.

Exu é o mais sutil e o mais astuto de todos os Orixás.

Ele aproveita-se de suas qualidades para provocar mal entendidos e discussões entre as pessoas ou para preparar-lhe armadilhas. Ele pode fazer coisas extraordinárias como, por exemplo, carregar, numa peneira, o óleo que comprou no mercado, sem que este óleo se derrame desse estranho recipiente! Exu pode ter matado um pássaro ontem, com uma pedra que jogou hoje!

" Èsù é o princípio reparador do Sistema Nàgô. É o controlador rígido de todos os sacrifícios. Inspetor geral, segundo Idowu (1962); "oficial de polícia imparcial", segundo Abimbola (1969:393) que diz: "a

ação de Èsù é a de... punir os contraventores, particularmente aqueles que negligenciaram fazer o sacrifício prescrito".

Èsù Yangí, segundo a história Atòrun dòrun Èsù, delega a dívida: o que foi introjetado por ele será restituído através dos ebós efetuados por todos os elementos procriados. A restituição é deslocada, é transferida a um outro objeto ou a um outro ser com o qual o ofertante se identifica. Esse mecanismo, que consiste em transferir a um outro a restituição do àse absorvido, é fundamental para a compreensão dos rituais de oferenda e da dinâmica do sistema. A restituição transferida - a oferenda - é que permite manter a integridade de cada indivíduo; controlada por Èsù Elebo, ela permite ao Èsù acompanhante exercer sua função de princípio dinâmico, desenvolver e expandir a existência de cada indivíduo".

Assim, com o devido respeito, começamos por saudar ao Imole Eshu :

Mo ju iba, Esu Oba Baba awon Esu ! Iba se, o !

Saudações, Eshu Senhor e Pai de todos os Eshus !

Que esta homenagem se cumpra!

E pedimos-lhe Ago / licença para citar o seu Orisirisi / Contos Imemoriais onde se fala de seus dezesseis maiores atributos, sobretudo ligados ao Culto de Ifá, e que são tão negligenciados hoje em dia até pelos seus El'esu / Sacerdote de Eshu!

Eis aqui seus maiores dezesseis títulos e suas correspondentes "qualidades", os quais sempre foram ligados aos 16 Odu / Fundamentos de Tradição dos Itan Ifa / Contos de Ifá de Ile Ife / a Cidade Santa de Ifé :

Esu Yangi - o Senhor da Laterita Vermelha

Esu Agba - o Senhor Ancestral

Esu Igba Keta - o Senhor da Terceira Cabaça

Esu Okoto - o Senhor do Caracol

Esu Oba Baba Esu - o Rei e Pai de todos os Eshus

Esu Odara - o Senhor da Felicidade

Esu Osije - o Mensageiro Divino

Esu Eleru - o Senhor da Obrigação Ritual

Esu Enu Gbarijo - o Senhor da Boca Coletiva

Esu Elegbara - o Senhor do Poder Mágico

Esu Bara - o Senhor do Corpo

Esu L'Onan - o Senhor dos Caminhos

Esu Ol'Obe - o Senhor da Faca

Esu El'Ebo - o Senhor das Oferendas

Esu Alafia - o Senhor da Satisfação Pessoal

Esu Oduso - o Vigia dos Odus

ARQUÉTIPO

O arquétipo de Exu é muito comum em nossa sociedade, onde proliferam pessoas com caráter ambivalente, ao mesmo tempo boas e más, porém com inclinação para a maldade, o desatino, a obscenidade, a depravação e a corrupção. Pessoas que têm a arte de inspirar confiança e dela abusar, mas que apresentam, em contrapartida, a faculdade de inteligente compreensão dos problemas dos outros e a de dar ponderados conselhos, com tanto mais zelo quanto maior a recompensa esperada. As cogitações intelectuais enganadoras e as intrigas políticas lhes convêm particularmente e são, para elas, garantias de sucesso na vida.

ESSABAS DE EXÚ

Folha da Costa – Odun-dun

Fruto da aroeira vermelha

Bredo sem espinho - Teté

Cansansão-de-porco – Kan-kan

Aroeira

Cansação branco de leite - Inã

Folha de mangueira	Palma do Diabo
Açoita Cavallo	Corredeira Preta
Dedo de Exú	Corredeira Branca
Folha de Tendo de Exú	Urtiga
Folha de Bobó – Kanan-kanan	Alfavaquiva – Orim-rim
Tiririca - Labre	Folha do Fogo
Mal-me-quer-bravo - Pepé	Coração de Negro
Carrapicho de Agulha – Picão-da-praia - Aberê	Figueira Brava

ÈSÙ	ABRANDA FOGO; AMENDOEIRA; AMOREIRA; ANGELIM; AROEIRA; ARREBENTA CAVALO; ARRUDA MIÚDA; AZEVINHO; AVINAGUEIRA; BARBA DO DIABO; BARDANA; BELADONA; BRINCO DE PRINCESA; CACTUS (TODOS); CANA-DE-AÇÚCAR; CANA DE MACACO; CANJERANA; CANSAÇÃO; CATINGUEIRA; BELDROEGA; CAJUEIRO; CANJERANA; CARRAPICHO; COMIGO-NINGUÉM-PODE; CORREDEIRA; CRIZANTEMO; ERVA PREÁ; FIGUEIRA PRETA; FOLHA DA FORTUNA; FEDEGOSO; FOLHA DA COSTA; GARRA DO DIABO; TAJUJÁ; SEMPRE VIVA; TAMIARANGA; TAPIXIRICA; TAYUYA; TINHORÃO ROXO; TINTUREIRA; TIRIRICA (DANDÁ-DA-COSTA); URTIGA; JAMELÃO; IVITINGA; JUAZEIRO; JURUBEBA; LARANJEIRA DO MATO; MACONHA; MAMÃO BRAVO; MAMÃO; MANGUEIRA; MATA CABRAS; MANJERIOBA; MATA PASTO; MUSSAMBE; MARIA MOLE; ORA-PRO-NOBIS; PALMEIRA AFRICANA; PAU SANTO; PAU D'ALHO; PERPÉTUA; PICÃO DA PRAIA; PIMENTA DA COSTA; PIMENTA MALAGUETA; PINHÃO BRANCO; PINHÃO ROXO; MIXIRICA; QUIXAMBEIRA; XIQUEXIQUE; SÃO GONÇALINHO; ASSA-PEIXE; BABOSA; MENTA; PATCHOULI.
------------	--

A seguir coloca-se em ordem de preferência as **comidas que Exú gosta**:

- PREÁ
- Peixe fresco ou defumado
- Aves
- Comidas secas
- Cabritos e porcos

Qualidades de Exú Bará:

- Exú Lona ou Inã
- Exú Odara
- Exú Ojise-Ebo
- Exú Ajelu, Ijelu, Ajelu Lalu
- Exú Ifê-Milê
- Exú Barakesan

- Exú Alekefó
- Exú Alaketu
- Exú Mojubá
- Exú Ajake-Osun
- Exú Tiriri
- Exú Soroxé
- Exú Elebó
- Exú Akueran
- Exú Eleru
- Exú Yanguí ou Agbá

QUALIDADES DE EXÚS:

- | | | |
|--------------|------------------|-----------------|
| 1. Elegbára | 9. Anan ou Inan | 17. Akesan |
| 2. Alákétu | 10. Bará | 18. Baralajki |
| 3. Laalu | 11. Jigidi | 19. Betire |
| 4. Jelu | 12. Mavambo | 20. Lamu Bata |
| 5. Run danto | 13. Embeberekete | 21. Okanlelogun |
| 6. Tiriri | 14. Sinza Muzila | |
| 7. Lonan | 15. Sandú | |
| 8. Jele bara | 16. Baragbo | |

ASPECTOS:

EXÚ LONÃ ou INÃ: É um dos primeiros a ser invocado nas cerimônias de Ipadê. É o protetor do Babalorixá do Egbé. Este Exú está ligado ao fogo.

EXÚ ODARA: Invocado na cerimônia do Ipadê, afim de proporcionar bem estar, felicidade, satisfação e harmonia.

EXÚ OJISE-EBO: É invocado antes de qualquer oferenda aos Orixás. Ele é responsável pela entrega dos ebós.

EXÚ IJELU: Ligado à multiplicação e crescimento dos seres diversos, regula a lactação materna, ou seja, toda a transformação dos seios durante a gravidez. Está associado também ao pequeno caracol.

EXÚ MILÉ: Está relacionado ao amor, ao lado emocional, ao afeto humano. Costuma proteger os filhos de Oxum, Nana e Yemonjá.

EXÚ BARAKESAN: Supervisiona as trocas feitas pelo homem.

EXÚ ALEKEFÓ: Está ligado aos meses do ano, regula os movimentos da Terra.

EXÚ ALAKETU: Este está ligado à nação Ketu.

EXÚ MOJUBÁ: Este Exú está envolvido às traições do homem.
Moju: viver à noite; Ba: armar emboscada.

EXÚ AJAKE-OSUN: Este Exú só faz o bem, se recusa a fazer o mal. Só gosta de ser tratado por homem.

EXÚ TIRIRI: "Ti" - com grande força, "Riri" - valor e mérito.
Tiriri recebeu este nome por ter atingido um grau especial.

EXÚ SOROKÊ: Trabalha com Ogun Sorokê. Sorokê quer dizer: grito forte, brado.

EXÚ ELEBÓ: Carregador de Ebó.

EXÚ AKUERAN: Está ligado à caça.

EXÚ ELERU: Começa a ser assentado do lado de fora até chegar dentro do Egbé.

EXÚ YANGUÍ ou AGBÁ: Exú pé-de-òkotó, Rei de todos os seus descendentes. Foi o primeiro nascido de sua linhagem, pai ancestral.

Este Exú foi formado através da mistura de água e terra (lama), matéria prima que Ikú usou para modelar o ser humano.

É conhecido também como pedra vermelha de la territa ou como a proforma (primeira forma), ou seja, primeira matéria dotada de forma.

LENDA DE EXÚ

Elegbara foi procurar uma rainha desprezada, cujo marido a havia abandonado.

Elegbara pediu à rainha apaixonada que trouxesse alguns fios de barba do Rei, dando à ela uma faca para executar sua ordem e prometendo que lhe faria um amuleto para trazer o marido de volta.

Logo após, Elegbara foi à casa do filho da Rainha, aquele que herdaria o trono. Este príncipe vivia fora do reino do pai. A tradição local impunha tal condição, por acreditarem que a cobiça pelo poder lhes subisse a cabeça e os jovens príncipes fossem levados a cometerem crimes contra o Rei.

Elegbara disse ao príncipe que o Rei iria para uma batalha e desejava a presença do filho e seus guerreiros no castelo real à noite.

Por último, Elegbara foi ao Rei e disse-lhe que a Rainha desprezada, tomada de ódio pela sua antipatia para com ela desejava mata-lo. Elegbara disse que o Rei deveria ter muito cuidado à noite.

Ao anoitecer, o Rei foi para os seus aposentos como de costume. Mais tarde, chegou a Rainha aproximando-se devagar com uma faca, pois tencionava cortar alguns fios da barba do Rei. O Rei avisado por Elegbara toma tal situação como uma tentativa de assassinato, desarmando a Rainha e começando uma luta.

O príncipe chega ao palácio e ouve gritos e barulhos vindos do quarto real. Ele e seus guerreiros invadem o quarto e presenciam o Rei e a Rainha lutarem e pensam que o Rei estava tentando matar a Rainha. Por sua vez, o Rei vendo o príncipe e os guerreiros invadindo seu quarto, julga como uma conspiração entre mãe e filho para tirar seu trono. Trava-se assim, uma batalha cruel entre pai, mãe e filho, o que levou a destruição de todo o reino.

LENDA DE EXÚ

Conta-se que dois grandes amigos tinham, cada um, um pedaço de terra, dividido por uma cerca. Diariamente os dois iam trabalhar, capinando e revirando a terra para plantio. Exú interessado nas terras, fez a proposta de adquiri-las, o que foi negado pelos agricultores. Aborrecido, mas determinado a adquirir aqueles dois terrenos, procurou agir. Colocou na cerca um boné, de um lado branco e do outro vermelho.

Naquela manhã, os amigos lavradores chegaram cedo para trabalhar a terra e viram o boné na cerca. Um deles viu o lado branco e o outro o lado vermelho.

Em dado momento, um dos amigos perguntou: - O que este boné branco faz encima da cerca? O outro respondeu: - Branco? Mas o boné é vermelho! E começaram uma discussão incansável.

Desencadeou-se uma luta corporal, e com as mesmas ferramentas de trabalho mataram-se.

Exú que de longe assistiu à tudo, esperando o desfecho já imaginado por ele, aproximou-se e assumiu a posse das terras, não sem antes fazer um comentário bem sagaz:

- Que gente confusa que não consegue resolver problema tão simples!

LENDA DE EXÚ

Havia uma rivalidade entre Exú e Oxalá. Ambos discutiam sobre a sua supremacia, ou seja, quem detinha o poder, quem era o mais antigo, quem iria governar.

Oxalá se sentindo insultado, durante uma disputa cheia de malícias, armadilhas e enigmas, apodera-se da cabaça que põe fim ao poder de Exú, transformando-o em mero servidor, aquele que transporta e codifica as informações e mantém a ligação entre Àiyé e Orun!

LENDA DE EXÚ

Exú sempre foi o mais alegre e comunicativo de todos os orixás. Olorun, quando o criou, deu-lhe, entre outras funções, a de comunicador e elemento de ligação entre tudo o que existe. Por isso, nas festas que se realizavam no orun (céu), ele tocava tambores e cantava, para trazer alegria e animação a todos.

Sempre foi assim, até que um dia os orixás acharam que o som dos tambores e dos cânticos estavam muito altos, e que não ficava bem tanta agitação.

Então, eles pediram a Exú, que parasse com aquela atividade barulhenta, para que a paz voltasse a reinar.

Assim foi feito, e Exú nunca mais tocou seus tambores, respeitando a vontade de todos. Um belo dia, numa dessas festas, os orixás começaram a sentir falta da alegria que a música trazia. As cerimônias ficavam muito mais bonitas ao som dos tambores.

Novamente, eles se reuniram e resolveram pedir a Exú que voltasse a animar as festas, pois elas estavam muito sem vida.

Exú negou-se a fazê-lo, pois havia ficado muito ofendido quando sua animação fora censurada, mas prometeu que daria essa função para a primeira pessoa que encontrasse.

Logo apareceu um homem, de nome Ogan. Exú confiou-lhe a missão de tocar tambores e entoar cânticos para animar todas as festividades dos orixás. E, daquele dia em diante, os homens que exercessem esse cargo seriam respeitados como verdadeiros pais e denominados Ogans.

OGUN

É considerado o último filho de Oduduwá, criador dos seres. Ogun é o Deus da agricultura e do ferro, é responsável por tudo que a humanidade desenvolve nesses setores.

Este Orixá é muito poderoso, guerreiro invencível. Ogun não tem somente o lado guerreiro, é também amigo e companheiro do homem. É líder junto com Exú, participando das mudanças sociais políticas e econômicas.

Os filhos desse Orixá tem uma existência marcada pelo trabalho.

Personalidade: Impetuoso; guerreiro; autoritário; até certo ponto oportunista; violento; não perdoa arrogantes; utilizam a franqueza para melindrar os outros. O seu lado positivo é a cautela; hospitalidade; ajuda todos sem distinção; não esmorecem facilmente; dão com generosidade e servem em especial aqueles de quem gostam.

Ogun é filho de Oduduwá e Iemonjá.

PAÓ: 7 batidas à direita, 7 batidas à esquerda, 1 à frente, 1 atrás e as três de reverência no adobale.

DIA: Terça-feira

COR: Azul-Marinho, verde e branco.

ANIMAIS PARA SACRIFÍCIO: Galo, bode, em raros casos o boi e o cachorro.

METAL: Ferro.

SÍMBOLOS: Ferramentas, espada, lança, foice, faca, enxada, pá, alicate, etc...

Suas roupas são cobertas de mariô.

O orixá Ogun é um dos mais amados na cultura ioruba. Em primeiro lugar porque ele foi o primeiro ferreiro. Como foi ele, também, quem descobriu a fundição e inventou todas as ferramentas que existem. Portanto é o patrono da tecnologia e da própria cultura, pois sem as ferramentas nada mais poderia ser inventado até mesmo plantar em grandes extensões seria extremamente difícil. Tendo inventado as ferramentas, com a foice ele abriu os primeiros caminhos para o resto do mundo, o que dá a ele o poder de abri-los ou fecha-los. Com a faca ele fez o primeiro sacrifício ritual, por isso sempre se louva Ogun durante estes sacrifícios e sua invenção da faca. Com o ancinho ele arrou terras e plantou, com a tesoura cortou peles e inventou os abrigos. Com o machado cortou árvores para construir abrigos, com o martelo pode unir com pregos que inventou, os troncos. Com a cunha pode levantar grandes pesos e assim aconteceu de Ogun, com a espada que forjou, guerrear e conquistar territórios para seu povo. Ele, no entanto, não quis ser rei, pois preferia os desafios ao poder. Continuou lutando e inventando para sempre. Hoje em dia diz-se que os computadores são de Ogun e de Ogun são também todos os analistas de sistemas.

Ogun só cometeu um erro nos mitos, quando seu pai mandou que fizesse uma tarefa e ele pelo caminho embebedou-se com vinho de palmeira e acabou não realizando o que devia. A partir daí nunca bebeu, mas diz-se que os filhos de Ogun adoram vinho branco e devem tomar muito cuidado com bebidas.

A guerra é de Ogun, cujo nome significa exatamente guerra. Como Ogun nunca se cansa de lutar, costuma-se chamar por sua ajuda em situações em que é extremamente difícil continuar lutando ou quando o inimigo é extremamente forte. Não se deve invocar Ogun a toa, pois seu gênio é extremamente violento e diz um oriki que ele mata o injusto e o justo, o ladrão e o dono da casa roubada (porque permitiu que acontecesse) portanto não se deve brincar com este orixá, que não perdoa.

Ogun vive sozinho; é um solteirão convicto. Teve muitas mulheres mas não vive com nenhuma, e criou um filho adotivo abandonado nas mãos dele por Iansã, a deusa dos ventos e raios que por sua vez o havia adotado de Oxum, a deusa do amor e da riqueza. Um dos mitos sobre ele diz que Ogun, é filho de Iemanjá com Odudua. Desde criança já era destemido, impetuoso, arrojado e viril, tendo se tornado sempre mais e mais um brilhante guerreiro e conquistado, para seu pai, muitos reinos, não havendo, por esta razão, um só caminho que Ogun não tenha percorrido. Nos intervalos entre as guerras e as conquistas, Ogun criou os metais, a forja e as ferramentas que facilitaram a vida dos homens no mundo. Ele forjou a primeira faca, a primeira ponta de lança, a primeira espada, a primeira tesoura. Um irmão dedicado, diz o mito que Ogun tinha por Oxóssi uma afeição muito especial, defendendo-o várias vezes de seus inimigos e passando mesmo a morar fora de casa com Oxóssi, quando este foi expulso de casa por Iemanjá.

Diz ainda o mito que foi Ogun quem ensinou Oxóssi a defender-se, a caçar e a abrir seus próprios caminhos nas matas onde reina. Ogun teve muitas mulheres, a principal delas Iansã, guerreira como ele. Tendo sido roubada por Xangô, que é seu irmão por parte de mãe, Ogun passou a viver sozinho, para a guerra e a metalurgia.

Dia: terça-feira

Número: 7

Cor: azul cobalto (ou azul ferreiro, como chamam alguns) A cor exata é o azul da chama do fogo.

Símbolo: espada

Comida: feijoada

Saudação: Ogun Iê!

OGUM (gum: "guerra")

É orixá das contendas, deus da guerra. Seu nome, traduzido para o português, significa luta, batalha, briga. Divindade masculina iorubana, o filho mais enérgico de Odùduà, tornou-se regente da cidade de Ifé quando seu pai ficou temporariamente cego. Em outras lendas filho de Iemanjá e irmão mais velho de Exu e Oxóssi. Por este último nutre um enorme sentimento, um amor de irmão verdadeiro. É o deus do ferro, dos ferreiros e de todos que utilizam esse metal. Força da natureza que se faz presente nos momentos de impacto e nos momentos fortes. O sangue que corre no nosso corpo é regido por Ogun. Considerado como um orixá impiedoso e cruel, temível guerreiro que brigava sem cessar contra os reinos vizinhos, ele até pode passar esta imagem, mas também sabe ser dócil e amável. É a vida em sua plenitude.

Os lugares consagrados a Ogun ficam ao ar livre, na entrada das casas e terreiros. Geralmente são pedras em forma de bigorna junto às árvores. Ogun é representado também por franjas de

palmeira ou dendezeiro desfiadas chamadas mariwo que penduradas nas portas ou janelas, representam proteção, cortando as más influências e protegendo contra pessoas indesejáveis. O culto a Ogum é bastante difundido tanto no Brasil quanto na Nigéria. Sem sua permissão e proteção, nenhuma atividade útil, tanto no espaço urbano como no campo, poderia ser aproveitada. Deve ser invocado logo após Exu ser despachado, abrindo caminho para os outros orixás. Como na África, ele é representado por sete objetos de ferro pendurados em uma haste de metal. A importância de Ogum vem do fato de ser ele um dos mais antigos dos deuses iorubás e, também, em virtude de sua ligação com os metais e aqueles que os utilizam.

Orixá yorubá, considerado rei de ifé, na Nigéria.

É general de oduduwá, preside as guerras e as lutas. Executa trabalhos manuais em ferro, madeira, etc. É o criador das armas e ferramentas.

Ele geralmente é assentado pelo lado de fora, gosta de ficar rodeando de árvores, como YIOBÉ, peregun, sua árvore de maior fundamento, é YIZIEEU, pé de jaca. Mulher não deve chegar perto. O deus guerreiro de personalidade instável, filho de Yemanjá com Oxalá. No amor este soldado é sensual e aconchegante. Na guerra, é furioso e vingativo. Experiente ferreiro, utiliza-se de seus conhecimentos para defender os filhos. Amante incontestável, não dispensa uma boa peleja. Todos aqueles que se utilizam do ferro para trabalhar, do metalúrgico ao cirurgião, passando pelo açougueiro e o agricultor, estão sob sua proteção. Seus filhos costumam adorar estar com os amigos, transformando a rotina do dia-a-dia. Parecem brisas de tão suaves, mas, ao menor sinal de conflito, explodem numa fúria devastadora. Sua franqueza é desconcertante e a curiosidade, idem. Abominam a derrota e o perdão, preferindo um grito de guerra vitorioso.

Ogún caça e inventa armas. Deve-se ter sempre a seus pés uma cabaça virada, pois, se ele não encontrá-la, fica nervoso. O fogo e o sangue simbolizam a raiva e o desejo de guerrear. Ele teve várias esposas: Oxún, Obá e Oya, a mais importante foi ELESY OXÚN ORIY, aquela que pintava sua cabeça com pós brancos e vermelhos.

Sua representação é feita por sete, quatorze ou vinte e uma ferramentas de ferro, como por exemplo: **martelo, foice, ancinho, enxada, facão, etc.**

Os cultos de Exú e Ogún são muito parecidos.

Ogún alimenta-se de feijoada, inhame, xinxim de galinha.

Ogún recebeu vários nomes, pelas aldeias e cidades por onde passava, OGÚN BENIN, OGÚN DAYO, OGÚN FENÁN, OGÚN KAUANA; que não são qualidades e sim títulos.

QUALIDADES

OGÚN MENÉ – É um jovem guerreiro. Veste-se de verde, branco e amarelo. Come com Oxalá e tem grande fundamento com Yemanjá.

OGÚN MEJE: Seria o mais velho, a raiz de todos. É um Ogún completo. Come nos cemitérios. Solteirão, ranzinza e muito sanguinário. Suas cores são o verde claro e o vermelho claro.

OGÚNJÁ: É o Orixá da casa de Oxalá, o grande guerreiro branco. Como todo Ogún, come inhame, tem temperamento rabugento e solitário. Em seus assentamentos leva Oxún e Wáji. Não se pronuncia seu nome em vão e nem à noite. Veste branco e também, o verde, suas contas são verde-claro. Cobre-se de mariwo.

OGÚN XOROQUE: É um Orixá de Jeje, um tipo muito perigoso. Dizem que foi amaldiçoado por seu pai e sua mãe. Conta à lenda que um vulcão entrou em erupção e XOROQUE pulou de dentro dele, em forma de fogo. É o senhor da noite, vive nos cantos das encruzilhadas, castigando os que por ali passam e profanam as oferendas ali colocadas. É o Orixá da vingança, pois, seu temperamento é muito forte. Tem que ser feito no domínio do pai, VILA MAVUMBE, e ambos no domínio da mãe, APANDÁ. Faz-se o Exú, escravizado por Ogún, tendo que assentar Oxún. Não pode ser feito dentro do barracão. Tudo é duplo, até o QUELÊ. São dois assentamentos, um de Exú, sem massa e outro de Ogún, com massa, sobre o Exú. Dança-se para Exú, Ogún e Oxún.

OGÚN WARI: Feiticeiro, fica ao lado do Igbalé, o seu assentamento. É velho, agitado, violento, implacável. Sua bebida é a cachaça. Come carne crua. No seu assentamento tem duas tíbias, 1 crânio e terra de cemitério. O assentamento é na mata e fica em lugar alto.

OGÚN ELEBEDÉ: Assentamento todo em ferro (mini oficina de ferreiro). Este Ogún é o marido de Yemanjá Ogúnitá e o pai de Akeko. É o mais velho, trabalhador, exigente e rabugento. Veste-se de azul arroxado e o vermelho. Contas iguais à roupa. Come com Exú e Yemanjá.

OGÚN AKORO: Irmão de Oxossi e ligado à floresta. É invocado no Padê. É filho de Yemanjá Ogúnté, jovem, dinâmico, empreendedor, protetor, seguro, amigo fiel e ligado ao mau. Seu assentamento leva várias folhas.

OGÚN AJAKÁ: Irmão mais velho de Xangô, conquistou a cidade de Oyó e deu para seu irmão governar. Teria sido o primeiro rei de Oyó. É agressivo, gosta de dar ordem e ser obedecido. Guerreiro sanguinário, come carne crua. Usa as cores vermelho, azul e amarelo.

OGÚN ONIRE: Primeiro filho de Odùdù. Usa contas verdes e veste-se de verde, Guerreiro impulsivo,

violento, cortador de cabeça sanguinário, ligado a morte e aos antepassados. Muito impaciente, não pensa antes de agir, mas acalma-se rápido.

OGÚN IGBAGBO: Outro nome de Ogún Olode. É caçador e não come animais caseiros. Amigo e conhecedor dos caminhos como Oxóssi. semelhante a Oxóssi. Come, em seus assentamentos, caça. Leva um Adematá e só come nos caminhos da mata.

OGÚN POPO: assentado ao lado de Oxalá

AJÒ: Fica fora do barracão e toma conta da porteira. É o primeiro a ser saudado. Companheiro de Exú, ronda as encruzilhadas, comendo com Exú nas estradas. veste-se e tem contas azul arroxeadas.

ONIJÉ: É o Orixá que tritura, corta e provoca ferimentos. Não é aconselhável raspar este Orixá em seus filhos. Veste o verde escuro e o vermelho. Tem ligações com Oya Ygbalé.

IKOLÁ: É um Ogún solitário que tem ligações com Xoroque e Oxalá. Come Ìgbín e veste-se de verde escuro ou vermelho. Adora galos vermelhos e bode de chifres grandes.

ELEMONÁ: Mora nas matas e caça muito bem. É muito sério, áspero, não se apegando a ninguém, a não ser a sua própria família. Tem fundamento com Obaluaê e Exú.

CORES: azul marinho, verde garrafa (Ijesá), amarelo ouro.

COMIDA: feijoada e inhame.

DIA DA SEMANA: terça-feira

DATA: 13 de junho

FRUTAS: manga, cajá, obi, orogbo, coco.

FOLHAS:

Papo de Peru (Jokomije)

Mutamba (Aféré)

Eucalipto

Mariwo (Mariwo)

Peregum (Piperegum)

Umbaúba

Espada de Ogún (Ewe idà òrisá)

Rama de leite (Obó)

Comboatá

Iroko (Iroko)

Erva Tostão (Ereje)

Chapéu de couro

Mal-me-quer-bravo (Banjòkò)

Folha de bicho (Étípónlà)

Capim limão

Akoko (Akoko)

Língua de vaca (Enúm Malú)

Cordão de frade

Canela de Macado (Teteregum)

Capeba (Jàh)

Folhas de manga espada

Taioba (Eke Apo)

Alfavaquinha (Orirín)

Pé de pinto

Parietária (Manón)

Folha da Costa (Odundun)

Vence demanda

São Gonçálio (Alékèsì)

Cipó chumbo (Alopepá)

Abre caminho

Erva Prata

Omúm (Bredo)

Dandá da costa

BEBIDAS: água de coco, aluá, meu (vinho de palma).

ILEKÉ: miçangas com segui (azulão), argolão de ferro.

METAL: Ferro.

PARTES DO CORPO: Mãos e couro cabeludo.

SÍMBOLOS: espada, faca, maçã de ferro, facão.

SACERDOTES: Ológún.

CARGOS: Asògún (Sacrifica), Olobe (Senhor da Faca)

Otun Osi

Obs.: O primeiro Asògún do terreiro tem que ser Omo Ògún.

TOQUE: Bravun.

SAUDAÇÃO: Ogún Ye (Salve Ogún)

Patakori Ogún (É importante na cabeça)

Ogum como personagem histórico, teria sido o filho mais velho de Odùduà, o fundador de Ifé. Era um temível guerreiro que brigava sem cessar contra os reinos vizinhos. Dessas expedições, ele trazia sempre um rico espólio e numerosos escravos. Guerreou contra a cidade de Ará e a destruiu. Saqueou e devastou muitos outros Estados e apossou-se da cidade de Irê, matou o rei, aí instalou seu próprio filho no trono e regressou glorioso, usando ele mesmo o título de Onîré, "Rei de Irê". Por razões que ignoramos, Ogum nunca teve o direito a usar uma coroa (adé), feita com pequenas contas de vidro e ornada por franjas de missangas, dissimulando o rosto, emblema de realeza para os iorubás. Foi autorizado a usar apenas um simples diadema, chamado àkòró, e isso lhe valeu ser saudado, até hoje, sob os nome de Ògún Onîré e Ògún Aláàkòró inclusive no Novo Mundo, tanto no Brasil como em Cuba, pelos descendentes dos iorubás trazidos para esses lugares.

Ogum teria sido o mais enérgico dos filhos de Odùduà e foi ele que se tornou o regente do reino de Ifé quando Odùduà ficou temporariamente cego (informação pessoal do Ó̀ni(rei) de Ifé em 1949). Ogum decidiu, depois de numerosos anos ausente de Irê, voltar para visitar seu filho (informação pessoal do Onîré em 1952). Infelizmente, as pessoas da cidade celebravam, no dia da sua chegada, uma cerimônia em que os participantes não podiam falar sob nenhum pretexto. Ogum tinha fome e sede; viu vários potes de vinho de palma, mas ignorava que estivessem vazios. Ninguém o havia saudado ou respondido às suas perguntas. Ele não era reconhecido no local por ter ficado ausente durante muito tempo. Ogum, cuja paciência é pequena, enfureceu-se com o silêncio geral, por ele considerado ofensivo. Começou a quebrar com golpes de sabre os potes e, logo depois, sem poder se conter, passou a cortar as cabeças das pessoas mais próximas, até que seu filho apareceu, oferecendo-lhe as suas comidas prediletas, como cães e caramujos, feijão regado com azeite-de-dendê e potes de vinho de palma. Enquanto saciava a sua fome e a sua sede, os habitantes de Irê cantavam louvores onde não faltava a menção a Ògúnjajá, que vem da frase ògún je ajá (Ogum come cachorro), o que lhe valeu o nome de ògúnjá. Satisfeito e acalmado, Ogum lamentou seus atos de violência e declarou que já vivera bastante. Baixou a ponta de seu sabre em direção ao chão e desapareceu pela terra adentro com uma barulheira assustadora. Antes de desaparecer, entretanto, ele pronunciou algumas palavras. A essas palavras, ditas durante uma batalha, Ogum aparece imediatamente em socorro daquele que o evocou. Porém, elas não podem ser usadas em outras circunstâncias, pois, se não encontrar inimigos diante de si, é sobre o imprudente que Ogum se lançará.

Como Orixá, Ogum é o deus do ferro, dos ferreiros e de todos aqueles que utilizam esse metal: agricultores, caçadores, açougueiros, barbeiros, marceneiros, carpinteiros, escultores. Desde o início do século, os mecânicos, os condutores de automóveis ou de trens, os reparadores de velocípedes e de máquinas de costura vieram juntar-se ao grupo de seus fiéis.

Ogum é único, mas, em Irê, diz-se que ele é composto de sete partes. Ògún méjeje ló̀de Iré, frase que faz alusão às sete aldeias, hoje desaparecidas, que existiriam em volta de Irê. O número 7 é, pois, associado a Ogum e ele é representado, nos lugares que lhe são consagrados, por instrumentos de ferro, em número de sete, catorze ou vinte e um, pendurados numa haste horizontal, também de ferro: lança, espada, enxada, torquês, facão, ponta de flexa e enxó, símbolos de suas atividades.

ARQUÉTIPO

O arquétipo de Ogum é o das pessoas violentas, briguentas e impulsivas, incapazes de perdoarem as ofensas de que foram vítimas. Das pessoas que perseguem energicamente seus objetivos e não se desencorajam facilmente. Das que nos momentos difíceis triunfam onde qualquer outro teria abandonado o combate e perdido toda a esperança. Das que possuem humor mutável, passando de furiosos acessos de raiva ao mais tranquilo dos comportamentos. Finalmente, é o arquétipo das pessoas impetuosas e arrogantes, daquelas que se arriscam a melindrar os outros por uma certa falta de discrição quando lhes prestam serviços, mas que, devido à sinceridade e franqueza de suas intenções, tornam-se difíceis de serem odiadas.

ESSABAS DE OGUN:

Palmeira de dendê – Mariwô

Canela de macaco - Teterégun

Taioba - Bala

Peregun (piperegun) – piperégún nativo

Mutamba - Aferê

Rama-de-leite - Obô	Folha-de-bicho - Ibin
Erva-tostão, graminha - Eregê	Erva-de-passarinho - Afoman
Aroeira	Bredo - Omun
Espada de São Jorge - Junçá	Alfavaquinha - Orim-rim
Capeba - Já	Abre-caminho-de-Ogun
Cipó-chumbo - Ano-peipa	Aroeira branca
Guiné-pipiu	Cajarana
Osigbatá	Folhas de manga espada
Folha da costa (saião) - Odún-dun	Pau-ferro
Folha-de-Ioko - Iróko	Caiçara
Malmequer bravo - Pepé	Cajá - Jamin
Parietária - Monam	Bredo sem espinhos - Teté

ÒGÚN	ABRE CAMINHO; AGRIÃO; ALFAVAQUINHA; ALUMÃ; ARNICA; BELDROEGA; BREDO SEM ESPINHO; CAJAZEIRA; CAMBOATÁ; CANA DO BREJO; CANELA DE MACACO; CAPIM LIMÃO; CAPIXABA; CARQUEJA; CHAPÉU DE COURO; CIPÓ CHUMBO; CORDÃO DE FRADE; DANDÁ DA COSTA; ERVA DE PASSARINHO; CRISTA DE GALO; DRAGOEIRO; EUCALIPTO; ESPADA DE SÃO JORGE; GUARABU; GOIABEIRA; HELICÔNIA; ÒGÙN; JABOTICABEIRA; JAMBO; GRUMIXAMEIRA; ERVA TOSTÃO; GUINÉ; JUCÁ; JATAI; JATOBÁ; LIMÃO BRAVO; LOSNA; LÍNGUA DE VACA; MUTAMBA; MALMEQUER; MANGUEIRA; PÉ DE PINTO; PAU ROSA; PIRI-PIRI; POINCÉTIA; PORANGABA; TANCHAGEM; SANGUE DE DRAGÃO; UMBÁUBA; VENCE DEMANDA; PEREGUN; MADEIRA DE LEI; AROEIRA BRANCA; CANJARANA; MANGA ESPADA; AROEIRA; LEVANTE; PAU FERRO; SÃO GONÇALINHO; CAIÇARA
-------------	---

OGUM

Locais de maior vibração dos orixás

estradas de rodagem e ferro

As cores e flores que são regidas pelos orixás:

Branca e Vermelha (Cravos brancos e vermelhos)

As bebidas que são regidas pelos orixás:

Cerveja branca

Frutos e Frutas

Manga Espada

Algumas das comidas mais comuns oferecidas aos Orixás: Inhame cozido na água, descascado e dividido ao meio, regado com mel (Estrada de Rodagem). – Inhame assado na brasa, descascado dividido ao meio, regado com dendê (Estrada de Ferro).

Mencionaremos aqui as ervas mais conhecidas no Rio de Janeiro: Espada de São Jorge, Aroeira, São Gançalinho.

Os Orixás normalmente trazem em seus filhos suas características físicas e de caráter. Assim podemos dizer que os filhos de: São pessoas magras, inquietas, musculosas, temperamentais, empreendedoras, batalhadores e conquistadoras,

Os Orixás têm suas preferências também quanto aos metais. A prata.

Calendário Festivo da Umbanda 23 de abril.

QUALIDADES DE OGUN

- | | | |
|-------------|----------|-----------------|
| 1. Onire | 4. Omini | 6. Eroto ndo |
| 2. Alagbede | 5. Wari | 7. Akoro Onigbe |
| 3. Já | | |

LENDA DE OGUN

Ogun vivia em sua aldeia, quando foi requisitado para uma guerra, que não tinha data para acabar. Antes de partir, ele exigiu que seus habitantes dedicassem um dia em sua homenagem, fazendo o sacrifício de jejuar e fazer silêncio absoluto, além de outras oferendas.

Partiu, em sua longa jornada, para os campos de batalha, onde permaneceu sete anos. No regresso à sua aldeia, caminhou durante muitos dias, sentindo muito cansaço. A fome e a sede também o atormentavam. Na primeira casa que encontrou pediu água e comida, mas ninguém o atendeu, permanecendo calados e de olhos fixos no chão.

Resolveu, então, fazer outra tentativa na próxima casa, mas a cena foi a mesma, o que despertou sua ira. Ele esbravejou com os moradores, exigindo que falassem com ele, mas ninguém o fez.

Não se conformava com tamanha falta de respeito, depois de ter lutado tanto!

Ogun esperava uma recepção calorosa em sua própria aldeia, mas, ao contrário, só encontrou silêncio.

À medida que avançava pelo interior da cidade, a mesma coisa se repetia, casa após casa. Ogun nem imaginava o que estava acontecendo. Perguntava e não recebia resposta.

Sua ira já estava incontrolável, quando chegou ao centro do povoado, onde haviam muitas pessoas. Estranhou o fato de ninguém estar conversando. Perguntou a eles onde estavam suas famílias, mas não obteve resposta. Era uma afronta!

Foi assim que, evocando todos os seus poderes, Ogun dizimou sua própria aldeia.

Caçadores que passavam pela cidade, entre eles seu filho, o reconheceram e tentaram aproximar-se. Vendo que sua cólera era imensa, resolveram evocar Exú para acalmá-lo.

A ira desse orixá finalmente foi aplacada. Seu filho, indignado ao ver tanta destruição, indagou o motivo que levou seu pai a cometer tal atrocidade. Ogun respondeu que aquelas pessoas lhe faltaram com respeito quando não o reconheceram. Precisavam de um castigo.

Foi, então, que seu filho fez-lhe lembrar da exigência que fizera antes de partir para a guerra.

Ogun, tomado pelo remorso, devido à sua crueldade com pessoas que só estavam obedecendo ordens, abriu o chão com sua espada enterrando-se de pé.

OSSANHE ou OSSANHA:

É a manifestação da conservação e da preservação.

É o Orixá responsável pelas folhas, sendo cultuado nos candomblés com grande respeito, devido à participação fundamental das ewés (folhas) em todos os axés, tais como: sacudimentos, banhos, inxés, etc... A força do culto está baseado na infusão das folhas.

PERSONALIDADE: Livres, passionais, desconfiados, generosos, ciumentos, observam tudo ao seu redor, tem tendência ao isolamento e são caprichosos no que realizam.

PAÓ: 3 batidas de palma, bem espaçadas, levantando-se de cada vez as mãos fechadas para diante e para cima, lentamente. Em seguida, 7 batidas lentas para frente e as 3 vezes de reverência, ainda mais lentas, seguindo o adobale.

SAUDAÇÃO: "ewé, ewé ossanhe!".

DIA: Quinta-feira

COR: Todos os matizes de verde, e o branco.

METAL: Estanho

ANIMAIS: bode, galo e pombos.

SÍMBOLO: Haste de ferro, tendo na extremidade superior um pássaro em ferro forjado. Esta mesma haste é cercada por seis outras dirigidas para o alto em forma de leque.

Ossain, é a energia mágico/curativa das folhas e por isso divinizada na forma do senhor das folhas e dos remédios. Seu interesse pela ciência tornou-o um solitário desde que desceu do orum (o céu ioruba). Embrenhou-se pelas florestas e vive para descobrir e se apoderar dos segredos mágicos das folhas, o elemento mais importante, sem dúvida, no candomblé. Alguns mitos dizem que Ossain aprendeu os segredos das folhas com Aroni, uma espécie de gnomo africano, que tem uma perna só, e com os pássaros, alguns deles a forma tomada pelas temíveis feiticeiras africanas (ajé) Iyami Oshorongá, cujo nome não deve ser pronunciado para não atraí-las.

Sentindo-se sozinho, enfeitou Oxóssi, a quem sempre encontrava nas matas, e o levou para os fundos destas onde lhe ensinou muitos segredos e pretendia mantê-lo, (alguns mitos dizem que como amigo, outros dizem que como amante) o que Iemanjá e Ogun não permitiram, voltando Ossain à sua solidão.

Segundo o mito, Xangô, o deus trovão, desejando obter os fundamentais poderes de Ossain, pediu à sua mulher, Iansã, a deusa dos ventos e das tempestades, que ventasse muito no lugar onde morava Ossain, para que as folhas sagradas que guardava em sua cabaça de segredos fossem espalhadas e ele pudesse apanhá-las.

Por seu amor a Xangô, Iansã assim fez. No entanto, quando vento espalhou as folhas todos os orixás correram para apanhá-las, sabendo de seus poderes.

Ossain, ao ver o que acontecia pronunciou palavras mágicas que solicitavam que as folhas voltassem às matas, sua casa e seu domínio. Todas as folhas voltaram, mas cada orixá ficou conhecendo o poder daquelas que conseguiu apanhar. Só que elas não tinham o mesmo axé (poder, energia) que quando estavam sob o domínio de Ossain. Para evitar novos episódios de roubo e inveja, Ossain permitiu, então, que cada orixá se tornasse dono de algumas folhas cujo poder mágico, de conhecimento e cura ele liberaria quando lhe pedissem ao retirá-las de suas plantas. Em troca exigiu que jamais cortassem ou permitissem o corte de uma planta curativa ou mágica.

Toda a medicina ioruba se baseia, portanto, nos poderes de Ossain sobre as folhas-remédio e Obaluaiê o deus que rege as doenças graves. Ambos os orixás são muito temidos e respeitados, porque também entre os iorubas, o mesmo princípio que cura, mata. Remédio e veneno são questão de grau.

Cor: verde escuro (cor do "sangue" das folhas)

Dia da semana: quinta-feira

Elemento: ar

Símbolo: um ramo de folhas com um pássaro pousado, indicando seus poderes de cura e de magia.

Comida: milho

Saudação: Ewê! Aça!

OSSAIN ("luz divina")

O deus das ervas, dono das matas, orixá da medicina, da cura, da convalescença. Mestre do poder curativo das ervas, que proporciona o Axé das plantas, ou seja, a força vital, imprescindível à realização de qualquer ritual nos Cultos Africanos.

Ossain é a mágica das folhas, tornando mágicas também a sua convivência com os seres humanos. É o pai da fitoterapia; tem influência na homeopatia, aquele que gera a capacidade de cura pela ingestão ou aplicação de plantas medicinais; nos consultórios, nas cirurgias, na farmácia, nas pesquisas químicas e científicas. Ele é o alquimista, o mágico, o senhor das poções mágicas e curativas, o bruxo, o médico dos orixás. Conhecedor profundo do segredo de todas as ervas.

Toda vez que queimamos uma floresta, desmatamos, cortamos árvores, ou simplesmente arrancamos folhas desnecessariamente, estamos violando a natureza, ofendendo seriamente essa força natural que denominamos Ossain.

Assim, todo orixá que precisava de uma erva ou planta devia em primeiro lugar pedir a Ossain, que cobrava por estes trabalhos, aceitando como pagamento mel, fumo, etc.... Até que um dia Xangô passou a achar que todos os orixás deveriam ter o conhecimento das ervas, e pediu a Oia-Iansã que convencesse Ossain a dividir com os demais os segredos e os mistérios das plantas. Oia-Iansã sacudiu sua saia provocando grande ventania, espalhando as folhas para todos os orixás, para que cada um exercesse poder sobre uma delas. Em meio a ventania, Ossain repetia sem parar: Eu, eu assa!, que significa "Oh, folhas!". Embora cada orixá tenha se apossado de um tipo de folha, com esta reza Ossain evitou que seu poder fosse distribuído com eles, pois só ele conhecia o axé de cada uma delas conservando só para ele o poder sobre elas.

OSSANYIN

Nascido em Irawo, filho de Oxalá e Yemanjá, irmão de Ogún, Oxóssi e Xangô. Ossanyin é muito ligado a Ogún e Oxóssi, o mesmo não acontecendo com Xangô, como aparece em várias versões que eles se opõem.

Ossanyin é o patrono das folhas e da vegetação. Cada folha tem uma finalidade própria dentro do Culto aos Orixás e quando associadas tem poderes mágicos e medicinais: "KO SI ÈWÉ, KO SI ORISÁ" (Sem folhas não há Orixá).

Sem Exú e Ossanyin não Candomblé.

Num terreiro só pode haver um Omo Ossanyin (iniciado), embora possa, sem problemas, ter vários abians, cujo Orixá principal seja Ossanyin.

Ossanyin é acompanhado pelo seu principal Exu Sasaneji e o encantado Aroni, cujas características, tanto desse como daquele passamos a descrever:

— Exu Sasaneji: Tem uma perna só e um olho é coberto com uma folha, no seu assentamento usa-se:

ervas, frutas (colhidas no caminho) e raízes maceradas, vinho moscatel, azeite doce, mel.
— Aroni: É um anão (duende), usa um gorro vermelho, enfeitado com búzios, um cachimbo de barro e pula numa perna só. A base de seu assentamento é algodão. Suas bebidas preferidas são: aluá, água de coco com pitada de sal. Come galos brancos, mel, fumo de rolo (desfiado), etc. Para chamarmos Aroni usamos fumo de rolo em cima de brasa e um ovo quebrado.
Aroni é quem intui o Babalorixá a combinação das folhas.
As folhas apanhadas no redemoinho são para Aroni.

No Ilé Axé Opo Afon já Ossanyin é macho, já no Gantois é cultuado com fêmea e come cabra. Para colhermos folhas, na mata, despachamos o Exu de Ossanyin e o da mata. As folhas são colhidas com a mão direita e colocadas numa cabaça com acaçá dissolvido na água qual as perguntas são feitas a duas cabacinhas e suas vozes poderão ser ouvidas. As cabaças também condicionam além de folhas, mel, fumo de rolo e cachaça, que é um elemento portador de muito Axé. A voz de Ossanyin é estranha, pois imita o grito de um pássaro — ATIORO. A colheita das flores, devem ser feitas com extremo cuidado, sempre em lugar selvagem, onde as plantas crescem livremente, deve-se estar em estado de pureza para esta colheita, abstendo-se de relações sexuais pelo menos três dias precedentes, indo a floresta durante a madrugada sem dirigir a palavra a ninguém. Tendo que deixar no chão uma oferenda a Ossanyin logo que se chegue ao local. Ossanyin usa uma cabaça chamada Igbá-Ossanyin. Fuma e bebe mel e pinga. Ele é feiticeiro, por isto é representado por um pássaro chamado Eleyê, que reside na sua cabaça. Ossanyin existe em todas as folhas, por isso quando queimam as matas ele fica revoltado com ser humano, que destrói a força da natureza, que é a cura de todas as doenças que existem e que vão existir.

QUALIDADES

IBENEJI: É o mais velho, usa mel e favos, etc.

IKINISE: Usa cachimbo e facão niquelado ou de prata, na saída no barracão. Outras Qualidades: OYNGBO, ONIGBOGBO, ÈWE DUNDUN, ÈWE RINRIN, ÈWE ÀGBÉ

COR: Verde/amarelo ou verde/branco para Ibeneji

COMIDA:

- Eko, espiralado, na folha da couve, banana, taioba ou mamona vermelha.
- Amiyan – mingau de farinha de acaçá com canela ralada e 3 pitadas de sal.
- Obi branco.
- Orogbo.
- Milho vermelho cozido com sal.
- Feijão fradinho e preto torrado.
- Mel puro.
- Amendoim torrado sem casca.
- Farofa de dendê com sal.

DIA DA SEMANA: Quinta-feira.

DATA: 5 de outubro.

FRUTAS: Não cítricas.

FOLHAS:

Língua de galinha
Folha de dendezeiro
Mutamba
Cipó chumbo
Canela de macaco
Espada de Ogún
Folha de palmeira
Peregun
Rama de leite
Erva tostão
Papinho de peru
Vassourinha de relógio
Parietária
Erva de passarinho
Cajá
Beldroega

Taioba
Alfavaquinha
Cana do Brejo
Bredo sem espinho
Mal-me-quer-bravo
Folha da costa

BEBIDAS: Aluá, água de coco, gengibre, rapadura ralada e água de coco, cachaça de alambique, vinho tinto ou branco, melão de cana.

ILEKÉ: Verde rajado de amarelo.

METAL: ferro, estanho, bronze.

PARTE DO CORPO: O peito dos pés, parte da perna entre o tornozelo e o joelho.

SÍMBOLO: Haste com folhas e um pássaro àtiórò.

SACERDOTE: Olosaiyn.

CARGOS: Sarapebe – homem que comunica o ocorrido de um egbe, relações públicas.

Bàbálòrisá/Iyálòrisá.

Babalosaiyn.

TOQUE: Ijexá.

SAUDAÇÃO: Èwe Èwe Asá

Ossaiyn ou Ossain (como se escreve habitualmente) é o deus das ervas. Comanda as folhas, as medicinais, as litúrgicas, é o mestre do mato. Sem ele nenhuma cerimônia é possível. Usa pilão, veste verde, sua ferramenta tem sete pontas, uma das quais no centro com um pássaro no alto. Bode e galo são suas comidas prediletas; sua saudação: Èwê ô! muitas vezes é representado com uma única perna. Trata-se de um dos Orixás mais importantes.

OSSAIN, O SENHOR DAS FOLHAS

Ossain recebera de Olodumaré o segredo das folhas.

Ele sabia que algumas delas traziam a calma ou o vigor.

Outras, a sorte, a glória, as honras ou ainda, a miséria, as doenças e os acidente.

Os outros orixás não tinham poder sobre nenhuma planta.

Eles dependiam de Ossain para manter sua saúde ou para o sucesso de suas iniciativas.

Xangô, cujo temperamento é impaciente, guerreiro e impetuoso, irritado por esta desvantagem, usou de um ardil para tentar usurpar a Ossain a propriedade das folhas.

Falou dos planos à sua esposa Iansã, a senhora dos ventos.

Explicou-lhe que, em certos dias, Ossain pendurava, num galho de Iroko, uma cabaça contendo suas folhas mais poderosas.

"Desencadeie uma tempestade bem forte num desses dias", disse-lhe Xangô.

Iansã aceitou a missão com muito gosto.

O vento soprou a grandes rajadas, levando o telhado das casas, arrancando árvores, quebrando tudo por onde passava e, o fim desejado, soltando a cabaça do galho onde estava pendurada.

A cabaça rolou para longe e todas as folhas voaram.

Os orixás se apoderaram de todas.

Cada um tornou-se dono de algumas delas, mas Ossain permaneceu senhor do segredo de suas virtudes e das palavras que devem ser pronunciadas para provocar sua ação.

E, assim, continuou a reinar sobre as plantas como senhor absoluto.

Graças ao poder (axé) que possui sobre elas.

ARQUÉTIPO

O arquétipo de Ossain é das pessoas de caráter equilibrado, capazes de controlar seus sentimentos e emoções. daquelas que não deixam suas simpatias e antipatias interverem nas suas decisões ou influenciarem as suas opiniões sobre pessoas e acontecimentos. É o arquétipo dos indivíduos cuja extraordinária reserva de energia criadora e resistência passiva ajuda-os a atingir os objetivos que fixaram. Daqueles que não têm uma concepção estrita e um sentido convencional de moral e da justiça. Enfim, daquelas pessoas cujos julgamentos sobre os homens e as coisas são menos fundados sobre as noções de bem e de mal do que sobre as de eficiência.

ESSABAS DE OSSANHE:

Todas as folhas, porém deve-se usa-las com cuidado pois cada uma tem uma finalidade específica.

São gonçálinho

Papinho-de-peru – Tolu-tolu

Gorobinha

Folha de neve branca, cana-do-brejo – Timim

Lingua-de-galinha – Ganucô

Vassourinha – Simim-simim

ÒSÁNYÌN	QUEBRA-PEDRA; PATIÓBA; NARCISO; MAMONA; GUABIRA; FUMO; ESPINHO CHEIROSO; ERVA VINTÉM; DENDEZEIRO; CELIDÔNIA; CARRAPATEIRA; BUCHEIRA; BAUNILHA-DE-NICURI; ARIDAN; AMENDOEIRA; ALECRIM DO CAMPO; AKÓKÓ; ALFAVAQUINHA; MENDOIM; AROEIRA; BELDROEGA; CANELA DE MACACO; CIPÓ CHUMBO; ERVA DE PASSARINHO; ERVA TOSTÃO. FIXO; JILÓ; LÁGRIMA DE NOSSA SENHORA; LÍNGUA DE GALINHA; MALMEQUER; MAMONA VERMELHA; PITANGUEIRA; ALFAVAQUINHA; PEREGUN; JEQUIRITI; JURUBEBA; OBI; OGBO.
----------------	--

LENDA DE OSSANHE:

Ossanhe sempre viveu na floresta de onde aprendeu o segredo da força das folhas. Sendo conhecedor de tais poderes os Orixás sempre o procuravam.

Xangô achava que o conhecimento de Ossanhe sobre as folhas deveria ser universal e não algo secreto, pois colocava Ossanhe como a grande sábia das florestas.

Xangô pediu a Oyá que convencesse Ossanhe a lhe revelar tais mistérios. Ossanhe não se deixou convencer.

Oyá insultada, provocou uma ventania espalhando as folhas por diversos reinos.

LENDA DE OSSAIN

Ossain era o único orixá que sabia reconhecer e despertar os poderes mágicos das plantas e usá-los para curar as enfermidades, ou nos rituais litúrgicos. Ele sabia, como ninguém, fazer misturas mágicas com os vegetais, raízes e folhas.

Os outros orixás também tinham o desejo de possuir suas próprias folhas, bem como o conhecimento necessário para receber o axé proveniente delas, mas Ossain não revelava seus segredos e não deixava ninguém apanhar folhas em suas florestas.

Oyá (Yassan) não aceitava essa situação, pois sua aldeia estava sendo assolada por doenças, e nada podia ser feito. Foi, então, que ela pediu a Ossain que lhe desse algumas folhas e seus respectivos encantamentos, mas este negou-se a fazê-lo. Oyá ficou muito contrariada, não se conformando com uma atitude tão insensível. Sua fúria incontrolável fez levantar o vento. E o vento foi tão forte, que as folhas se desprenderam das árvores, voando para todos os cantos da floresta. Ossain gritava: "Minhas folhas, minhas folhas". A cabaça com os segredos ficou exposta por algum tempo, possibilitando aos orixás a oportunidade de absorver uma pequena parte desse conhecimento. Assim, os orixás cataram suas folhas, que seriam utilizadas em seus rituais sagrados; porém, não podiam dispensar a ajuda de Ossain, pois ele sempre será o grande sábio da floresta.

Outra lenda nos conta que Ossain trabalhava na roça de Orunmilá, que é um orixá fun-fun (da cor branca) e detentor do conhecimento do oráculo divinatório. Ossain tinha a tarefa de cultivar os campos, mas recusava-se a limpar o terreno para fazer a semeadura. Ele não conseguia podar as plantas, pois achava utilidade em todas elas. Essas folhas podiam curar todo tipo de doença existente.

Orunmilá, vendo que o serviço não saía, foi ver o que estava acontecendo.

Ossain explicou seus motivos, fazendo com que o grande orixá fun-fun percebesse estar diante de um ser encantado e de grande conhecimento. Ao invés de castigá-lo, deu-lhe uma posição de destaque dentro do oráculo de Ifá. Dessa forma, Orunmilá teria, perto de si, alguém para lhe revelar os segredos das folhas.

IBEJI:

IBEJI

Os Ibejis representam a solidariedade, a gemelaridade (qualidade das coisas gêmeas, compostas de dois inseparáveis, e assim do próprio processo de conhecimento humano, composto de pares inseparáveis de oposições). Representam ainda os irmãos, a infância, o início da vida, momento em que a dependência da solidariedade é maior.

Um dos mitos diz que os orixás crianças, os gêmeos Ibejis, eram companheiros de brincadeira de Logun-Edé e de Ewá, sendo filhos de Iemanjá. Um dia, enquanto brincavam numa cachoeira, um deles acabou se afogando.

O Ibeji que ficou, começou então a se tornar a cada dia menos forte, mais melancólico e sem interesse pela vida.

Foi então a Orunmilá e suplicou que este Ihe trouxesse seu irmão de volta.

Não podendo fazer tal coisa, Orunmilá transformou a ambos em imagens de madeira, e os deu de presente a Oxum, para q deles cuidasse e para que pudessem ficar juntos para sempre.

Cor: Rosa e Azul

Numero 2

Comida: caruru

Dia da Semana: Sábado

Saudação: Ere wa!

IBEJI (ib: "nascer"; eji: "dois")

Ibeji na nação Keto, ou Vunji nas nações Angola e Congo. É o orixá Erê, ou seja, o orixá criança. É a divindade da brincadeira, da alegria; sua regência está ligada à infância.

Ibeji está presente em todos os rituais do Candomblé pois, assim como Exu, se não for bem cuidado pode atrapalhar os trabalhos com suas brincadeiras infantis, desvirtuando a concentração dos membros de uma Casa de Santo. É o orixá que rege a alegria, a inocência, a ingenuidade da criança. Sua determinação é tomar conta do bebê até a adolescência, independente do orixá que a criança carrega.

Ibeji é tudo de bom, belo e puro que existe; uma criança pode nos mostrar seu sorriso, sua alegria, sua felicidade, seu engatinhar, falar, seus olhos brilhantes. Na natureza, a beleza do canto dos pássaros, nas evoluções durante o vôo das aves, na beleza e perfume das flores. A criança que temos dentro de nós, as recordações da infância. Feche os olhos e lembre-se de uma felicidade, de uma travessura e você estará vivendo ou revivendo uma lenda desse orixá. Pois tudo aquilo de bom que nos aconteceu em nossa infância, foi regido, gerado e administrado por Ibeji. Portanto, ele já viveu todas as felicidades e travessuras que todos nós, seres humanos, vivemos.

A lenda, a história de Ibeji, acontece a cada momento feliz de uma criança. Ao menos para manter vivo este importante orixá, procure dar felicidade a uma criança. Faça você mesmo o encantamento de Ibeji. É fácil: faça gerar dentro de si a felicidade de estar vivendo. Transmita esta felicidade, contagie o seu próximo com ela. Encante Ibeji com a magia do sorriso, com o amor de uma criança. E seja Ibeji, feliz!

YBEJI

Em verdade os ybejis nada tem a ver com crianças, porque eles são a metamorfose do próprio orixá cuja transformação e mutação se faz necessária a fim de reciclá-lo em adaptação a nossa vida terrena, em face de uma melhor identificação e comunicação entre eles orixás e nós humanos.

Em verdade a dupla, representada pelos eres não são dois e sim três, porque quando se arruma ybeji, tudo que se faz para os dois, tem que ser fazer para o terceiro, este terceiro é que vai para rua segurar todas as demandas e feitiços que nem Exú desmancha (as vezes) porém os eres o fazem com a capacidade de maior acerto e resultados defensivos.

Os seus assentos são representados com duas ou dois bonequinhos com enfeites, brinquedinhos, quartinhas pequeninas, idés, pedrinhas brilhosas, ouro, prata, cristal, bolas de gude etc.

Sua criação: Galos ou galinhas garnizé, podendo dar somente galinhas ou frangos branco.

NÃO SE FAZ YBEJI

O que acontece é que existe cabeça deles, porém se faz Osún ou Oxalá preparando tudo para Ybeji, mas se trazendo esses orixás para comandar a cabeça.

ARQUÉTIPO

São pessoas alegres e extrovertidas, e não têm muita responsabilidade com os compromissos. Para eles a vida é um eterno brinquedo e eles não se ligam para o que os outros pensam, eles fazem o que querem, a hora que desejam e fim.

São criaturas dóceis e amigas e quase sempre não tem maldade em nada que fazem, vivem um mundo diferente dos demais, porque a ilusão e fantasia fazem parte constante do seu dia dia.

É tão bom ser assim não é?

IBEIJADA

Calendário

Festivo da 27 de

Umbanda setembro

OXOSSI:

Deus dos caçadores, irmão de Ogun, representando a fartura. Tornou-se um Orixá popular, por aventurar-se pelas matas para descobrir novos caminhos para acampamentos, o que deu origem a várias cidades. Apresenta esse Orixá também um lado alquímico, pois conta a lenda que Oxossi por viver grande parte do tempo na mata, aprendeu com Ossanhe, divindade das folhas, a utilidade e a aplicação de cada essaba.

PERSONALIDADE: Audacioso, exibicionista, cheios de iniciativa, espertas, rápidas, estão sempre alertas, hospitaleiros, generosos, temperamentais, orgulhosos, irrequietos, possuem senso coletivo, senso de responsabilidade e mudam de opinião facilmente.

Cabe acrescentar ainda, que Oxossi está associado ao frio, à noite e a Lua. Relaciona-se com os animais cujo grito imita a perfeição. Assim é Oxossi, valente e ágil.

SÍMBOLOS: OFÁ: arco e flecha, capanga e aves.

PAÓ: 3 batidas de palmas, bem espaçadas e levantando-se a cada vez, as mãos fechadas adiante e para cima, lentamente. Em seguida, 7 lentas na frente e as três de reverência, ainda mais lentas, em seguida do adobale.

SAUDAÇÃO: "Okê Oxossi! Okê aro ode! Ode kokê maior!".

FILIAÇÃO: Aparáoká

DIA: Quinta-feira

METAL: Estanho

Oxóssi, é filho de Iemanjá com Orunmilá. É divinização da floresta, reinando sobre o verde sobre os animais selvagens, dos quais é considerado o dono e dos quais tem todas as virtudes. Oxossi é sagaz como o leopardo, forte como o leão, leve como um pássaro, silencioso como um tigre, observador como a coruja, sabe se esconder como um tatu, é vaidoso como o pavão, corre como os coelhos, sobe

em árvores como macaco, conhece os animais profundamente e com eles partilha o conhecimento da natureza.

Dizem os mitos que aprendeu a caçar com seu irmão Ogum, quando este lhe deu as pontas de flechas e, mais tarde, a espingarda. A essência de Oxossi é "atingir um objetivo". Fixar um alvo e atingi-lo. Alimentar a família. Oxossi sempre foi o responsável por alimentar a família. É considerado o orixá que dá de comer às pessoas, pois sob seus domínios estão os animais e os vegetais. Assim, invoca-se a energia de Oxóssi quando se quer encontrar algo ou atingir algum objetivo e para prover sustento (moral ou físico) durante as jornadas.

No limite, é Oxossi o patrono da natureza, enquanto Ogum é a cultura. Como sempre foi muito observador aprendeu também os mistérios e poderes das plantas com Ossain, orixá dono dos poderes de cura das folhas, que certa vez o enfeitou, levando-o para o fundo da floresta a fim de ter companhia. Iemanjá, sua ciumenta mãe, enfurecendo-se, mandou que Ogum fosse buscar seu irmão na floresta e o arrancasse dos feitiços de Ossain.

Invoca-se Oxossi, portanto, quando se quer encontrar remédios para certos males, embora seja necessário pedir a Ossain que o remédio faça efeito. Ogum assim o fez, mas como Oxóssi relutasse em voltar ao lar, e ao voltar desfeiteasse sua mãe, esta o proibiu de viver dentro da casa, deixando-o ao relento. Como havia prometido ao irmão ser sempre seu companheiro, Ogum foi viver também do lado de fora de casa.

Oxóssi tornou-se o melhor dos caçadores e diz o mito que foi ele quem livrou Araketu, sua cidade, de um grande feitiço das perigosíssimas ajés (feiticeiras africanas) Iyami Oshorongá, que se transformam em pássaros e atacam as pessoas e cidades com doenças e miséria.

Tendo uma destas feiticeiras pousado sobre o palácio do rei de Ketu, e os demais caçadores do reino perdido todas as suas flechas tentando matá-la, Oxóssi, com apenas uma, deu cabo do perigoso pássaro, tendo sido conclamado o rei de Ketu. Pede-se a Oxóssi, portanto, que destrua feitiços ou energias maléficas.

Um dia, enquanto caçava elefantes para retirar-lhes as presas, Oxóssi encontrou e apaixonou-se por Oxum, a deusa das águas doces e do ouro que repousa em seus leitos e com ela teve um filho, Logun-Edé. Filho da floresta com as águas dos rios, Logun-Edé é considerado o orixá da fartura e da riqueza que ambos os domínios apresentam e dos quais compartilha. Mais adiante eu falo sobre Logun-Edé.

Dia da Semana: terça-feira

Símbolo: ofá (arco e flecha)

Cor: azul e verde (azul pela relação com o ar - no lançamento das flechas - e verde pelas matas)

Elemento: ar e terra

Número: 3

Comida: milho e coco.

Saudação: Okê Arô, Oxossi!

OXÓSSI (oxo: "caçador; ossi: "noturno")

Oxóssi, deus dos caçadores teria sido o irmão caçula ou o filho de Ogum, é o orixá da caça, chamado muitas vezes de Odé Wawá, ou seja, "Caçador dos Céus". É a divindade da fartura, da abundância, da prosperidade, Em seu lado negativo, porém, pode ser também o pai da míngua, da falta de provisão. A seguir citaremos outras importâncias, isto é, atribuições de Oxóssi:

Suas principais características são a ligeireza, a astúcia, a sabedoria, o jeito ardiloso para faturar sua caça. É um orixá de contemplação, amante das artes e das coisas belas.

Como todos os orixás, Oxóssi também está no dia-a-dia dos seres vivos, convivendo intimamente com todos nós. Dentro do Culto, ele é o caçador do Axé, aquele que busca as coisas boas para uma Casa de Santo, aquele que caça as boas influências e as energias positivas.

No dia-a-dia, encontramos o deus da caça no almoço, no jantar, enfim em todas as refeições, pois é ele que provê o alimento. Rege a lavoura, a agricultura, permitindo bom plantio e boa colheita para todos.

O culto a esse orixá é bastante difundido no Brasil, mas pouco lembrado na Nigéria, o que se deve ao fato de Oxóssi ter sido cultuado basicamente em Keto (terra dos panos vermelhos), onde foi consagrado como rei. No século XIX, devido ao tráfico negreiro, a cidade foi praticamente destruída pelos ataques das tropas do rei Daomé. Os filhos consagrados a Oxóssi foram vendidos como escravos no Brasil, Antilhas e Cuba. É o orixá que cultua o próprio individualismo, tendo determinação para qualquer combate. Outros deuses da caça: Oriluerê, Erinlé, Ibualama, Logun Edé.

Oxóssi – Odé, está ligado à terra virgem. Possui muita importância em Kétu, torna-se Alákétu (rei do Kétu). É àxèxè (princípio dos princípios) dos descendentes de Kétu.

Os Oge (chifres de touro) fazem a comunicação entre o Aiyé e Orún, chamados de: Olugbohun – o senhor escuta a minha voz.

Oxóssi é um caçador nato, irmão mais novo de Ogum e protetor dos caçadores e policiais de toda ordem. Seus filhos são lutadores, obstinados e não desistem de seus objetivos por nada. De fortes ligações místicas são capazes até de adquirir poderes sobrenaturais. Acima de tudo, possuem uma alegria contagiante e uma agitação inevitável. Empunha um arco e flecha de ferro e sua cor é o azul celeste claro.

Mitologicamente Oxossi é filho de Oxalá e Yemanjá, embora esta versão coexista com outra menos conhecida, que diz que o Deus da Caça é filho de Apáokà (Jaqueira).

Oxossi, Caçador de elefantes, animal associado à realeza e aos antepassados. Vive na floresta, onde moram os espíritos e está relacionado com árvores também.

Oxossi usa Irukèrè, uma espécie de chicote, feito com pelos do rabo do touro, cujo objetivo maior é dominar os espíritos da floresta, pois o rabo do animal como fica voltado para trás, ou seja, para o passado e para os espíritos dos mortos. O Irukèrè também serve para espantar os mosquitos e sobretudo as abelhas — mensageiras de Oxossi, que deixam o seu mel aos pés de Iroko ou do Apáoká — a verdadeira mãe de Oxossi, a que lhe deu o tesouro, que nada mais é do que o mel alimento real e o Àsé principal das divindades femininas. As abelhas representam os espíritos de antepassados femininos que povoavam a floresta.

Uma das qualidades de Oxossi se identifica com a pantera – é o terrível Ode.

Oxossi conhece a natureza, as plantas, as quais estão associadas à qualidade de Ode Ose Ewe e está ligado ao frio, à noite e a lua. Inclusive vários oriki de Oxossi confirmam esta associação.

Oxossi é o único Orixá que entra na mata da morte, joga sobre si um pó sagrado, avermelhado, chamado AROLÉ, que passou a ser um de seus dotes. Este pó o torna imune à morte e aos EGUNS.

ORÔ DE OXOSI

Omo – Ode – Lailai

Omo – Ode – Kosajô

Abaderoco Koisô

Omo – Ode – Kosajô

QUALIDADES

AKUERAN: Velho, come carne crua, culto realizado na madrugada. Tem fundamento com Oxumarè e Osónyín. Muitas de suas comidas são oferecidas cruas. Ele é o dono da fatura, ele mora nas profundezas das matas. Veste-se de azul claro e tiras vermelhas, suas contas são azul claro. Seus bichos são: papagaio e arara, tira-se as penas e solta-e o bicho.

DANADANA: Ele o Orixá que entra na mata da morte Velho, irmão de Ogún, tem fundamento com Exu, Osónyín, Oxumarè, Oya e Obaluaê/Omulú. É e sai sem temer EGUN e a própria morte. Veste azul claro.

OTIN: Conhecido como Babá Otin – Oxossi menino, capanga de coelho, veste azul claro e o vermelho, contas azuis e chapéu de plumas brancas. Usa uma lança. Guerreiro é muito parecido com o irmão Ogún vive na companhia dele, caçando e lutando, é muito manhoso e não tem caráter fácil, muito valente, estando sempre pronto a sacar sua arma quando provocado. Não leva desaforo e castiga seus filhos quando desobedecido. Tem que se dar comida a Ogún.

ODEMIRA: Acompanha Yemanjá, cultuado apenas no Axé Opo Afonjá.

OKOLO: Velho, é Ossaiyn que traz esta qualidade no barracão.

ORIEJE: Veste verde, é assentado na floresta.

OSONGBO: Vem ao barracão com uma flauta de osso, cultua egungun.

ORUMINA: É do mato, aprecia animais selvagens.

GENDEPE: É do mato, violento.

ONIPABO: Violento, acompanha Ogún, veste-se de azul, verde e vermelho.

ODOOKE: Vive nos montes, Oxun do lado, come bode castrado.

ÀROLÉ: Deus da caça, veste-se de peles de animais, usa polvari, come carne crua, usa duas capangas, debaixo do assentamento tem uma estrela. É invocado no padê de Exu. É o verdadeiro rei de Ketu, as pessoas dele são muito antipáticas, jovem e romântico, gosta de namorar, vive mirando-se nas águas, apreciando sua beleza. Come com Ogún e Oxún, aprecia carne de veado e é ágil na arte de caçar.

ODE OSE EWE OU YBO: É o senhor da floresta, ligado as folhas e as Osonyín, com quem vive nas matas. Veste azul claro e usa capacete quase tampando o seu rosto.

IGBO: Velho, associado a Osonyín. Cultuado em Lobu. Mania de perfeição

YBUALAMO: É velho e caçador. Come nas águas mais profundas. Conta um mito que Ybualamo é o verdadeiro pai de Logunedé. Apaixonado por Oxún e vendo-a no fundo do rio, ele atirou-se nas águas mais profunda em busca de seu amor. Sua vestimenta é azul celeste, como suas contas. Come com Omolú Azoani, usa um capacete feito de palha da costa e um saiote de palha.

INLÉ OU ERINLÈ: É o filho querido de Oxaguian e Yemanjá. Veste-se de branco em homenagem a seu pai. Usa chapéu com palmas brancas e azuis claro. É tão amado que Oxaguian usa em suas contas uma azul claro de seu filho. Come com seu pai e sua mãe (todos os bichos) e tem fundamento com Ogún Já.

KOIFÉ: Não se faz no Brasil e na África, pois, muitos de seus fundamentos estão extintos. Seus eleitos ficam um ano recolhidos, tomando todos os dias o banho das folhas. Veste vermelho, leva na mão uma espada e uma lança. Come com Osónyín e vive muito escondido dentro das matas, sozinho. Suas contas são azuis clara, usa capangas e braceletes. Usa um capacete que lhe cobre todo o rosto. Assenta-se Koifé e faz-se Ybo, Ynlé ou Oxún Karé; trinta dias após, faz-se toda a matança.

ODÉ KARE: É ligado as águas e a Oxún, porém os dois não se dão bem, pois, exercem as mesmas forças e funções. Come com Oxún e Oxalá. Usa azul e um Banté dourado. Gosta de pentear-se, de perfume e de acarajé. Bom caçador, mora sempre perto das fontes.

ODÉ WAW: Vem da origem dos Orixás caçadores. Veste-se de azul e branco, usa arco e flecha e os chifres do touro selvagem. Come com Oxalá e Xangô, pois, dizem que ele fez sua morada debaixo da gameleira. Está extinto, assenta-se ele e faz-se Ayrá ou Oxún Karé.

ODÉ WALÈ: É velho e usa contas azuis escuro. É considerado como rei na África, pois, seu culto é ligado diretamente à pantera, é muito severo, austero, solteirão e não gosta das mulheres, pois, as acha chatas, falam demais, são vaidosas e fracas. Come com Exu e Ogún.

LENDA

Conta-se que um grande caçador entrou na mata com seu filho Longunedé, ensinando-lhe a arte de caçar e manejar o arco e a flecha, após inúmeras caçadas, Logun sentou-se embaixo de uma árvore para descansar. Nessa árvore pousou um pássaro e Oxóssi preparou sua arma e atirou. Acertou em cheio pássaro e, também, uma colméia de abelhas. Elas foram cair justamente sobre a cabeça de Logunedé, que sem ter como se defender foi picado. Oxossi vendo o desespero do filho, correu a acudi-lo, sendo mordido várias vezes. Conseguindo fugir, deitou seu filho em folhas frescas e, sem saber o que fazer, pôs-se a chorar. Eis que o Orixá Omolú vendo aquilo, parou e apiedou-se do estado de Logunedé, pois, a criança estava morrendo. Omulú tirou de sua capanga água de cana e gengibre, pilou e aplicou sobre os ferimentos, aliviando as dores. Após isto, fez o mesmo com Oxossi, curando-o completamente.

Oxossi então disse-lhe: Senhor dos aflitos, ponho o meu reino a seus pés e toda a minha caça que daqui por diante eu consegui, comeremos juntos. Omulú agradeceu e seguiu seu caminho. Então Oxossi jurou que nunca mais comeria o mel, pois, o mel o faria lembrar todo o sofrimento seu e de seu filho. Por isso Oxossi não leva mel e Logunedé é levado com açúcar mascavo e gengibre. Toda pessoa de Logun tem que assentar Azoani. Tem que ter um pedaço de colméia para quando Logun chegar, depois enrola-se num murim e joga-se no rio. Também é proibido aos filhos de Logun comerem palmito, fígado de boi e caças.

COR: azul claro, verde, branco (às vezes).

COMIDA: ewa (feijão fradinho torrado) dentro de um oberó (panela de barro – alguidá), axoxó (milho vermelho com fatias de coco) e frutas variadas.

DIA DA SEMANA: quinta-feira.

DATA: Corpus Christi (BA), 23 de abril (SP), 20 de janeiro (RJ).

FRUTAS: coco, goiaba, manga rosa, pitanga, jabuticaba, espiga de milho, graviola, mamão e limão.

FOLHAS:

Jaborandi	Bredo de santo Antonio	Capim cabeludo
São gonçalinho	Erva curraleira	Lágrimas de N. Sra.
Espinho cheiroso	Groselha (folhas)	Dandá da Costa
Alecrim do campo	Pitanga	Arueira
Maminha de vaca	Rabo de tatu	Carrapicho
Abre caminho	Patchulim (folhas)	Caiçara
Alfavaca	Língua de vaca	Nenúfar/Golfo

Saião	Folha do fogo	Oripepe
Ingá	Capeba	Peregum
Acácia jurema	Jarrinha	Alecrim caboclo

BEBIDAS: água de coco, aluá, água de coco com açúcar mascavo, água com açúcar mascavo e melaço.

ILEKÉ: nas mesmas cores.

METAL: bronze, metal amarelo, estanho (às vezes).

PARTE DO CORPO: antebraço, braço, cabelo do corpo e pulmão.

SÍMBOLOS: Ofá, Ode Mata, Irukèrè, Oge (2), Apo (capanga).

SACERDOTE: Odesi

CARGOS: qualquer, inclusive Ojé.

SAUDAÇÃO: Oke Aro!

Oxossi, rei de Ketu, meu pai e pai de mestre Caribé, de Genaro de Carvalho e de Camafeu de Oxossi, é São Jorge matando o dragão. Deus da caça, das úmidas florestas, com o ofá(arco e flexa), abate os javalis, as feras, é o invencível caçador. Rei Oxossi, senhor do Ketu, rodeado de animais, usa capanga e chapéu de couro. Carne de porco, eis a sua comida preferida. Gosta também de bode e galo mas não tolera feijão branco. Come ainda ojojó, milho cozido com pedaços de côco. Dança com ofá e erukerê feito com rabo de boi. Sua palavra de saudação é Okê. Existem várias qualidades de Oxossi: Otin, Inlé e Ibualama. Orixá poderoso, encantado do maior respeito, suas festas são de grande beleza e opulência. Uma delas, a das Quartinhas de Oxossi, no candomblé do Gantois, onde reina a veneranda Mãe Menininha, é inesquecível espetáculo.

Ibualama ou Inlé é uma qualidade de Oxossi, marido de Oxum. Como os demais Oxossis é caçador, rei de Ketu, usa ofá(arco e flexa) e chapéu de couro. Come tudo que é caça e seu dia é quinta-feira.

Um Oxossi azul, Otin! Usa capanga e lança. Vive no mato a caçar. Come tôda espécie de caça mas gosta muito de búfalo.

ARQUÉTIPO

O arquétipo de Oxóssi é o das pessoas espertas, rápidas, sempre alerta e em movimento. São pessoas cheias de iniciativa e sempre em vias de novas descobertas ou de novas atividades. Têm o senso da responsabilidade e dos cuidados para com a família. São generosas, hospitaleiras e amigas da ordem, mas gostam muito de mudar de residência e achar novos meios de existência em detrimento, algumas vezes, de uma vida doméstica harmoniosa e calma.

ESSABAS DE OXOSI:

Folha de Irôko	Alfavaquinha – Orim-rim
Canela de macaco	Folha da costa – Odún-dun
Taioba	Jarrinha – Jacomijé
Rama-de-leite	Dandá do brejo – Irekê-omin
Erva-tostão	Espada de Ogun – Junçá
Cipó-chumbo	Folha de loko – Iróko
Aroeira branca	Folha de dendezeiro – Mariwô
Peregum	Capim cabeludo – Irum-perlêmin
Erva pombinho (quebra-pedra)	Akoko
Pega-pinto	Cana-fita – Fitiba
Alecrim do campo	Parietária – Monan
Bredo sem espinho – Teté	

QUALIDADES DE ODÉ:

- | | | |
|---------------------------------|--------------|---------------|
| 1. Orè ou Orèlúéré | 6. Asunara | 12. Olumeye |
| 2. Inlé ou Erinlè, ou ainda Age | 7. Apala | 13. Akanbi |
| 3. Ibùalámo | 8. Agbandada | 14. Alapade |
| 4. Fayemi | 9. Owala | 15. Mutalambo |
| 5. Ondun | 10. Kusi | |
| | 11. Ibulanun | |

ODE	ALFAVACA; ABRE CAMINHO; ACÁCIA; FUREMA; ALFAVAQUINHA; ALFAZEMA DE CABOCLO; ALECRIM DO CAMPO; ALECRIM; ARASSA DE COROA; ARASSA DO CAMPO; BREDOS SEM ESPINHO; CARQUEJA; CANA FITA; CAIÇARA; CABELO DE MILHO; CAPEBA; CIPÓ CABOCLO; CAPIM LIMÃO; CIPÓ CRAVO; CARRAPICHO; ERVA CURRALEIRA; COQUEIRO DE IRI; ERVA DE PASSARINHO; GOIABEIRA; GROSELHA; ARRUDA MIÚDA; GUACO; GUINÉ; HISSOPO; INGAZEIRO; MALVA DO CAMPO; JACATIRÃO; LÍNGUA DE VACA; MALVARISCO; PITANGATUBA; PARIPAROBA; NICURIZEIRO; PEREGUN; PITANGUEIRA; GUAXIMA ROSA; JASMIM MANGA; JURUBEBA; MILHO; SAIÃO; SÃO GONÇALINHO; MURICI; FOLHA DE BICHO; LÁGRIMA DE NOSSA SENHORA; ALECRIM DO CAMPO; ARAÇA.
------------	---

OXOSSI

Locais de maior vibração dos orixás mata fechada

As cores e flores que são regidas pelos orixás: Vermelha (Palmas)

As bebidas que são regidas pelos orixás: Vinho Moscatel

Frutos e Frutas Todas as frutas e frutos.

Algumas das comidas mais comuns oferecidas aos Orixás: Canjiquinha de milho vermelho, com pedaços pequenos de coco regado com mel.

Mencionaremos aqui as ervas mais conhecidas no Rio de Janeiro: Jurema, Alfavaca, Jureminha, Pelegum verde, Cana de Brejo, Caiçara, Eucalipto.

Os Orixás normalmente trazem em seus filhos suas características físicas e de caráter. Assim podemos dizer que os filhos de:

São pessoas leves, inquietas, interessam-se por tudo, pouco perseverantes, instáveis em suas afeições, facilmente sugestionados.

Os Orixás têm suas preferências também quanto aos metais.

O ferro.

Calendário Festivo da Umbanda

20 de janeiro.

LENDA DE OXOSI:

Oxossi é irmão de Ogun. Ogun resolveu ensinar a arte de caçar à Ibô, Como era conhecido Oxossi.

Oxalá precisou da pena de uma determinada ave e recomendou os serviços de Ogun. Ogun não conseguiu e indicou o nome de Ibô para assumir o serviço, dizendo à Oxalá que ele era o melhor caçador do mundo. Assim Ibô seguiu viagem, foi para a floresta e com apenas uma flecha conseguiu matar a ave e retirar a pena que Oxalá precisava. Só que na saída da floresta foi atacado por vários animais ferozes, conseguindo escapar com vida, carregando a pena.

Andou vários dias se arrastando pelo chão. Conseguindo chegar ao reino de Oxalá não atravessou os portões por estar quase morto. Ogun o encontrou e o levou até Oxalá.

Desconcertado Ibô desculpou-se com Oxalá pelo atraso porém, Oxalá o saudou dando à ele um novo nome: OXOSI – Senhor da Caça.

LENDA DE ODÉ

Na cidade de Ifé, realizavam-se festividades e rituais por ocasião das colheitas. Os sacerdotes da aldeia, fugindo aos seus costumes, não realizavam as oferendas obrigatórias para três das maiores bruxas conhecidas: as Iya-mi Oxorongás. Esse ato imperdoável precisava de uma boa punição. Foi assim que elas enviaram um enorme pássaro para assombrar aquela aldeia.

A ave ficou pousada no telhado do palácio, de onde podia avistar toda a cidade.

Um clima de medo e mau agouro espalhou-se entre os moradores, que não sabiam o que fazer para acabar com aquele terrível monstro.

Oferendas foram realizadas para as Oxorongás, mas sem resultado. Era tarde demais para isso.

Foi então que alguns caçadores se apresentaram para matar o pássaro das bruxas, mas foram todos derrotados. O último caçador possuía apenas uma flecha, e era a última esperança de livrar a aldeia da morte. Esse caçador era Odé.

Sua mãe, que estava longe daquele lugar, teve um mau presságio com relação a ele. Consultando um babalawô, teve a confirmação do que já sabia: seu filho corria grande perigo.

Foram necessárias muitas oferendas para que a missão de Odé fosse executada com perfeição e, graças a isso, Odé pôde matar o pássaro com sua única flecha, livrando sua aldeia da aniquilação. Desde então, vem sendo venerado por esse povo.

LOGUN-EDÉ

É um Orixá ligado as águas (doces e salgadas) e à floresta. É pescador e caçador. Traz consigo a ilusão. Logun-Edé foi criado da ilusão de Oxum e Oxossi.

Logo é um jovem bonito, orgulhoso e vaidoso.

È um dos poucos Orixás que não é filho de Oxalá com Iemonjá, ou Oxalá com Nana.

PERSONALIDADE: Astucioso, sonhador, comunicativo, cativa as amizades, inteligente, lutadores, fazem charme para conseguir determinadas coisas, geralmente tem problemas amorosos, desconfiados, ajudam os amigos.

FILIAÇÃO: Oxum e Oxossi.

PAÓ: 3 batidas de palma, bem espaçadas, levantando-se de cada vez as mãos fechadas, adiante e para cima, lentamente. Em seguida, 7 batidas lentas para a frente e as três de reverência, seguindo-se o adobale.

SÍMBOLO: Ofá, Abébé e capangas.

DIA: Quinta-feira ou Sábado

CORES: Azul claro e branco.

ANIMAIS: galo, coelho, pavão e cabrito.

METAL: latão

Logun-Edé, chamado geralmente apenas de Logun, é o ponto de encontro entre os rios e florestas, as barrancas, beiras de rios, e também o vapor fino sobre as lagoas, que se espalha nos dias quentes pelas florestas. Logun representa o encontro de naturezas distintas sem que ambas percam suas características. É filho de Oxóssi com Oxum, dos quais herdou as características. Assim, tornou-se o amado, doce e respeitado príncipe das matas e dos rios, e tudo que alimenta os homens, como as plantas, peixes e outros animais, sendo considerado então o dono da riqueza e da beleza masculina. Tem a astúcia dos caçadores e a paciência dos pescadores como principais virtudes.

Dizem os mitos que sendo Oxóssi e Oxum extremamente vaidosos, não puderam viver juntos, pois competiam pelo prestígio e admiração das pessoas e terminaram separando-se. Ficou combinado entre eles que Logun-Edé viveria seis meses nas águas dos rios com Oxum e seis meses nas matas, com seu pai Oxóssi. Ambos ensinariam a Logun a natureza dos seus domínios. Ele seria poderoso e rico, além de belo.

No entanto, o hábito da espreita aprendido com seu pai, fez com que, um dia, curioso a respeito da beleza do corpo de sua mãe, de que tanto se falava nos reinos das águas, Logun-Edé vestindo-se de mulher fosse espiá-la no banho. Como Oxum estivesse vivendo seu romance com Xangô, tio de Logun, e Xangô tivesse exigido como condição do casamento que ela se livrasse de Logun, Oxum aproveitou a oportunidade para punir Logun com sua transformação num orixá meji (hermafrodita) e abandoná-lo na beira do rio. Iansã o encontra, e fascinada pela beleza da criança leva Logun para casa onde, juntamente com Ogum, passa a criá-lo e educa-lo.

Com Ogum Logun-Edé aprendeu a arte da guerra e da forja e com Iansã o amor à liberdade. Diz o mito que Logun tinha tudo, menos amor das mulheres, pois mesmo Iansã, quando roubada de Ogum por Xangô, abandona Logun com seu tio, criando assim um profundo antagonismo entre Xangô e Logun, já que por duas vezes Xangô lhe tira a mãe.

Em outro episódio Logun vai brincar nas águas revoltas (a deusa Obá, também esposa de Xangô) e esta tenta matá-lo como vingança contra Oxum que lhe fizera uma enorme falsidade. Oxum, vendo em seu jogo de búzios o que estava sucedendo com seu filho abandonado, pede a Orunmilá que o salve e este, que sempre atendia às preces da filha de Oxalá, faz uma oferenda a Obá que permite então que os pescadores salvem Logun-Edé, encarregando-o de proteger, a partir daquele dia, os pescadores, as navegações pelos rios e todos os que vivessem à beira das águas doces.

Logun nunca se casou, devido a seu caráter infantil e hermafrodita e sua companhia predileta é Ewá, que também vive, como ele, solitária e no limite de dois mundos diferentes.

Cor: Azul e amarelo

Número: 3

Dia da semana: quinta-feira

Comida: milho e coco, peixes

Símbolo: ofá (arco e flecha) e abebê (espelho de mão)

Saudação: Loci loci, Logun!

LOGUN-EDÉ ("príncipe aclamado")

Logum, orixá andrógino, filho de Erinlê (qualidade de Oxóssi) e Oxum-Okê (Oxum guerreira) que vive nas montanhas, cujo culto é feito, apesar de raro, em Ijexá, Nigéria. Orixá com muitos adeptos no Rio de Janeiro. Representa o príncipe das matas e caça, já que Oxóssi é o rei. Durante seis meses do ano vivia nas matas com o pai Oxóssi, alimentando-se da caça e, os outros seis meses vivia nas águas com sua mãe Oxum, abastecendo-se de peixes. Ele representa a síntese desses dois orixás. Esta síntese também está presente nas suas vestimentas, instrumentos e oferendas. Seu otá é composto de duas pedras, uma retirada da mata e outra retirada das águas (rios e cachoeiras). Logum dança ora como o pai, ora como a mãe.

Logum-Edé é a beleza em pessoa, o encanto dos jovens, o namoro, o flerte. Ele rege a ingenuidade do jovem, a adolescência. Seu encanto está no primeiro beijo, no primeiro abraço, na primeira oportunidade de "mãos dadas", no primeiro carinho. É também o deus da arte, o príncipe daquilo que é belo e terno, da alegria e jovialidade. Porém, de gênio imprevisível, encontramos Logum-Edé na intriga, no segredo maldoso, pois ele é capcioso, matreiro, inventivo, meio moleque.

Conta a lenda que seus pais brigavam muito, achando melhor viverem separados. Oxóssi na montanha e Oxum no seu domínio, onde havia água e uma cachoeira. Por gostar muito dos dois, como era um grande feiticeiro, preparou uma poção na qual durante seis meses teria características masculinas, usando um ofá para caça e usando roupas azul turquesa, e nos outros seis meses assumiria características femininas, usando roupas amarelo-douradas e empunhando um abebê. Um dia Logum estava com sua mãe, entediado resolveu dar uma volta, caminhou e chegou em Ifé (reino de Ogum). Com seu jeito, cativou Ogum e foi morar com ele. Preocupada com a demora do filho, Oxum foi procurá-lo, e tal foi seu espanto quando o encontrou morando com Ogum. Irada, expulsou-o de casa. Logum não entendendo o que se passava, foi procurar o pai, Oxóssi, que também o colocou para fora de casa.

Desesperado, andou até Oió, encontrando Oia-Iansã que o acolheu e o proclamou príncipe, por sua formosura, apesar da pouca idade. Sabendo da poção mágica, fez Logum bebê-la, porém nada adiantou pois seu efeito já tinha passado. Surpreendentemente, se transformou em uma pessoa andrógina.

LOGUN_EDÉ

O filho de Oxossi com Oxum e criado por Ogum e Inhansã, o príncipe pescador, adoração do culto de Oxum e a fase em que Oxum é sua verdadeira mãe é quando ela é Yeye Pondá. Logun_Edé (Omo Ein) filho do ovo descendente da fertilidade que é representada pelo ovo símbolo da procriação.

Esta divindade habita, e se magnetiza com a graça e a beleza das águas de sua mãe e se encanta com a exuberância da floresta abundante de seu pai Oxossi, o guerreiro caçador, que a ele seu filho ensinou a arte de pescar e caçar como seu pai. Ele viveu em companhia de Ogum também, com quem aprendeu a arte de guerrear para conseguir se manter. Com Oyá aprendeu a se guiar pelo vento e a brincar com as tempestades em toda sua plenitude.

Logun_Edé é santo único, razão pela qual só se faz um yaô desse santo na casa uma só vez a não ser que o feito na casa venha falecer.

Se vocês pasarem a observar quando tem em um candomblé, mais de um Logun_Edé virado você vai notar neles umas tendências, um para o lado de Oxossi, outro para o lado de Oxum sua mãe.

Suas vestes:

Azul claro - dourado - branco - bandas - bombacho - chapéu de banda com plumas azuis e branca - braçaletes - argolas de pescoço douradas - rêde - caniço-ofá - abebê etc.

QUALIDADES

EDÉ LOKO - Tem fundamento com Exú.

EDÉ YBAYN - Leva carrinhos e bolas de gude, pois êle é um recém nascido.

APANAN - Todos comem com Exú e Oxosse. Seus fundamentos estão com sua mãe de criação Onira, sem ela Logun não caminha. Toda pessoa de Logun tem que assentar Onira e toda pessoa de Onira tem que assentar Logun Edé, assenta também, Ybualamo, Yponda e Opará.

Erinlè teria tido, com Oxum Ipondá, um filho chamado Lógunède (Logunedé), cujo culto se faz ainda, mas raramente, em Ilexá, onde parece estar em vias de extinção. No Brasil, tanto na Bahia como no Rio de Janeiro, Logunedé tem, entretanto, numerosos adeptos. Esse deus tem por particularidade viver seis meses do ano sobre a terra, comendo caça, e os outros seis meses, sob as águas de um rio, comendo peixe. Esse deus, segundo se conta na África, tem aversão por roupas vermelhas ou marrons. Nenhum dos seus adeptos ousaria utilizar essas cores no seu vestuário. O azul-turquesa entretanto parece ter sua aprovação.

ARQUÉTIPO

Erinlè teria tido, com Oxum Ipondá, um filho chamado Lógunède (Logunedé), cujo culto se faz ainda, mas raramente, em Ilexá, onde parece estar em vias de extinção. No Brasil, tanto na Bahia como no Rio de Janeiro, Logunedé tem, entretanto, numerosos adeptos. Esse deus tem por particularidade viver seis meses do ano sobre a terra, comendo caça, e os outros seis meses, sob as águas de um rio, comendo peixe. Esse deus, segundo se conta na África, tem aversão por roupas vermelhas ou marrons. Nenhum dos seus adeptos ousaria utilizar essas cores no seu vetuário. O azul-turquesa entretanto parece ter sua aprovação.

ESSABAS DE LOGUN-EDÉ

Oripepê

LOGÚNÈDÉ	CARRAPICHO
-----------------	-------------------

LENDA DE LOGUN-EDÉ

Logun, jovem bonito e alegre, foi criado com muito mimo. Se tornara um menino desobediente.

Oxum (Rainha das águas doces), estava cuidando dos afazeres domésticos enquanto Logun brincava perto do rio. Oxum pediu para que não se aproximasse muito da margem, pois aquele local era muito perigoso. Logun, muito teimoso, esperou Oxossi (Senhor da caça) partir para a floresta e sua mãe se distrair, para tentar atravessar o rio por meio de um galho, que não agüentou e Logun caiu no rio e sumiu.

A grande ave azul sobrevoava a casa de Oxossi afim de proteger Logun e Oxum. A ave voou até a floresta e avisou Oxossi. A essa altura Oxum já estava em desespero, pois seu único filho teria sido engolido pelo rio.

Oxum começou a invocar Olorum, dizendo: "Olorum meu Pai, o senhor me deu o poder de ser a Rainha das águas e vejo meu único filho morrer no meu leito e nada posso fazer!".

Oxossi, por sua vez disse: "Oh Grande Pai! Concedei-me a graça de ver meu filho renascer das águas!".

Olorum resolvendo atender aos pais, ergue Logun do fundo do rio, mas adverte: "Aí está seu filho, que por teimosia quase não volta. De agora em diante ele será filho de Ibualama e Iepondá! Logun, seu castigo será cuidar dos rios, zelar pelas suas margens, cuidar da pesca e proteger os pescadores!".

LENDA DE LOGUN

No início dos tempos, cada orixá dominava um elemento da natureza, não permitindo que nada, nem ninguém, o invadisse. Guardavam sua sabedoria como a um tesouro.

É nesse contexto que vivia a mãe das águas doces, Oxun, e o grande caçador Odé. Esses dois orixás constantemente discutiam sobre os limites de seus respectivos reinados, que eram muito próximos.

Odé ficava extremamente irritado quando o volume das águas aumentavam e transbordavam de seus recipientes naturais, fazendo alagar toda a floresta. Oxun argumentava, junto a ele, que sua água era necessária à irrigação e fertilização da terra, missão que recebera de Olorun. Odé não lhe dava ouvidos, dizendo que sua caça iria desaparecer com a inundação.

Olorun resolveu intervir nessa guerra, separando bruscamente esses reinados, para tentar apaziguá-los.

A floresta de Odé logo começou a sentir os efeitos da ausência das águas. A vegetação, que era exuberante, começou a secar, pois a terra não era mais fértil. Os animais não conseguiam encontrar comida e faltava água para beber. A mata estava morrendo e as caças tornavam-se cada vez mais raras. Odé não se desesperou, achando que poderia encontrar alimento em outro lugar.

Oxun, por sua vez, sentia-se muito só, sem a companhia das plantas e dos animais da floresta, mas também não se abalava, pois ainda podia contar com a companhia de seus filhos peixes para confortá-la.

Odé andou pelas matas e florestas da Terra, mas não conseguia encontrar caça em lugar algum. Em todos os lugares encontrava o mesmo cenário desolador. A floresta estava morrendo e ele não podia fazer nada.

Desesperado, foi até Olorun pedir ajuda para salvar seu reinado, que estava definhando. O maior sábio de todos explicou-lhe que a falta d'água estava matando a floresta, mas não poderia ajudá-lo, pois o que fez foi necessário para acabar com a guerra. A única salvação era a reconciliação.

Odé, então, colocou seu orgulho de lado e foi procurar Oxun, propondo a ela uma trégua. Como era de costume, ela não aceitou a proposta na primeira tentativa. Oxun queria que Odé se desculpasse, reconhecendo suas qualidades. Ele, então, compreendeu que seus reinos não poderiam sobreviver separados, unindo-se novamente, com a benção de Olorun.

Dessa união nasceu um novo orixá, um orixá príncipe, Logun-Edé, que iria consolidar esse "casamento", bem como abrandar os ímpetos de seus pais. Logun sempre ficou entre os dois, fixando-se nas margens das águas, onde havia uma vegetação abundante. Sua intervenção era importante para evitar as cheias, bem como a estiagem prolongada. Ele procurava manter o equilíbrio da natureza, agindo sempre da melhor maneira para estabelecer a paz e a fertilidade.

Conta uma outra lenda que as terras e as águas estavam no mesmo nível, não havendo limites definidos.

Logun, que transitava livremente por esses dois domínios, sempre tropeçava quando passava de um reinado para o outro. Esses acidentes deixavam Logun muito irritado.

Um dia, após ter ficado seis meses vivendo na água, tentou fazer a transição para o reinado de seu pai, mas não conseguiu, pois a terra estava muito escorregadia. Voltou, então, para o fundo do rio, onde começou a cavar freneticamente, com a intenção de suavizar a passagem da água para a terra.

Com essa escavação, machucou suas mãos, pés e cabeça, mas conseguiu fazer uma passagem, que tornou mais fácil sua transição. Logun criou, assim, as margens dos rios e córregos, onde passou a dominar. Por esse motivo, suas oferendas são bem aceitas nesse local.

OXUM:

Mãe e rainha das águas doces, esta ninfa é a Deusa da Nação Ijexá. É considerada a Orixá que está ligada ao ouro, a prosperidade e a criação, sendo responsável pelas crianças. Todas as crianças recebem a proteção de Oxum até os sete anos, após isso, são entregues ao Orixá correspondente.

Oxum traz consigo o gosto da vingança. Os seus filhos são geralmente manhosos e se metem em fofocas facilmente.

Junto com Oyá, dão às mulheres um jeito sensual e faceiro. Por ser a Deusa do amor, está sempre presente no relacionamento amoroso das pessoas.

Oxum é uma divindade muito ligada à magia, com Yamí Oxorongá aprendeu a

Oxum rege a fecundação, ela é a responsável pela multiplicação das células do zigoto. Todos temos uma forte ligação com o útero, uma vez que nos originamos nesse local.

PERSONALIDADE: Falsidade, gosto por intrigas, protetora, sua raiva leva ao desequilíbrio emocional, meiga dengosa, intuitiva, está ligada ao jogo de búzios e à magia, faz manha quando quer as coisas.

PAÓ: Mesmo de Iemonjá.

Oxum é a força dos rios, que correm sempre adiante, levando e distribuindo pelo mundo sua água que mata a sede, seus peixes que matam a fome, e o ouro que eterniza as idéias dos homens nele materializadas. Como as águas dos rios, a força de Oxum vai a todos os cantos da terra. Ela dá de beber as folhas de Ossain, aos animais e plantas de Oxóssi, esfria o aço forjado por Ogum, lava as feridas de Obaluaiê, compõe a luz do arco-íris de Oxumarê.

Oxum é por isso associada à maternidade, da mesma maneira que Iemanjá. Por sua doçura e feminilidade, por sua extrema voluptuosidade advinda da água, Oxum é considerada a deusa do amor. A Vênus africana. Como acontece com as águas, nunca se pode prever o estado em que encontraremos Oxum, e também não podemos segura-la em nossas mãos. Assim, Oxum é o ardil feminino. A sedução. A deusa que seduziu a todos os orixás masculinos.

Diz o mito que Oxum era a mais bela e amada filha de Oxalá. Dona de beleza e meiguice sem iguais, a todos seduzia pela graça e inteligência. Oxum era também extremamente curiosa e apaixonada. E quando certa vez se apaixonou por um dos orixás, quis aprender com Orunmilá, o melhor amigo de seu pai, a ver o futuro. Como o cargo de oluô (dono do segredo) não podia ser ocupado por uma mulher, Orunmilá, já velho, recusou-se a ensinar o que sabia a Oxum.

Oxum então seduziu Exu, que não pôde resistir ao encanto de sua beleza e pediu-lhe roubasse o jogo de ikin (cascas de coco de dendezeiro) de Orunmilá. Para assegurar seu empreendimento Oxum partiu para a floresta em busca das Iyami Oshorongá, as perigosas feiticeiras africanas, a fim pedir também a elas que a ensinassem a ver o futuro. Como as Iyami desejavam provocar Exu há tempos, não ensinaram Oxum a ver o futuro, pois sabiam que Exu já havia roubado os segredos de Orunmilá, mas a fazer inúmeros feitiços em troca de que a cada um deles elas recebessem sua parte.

Tendo Exu conseguido roubar os segredos de Orunmilá, o deus da adivinhação se viu obrigado a partilhar com Oxum os segredos do oráculo e lhe entregou os 16 búzios com que até hoje as mulheres jogam. Oxum representa, assim a sabedoria e o poder feminino.

Em agradecimento a Exu, Oxum deu a Exu a honra de ser o primeiro orixá a ser louvado no jogo de búzios, e entrega a eles suas palavras para que as traga aos sacerdotes. Assim, Oxum é também a força da vidência feminina. Mais tarde, Oxum encontrou Oxóssi na mata e apaixonou-se por ele. A água dos rios e floresta tiveram então um filho, chamado Logun-Edé, a criança mais linda, inteligente e rica que já existiu.

Apesar do seu amor por Oxóssi, numa das longas ausências destes Oxum foi seduzida pela beleza, os presentes (Oxum adora presentes) e o poder de Xangô, irmão de Oxóssi, rompendo sua união com o deus da floresta e da caça. Como Xangô não aceitasse Logun-Edé em seu palácio, Oxum abandonou seu filho, usando como pretexto a curiosidade do menino, que um dia foi vê-la banhar-se no rio. Oxum pretendia abandoná-lo sozinho na floresta, mas o menino se esconde sob a saia de Iansã a deusa dos raios que estava por perto. Oxum deu então seu filho a Iansã e partiu com Xangô tornando-se, a partir de então, sua esposa predileta e companheira cotidiana.

Cor: amarelo-ouro

Número: 5

Dia da semana: Sábado

Símbolo: abebê (espelho)

Comida: Ipetê, Omolocum (feijão fradinho com camarão)

Saudação: Ora ieieu, Oxum!

OXUM (rio que passa por Oxogbo, na Nigéria) .

Segunda esposa de Xangô, tendo vivido em outras épocas com Ogum e Oxóssi. Sua morada é nas cachoeiras e rios de água doce, onde costumam lhe entregar comidas e presentes. Na África é chamada Iyalode, cargo ocupado pela mulher mais importante da cidade.

Foi rainha de Oyó, onde as mulheres que queriam engravidar procuravam-na, sendo respeitadíssima como feiticeira. Como todos os outros orixás, existem diversos tipos de Oxuns, de acordo com a proximidade de uma tribo ou a profundidade do rio. Oxum pode ser maternal, jovem feiticeira ou uma guerreira.

Mãe da água doce, deusa da candura e da meiguice, dona do ouro. Oxum é a rainha do Ijexá. Orixá da prosperidade, da riqueza, ligada ao desenvolvimento da criança ainda no ventre da mãe. Oxum exerce uma ampla influência no comportamento dos seres humanos, regendo principalmente o lado teimoso e manhoso, além daquele espírito maquiavélico que existe em todos nós. No bom sentido, Oxum " é o veneno das palavras", é o modo piegas das pessoas, é a forma "metida", esnobe apresentada principalmente pelo sexo feminino. É o cochicho, o segredinho, a fofoca. Está encantada nas conversas, nos risinhos, nos comentários, nas intriguinhas. Rege o charme, o it, a pose; tudo que está ligado à sensualidade, sutileza, ao denego, sendo o sexo feminino o mais influenciado. É o flerte, o carinho. É o amor puro, real, maduro, solidificado, sensível, não chegando a ser a paixão. É o amor verdadeiro; ela propicia e alimenta este sentimento nos homens, fazendo-os ser mais calmos e românticos. É a deusa do amor. Oxum está muito intimamente ligada à magia, pois é a divindade africana mais ligada às yámi oxorongá, feiticeiras, bruxas. Com elas aprendeu a arte da magia, estando esta arte ligada ao amor.

Regente do ouro, ela está presente e se encanta em joalherias e outros lugares onde se trabalha com ouro, seu metal predileto e de regência absoluta. É a protetora dos ourives. É o próprio ouro. A regência mais fascinante de Oxum é o processo de fecundação. Na multiplicação da célula mater, Exu entrega a regência para Oxum que vai cuidar do embrião, do feto, até o nascimento. É Oxum que vai evitar o aborto, manter a criança viva e sadia na barriga da mãe, onde no nascimento a entrega para Iemanjá, que lhe dará destino.

OXÚN

Oxún é a filha predileta de Yemanjá e Oxalá, ela representa as riquezas e tem suas cores realizadas ao metal mais precioso da antiguidade que era o cobre. Sua cor preferida é o amarelo. Mantém profundos laços de amizade com Orumilá, quando ela foi esposa de Orumilá recebeu o título de Yiá Petyby, a zeladora dos cauris. Foi nessa ocasião que ela passou a ter ligações com Exu e um Odù chamado Oxeturà, para obter as respostas perfeitas do jogo de adivinhações, passando então a ser perseguida por Exu, o que aqui na terra reflete nos seus filhos. As filhas de Oxún só jogam os búzios em número de oito, o Mere Dylogun, pois os outros oito búzios restantes que completam o Dylogun, o jogo dos dezesseis búzios foram roubados por Exu. Isto nos revela a perseguição que é movida às filhas de Oxún por Exu, pois elas mantêm a outra metade do segredo do Dylogun.

Oxún mantém um grande laço de amizade com Orixá Ossanyin, pois para o equilíbrio da mistura das ervas para a feitura do Amaci, há necessidade das águas de oxún, Deusa das cachoeiras e das águas doces.

Olodumaré explicou, mediante as coisas estarem indo mal sobre a terra, que sem a presença da Oxún e seu poder sobre a fecundidade, nenhum se seus empreendimentos poderia dar certo, e assim todas as mulheres tornaram-se fecundas e todos os projetos obtiveram felizes resultados.

Oxún é chamada de Yalodê, título conferido à pessoa que ocupa o lugar mais importante entre todas as mulheres da cidade, além disso, ela é a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre as águas doces, sem a qual a vida na terra seria impossível.

A sua dança preferida é Igexá, lembrando o comportamento de uma mulher vaidosa e sedutora, ela cura doente com água fria, cura criança. Seu Oro, um pássaro que tem uma pena brilhante na cabeça, e a Yalodê, ajuda as crianças a terem uma mãe. Manda a cabeça má ficar boa, Oxún é doce e poderosa como Oni. Ela é meiga, afável, elegante tendo muito dinheiro para divertir-se, ela é poderosa como um rei, não se iludam: Oxún é vigorosa e experiente feiticeira, seus filhos devem tomar cuidado com álcool, as drogas e as doenças venéreas.

Oxún foi a primeira Yaba, ou seja primeira zeladora de santo, raspando a cabeça da galinha de angola e quem colocou o primeiro adocho (coroa), dando assim aos seus descendentes a forma atual. Ela foi a segunda esposa de Xangô, antes, porém, esposa de Oxóssi, sua grande paixão. Patrona do ventre, comanda o baixo ventre. Governa as ervas anti-sépticas e desinflamatórias. Ela é genitora, ligada à procriação, patrona da gravidez, do desenvolvimento do feto, coloca o bebê sob sua proteção até que adquira o conhecimento da linguagem.

Oxún, foi a primeira Iyami encarregada de ser Olotoju Anon Omi (aquela que vela pelas crianças e cura). Mãe ancestral suprema, Oxún é considerada a patrona dos peixes, mas é também representada pelos pássaros. O ovo é um de seus símbolos.

QUALIDADES

YEYODO: É mãe das nascentes. Come ao lado de Yemanjá, veste branco e azul.

AGBALU: É velha idosa, rabugenta, veste azul claro e leva dois abebé nas mãos, sendo que na direita é de metal amarelo e na esquerda é de metal branco, vazados com uma lua cheia. Só pode ter uma na casa. Seu assentamento é ao lado de Yemanjá Sogba.

AJIMU: Veste azul claro e rosa. Come com Oxalá e Omulú, não come bicho fêmea, exceto a pata. É a senhora da fecundidade e do feitiço, é velha e vira bruxa na beira do rio. Temperamento meigo. Seus fios de conta são em cristal amarelo escuro. É mais ou menos nova.

IYAOMI: É ela quem pergunta a Exu o que vai ser dito ao consulente, no jogo de búzios. No assentamento de Exu tem uma quartinha que é de Iyaomi.

ABOTO: Jovem, vaidosa, fundamento no poço, considerada mãe de Ibeji, fio de conta é amarelo leitoso bem claro.

OPARA: Veste amarelo, rosa ou vermelho. É o braço do trovão. Jovem, guerreira e vaidosa. Tem ligação com Oya/Ogún ou Xangô (somente). É a Oxún da estradas. Ela é companheira inseparável de Onira, comem juntas no bambuzal ou no rio, quando juntas são perigosas, tem fundamento com Egun.

AJAGURÁ: É violenta, feiticeira, nasce dos rios, temperamento impetuoso, muito guerreira, relacionada a Ogún, é terrível rival de Oya, muito agressiva e orgulhosa. Veste amarelo ouro e rosa claro. Come com Ogún e Xangô. Come coelha.

YEYEOKE: É chamada Oxún menina, relacionada aos montes. Vive no interior das matas é associada as Yiamin, muito guerreira e caçadora, é casada com Oxossi. Veste amarelo ouro, usa arco e flecha, traz uma espada e um leque. Come com Oxossi e Yewà somente caça.

IPONDÁ: Vive no mato e nos cemitérios. Usa uma espada, fundamento com Oxossi Ibulamo e Obaluaê. Namoradeira, desconfiada, astuta, violenta. É a mãe de Logunedé. Grande Deusa de Ijexá, veste-se de amarelo ouro e na barra da saia azul claro. A pata é uma de suas grandes Kizila, o seu bicho de fundamento é a tartaruga, que aprecia a carne e os ovos, come com Oxossi, Yemanjá e seu filho Logun.

YEYEOGÁ: Velha, rabugenta, ligação com Xangô Ogodo.

YEYEKARE: Muito bonita, guerreira, autoritária e agressiva. Veste saia branca com forro amarelo claro. Tem ligação com Oxossi e Ogún. Acompanha Yemanjá e Oxalá, come na lagoa e no encontro das água salgadas. Devido ser muito guerreira, numa luta feriu-se na perna esquerda, é manca da perna esquerda e come bichos fêmeas.

YEYEPETU: Culto extinto no Brasil.

YEYEOBA: Ligada a Xangô.

ALOKE: Ligação com Yemanjá.

OGBO: É relacionada ao parto e ao nascimento do feto. É a origem de Oxún, seu culto é realizado nas nascentes dos rios. Veste o amarelo ouro e azul claro, come com Oxalá e Yemanjá.

AYILA OU YALA: É avó das Oxún, muito poderosa e guerreira, foi esposa de Ogún. Veste o amarelo ouro e azul claro, come com Ogún, mora nas matas e tem caminhos com Obaluaê.

CORES: Amarelo ouro, azul claro, branco, bege (Ijimu), rosa, amarelo, azul e branco (Opará).

COMIDA: Acaçá, ipeté, omolocun, inhame da costa, inhame da costa com camarão seco, obi, orogbo, uado, acará no azeite doce.

DIA DA SEMANA: Sábado.

DATA: 8 de dezembro.

FRUTAS: Todas as frutas doces, inclusive manga rosa e carlotinha com açúcar cristal.

FOLHAS:

Colônia	Omi
Negamina	Macaca
Mutamba	Folha da fortuna
Folha da costa	Canela de macaco
Bredo sem espinho	Catinga de mulata
Erva de Santa Luzia	Rama de leite
Folha de Ioko	Levante
Bredo sem espinho	Oripepe

BEBIDAS: Água de rio com essência de flor de laranjeira, mel com água de poço ou cachoeira, aluá.

ILEKÉ: Amarelo ouro, amarelo claro, âmbar com marfim.

METAL: Ouro, latão amarelado, cobre amarelado.

PARTE DO CORPO: Todo o rosto, o baixo ventre, o baço, às vezes o coração, patrona do ventre, a terceira visão e a circulação sanguínea (os rios).

SÍMBOLO: Abebé, Espada.

SACERDOTE: Iyalosun ou Amolosun

CARGOS: Qualquer cargo.

TOQUE: Ijexá.

SAUDAÇÃO: ORI YE YE O

FI DE RI O MÁ (Opará)

Orê Yeyê ô!

Oxum era muito bonita, dengosa e vaidosa. Como o são, geralmente, as belas mulheres. Ela gostava de panos vistosos, marrafas de tartaruga e tinha, sobretudo, uma grande paixão pelas jóias de cobre. Este metal era muito precioso, antigamente, na terra dos iorubás. Sí uma mulher elegante possuía jóias de cobre pesadas. Oxum era cliente dos comerciantes de cobre.

Omiro wanran wanran wanran omi ro!

"A água corre fazendo o ruído dos braceletes de Oxum!"

Oxum lavava suas jóias, antes mesmo de lavar suas crianças. Mas tem, entretanto, a reputação de ser uma boa mãe e atende às súplicas das mulheres que desejam ter filhos. Oxum foi a segunda mulher de Xangô. A primeira chamava-se Oiá-Iansã e a terceira Obá.

Oxum tem o humor caprichoso e mutável. Alguns dias, suas águas correm aprazíveis e calmas, elas deslizam com graça, frescas e límpidas, entre margens cobertas de brilhante vegetação. Numerosos vãos permitem atravessar de um lado a outro.

Outras vezes suas águas, tumultuadas, passam estrondando, cheias de correntezas e torvelinhos, transbordando e inundando campos e florestas. Ninguém poderia atravessar de uma margem à outra, pois ponte nenhuma as ligava. Oxum não toleraria uma tal ousadia! Quando ela está em fúria, ela leva para longe e destrói as canoas que tentam atravessar o rio.

Olowu, o rei de Owu, seguido de seu exército, ia para a guerra. Por infelicidade, tinha que atravessar o rio num dia em que este estava encolerizado. Olowu fez a Oxum uma promessa solene, entretanto, mal formulada.

Ele declarou: " Se voce baixar o nível de suas águas, para que eu possa atravessar e seguir para a guerra, e se eu voltar vencedor, prometo a você nkan rere", isto é, boas coisas.

Oxum compreendeu que ele falava de sua mulher, Nkan, filha do rei de Ibadan. Ela Baixou o nível das águas e Olowu continuou sua expedição.

Quando ele voltou, algum tempo depois, vitorioso e com um espólio considerável, novamente encontrou Oxum com o humor perturbado. O rio estava turbulento e com suas águas agitadas. Olowu mandou jogar sobre as vagas toda sorte de boas coisas, as nkan rere prometidas: tecidos, búzios, bois, galinhas e escravos. Mel de abelhas e pratos de mulukun, iguaria onde suavemente misturam-se cebolas, feijão fradinho, sal e camarões. Mas Oxum devolveu todas estas coisas boas sobre as margens. Era Nkan, a mulher de Olowu, que ela exigia. Olowu foi obrigado a submeter-se e jogar nas águas a sua mulher. Nkan estava grávida e a criança nasceu no fundo do rio.

Oxum, escrupulosamente, devolveu o recém-nascido dizendo: "É Nkan que me foi solenemente prometida e não a criança. Tome-a!". As águas baixaram e Olowu voltou tristemente para sua terra.

O rei de Ibadan, sabendo do fim trágico de sua filha, indignado declarou: "Não foi para que ela servisse de oferenda a um rio que eu a dei em casamento a Olowu!" Ele guerreou com o genro e o expulsou do país.

O Rio Oxum passa em um lugar onde suas águas são sempre abundantes. Por esta razão é que Larô, o primeiro rei deste lugar, aí instalou-se e fez um pacto de aliança com Oxum. Na época em que chegou, uma de suas filhas fôra se banhar. O rio a engoliu sob as águas. Ela só saiu no dia seguinte, soberbamente vestida, e declarou que Oxum a havia bem acolhido no fundo do rio.

Larô, para mostrar sua gratidão, veio trazer-lhe oferendas. Numerosos peixes, mensageiros da divindade, vieram comer, em sinal de aceitação, os alimentos jogados nas águas. Um grande peixe chegou nadando nas proximidades do lugar onde estava Larô. O peixe cuspiu água, que Larô recolheu numa cabaça e bebeu, fazendo, assim, um pacto com o rio. Em seguida ele estendeu suas mãos sobre a água e o grande peixe saltou sobre ela.

Isto é dito em iorubá: Atewo gba ejá. O que deu origem a Ataojá, título dos reis do lugar.

Ataojá declarou então: "Oxum gbô!"

"Oxum esta em estado de maturidade, suas águas são abundantes."

Dando origem ao nome da cidade de Oxogbô. Todos os anos faz-se, aí, grandes festas em comemoração a todos estes acontecimentos.

ARQUÉTIPO

O arquétipo de Oxum é o das mulheres graciosas e elegantes, com paixão pelas jóias, perfumes e vestimentas caras. Das mulheres que são símbolos do charme e da beleza. Voluptuosas e sensuais, porém mais reservadas que Oiá. Elas evitam chocar a opinião pública, à qual dão grande importância. Sob sua aparência graciosa e sedutora escondem uma vontade muito forte e um grande desejo de ascensão social.

ESSABAS DE OXUM:

Vitória régia	Folha da costa – Odun-dun	Cajá – Jamin
Oripepê	Malva branca – Efin	Papinho de peru – Tolu-tolu
Ojuorô	Beldroega – Omim	Mutamba - Aferé
Oxibatá	Capeba – Já	Folha da fortuna – Eim-dum-dum
Oriri	Folha de loko – Iróko	Rama de leite – Obô
Vassourinha de igreja	Malmequer branco – Pepe	Golfo branco – Omin-ojú
Bredo sem espinho – Teté	Canela de macaco – Teterégun	Folha de vintém – Ilerin
Alfavaquinha – Orim-rim		

Parietária – Monan

ÒSUN	ABILZEIRO; AGUAPÉ; ALFAVAQUINHA; AMOR DO CAMPO; ALUMÃ; BABOSA; ASSA-PEIXE; AZEDINHA; BANANEIRA; BRILHANTINA; BEM-ME-QUER; BELDROEGA; CAMARÁ; CAMOMILA; ERVA CAPITÃO; CANELA DE MACACO; CAPEBA; CIPÓ CHUMBO; COLONIA; ERVA-CIDREIRA (MELISSA); VASSOURINHA DE RELÓGIO; QUITOCO; ORIPEPE; MELISSA; MANJERICONA; JAMBO; IPÊ AMARELO; GUANDO; FOLHA DA FEITICEIRA; ERVA-DE-SANTA MARIA; CEBOLA; ERVA DE SANTA LUZIA; FOLHA VINTÉM; FOLHA DA COSTA; GRAVIOLA; JARRINHA; MACAÇA; MÃE BOA; MALMEQUER; MALVA BRANCA; MANJERICÃO; MILAME; MUTAMBA; ORIRI; OXIBATA; PARIETÁRIA; RAMA DE LEITE; TAIOBA BRANCA; FOLHA DA FORTUNA; BARONESA; VITORIA REGIA; ALFAZEMA; ORIPEPE.
	OXUM
<u>Locais de maior vibração dos orixás</u>	cachoeiras e rios
<u>As cores e flores que são regidas pelos orixás:</u>	Branca e amarela (Rosas e Palmas)
<u>As bebidas que são regidas pelos orixás:</u>	Champanhe branca
<u>Frutos e Frutas</u>	Banana Ouro – Laranja Lima.
<u>Algumas das comidas mais comuns oferecidas aos Orixás:</u>	Omolocum – (Feijão fradinho cozido na água, com camarões refogados no azeite doce coberto por 8 ovos cozidos).
<u>Mencionaremos aqui as ervas mais conhecidas no Rio de Janeiro:</u>	Oriri, Colônia, pétalas de rosas brancas.

<u>Os Orixás normalmente trazem em seus filhos suas características físicas e de caráter. Assim podemos dizer que os filhos de:</u>	São pessoas vaidosas, de meiga beleza, lentas, um tanto quanto preguiçosas, interessadas, porém descuidadas.
<u>Os Orixás têm suas preferências também quanto aos metais.</u>	O ouro.
<u>Calendário Festivo da Umbanda</u>	8 de dezembro.

QUALIDADES DE OXUM:

1. Abalu (a mais velha de todas) - ABALÔ (carrega ogum é uma Iansã)
2. Jumu ou Ijimu (a mãe de todas, estreita ligação com as Ìyámi)
3. Aboto ou Oxogbo (feminina e coquete, ajuda as mulheres terem filhos)
4. Apará (a mais jovem e guerreira)
5. Ajagura (guerreira)
6. Yeye Oga (velha e enquizilada)
7. Yeye Petu
8. Yeye Kare (guerreira)
9. Yeye Oke (guerreira)
10. Yeye Onira (guerreira)
11. Yeye Oloko (vive nas florestas)
12. Yeye pondá (esposa de Oxóssi Ibualama, guerreira e porta um leque)
13. Yeye Merin ou Iberin (feminina e coquete)
14. Yeye Àyálá ou Ìyánlá (a avó, que foi mulher de Ogum)
15. Yeye Lokun ou Pòpòlókun (que não desce sobre a cabeça de suas filhas)
16. Yeye Odo (dos perdões)

LENDA DE OXUM:

Esta lenda conta como Oxum conseguiu enganar Exú e aprender a arte de adivinhar.

Oxum pediu a seu Pai Oxalá, que lhe ensinasse a arte de adivinhar. Oxalá disse a Oxum que só Exú e Ifá detinham tal poder.

Oxum procurou Exú e lhe pediu que a ensinasse a jogar. Exú é claro, negou.

A jovem foi para a floresta procurar Yamó Oxorongá, que admirou-se da coragem de Oxum, uma vez que ninguém entrava na floresta ao escurecer. Oxum encontrou Oxorongá e esta lhe ensinou a feitiçaria para acabar com a pose de Exú.

Oxum voltou a procurar Exú, desta vez levando as mãos cheias de um pó brilhante. Oxum desafiou Exú a adivinhar o que havia em suas mãos, quando Exú olhou o pó ficou cego por algum tempo, deixando seus búzios caírem. Oxum se fez de prestativa e começou a ajudar Exú, desvendando o jogo. Oxum perguntava Exú: "Quantos búzios são? Quem responde no primeiro?" e assim por diante.

Exú fica irritado ao saber da astúcia de Oxum e procura Ifá, que por sua vez acha graça da coragem de Oxum e diz a Exú que terá que dividir seus conhecimentos com Oxum.

LENDA DE OXUN

Conta a lenda que Oxalá, numa de suas caminhadas pelo mundo, iria passar pela aldeia de Oxun, onde pretendia parar e descansar.

Exú, mensageiro dos orixás, correu para avisar Oxun que o grande orixá fun-fun estava a caminho de sua cidade. Era preciso organizar uma grande recepção, pois a visita era muito importante para todos. Ela, então, apressou-se com os preparativos da festa, ordenando a limpeza de todas as casas e lugares públicos da aldeia, bem como que os enfeites utilizados fossem da cor branca. Oxun cuidou pessoalmente da ornamentação e limpeza de seu palácio, pois tudo tinha que estar perfeito, à altura de Oxalá.

Com tantos afazeres importantes, em tão curto espaço de tempo, Oxun não se lembrou de convidar as Iya-mi para a grande festa.

As feiticeiras não perdoaram essa desfeita. Sentindo-se muito desprestigiadas, resolveram desmoralizar Oxun perante os convidados.

No dia da chegada de Oxalá à cidade, Oxorongá entrou disfarçada no palácio para colocar, no assento do trono da Oxun, um preparado mágico, que não fora notado por ninguém.

Toda a cidade estava impecavelmente limpa e ornamentada. O palácio de Oxun, que fora caprichosamente preparado, tinha seus móveis e utensílios cobertos por tecidos de uma alvura imaculada. Branca também seria a cor das roupas utilizadas na cerimônia.

Oxalá finalmente chegou, sendo respeitosamente reverenciado numa grande demonstração de fé e admiração ao grande mensageiro da paz.

Oxun, sentada em seu trono, esperava com impaciência a entrada de Oxalá em seu palácio, quando iria oferecer-lhe seu próprio assento. Mas, ao tentar levantar-se, percebeu que estava presa em sua cadeira e, por mais força que fizesse, não conseguia soltar-se. O esforço que empreendeu foi tão grande, que, mesmo ferida, conseguiu ficar em pé, mas uma poça de sangue havia manchado suas roupas e também sua cadeira.

Quando Oxalá viu aquele sangue vermelho no trono em que se sentaria, ficou tão contrariado, que saiu imediatamente do recinto, sentindo-se muito ofendido.

Oxun, envergonhada com o acontecido, não conseguia entender porque havia ficado presa em sua própria cadeira, uma vez que ela mesma tinha cuidado de todos os preparativos.

Escondendo-se de todos, foi consultar o oráculo de Ifá para obter um conselho. O jogo, então, lhe revelou que Oxorongá havia colocado feitiço em seu assento, por não ter sido convidada.

Exú, a pedido de Oxun, foi em busca do grande pai, para relatar-lhe o ocorrido.

Oxalá retornou ao palácio, onde a grande mãe das águas estava sentada de cabeça baixa, muito constrangida. Quando ela o viu, começou a abanar seu abebe, transformando o sangue de suas roupas em penas vermelhas, que, ao voar, caíram sobre a cabeça de todos os que ali estavam, inclusive a de Oxalá. Em reconhecimento ao esforço que ela empreendeu para homenageá-lo, ele aceitou aquela pena vermelha (ekodide), prostrando-se à sua frente, em sinal de agradecimento.

A partir de então, essa pena foi introduzida nos rituais de feitura do Candomblé.

EWÁ:

É a Deusa do rio YEWÁ, ligada à água doce. Está associada à fecundação e às virgens. Nas suas danças ela brinca com as águas. A sua mais forte característica é ser guerreira, trás uma espada, que é um dos seus objetos de culto.

PERSONALIDADE: Calma aparente, dengosa, delicada, lutadora, vaidosa e orgulhosa.

PAÓ: Igual das demais Iabás.

SAUDAÇÃO: "Ora Ewá eu!".

CORES: Vermelho, amarelo, salmão e branco.

DIA: Sábado

METAL: Cobre

FILIAÇÃO: Nanã e Oxalá

Página 62:

COR: Amarelo, azul, dourado e branco.

METAL: Dourado

SÍMBOLO: Abébé.

Muito pouco se sabe atualmente sobre Ewá.

Ela é também filha de Nanã, e é vista como horizonte, o encontro do céu com a terra, do céu com o mar. Ewá representa ainda outros horizontes, como a interface onde se tocam a vida e a morte, o dia e a noite e outros. Assim, todas as transformações, mudanças e adaptações são regidas por ela. Ewá é virgem, bela e iluminada. Apesar desta beleza e do assédio dos orixás masculinos, nunca quis se casar, sendo uma moça quieta e isolada, voltada para o conhecimento dos segredos das transformações.

Nanã, preocupada com sua filha, pediu a Orunmilá que lhe arranjasse um amor, um casamento, mas Ewá desejava viver sozinha, dedicada à sua tarefa de fazer cair a noite no horizonte, puxando o sol com seu arpão.

Como Nanã insistisse em seu casamento, Ewá pediu ajuda a seu irmão Oxumarê, o arco-íris, que a escondeu no lugar onde ele se acaba, por trás do horizonte, e Nanã não mais pôde alcançá-la. Assim, os dois irmãos passaram a viver juntos, para sempre inatingíveis. Ambos regem o intangível e Ewá também é compreendida como a energia que torna possível o abandono do corpo e a entrada do espírito numa nova dimensão.

No Brasil poucos candomblés cultuam Ewá, pois dizem que o conhecimento sobre as folhas necessárias ao seu culto foi perdido durante o processo de aculturação dos africanos escravos.

Dia da semana: segunda-feira

Cor: verde-mar e rosa (o tom é o rosa do cair da tarde)

Símbolo: Arpão com uma serpente enrolada, por sua ligação com Oxumarê.

Comida: batata doce.

Saudação: Rirró!

EWÁ (nome de um rio nigeriano)

É um orixá feminino, divindade do canto, das coisas alegres e vivas. Dona de raro encanto e beleza, e é considerada como a rainha das mutações, das transformações orgânicas e inorgânicas. É o orixá que transforma a água de seu estado líquido para o gasoso, gerando nuvens e chuva.

Quando olhamos para o céu e vemos as nuvens formando figuras de animais, objetos, pessoas, ali está a magia e o encantamento de Ewá, evoluindo e desenhando no céu. É a deusa do que é belo, dando cores aos seres tornando-os vivos e bonitos. Está ligada com a alegria, regendo com Ibeji o que se tem ou o que se seja ser feliz. Filha mais nova de Nanã, gêmea de Oxumaré, irmã de Obaluaiê e Ossain.

YEWÀ

É uma Santa dona da visão. É um Òrixá um pouco raro no Brasil. Ela gosta que suas filhas sejam novas e virgens. Quando suas filhas casam ou perdem a virgindade, elas passam a ser adoxùu da Òxún. Mais tarde, se elas se abstiverem do sexo ou ficarem viúvas, Yewá passa regê-las, inclusive, a possuir suas cabeças. Ela é como Nànã, não gosta de escolher homens para seus eleitos, podendo os mesmos serem seus Ogãs (alabes e axoguns) e outras funções que não seja incorporar a Deusa. É muito amiga dos pássaros. Todas as partes brancas lhe pertence, o branco do arco-íris, os raios branco do sol, a neve e o leite das folhas.

Também é um Òrixá das florestas e comanda os astros como o sol, a lua e as estrelas.

YEWÀ quer dizer: - A serpente azul ou a senhora da visão.

Usa vermelho cristal e o amarelo gema, três contas vermelhas e duas amarelo gema.

QUALIDADES

GEBEUYIN

GYRAN

OMAJÉ

EREWÁ

LENDA

YEWÀ estava a banhar-se e a lavar roupas no rio quando Orunmilá apareceu fugindo de Ikú (a morte), relatando o que estava acontecendo e a pedir que o escondesse, pois estava muito novo para morrer. Ela atendeu escondeu-o sob um monte de roupas que estavam em baixo de sua saia. Ikú surgiu e perguntou-lhe, mulher, viste alguém passar aqui? YEWÀ perguntou por que mulher?

Ikú respondeu-lhe: Sabes quem sou eu? YEWÀ instigando a morte sem temê-la disse: sei és a morte. E tu sabes quem eu sou?

Sim, respondeu Ikú, és Yewà a mulher de Obaluawe e estimo meus respeitos. Com ar soberano ela disse-lhe: Vi sim,alguém passou correndo para aquele lado, indicando a Ikú o lado errado, salvando assim a vida daquele jovem. Orumilá agradecido deu a Yewà o dom da vidência. Nesse exato momento Yewà teve um pensamento e Orumilá falou-lhe: Yewà tu serás mãe. Era justamente o que ela estava pensando. Este era o melhor presente dado a esta grande guerreira.

Orixá das águas, deusa do rio Iewá. Santa guerreira, valente. Roupas vermelhas, usa espada e brajás de búzios com palha da costa. É dos orixás mais belo. Gosta de pato, também de pombos.

Yewa é a divindade do rio Yewa. Na Bahia é cultuada somente em três casas antigas, devido à complexidade de seu ritual. As gerações mais novas não captaram conhecimentos necessários para a realização do seu ritual, daí se ver, constantemente, alguém dizer que fez uma obrigação para Yewa, quando na realidade o que foi feito é o que se faz normalmente para Osun ou Oya. O desconhecimento começa com as coisas mais simples como a roupa que veste, as armas e insígnias que segura e os cânticos e danças, isso quando não diz que Yewa é a mesma coisa que Osun, Oya e Yemoja. Yewa usa ofa que utiliza na guerra ou na caça. No seu ritual é imprescindível, dentre outras coisas, o iko (palha da costa), existe mesmo um ese Ifa do odu Otuamosun, que fala de Yewa saindo de uma floresta de iko (22). O seu grande ewo (coisa proibida) é a galinha. Corre a lenda entre as casas antigas da Bahia que cultuam Yewa, que certa vez indo para o rio lavar roupa, ao acabar, estendeu-a para secar. Nesse espaço veio a galinha e ciscou, com os pés, toda sujeira que se encontrava no local, para cima da roupa lavada, tendo Yewa que tornar a lavar tudo de novo. Enraivecida, amaldiçoou a galinha, dizendo que daquele dia em diante haveria de ficar com os pés espalmados e que nem ela nem seus filhos haveriam de comê-la, daí, durante os rituais de Yewa, galinha não passar nem pela porta. Verger encontrou esse ewo na África e uma lenda idêntica (23). Na Nigéria, Abimbola publicou um itan Ifa (história de Ifa), falando que de carta feita estando Yewa à beira do rio, com um igba (gamela) cheio de roupa para lavar, avistou de longe um homem que vinha correndo em sua direção. Era Ifa que vinha esbaforido fugindo de iku (a morte). Pedindo seu auxílio, Yewa despejou toda roupa no chão, que se encontrava no igba, emborcou-o em cima de Ifa e sentou-se. Daí a pouco chega a morte perguntando se não viu passar por ali um homem e dava a descrição. Yewa respondeu que viu, mas que ele havia descido rio abaixo e a morte seguiu no seu encalço. Ao desaparecer, Ifa saiu debaixo do igba e Yewa, levou-a para casa, a fim de tornar-se sua mulher (24).

ESSABAS DE EWÁ:

Teterégun – Cana do brejo

Ojuorô

Folha de Santa Luzia

ÈWÀ	SANGOLOVO (CANA DO BREJO); MELANCIA; CANA DO BREJO; ARROZINHO; OJUORO;
------------	---

LENDA DE EWÁ:

Ewá era a encarregada de cuidar das roupas de Oxalá, clareava todas com cuidado pois o dono era exigente. Quando executava tal tarefa, em determinada ocasião, uma galinha apareceu à sua frente e Ewá, sem querer estrangulou-a, sujando toda roupa do Senhor. Ewá com medo escondeu-se debaixo do manto de Oxalá.

Esta lenda relata o por que de Ewá não gostar de comer galinha.

OYÁ:

Oyá é uma ninfa que está ligada às águas através das tempestades. Sendo a Rainha do Vento, provoca tufões, furacões, em fim vários danos aqui na Terra.

É guerreira corajosa, representa a agressividade.

Segundo suas lendas, Oyá tem domínio da espada, do escudo, da caça, do búfalo d dos Eguns.

PAÓ: O mesmo das demais Iabás.

COR: Amarelo, rosa, vermelho e branco.

ANIMAIS: Caça em geral.

SAUDAÇÃO: "Eparrei Oyá! Oyá mesan orun!".

SÍMBOLO: espada e o Erû-kerê.

QUALIDADES:

Oyá Seno

Oyá Onira

Oyá Topé

Oyá Gunã

Oyá Sirê

Oyá Egbalá

Oyá Bagan

Iansã é a força dos ventos, dos furacões, das brisas que acalmam, das coisas que passam como o vento, dos amores efêmeros, sensuais, das tempestades, que assolam a existência mas não duram para sempre.

Iansã ajudava Ogum na forja dos metais, soprando o fogo com o fole para aviva-lo mais e mais, e assim fabricarem mais ferramentas para trabalhar o mundo e armas para as guerras de que ambos tanto gostavam. Por seu temperamento livre e guerreiro, Iansã era uma companheira perfeita para Ogum. Diz o mito que Iansã não podia ter filhos, por isso adotou Logun-Edé, filho abandonado por Oxum, e o criou durante algum tempo.

Diz o mito, também , que Iansã era tão linda que, para fugir ao assédio masculino vestia-se com uma pele de búfalo, e saía para a guerra. Que era amiga tão leal que foi ela a primeira a realizar uma cerimonia de encaminhamento da alma de um amigo caçador ao orum (céu). Iansã não parava jamais. Um dia em que Xangô foi visitar seu irmão Ogum e encomendar-lhe armas para a guerra, Iansã (também conhecida como Oyá) apaixonou-se por Xangô, e partiu para viver com ele, deixando Logun-Edé com Ogum, que terminaria de criá-lo.

A partir de então, tornou-se uma das três esposas de Xangô e com ele reina e luta, enviando seus ventos para limpar o mundo e anunciando a chegada dos raios e trovões de seu amado.

Dia da semana: quarta-feira

Cor: vermelho, rosa, marrom

Símbolo: eruxin (rabo de cavalo, signo de poder ioruba) obé (espada)

Número: 9

Comida: acarajé

Saudação: Eparrei, Oyá!

OIA-IANSÃ ou OYÁ (mesan: "nove")

Oia-Iansã é o orixá de um rio conhecido como Níger, cujo nome original em iorubá é Oyá. Deusa da espada do fogo, dona da paixão, Oia-Iansã é a rainha dos raios, dos ciclones, furacões, tufões, vendavais.

Orixá do fogo, guerreira e poderosa. Mãe dos eguns, guia dos espíritos desencarnados, senhora do cemitério.

Orixá da provocação e do ciúme. Paixão violenta , que corrói, que cria sentimentos de loucura, que cria o desejo de possuir, o desejo sexual. É a volúpia, o clímax. Ela é o desejo incontido, o sentimento mais forte que a razão. A frase "estou apaixonado" tem a presença e a regência de Oia-Iansã, que é o orixá que faz nossos corações baterem com mais força e cria em nossas mentes os sentimentos mais

profundos, abusados, ousados e desesperados. É o ciúme doentio, a inveja suave, o fascínio enlouquecido. É a paixão propriamente dita. É a falta de medo das conseqüências de um ato impensado no campo amoroso. Oia-Iansã rege o amor forte, violento.

Oyá é também a senhora dos espíritos dos mortos, dos eguns. É a deusa dos cemitérios. É ela que servirá de guia, ao lado de Obaluaiê, para aquele espírito que se desprende do corpo. É ela que indicará o caminho a ser percorrido por aquela alma. Comanda a falange dos Boiadeiros. Embora tenha sido esposa de Xangô, Oia-Iansã percorreu vários reinos. Foi paixão de Ogum, Oxaguian, Exu. Conviveu e seduziu Oxóssi, Logun-Edé e tentou, em vão, relacionar-se com Obaluaiê. Em Ifé, terra de Ogum, foi a grande paixão do guerreiro. Aprendeu com ele e ganhou o direito do manuseio da espada. Em Oxogbo, terra de Oxaguian, aprendeu e recebeu o direito de usar o escudo. Deparou-se com Exu nas estradas, com ele se relacionou e aprendeu os mistérios do fogo e da magia. No reino de Oxóssi, seduziu o deus da caça, aprendendo a caçar, tirar a pele do búfalo e se transformar naquele animal com a ajuda da magia aprendida com Exu. Seduziu o jovem Logun-Edé e com ele aprendeu a pescar. Oia-Iansã partiu, então, para o reino de Obaluaiê, pois queria descobrir seus mistérios e até mesmo conhecer seu rosto, mas nada conseguiu pela sedução. Porém, Obaluaiê resolveu ensinar-lhe a tratar dos mortos. De início, Oia-Iansã relutou, mas seu desejo de aprender foi mais forte aprendeu a conviver com os eguns e controlá-los. Partiu, então, para Oiô, reino de Xangô, e lá acreditava que teria o mais vaidoso dos reis, e aprenderia a viver ricamente. Mas, ao chegar ao reino do deus do trovão, Oia-Iansã aprendeu muito mais. Aprendeu a amar verdadeiramente e com uma paixão violenta, pois Xangô dividiu com ela os poderes do raio e deu a ela o seu coração. O fogo é o elemento básico de Oia-Iansã. O fogo das paixões, da alegria, o fogo que queima. E aqueles que dão uma conotação de vulgaridade a essa belíssima e importantíssima divindade africana, são dignos de pena e mais dignos ainda, do perdão de Oia-Iansã.

ÒYA

Òya é a dona dos raios, dos ventos e dos mortos, controla Ygbalé (casa dos mortos). Esposa de seu primo, Xango, foi a maior guerreira que já existiu na Africa, sua fúria era incontrolável, não temendo nem a morte. Ligada às florestas que ela domina com seu OruKeré, que foi presenteado por Oxosse. É associada aos ancestrais masculinos que ela dirige e maneja. Está relacionada ao vermelho e é representada pelo relâmpago.

Oya teve 9 filhos, uns dizem que foi com ogun, outros que foi com Xangó, oito nasceram mudos e surdos e o último nasceu um Egun e graças aos sacrifícios recomendados por Ifá, nasceu com o poder de falar com voz estranha e sobrenatural, chamado Segi, que imita a voz do macaco africano chamado Ijimaré, macaco que é consagrado aos Êres.

QUALIDADES

OYÁ Igbalé - (ligada diretamente ao culto aos eguns)

OYÁ Furê

OYÁ Odo

OYÁ Iamesan

OYÁ Onira

OYÁ Yatopé

OYÁ Afefé Ykú Funan

OYÁ Afakarebó

OYÁ Afefé

OYÁ Bagan

OYÁ Petú

OYA Egunnitá

Oya (Oiá) é a divindade dos ventos, das tempestades e do rio Niger que, em iorubá, chama-se Odò Oya. Foi a primeira esposa de Xangô e tinha um temperamento ardente e impetuoso. Conta uma lenda que Xangô enviou-a em missão na terra dos baribas, a fim de buscar um preparado que, uma vez ingerido, lhe permitiria lançar fogo e chamas pela boca e pelo nariz. Oiá desobedecendo às instruções do esposo, experimentou esse preparado, tornando-se também capaz de cuspir fogo, para grande desgosto de Xangô, que desejava guardar só para si esse terrível poder.

Oiá foi, no entanto, a única das mulheres de Xangô que, ao final do seu reinado, seguiu-o na fuga para Tapá. E, quando Xangô recolheu-se para baixo da terra, em Kossô, ela fez o mesmo em Irá.

ARQUÉTIPO

O arquétipo de Oyá-iansã é o das mulheres audaciosas, poderosas e autoritárias. Mulheres que podem ser fiéis e de lealdade absoluta em certas circunstâncias, mas que, em outros momentos, quando contrariadas em seus projetos e empreendimentos, deixam-se levar a manifestações da mais extrema

cólera. Mulheres, enfim, cujo temperamento sensual e voluptuoso pode levá-las a aventuras amorosas extraconjugais múltiplas e frequentes, sem reserva nem decência, o que não as impede de continuarem muito ciumentas dos seus maridos, por elas mesmas enganados.

ESSABAS DE OYÁ:

Oriri	Louro	Canela-de-macaco – Teterégun
Folha da Costa – Odún-dun	Bredo sem espinho – Teté	Espada de Ogun – Junçá
Folha de Umbaúba - Abauba	Alfavaquinha – Orim-rim	Folha de fogo – Adimum-aderum
Erva Tostão - Eregê	Jarrinha – Jacomijé	Espada de Oyámésèsán rosa – Obe-cemi-ola
Macaçá	Erva-de-passarinho – Afoman	Parietária – Monan
Peregum	Pega-pinto – Tepola	Taioba – Bala
Folha de Azaléia	Capecta – Já	Cajá – Jamin
Papoula	Beti-cheiroso – Obayá	Mutamba – Aferé
Para-raio	Piperégún – nativo	Lingua-de-galinha – Gunoco
Flor de Coral	Folha de Loko – loko	Rama de leite – Obô
Brinco de Princesa	Malmequer – Pepé	

<u>OYA</u>	PARA-RAIO; PARIETÁRIA; PEREGUN; MUTAMBA; FOLHA DE FOGO; CANELA DE MACACO; BAMBU; BOMINA; BREDO SEM ESPINHO; CAPEBA; CASUARINA; ERVA DE PASSARINHO; ERVA TOSTÃO; ESPADA DE SANTA BÁRBARA; GUINÉ; ORTELÃ DA HORTA; JABORANDI; JARRINHA; LÍNGUA DE GALINHA; LOURO; MALMEQUER; MALVA ROSA; MARACUJÁ-CAIANO; MARAVILHA BONINA; NEGA MINA; PINHÃO BRANCO; PINHÃO ROXO; SANTA BARBARA; SENSITIVA (DORMIDEIRA); TAIOBA BRANCA; TROMBETA; LACRE; FOLHA DE CORAL; ANIZ; LINGUA DE VACA
-------------------	---

IANSÃ

Locais de maior vibração dos orixás

bambuzal e rochas

As cores e flores que são regidas pelos orixás:

Amarela e Coral (Palmas e Rosas rubras)

As bebidas que são regidas pelos orixás: Vinho branco e Champanhe branca

Frutos e Frutas Manga Rosa.

Algumas das comidas mais comuns oferecidas aos Orixás: Acarajé (feijão fradinho descascado e moído com camarão seco batido até o ponto, frito no azeite de dendê em forma de bolinhos, semelhante seu formato ao "quibe").

Mencionaremos aqui as ervas mais conhecidas no Rio de Janeiro: Erva de Iansã, Espada de Santa Bárbara, Folhas de Bambu, Pára-Raio.

Os Orixás normalmente trazem em seus filhos suas características físicas e de caráter. Assim podemos dizer que os filhos de: São pessoas conquistadoras, vivas, ativas, ciumentas e até mesmo cruéis, trabalhadoras e incansáveis.

Os Orixás têm suas preferências também quanto aos metais. O cobre.

Calendário Festivo da Umbanda 4 de dezembro.

QUALIDADES DE YANSÃ:

- | | | |
|---------------|--|----------------|
| 1. Oya Biniká | 11. Bagbure | 2. Fure |
| 2. Seno | 12. Tope | 3. Guere |
| 3. Abomi | 13. Filiaba | 4. Toningbe |
| 4. Gunán | 14. Semi | 5. Fakarebo |
| 5. Bagán | 15. Sinsirá | 6. De |
| 6. Onirà | 16. Sire | 7. Min |
| 7. Kodun | 17. Gbale ou Igbale (aquela que retorna à terra) se subdividem em: | 8. Lario |
| 8. Maganbelle | 1. Funán | 9. Adagangbará |
| 9. Yapopo | | |
| 10. Onisoni | | |

As últimas , estão ligadas ao culto dos mortos.Tem forte ligação com Omulu , Ogun e Exú.

LENDA DE OYÁ:

Oyá, bela e extrovertida, saía pelo mundo em busca de obter conhecimentos. Por onde andava geralmente se relacionava com reis e príncipes, os deixava apaixonados e depois partia em busca de novas aventuras.

A Rainha dos Ventos chegou à Ifé, reino de Ogun o grande guerreiro, que apaixonado por ela, ensinou-lhe como lutar com espadas, logo em seguida, o abandonou seguindo para Oxogbô, onde vivia Oxoguián. Seduziu-o, aprendeu o uso do escudo e abandonou.

Na estrada encontrou Exú e o atraiu com seu jeito espalhafatoso. Exú lhe ensinou como lidar com fogo e tudo sobre magia. Não se prendendo à Exú, foi para floresta onde se relacionou com Oxossi, aprendendo a caçar e a tirar a pele do búfalo, transformando-se nas horas de perigo neste animal.

Encontrando Logun encantou-o, aprendendo com ele a pescar.

Seguindo para a terra de Obaluaê queria descobrir os seus segredos, tentou seduzi-lo com a dança do vento, mas nada adiantou, pois Obaluaê não se sentiu atraído por ela. Obaluaê com pena pelo esforço de Oyá, lhe ensinou a dominar Egun.

Oyá continuou viajando até chegar a Oyó, onde conheceu Xangô, dividindo com ele os poderes do raio e do trovão, só que desta vez apaixonou-se pelo Rei.

LENDA DE OYÁ – YANSAN

Segundo a lenda, Oyá vivia feliz com Ogun, pois os dois tinham muitas coisas em comum, como o gosto pela guerra e o desejo de desbravar novos lugares. Gostavam da companhia um do outro, sentindo-se em harmonia. Com ele, que é conhecedor de todos os caminhos, Oyá aprendeu a andar pela Terra.

Gostava muito de vê-lo trabalhar, em seu ofício de ferreiro, tentando aprender como ele confeccionava suas armas e ferramentas. Oyá pedia insistentemente que lhe fizesse uma arma para guerrear.

Um dia, Ogun a surpreendeu, oferecendo-lhe uma espada curva, que era ideal para seu uso. Isso a agradou muito, tanto que, mais tarde, todo seu exército estava usando esse mesmo tipo de arma.

Mas Ogun não a levava em suas batalhas, deixando-a sozinha e entediada. Sem falar no tempo que gastava em seus afazeres de ferreiro. Oyá adorava a liberdade, mas, ao mesmo tempo, não dispensava uma boa companhia. Começou a sentir-se rejeitada por ele.

Foi nesse momento que Xangô, o grande rei, foi procurar Ogun, pois precisava de armas para seu exército. Ele era muito atraente e cuidadoso com sua aparência. Era impossível não notar sua presença.

Ogun, aceitando o pedido, começou a produzir armas para Xangô, que tinha muita urgência. Ficaria na aldeia o tempo necessário para o término do serviço.

Xangô também notou a presença de Oyá, sentindo uma grande atração por ela. Com seu jeito de ser, aproximou-se dela para trocar conhecimentos a respeito de suas habilidades. Descobriram,

nessas conversas, que possuíam muitas afinidades, inclusive que não gostavam de viver isolados, assim como Ogun.

Oyá estava muito interessada em Xangô e em tudo o que estava aprendendo com ele, mas não queria magoar Ogun, a quem respeitava muito.

Xangô propôs-lhe uma união eterna, sem monotonia, sem solidão, viajando sempre juntos por toda a Terra. Seria uma união perfeita.

Quando Ogun terminou seu trabalho, os dois já haviam partido. Ele ficou enfurecido com a traição de ambos, mesmo sabendo que sua companheira não podia ficar cativa para sempre.

Partiu atrás deles para vingar sua desonra!

Oyá estava vindo ao seu encontro, para explicar-lhe que não poderia mais ficar com ele, pois Xangô a completava, mas que iria respeitá-lo sempre como grande orixá da guerra.

Ogun estava tão enfurecido, que não ouviu o que ela dizia, e foi com grande fúria que investiu contra ela, erguendo sua espada. Oyá, em defesa própria, também o atacou. Ela foi golpeada em nove partes do seu corpo, e Ogun em sete, formando curas. Esses números ficaram muito ligados a esses orixás, assim como as curas, que foram introduzidas nos rituais africanos.

OBÁ:

Está ligada às águas e à guerra. Atribuem-se as enchentes e as cheias dos rios à este Orixá. Pelo fato de conviver muito tempo com Xangô ela aprendeu a lidar com energias diferentes, tais como a energia elétrica.

Obá também rege a desilusão amorosa, o sentimento de perda, a depressão e a raiva.

PERSONALIDADE: Guerreira, são frágeis nas relações amorosas, sinceras, depressivos, raivosos, boas, habilidosas e rápidas.

PAÓ: Igual à Oyá.

COR: Amarelo, vermelho e branco.

SÍMBOLO: A luta.

METAL: Dourado e cobre.

ANIMAIS: Galinha, galinha d`angola e cabra.

Obá representa as águas revoltas dos rios. As pororocas, as águas fortes, o lugar das quedas são considerados domínios de Obá. Ela representa também o aspecto masculino das mulheres (fisicamente) e a transformação dos alimentos de crus em cozidos.

Por sua envergadura física e força, tornou-se uma guerreira, a única mulher capaz de desafiar Ogum para uma luta, e por ser Obá extremamente forte e destemida, Ogum se viu obrigado a usar de um truque contra ela, espalhando quiabo amassado no chão, e atraindo Obá para aquele canto, onde a guerreira escorregou e não apenas perdeu a luta como foi possuída à força por Ogum, que se tornou seu inimigo.

Sendo uma cozinheira excelente foi escolhida para ser a terceira esposa de Xangô, o deus trovão. Sempre se sentindo menos desejada por seu amado que Oxum e Iansã, Obá se esmerava em agradá-lo com seus pratos cada vez mais aprimorados. Mas Oxum era sempre a preferida de Xangô. Um dia Obá não se conteve e perguntou a Oxum qual o segredo de sua sedução. Oxum, que vivia com a cabeça enrolada em turbantes maravilhosos, disse que havia cortado a própria orelha esquerda e colocado no amalá (uma comida à base de quiabo) de Xangô que, ao comê-lo, por ela se perdera de paixão para sempre.

Obá então cortou a própria orelha e a colocou no amalá.

Ao ver Obá com um ferimento no lugar da orelha Xangô quis saber o que houvera e Obá contou. Neste momento Oxum tirou seu turbante e, mostrando as duas orelhas intactas a Obá, desatou a rir. Xangô, zangado com a insensatez de Obá e enojado por ver sua orelha na comida, expulsou-a de seu palácio e Obá tanto chorou e teve raiva que se transformou num rio revoltoso. Na África, no lugar onde se encontram os rios Obá e Oxum o estouro das águas é extremamente violento.

Cor: vermelho com amarelo

Numero: 4

Símbolo: Obé
Comida: quiabo
Dia da semana: Quarta-feira
Saudação: Obá xirê!

OBÁ ("rainha")

Divindade guerreira, considerada até como uma Oia-Iansã velha, originária do rio de mesmo nome na Nigéria. Ligada à água doce como Oxum, ao contrário desta está presente nas águas revoltas como: enchentes, inundações e cheias dos rios e também no corisco, que lhe foi dado pelo marido Xangô. É o orixá que domina a paixão. Obá rege a desilusão amorosa, a tristeza, o sentimento de perda, a incapacidade do homem de ter o que ama e deseja. Obá é a raiva, a frustração, a solidão, a depressão, o sentimento de abandono. Embora a lenda diga ser Obá uma guerreira vencedora, ela conseguiu seu encantamento no oposto, ou seja, na derrota.

Obá era esposa de Xangô, juntamente com Oxum que muito esperta queria se livrar da rival. Certo dia, para enganar Obá, Oxum apareceu com um pano cobrindo uma das orelhas. Obá quis saber o que era aquilo, e ela então contou que tinha cortado a própria orelha e colocado na comida de Xangô, e este teria gostado muito, daí ela ser a sua favorita. Obá por tanto amor que nutria pelo marido, não pensou duas vezes, e fez o mesmo. Xangô repugnado expulsou-a de seu reino. E toda esta dor, desesperança, abandono, ficou em Obá e tem sua regência. É a lógica dizendo que é a "última gota", que faz transbordar nossos sentimentos. Se um rio enche e transborda, é porque não suporta mais o volume de água, deixando escapar "aquilo que não cabe mais", isto é Obá, esta é sua regência, seu encantamento e sua influência. Geralmente quando incorpora, lança-se contra as filhas de Oxum, principalmente se estas estiverem próximas do orixá Xangô. A iniciação de uma filha de Obá necessita de certas ervas difíceis de serem encontradas no Brasil. Daí o grande número de filhas de Oia-Iansã, de características muito semelhantes a Obá, crescer a cada dia.

OBÁ

É a divindade do rio do mesmo nome, foi a terceira mulher de Xangô. Como às duas primeiras, Oyá e Osún, ela foi também mulher de Ogun segundo uma lenda de Ifá.

Obá é um orixá feminino muito enérgico e fisicamente mais forte que muitos orixás masculinos. Ela desafiara e vencerá na luta, sucessivamente, Oxalá, Xangô e Orumilá. Chegada à vez de Ogun, aconselhado por um babalawo, ela preparou uma oferenda de espigas de milho e quiabo. Amassou tudo num pilão, obtendo uma pasta escorregadia, que espalhou pelo chão, no lugar previsto, digo onde aconteceria a luta. Chegando o momento, Obá que fora atraída até o lugar previsto, escorregou sobre a mistura, aproveitando-se Ogun para derrubá-la e possuí-la no ato.

Mais tarde, quando Obá se tornou a terceira mulher de xangô, uma grande rivalidade não demorou a surgir entre ela e Osún. Esta era jovem e elegante e Obá era mais velha e usava roupa fora de moda, fato que nem chegava ser dar conta, pois pretendia monopolizar o amor de Xangô. Com este objetivo, sabendo quanto Xangô era guloso, procurava sempre surpreender os segredos das receitas de cozinha utilizadas por Osún, a fim de preparar às comidas de Xangô.

Osún irritada, decidiu pregar-lhe uma peça e um belo dia, pediu-lhe que viesse assistir, um pouco mais tarde, à preparação de um determinado prato que, segundo lhe disse Osún maliciosamente que realizava maravilhas junto a Xangô, o esposo comum. Obá apareceu na hora indicada. Osún, tendo a cabeça atada por um pano que lhe escondia as orelhas, cozinhava uma sopa na qual boiava dois cogumelos. Osún mostrou a sua rival, dizendo que havia cortado as próprias orelhas, colocando-as para ferver na panela, a fim de preparar o prato predileto de Xangô. Este chegando logo, tomou a sopa com apetite e deleite e retirou-se, gentil e apressado, em companhia de Osún. Na semana seguinte, era vez de Obá cuidar de Xangô. Ela decidiu por em prática a receita maravilhosa: cortou uma de suas orelhas e cozinhou-a numa sopa destinada a seu marido. Este não demonstrou nenhum prazer de vê-la com a orelha decepada e achou repugnante o prato que ela lhe serviu. Osún apareceu, neste momento, retirou o seu lenço e mostrou que suas orelhas jamais haviam sido cortadas nem devoradas por Xangô. Começou, então a caçoar da pobre Obá, que, furiosa precipitou-se sobre sua rival. Seguiu-se uma luta corporal entre elas. Xangô, irritado fez explodir o seu furor. Osún e Obá, apavoradas, fugiram e transformaram-se nos rios que levam seu nomes. No local da confluência dos dois cursos de água, as ondas se tornaram-se muito agitadas em consequência da disputa entre as duas divindades. Conta-se ainda, sobre Obá, uma lenda por vezes atribuída a Osún, baseada num jogo de palavras: Orai Owu, partindo em expedição guerreira, teve que atravessar o rio Obá com seu exército. O rio estava em período de enchente e as águas tão tumultuadas que não podiam ser atravessadas. Oreifez, então, uma promessa solene, embora mal formulada.

Ele declarou: Obá, deixe passar meu exército, eu lhe imploro, faça baixar o nível de suas águas e se sair vitorioso da guerra, eu lhe oferecerei uma nkan rere (boa coisa). Ora, êle tinha por mulher uma filha do rei Ibadan que levava o nome nkan. As águas baixaram, o rei atravessou o rio e venceu a guerra.

Regressou com um saque considerável. Chegando próximo ao rio Obá, ele encontrou novamente em período de cheia. O rei ofereceu-lhe todas as nkan rere, tecidos, búzios, bois e comidas, mais o rio rejeitou todos estes dotes. Era nkan a mulher do rei, que ele exigia. Como rei de Owu era obrigado a passar, teve que lançar nkan as águas, mas ela estava grávida e pariu no fundo do rio. Este rejeitou o recém nascido, declarando que somente nkan lhe havia sido prometida. As águas baixaram e o rei voltou triste aos seus domínios, seguido pelo seu exercito. O rei de Ibadan tomou conhecimento do ocorrido. Indignado, declarou que não tinha dado sua filha em casamento para ela servir de oferenda para um rio. Fez a guerra a seu genro, venceu-o e expulsou de seu país.

OBÁ NO NOVO MUNDO

No Brasil, assim que Obá aparece num candomblé manifestada em uma de suas iniciadas, ata-se um turbante em sua cabeça a fim de esconder uma de suas orelhas, como na recordação da lenda já narrada. Se Osún manifesta-se no momento, a tradição exige que as duas divindades encarnadas procurem lutar novamente e é preciso, então intervir energicamente para separá-las. A dança de Obá é guerreira, ela brande o sabre com uma das mãos e na outra leva um escudo.

Suas oferendas consistem em, cabras, patos e galinha d'angola.

Sincretismo: Obá é sincretizada com Joana D'Arque, mais também é sincretizada como S'ta Catarina.

Qualidade: Obá não tem divisão, é uma santa guerreira que traz espada, e reina nas fogueiras e acampamentos é a água viva do mar, muitos antigos dizem que Obá pode ser uma qualidade de Oyá.

Deusa do Rio Obá. Espôsa de Xângô. Guerreira, veste vermelho e branco, usa escudo e lança. Na dança briga com Oxum que a induziu a cortar uma das orelhas para usá-la na comida de Xangô e com isso manter seu amor. Os resultados revelaram-se desastrosos e Obá foi repudiada por Xangô. Obá come conquén, cabra e pato. Dança tapando com a mão o lado do rosto de onde cortou a orelha.

Obá era uma mulher vigorosa e cheia de coragem. Faltava-lhe, talvez, um pouco de charme e refinamento. Mas ela não temia ninguém no mundo. Seu maior prazer era lutar.

Seu vigor era tal que ela escolheu a luta e o pugilato como profissão. Obá saiu vencedora de todas as disputas que foram organizadas entre ela e diversos orixás. Ela derrotou Obatalá, tirou Oxossi de combate, deixou no chão Orunmilá. Oxumaré não resistiu à sua força.

Ela desafiou Obaluaê e botou Exú prá correr. Chegou a vez de Ogum!

Ogum teve o cuidado de consultar Ifá, antes da luta. Os adivinhos lhe disseram para fazer oferendas, compostas de duzentas espigas de milho e muitos quiabos. Tudo pisado num pilão para se obter uma massa viscosa e escorregadia. Esta substância deveria ser depositada num canto do terreno onde eles lutariam.

Ogum seguiu, fielmente, estas instruções. Na hora da luta, Obá chegou dizendo: "O dia do encontro é chegado".

Ogum confirmou: "Nós lutaremos, então, um contra o outro". A luta começou.

No início, Obá parecia dominar a situação. Ogum recuou em direção ao lugar onde ele derramara a oferenda. Obá pisou na pasta viscosa e escorregou. Ogum aproveitou para derrubá-la. Rapidamente, libertou-se do seu pano e a possuiu ali mesmo, tornou-se, dessa maneira, seu primeiro marido.

Mais tarde, Obá tornou-se a terceira mulher de Xangô, pois ela era forte e corajosa. A primeira mulher de Xangô foi Oiá-Iansã que era bela e fascinante. A segunda foi Oxum, que era coquete e vaidosa.

Uma rivalidade logo se estabeleceu entre Obá e Oxum. Ambas disputavam a preferência do amor de Xangô. Obá procurava, sempre, surpreender o segredo das receitas utilizadas por Oxum quando esta preparava as refeições de Xangô.

Oxum, irritada, decidiu preparar-lhe uma armadilha. Convidou Obá a vir, um dia de manhã, assistir à preparação de um prato que, segundo ela, agradava infinitamente a Xangô. Obá chegou na hora combinada e encontrou Oxum com um lenço amarrado à cabeça, escondendo as orelhas.

Ela preparava uma sopa para Xangô onde dois cogumelos flutuavam na superfície do caldo. Oxum fez crer a Obá que se tratava de suas orelhas, que ela cozinhava, assim, para preparar o prato favorito de Xangô. Este logo chegou, vaidoso e altivo. Engoliu, ruidosamente e com deleite, a sopa de cogumelos e, galante e apressado, retirou-se com Oxum para o quarto.

Na semana seguinte, era a vez de Obá cuidar de Xangô. Ela decidiu pôr em prática a receita maravilhosa. Xangô não sentiu nenhum prazer ao ver que Obá se cortara uma das orelhas. Ele achou repugnante o prato que ela lhe preparara. Neste momento, Oxum chegou e retirou o lenço, mostrando à sua rival que suas orelhas não haviam sido cortadas, nem comidas.

Furiosa, Obá precipitou-se sobre Oxum com impetuosidade. Uma verdadeira luta se seguiu. Xangô, encolerizado, trovejou sua fúria. Apavoradas, Oxum e Obá fugiram e se transformaram em rios.

Até hoje, as águas destes rios são tumultuadas e agitadas, no lugar de sua confluência, em lembrança da briga que opôs Oxum e Obá pelo amor de Xangô.

ARQUÉTIPO

(Do livro "Orixás - Pierre Fatumbi Verger - Editora Corrupio")

O arquétipo de Obá é a das mulheres valorosas e incompreendidas. Suas tendências um pouco viris fazem-nas frequentemente voltar-se para o feminismo ativo. As suas atitudes militantes e agressivas são conseqüências de experiências infelizes ou amargas por elas vividas. Os seus insucessos devem-se, frequentemente, a um ciúme um tanto mórbido. Entretanto, encontram geralmente compensação para as frustrações sofridas em sucessos materiais, onde a sua avidez de ganho e o cuidado de nada perder dos seus bens tornam-se garantias de sucesso.

ESSABAS:

Mesmas de Inhasã e Oxum.

Negamina

Candeia

Folha de amendoeira

OBA	ASSA-PEIXE; GOIABA; BETERRABA; GERÂNIO
------------	---

QUALIDADES DE OBÁ:

1. Obá Gideo
2. Obá Rewá

LENDA DE OBÁ:

Seguindo pelo mundo revoltada, Obá dedicou-se a luta, sendo conhecida como a bela guerreira.

Todos comentavam sobre a imbatível Obá, chegando ao conhecimento de Ogum. Este se sentiu ofendido, resolvendo procura-la e quando a encontrou encantou-se com a bela guerreira. Marcaram uma luta na qual se Ogum ganhasse ela o amaria, caso contrário seria a mais hábil guerreira e Ogum lhe entregaria a espada.

Ogum usando de esperteza, mandou que seus guardas esgalhassem baba de quiabo pelo chão. Chegando o dia, Obá parte para cima de Ogum, sendo que mal consegue ficar em pé, pois o chão estava escorregadio. Obá percebeu a malícia de Ogum e puxou-o, os dois lutaram durante horas mas nenhum conseguiu vencer. Os dois se entenderam.

Ogum quis levar Obá, mas esta o recusou por ter seu coração com Xangô.

IEMONJÁ:

Esta Deusa está ligada à criação, é considerada a Grande Mãe.

Sendo uma das ninfas das águas salgadas tem sua representação nos mares e oceanos, é a responsável pela vida dos animais do meio aquático. A Iemonjá tratada neste trabalho é filha de Oloôkun (Senhor dos Oceanos). Ela e Oxalá tiveram uma união, da qual muitos Orixás foram originados.

Suas danças representam as ondas do mar.

PERSONALIDADE: Francos, intuitivos, voluntariosos, decididos, ciumentos, custam muito a perdoar uma ofensa, são amigos até a morte, vaidade pouco acentuada, sinceros, teimosos, valentes, passam grande parte do seu tempo pensando.

PAÓ: Batidas de palmas imitando o som das ondas do mar, seguindo-se as 3 de reverência e o adobale.

FILIAÇÃO: Oloôkun

SAUDAÇÃO: "Odoiya! Odô Siaba!".

DIA: Sábado.

COR: Azul claro, branco, pérola e transparente.

METAL: Metais brancos.

QUALIDADES:

Asaba		Akurá ou Konlá
Ogunté	Ranara	Malebô
Yemowo	Olossa	Asesu

QUALIDADES DE YEMONJÉ:

- 1.Yemanjá Ogunté (esposa de Ogum Alagbedé)
- 2.Yemanjá Saba (fiadeira de algodão, foi esposa de Orunmilá)
- 3.Yemanjá Sesu/Susure (voluntariosa e respeitável, mensageira de olokun)
- 4.Yemanjá Tuman/Aynu/Iewa

- 5.Yemanjá Ataramogba/Iyáku (vive na espuma da ressaca da maré)
- 6.Iya Masemale/Iamasse (mãe de Xangô)
7. Awoyó/Iemowo (a mais velha de todas, esposa de Oxalá)

Iemanjá, sao todas as águas salgadas e areias do mar. É considerada o princípio de tudo, juntamente com a terra, Oduduwa. Iemanjá é o mar que alimenta, que umidifica as terras, que energiza a terra, e também o maior cemitério do mundo. Representa ainda as profundezas do inconsciente, o movimento rítmico, todas as coisas cíclicas, tudo que pode se repetir infinitamente. A força contida, o equilíbrio. Iemanjá uniu-se a Oxalá, a criação, e com ele teve os filhos Ogum, Exu e Oxóssi e Xangô.

Como seus filhos se afastaram dela, Iemanjá foi aos poucos se sentindo mais e mais sozinha e resolveu correr o mundo, até chegar a Okerê, onde foi adorada por sua beleza, inteligência e meiguice. Lá, o rei se apaixonou por ela, desejando que se tornasse sua mulher. Iemanjá então fugiu, mas o Alafin colocou seus exércitos para persegui-la. Durante sua fuga, foi encurralada por Oke (as montanhas) e caiu, cortando seus enormes seios, de onde nasceram os rios. Assim, ela é também a mãe de Oxum, Obá e Iansã (em alguns mitos).

Conta-se que a beleza de Iemanjá é tamanha que seu filho Xangô não resistiu a ela e passou a persegui-la, com o desejo incestuoso de possuí-la. Na fuga, Iemanjá cai e corta os seios, dando origem às águas do mundo e aos Ibejis, filhos de Xangô com Iemanjá. Outro mito ainda, narra a sedução em sentido contrário. É Iemanjá quem persegue seu filho Aganju (a terra firme) e este é quem foge. Representando o inconsciente, Iemanjá é considerada também a "dona das cabeças", no sentido de ser ela quem dá o equilíbrio necessário aos indivíduos para lidar com suas emoções e desejos inconscientes.

Cor: azul claro e verde, nos tons do mar.

Símbolo: Abebê (espelho, símbolo das águas em geral)

Dia da Semana: Sábado

Numero: 10

Comida: arroz com mel

Saudação: Odô Iyá!

IEMANJÁ (iya: "mãe"; omo: "filho"; eja: "peixe").

A majestade dos mares, senhora dos oceanos, sereia sagrada, Iemanjá é a rainha das águas salgadas, considerada como mãe da maioria dos orixás, regente absoluta dos lares, protetora da família.

Chamada também de deusa das pérolas, é aquela que apara a cabeça dos bebês no momento de nascimento.

Essa força da natureza também tem papel muito importante em nossas vidas, pois é ela que rege nossos lares, nossas casas. É ela que dá o sentido da família às pessoas que vivem debaixo de um mesmo teto. Ela é a geradora do sentimento de amor ao seu ente querido, que vai dar sentido e personalidade ao grupo formado por pai, mãe e filhos tornando-os coesos. Rege as uniões, os aniversários, as festas de casamento, todas as comemorações familiares. É o sentido da união por laços consanguíneos ou não.

Numa Casa de Santo, Iemanjá atua dando sentido ao grupo, à comunidade ali reunida e transformando essa convivência num ato familiar; criando raízes e dependência; proporcionando sentimento de irmão para irmão em pessoas que a bem pouco tempo não se conheciam; proporcionando também o sentimento de pai para filho ou de mãe para filho e vice-versa, nos casos de relacionamento dos Babalorixás (Pai de Santo) ou Ialorixás (Mãe de Santo) com os Omorixás (Filhos de Santo).

A necessidade de saber se aquele que amamos estão bem, a dor pela preocupação, é uma regência de Iemanjá, que não vai deixar morrer dentro de nós o sentido de amor ao próximo, principalmente em se tratando de um filho, filha, pai, mãe, outro parente ou amigo muito querido. É a preocupação e o desejo de ver aquele que amamos a salvo, sem problemas, é a manutenção da harmonia do lar.

É ela que proporcionará boa pesca nos mares, regendo os seres aquáticos e provendo o alimento vindo do seu reino. É ela quem controla as marés, é a praia em ressaca, é a onda do mar, é o maremoto. Protege a vida marinha.

Filha de Olokum e mãe da maioria dos orixás. Sua cor é branca, associada ao orixá Oxalá; juntos teriam feito a criação do mundo. É proveniente de uma nação chamada Egbá, na Nigéria, onde existe um rio com o mesmo nome do orixá.

Exu, seu filho, se encantou por sua beleza e tomou-a à força, tentando violentá-la. Uma grande luta se deu, e bravamente Iemanjá resistiu à violência do filho que, na luta, dilacerou os seios da mãe.

Enlouquecido e arrependido pelo que fez, Exu "caiu no mundo" desaparecendo no horizonte.

Caída ao chão, Iemanjá entre a dor, a vergonha, a tristeza e a pena que teve pela atitude do filho, pediu socorro ao pai Olokum e ao criador Olorum. E, dos seus seios dilacerados, a água, salgada como a lágrima, foi saindo dando origem aos mares. Exu, pela atitude má, foi banido para sempre da mesa dos orixás, tendo como incumbência eterna ser o guardião, não podendo juntar-se aos outros na corte.

YEMONJÁ

É uma belíssima ninfa negra de grandes e belos seios desnudos e volumosos, aparece sempre com uma vestimenta da cintura para baixo, nas cores azul e branca, com um adorno em forma de coroa, chamado Akoro, mas conhecido como Adê, na cor prateada, tendo nos braços braceletes de prata e idés, em suas mãos um leque de prata em forma de peixe, chamado de Abebè e uma espada chamada de Kupanga Omyi Benbe ou Lidá, demonstrando assim as riquezas encontradas nas águas profundas do mar. Divindade das águas salgadas.

QUALIDADES

YEMUO

É a primeira, a mais velha e esposa de Xangô. Veste branco e cristal

YIAMACÊ ou YIAMACI-MALÉ

É a segunda, mãe de xangô e Oxumaré. Esposa de Orannian e muito festejada durante as festas consagradas a seu filho Xangô. Suas contas são brancas leitosas, rajadas de vermelho e azul.

YINAÉ ou MALELE

É a terceira, aquela que os filhos sempre serão peixes, também conhecida como Maribó, mora nas águas mais profundas, é a sereia, ligada a reprodução dos peixes, vem sempre a beira mar apanhar sua oferendas. Ligada a Oxalá e a Exú.

OGUNTÉ

É a quarta, espôsa de Ogun Alakibebé, mãe de Ogun Akoro. Ogunté quer dizer aquela que contém Ogun. Vive perto das praias, no encontro das águas com as pedras. Traz na cintura um facão e todas as ferramentas que Ogun usa, penduradas em sua vestes. Sua maior quizila é a pata.

Come carneiro e todos os bichos machos, castrado na hora do sacrifício. Come com seu filho

Ogun nos campos e caminhos. Veste azul marinho e branco cristal ou verde e branco (nas casas de jeje não come carneiro).

OLOSSÁ

É a quinta. Come com Osún e Nanã. Veste verde claro e sua contas são branco cristal. Come carneiro castrado na hora do sacrifício (nas casas de jeje não se copa carneiro).

ASAABÁ ou SOBÁ

É a sexta. É velha e manca da perna esquerda, devido uma luta com Exú. Muito rabujenta e traçoeira, fala de costas, fia as roupas de Oxalá e comanda às camadas profundas do mar. Foi casada com Orumilá IFÁ e usa uma corrente de prata no tornozelo, come pata e tem pavor de carneiro, come junto com Omolú, Osún Karé e Oxalá.

YIASESSU ou SESSU

É a sétima. É a mensageira de Olóòkun, o deus do mar. Vive nas águas sujas do mar e é muito esquecida e lenta. Come com Obaluwàiyé e Ogun. Veste verde água e suas contas branco cristal. Come pata e carneiro castrado na hora do sacrifício (na nação jeje não come carneiro).

AKURÀ

É a oitava. Vive nas espumas do mar, aparece vestida com lodo do mar e coberta de algas marinhas. Muito rica e pouco vaidosa. Adora carneiro, come com Nanã, veste o verde água e contas iguais.

AYIO

É a nona. Muito velha e veste sete anáguas para proterger-se. Vive no mar e descansa na lagoa. Come com Osún e Nanã.

SUAS FOLHAS

Erva prata, macassá, capueraba branca e azul, umbúba, oxibata, altéia, arassá da praia, colônia, condessa, graviola, erva de santa luzia, mãe boa, lágrima de Nossa senhora, pata de vaca e a principal que é o papo de peru.

Iemanjá, cujo nome deriva de Yèyé omo ejá ("Mãe cujos filhos são peixes"), é o orixá dos Egbá, uma nação iorubá estabelecida outrora na região entre Ifé e Ibadan, onde existe ainda o rio Yemoja. As guerras entre nações iorubás levaram os Egbá a emigrar na direção oeste, para Abeokutá, no início do século XIX. Evidentemente, não lhes foi possível levar o rio, mas, em contrapartida, transportaram consigo os objetos sagrados, suportes do àse da divindade, e o rio Ògùn, que atravessa a região, tornou-se, a partir de então, a nova morada de Yemanjá. Este rio Ògùn não deve, entretanto, ser confundido com Ògún, o deus do ferro e dos ferreiros, contrariamente à opinião de numerosos que escreveram sobre o assunto no fim do século passado. Não nos deteremos nas extravagantes hipóteses do Padre Baudin, retomadas com entusiasmo pelo Tenente-Coronel Ellis e outros autores. Daremos, porém, em notas um resumo destes textos.

O principal templo de Iemanjá está localizado em Ibará, um bairro de Abeokutá. Os fiéis desta divindade vão todos os anos buscar a água sagrada para lavar os axés, não no rio Ògùn, mas numa fonte de um dos seus afluentes, o rio Lakaxa. Essa água é recolhida em jarras, transportada numa procissão seguida por pessoas que carregam esculturas de madeira (ère) e um conjunto de tambores. O cortejo na volta, vai saudar as pessoas importantes do bairro, começando por Olúbàrà, o rei de Ibará. Iemanjá seria filha de Olóòkun, deus (em Benin) ou deusa (em Ifé) do mar. Numa história de Ifá, ela aparece "casada pela primeira vez com Orunmilá, senhor das adivinhações, depois com Olofin, rei de Ifé, ... Iemanjá, cansada de sua permanência em Ifé, foge mais tarde em direção ao Oeste. Outrora, Olóòkun lhe havia dado, por medida de precaução, uma garrafa contendo um preparado, pois "não se sabe jamais o que pode acontecer amanhã", com a recomendação de quebrá-la no chão em caso de extremo perigo. E assim, Iemanjá foi instalar-se no "Entardecer-da-Terra", o Oeste. Olofin-Odùduà, rei de Ifé, lançou seu exército à procura de sua mulher. Cercada, Iemanjá, em vez de se deixar prender e

ser conduzida de volta a Ifé, quebrou a garrafa, segundo as instruções recebidas. Um rio criou-se na mesma hora, levando-a para Okun, o oceano, lugar de residência de Olóòkun (Olokum). Iemanjá tem diversos nomes, relativos, como no caso de Oxum, aos diferentes lugares profundos (ibù) do rio. Ela é representada nas imagens com o aspecto de uma matrona, de seios volumosos, símbolo de maternidade fecunda e nutritiva. Esta particularidade de possuir seios mais que majestosos - ou somente um deles, segundo outra lenda - foi origem de desentendimentos com seu marido, embora ela já o houvesse honestamente prevenido antes do casamento que não toleraria a mínima alusão desagradável ou irônica a esse respeito. Tudo ia muito bem e o casal vivia feliz. Uma noite, porém, o marido havia se embriagado com vinho de palma e, não mais podendo controlar as suas palavras, fez comentários sobre seu seio volumoso. Tomada de cólera, Iemanjá bateu com o pé no chão e transformou-se num rio a fim de voltar para Olóòkun, como na lenda precedente.

Iemanjá no Novo Mundo

Iemanjá é uma divindade muito popular no Brasil e em Cuba. Seu axé é assentado sobre pedras marinhas e conchas, guardadas numa porcelana azul. O sábado é o dia da semana que lhe é consagrado, juntamente com outras divindades femininas. Seus adeptos usam colares de contas de vidro transparentes e vestem-se, de preferência, de azul-claro. Fazem-se oferendas de carneiro, pato e pratos preparados à base de milho branco, azeite, sal e cebola.

Diz-se na Bahia que há sete Iemanjás:

Iemowô, que na África é a mulher de Oxalá;

Iamassê, mãe de Xangô;

Euá (Yewa), rio que na África corre paralelo ao rio Ògùn e que freqüentemente é confundido com Iemanjá em certas lendas;

Olossá, a lagoa africana na qual deságuam os rios.

Iemanjá Ogunté, casada com Ogum Alagbedé.

Iemanjá Assabá, ela é manca e está sempre fiando algodão.

Iemanjá Assessu, muito voluntariosa e respeitável.

Em Cuba, Lydia Cabrera dá sete nomes igualmente, especificando bem que apenas uma Iemanjá existe, à qual se chega por sete caminhos. Seu nome indica o lugar onde ela se encontra.

ARQUÉTIPO

Tomamos emprestada a descrição do arquétipo de Iemanjá a Lydia Cabrera, sua filha, certamente a mais competente de todas aquelas que nos foi dado o prazer de conhecer: "As filhas de Iemanjá são voluntariosas, fortes, rigorosas, protetoras, altivas e, algumas vezes, impetuosas e arrogantes; têm o sentido da hierarquia, fazem-se respeitar e são justas mas formais; põem à prova as amizades que lhes são devotadas, custam muito a perdoar uma ofensa e, se a perdoam, não a esquecem jamais. Preocupam-se com os outros, são maternais e sérias. Sem possuírem a vaidade de Oxum, gostam do luxo, das fazendas azuis e vistosas, das jóias caras. Elas têm tendência à vida suntuosa mesmo se as possibilidades do cotidiano não lhes permitem um tal fausto".

ESSABAS DE IEMONJÁ:

Ori

Bredo sem espinho – Teté

Manjerição

Alfavaquinha – Orim-rim

Rama de leite - Obô

Malva branca – Efin

Macaçá

Golfo-branco – Omin-ójú

Folha de colônia

Jarrinha – Jacomijé

Folha da costa – Odun-dun

Folha de bicho – Ibin

Pata de vaca (beira de rio)

Capeba – Já

Umbaúba

Beti-cheiroso – Obayá

Erva de São João (mestrato)

Folha de loko – Iróko

Canela de macaco – Teterégun

Folha de neve branca, cana-do-brejo – Tinin

Parietária – Monam

Golfo de baronesa – Ereximominpala

Cajá – Jamin

YEMOJÁ	AGUAPÉ; ÁGUA DE LEVANTE; ALFAVAQUINHA; ALTÉIA; UNHA DE VACA; UMBÁUBA; SALSA DA PRAIA; PATA DE VACA; PAPO DE PERU; MUSGO MARINHO; MARICOTINHA; JASMIM; ERVA DE SANTA LUZIA; DANDÁ DO BREJO; CONDESSA; CAMÉLIA; ARASSÁ DA PRAIA; BREDO SEM ESPINHO; CANA DO BREJO; CANELA DE MACACO; CAPEBA; COLONIA; ERVA PRATA; FOLHA DA COSTA; FOLHA DE BICHO; GRAVIOLA; JARRINHA; LÁGRIMA DE NOSSA SENHORA; MACAÇA; MÃE BOA; MALVA BRANCA; PARIETÁRIA; RAMA DE LEITE; TAIOBA BRANCA; OXIBATA; ERVA SÃO JOÃO
---------------	--

YEMANJA

Locais de maior vibração dos orixás

praias

As cores e flores que são regidas pelos orixás:

Branca (Palmas e Rosas)

As bebidas que são regidas pelos orixás:

Champanhe branca

Frutos e Frutas

Mamão.

Algumas das comidas mais comuns oferecidas aos Orixás:

Arroz cozido com fatias de coco regado com mel.]

Mencionaremos aqui as ervas mais conhecidas no Rio de Janeiro:

Erva da Lua, Alfazema, Colônia, pétalas de rosas brancas.

Os Orixás normalmente trazem em seus filhos suas características físicas e de caráter. Assim podemos dizer que os filhos de:

São pessoas facilmente irritáveis, generosas até certo ponto, de tendência maternal e amantes da solidão.

Os Orixás têm suas preferências também quanto aos metais.

A prata.

Calendário Festivo da Umbanda

15 de agosto.

LENDA DE YEMONJÁ

Yemonjá, grande orixá das águas, era filha de Olokun, o senhor dos oceanos. Era possuidora de um grande instinto maternal, que fez dela mãe de dez filhos. Embora casada, não tinha grande apego por seu marido. Às vezes, pensava em deixá-lo, mas ele era um homem muito importante e poderoso, e não permitiria tal desonra. Yemonjá também pensava no bem-estar de seus filhos, não podendo deixá-los desamparados.

Seu marido usava o poder com tirania, inclusive com sua família, tornando a vida dela insuportável. Ela não agüentava mais se submeter aos caprichos de um homem que ela desprezava.

Ela procurou seu pai para aconselhar-se sobre a atitude que deveria tomar. No fundo, ela já estava decidida a fugir, mas precisava de seu apoio. Olokun não a recriminou, pois ela era uma soberana e, como tal, não poderia aceitar o jugo de ninguém. Ele, então, deu à sua filha uma cabaça com encantamentos, para que ela usasse quando estivesse em perigo.

Yemonjá colocou seu plano em prática, fugindo com todos os seus filhos.

Quando ela já estava bem longe de sua aldeia, viu que estava sendo perseguida pelo exército de seu marido. Pensou em enfrentá-los, mas eles eram muitos e seria uma luta desleal. Yemonjá odeia os confrontos, pela destruição que causam, já que é um orixá propagador de vida.

Quando se sentiu acuada, resolveu abrir a cabaça e pedir socorro ao seu pai. Do seu interior escoou um líquido escuro, que, ao tocar o chão, imediatamente formou um rio, que corria em direção ao oceano.

Foi nessas águas que Yemonjá e seu povo encontraram um caminho para a liberdade.

OXUMARÉ:

Oxumaré (serpente, arco-íris) é a servidora de Xangô e o seu trabalho é o de recolher as águas caídas sobre a Terra durante as chuvas.

É a manifestação do conflito natural, é a manifestação do conflito e da união (DÃ).

Tem sua representação na pororoca, junto com Iemonjá e Oxum, e no arco-íris. É o Orixá da riqueza.

PERSONALIDADE: temperamento desconfiado, falsos, retraídos quando é conveniente, observadores, alegres, trazem a transformação a beleza e a fartura, com o sucesso tornam-se generosas.

PAÓ: Igual a Oxum.

SAUDAÇÃO: "Arrobobôia, Tiuraraça Bessém!".

DIA: Sábado.

CORES: Verde e amarelo, além das que compõe o arco-íris.

ANIMAIS: Bode, cabra, frangos e galinha d`angola.

Oxumaré ou Oxumarê, é a energia das cores, da luz do sol após as chuvas, o arco-íris, e por isso mesmo associado às serpentes, que são muito coloridas e poderosas.

Conta o mito que apesar de tudo que houvera com Obaluaíê, Nanã e Oxalá tiveram outro filho. Este era Oxumarê. Contudo, como novamente eles haviam desobedecido os preceitos de Orunmilá, Oxumarê nasceu sem braços e sem pernas, com a forma da serpente, rastejando pelo terra, e ao mesmo tempo de homem. Mais uma vez decepcionada, Nanã abandonou Oxumarê.

Oxumarê entretanto possuía grande capacidade adaptativa e, mesmo sem membros para locomover-se, aprendeu a subir em árvores, a caçar para comer, a colher as batatas doces de que tanto gostava, a nadar e possuía imensa astúcia e inteligência.

Orunmilá, o deus da adivinhação do futuro admirando-se e apiedando-se dele tornou-o um orixá belo, de sete cores de luz, encarregando-o de levar e trazer as águas do céu para o palácio de Xangô. É Oxumarê portanto quem traz as águas da chuva e é a ele que se pede que chova.

Como seu percurso era longo, Oxalá, seu pai, fez com que ele tomasse a forma do arco-íris quando tivesse esta missão a realizar. Com as águas da chuva, Oxumarê traz as riquezas aos homens ou a pobreza. Oxumarê vive com sua irmã Ewá no fim do arco-íris.

Número: 10

Cor: as do arco-íris

Dia da semana: quinta-feira

Símbolo: Dã. (ma serpente enrolada numa árvore, simbolizando o poder da adaptação)

Comida: batata doce

Saudação: Arroboboi Oxumarê!

OXUMARÉ ("aquele que se desloca com a chuva e retém o fogo nos seus punhos")

Orixá andrógino, cuja função principal é a de dirigir as forças que produzem movimento, ação e transformação. Por ser bissexual, tem uma natureza dupla; é representado na mitologia daomeana por uma cobra e o arco-íris, que significam a renovação e a substituição.

Durante seis meses é masculino, representado pelo arco-íris e tem como incumbência levar as águas da cachoeira para o reino de Oxalá no Orum (céu). Nos outros seis meses, Oxumaré assume a forma feminina, e nessa fase, seria uma cobra que vez ou outra se transforma em uma linda deusa chamada Bessém.

A dualidade de Oxumaré faz com que ele carregue todos os opostos e antônimos básicos dentro de si: bem e mal, dia e noite, macho e fêmea, doce e amargo.

Como uma cobra, morde a própria cauda formando o símbolo ocidental do Orobóros, gerando um movimento circular contínuo que representaria a rotação da Terra e próprio movimento incessante dos corpos celestes no espaço. Nas lendas, aparece sempre como filho de Nanã e Oxalá.

No Brasil, seus iniciados usam o brajá, um longo colar de búzios trabalhados de maneira a parecerem as escamas de uma serpente. Durante sua dança, o iaô aponta os dedos para cima e para baixo, alternadamente indicando os poderes do céu e da terra. Em algumas regiões é cultuado como deus da riqueza, simbolizado por uma grande cunha entre seus apetrechos de culto.

Oxumaré está presente nas negociações, no pagamento das contas, no recebimento de um prêmio, na compra, nos negócios envolvendo gastos, lucros e despesas. Está presente nos bancos, nas financeiras, enfim, nos lugares em que se manuseia dinheiro

É o Orixá da riqueza (material e espiritual). Está associado ao ciclo vital, símbolo de continuidade da vida. É representado por uma serpente, que, rastejando sobre a Terra, desenhou vales e rios.

É o Orixá que controla e regula os movimentos celestes. Simboliza a atividade, a continuidade e a permanência. Sua comunicação com os homens é expressa pelo arco-íris, o que revela as suas múltiplas funções. Leva água dos mares, transformando-a em chuva, trazendo o raio e o trovão à Terra, garantindo a fertilidade e o crescimento dos elementos da natureza. Por isso se diz: Àróbò vo yi! Aquele que vai, dá a volta e continua!

Oxumaré, na cultura yorubá é filho de Nana e Oxalá, entre os africanos que trouxeram este culto para o Brasil, Oxumaré é Rei da Nação Jeje, onde recebe o nome de DAN, BESEN ou DANGBÉ. Por se Orixá da continuidade, tem como representação uma serpente engolindo o próprio rabo.

Oxumaré, por estar ligado a terra e as águas, já que reside nas profundezas do oceano, é o dono das riquezas escondidas nas florestas, nas entranhas da terra e nos fundos dos mares. É também dono das pedras preciosas, do ouro, do coral, do sègi, que vem a ser os excrementos que deixa no mundo.

Oxumaré é o Orixá de todas as coisas compridas: das extensas palmeiras e do cordão umbilical (que deve ser enterrado aos pés da palmeira para assegurar vida longa e próspera ao recém-nascido). Uma das características dos filhos de Oxumaré, são pessoas que tendem à renovação e à mudança.

Periodicamente mudam tudo em sua vida (de maneira radical): mudam de casa, de amigos, de religião, de emprego; vivem rompendo com o passado e buscando novas alternativas para o futuro, para cumprir seu ciclo de vida: mutável, incerto, de substituições constantes.

São magras como a cobra, possuem olhos atentos, salientes, difíceis de encarar, mas não enxergam, se prendem a valores materiais, ostentando riquezas; são orgulhosas, exibicionistas, mas também generosas e desprendidas quando se trata de ajudar alguém.

QUALIDADES

KETU

EFERIN: Vem ao barracão com ade em palha da costa, com as 7 cores do arco-íris, usa também uma couraça de metal, de várias cores e duas serpentes em estanho.

EBASUN: Ao lado de Obaluaê, tendo na mão direita uma cobra e na esquerda um espadim, como o desenho abaixo:

Obs: Esta qualidade é assentada fora de casa.

EJO: É feita fora de casa, é terrível

KAFORIDAN: É velho, pai de Dan (A serpente encantada) e está ligado a fertilidade

JEJE

DAN: Vodun velho

BESE: Rei do Jeje – fêmea

DANCILÉ:

DANBAGLÁ: Cultuado também no Haiti, está ligado a bruxaria

DANGBÉ: Se veste de branco, come cabritos brancos, usa 2 cobras imersas no azeite de dendê/azeite doce. É macho

AYDOWEDO: É fêmea

COR: Verde, amarelo, preto e amarelo, Jeje: preto, amarelo com sègi

COMIDA: Isu(inhame), batata doce, egbo bem mole, acaçá, omolocun (ovos cozidos, cortados em rodela e fritas no azeite doce), acarajé, folha de mostarda frita no azeite de dendê com camarão seco, pipoca, quiabo, banana da terra frita no azeite de dendê, feijão fradinho, feijão preto, egbo, camarão seco, azeite de dendê e azeite doce, farofa de ovos, sai como ebó: salada de frutas com mel, pipoca no azeite doce e dendê

DIA DA SEMANA: Terça-feira

DATA: 24 de agosto

FOLHAS:

Iroko Pente de Oxumaré

Parietária Mutamba

taioaba Golfo redondo de Nanã

Mariazinha

BEBIDAS: Aluá, água

ILEKÉ: Brajá ou Barajá

METAL: Estanho, bronze, ferro

PARTE DO CORPO: Espinha dorsal, sistema nervoso e sistema neurovegetativo

SÍMBOLOS: Ojá em forma de serpente, 2 ibiri em forma de cobra, 2 cobras em estanho, usadas nas mãos

SACERDOTE: Podem ocupar qualquer cargo

TOQUE: Bravun, Opanijé, Avania, Dahomé

SAUDAÇÃO: ARO BO BOI ou ARO MO BOI

Oxumaré era, antigamente, um adivinho (babalaô). O adivinho do rei Oni. Sua única ocupação era ir ao palácio real no dia do segredo; dia que dá início à semana, de quatro dias, dos iorubás. O rei Oni não era um rei generoso. Ele dava apenas, a cada semana, uma quantia irrisória a Oxumaré que, por essa razão vivia na miséria com sua família.

O pai de Oxumaré tinha um belo apelido. Chamavam-no "o proprietário do chale de cores brilhantes". Mas tal como seu filho, ele não tinha poder. As pessoas da cidade não o respeitavam. Oxumaré, magoado por esta triste situação, consultou Ifá. "como tornar-me rico, respeitado, conhecido e admirado por todos?" Ifá o aconselhou a fazer oferendas. Ele disse-lhe que oferecesse uma faca de bronze, quatro pombos e quatro sacos de búzios da costa.

No momento que Oxumaré fazia estas oferendas, o rei mandou chama-lo. Oxumaré respondeu: "Pois não, chegarei tão logo tenha terminado a cerimônia." O rei, irritado pela espera, humilhou Oxumaré, recriminou-o e negligenciou, até, a remessa de seus pagamentos habituais. Entretanto, voltando à sua casa, Oxumaré recebeu um recado: Olokum, a rainha de um país vizinho, desejava consultá-lo a respeito de seu filho que estava doente. Ele não podia manter-se de pé. Caía, rolava no chão e queimava-se nas cinzas do fogareiro.

Oxumaré dirigiu-se à corte da rainha Olokum e consultou Ifá para ela. Todas as doenças da criança foram curadas. Olokum, encantada por este resultado, recompensou Oxumaré. Ela ofereceu-lhe uma roupa azul, feita de rico tecido. Ela deu-lhe muitas riquezas, servidores e um cavalo, sobre o qual Oxumaré retornou à sua casa em grande estilo. Um escravo fazia rodopiar um guarda sol sobre sua cabeça e música cantavam seus louvores.

Oxumaré foi, assim, saudar o rei. O rei Oni ficou surpreso e disse-lhe: "Oh! De onde vieste? De onde saíram todas estas riquezas?" Oxumaré respondeu-lhe que a rainha Olokum o havia consultado. "Ah! Foi então Olokum que fez tudo isto por voce!" Estimulado pela rivalidade, o rei Oni ofereceu a Oxumaré uma roupa do mais belo vermelho, acompanhada de muitos outros presentes. Oxumaré tornou-se, assim, rico e respeitado. Oxumaré, entretanto, não era amigo de Chuva. Quando Chuva reunia as nuvens, Oxumaré agitava sua faca de bronze e a apontava em direção ao céu, como se riscasse de um lado a outro. O arco-íris aparecia e Chuva fugia. Todos gritavam: "Oxumaré apareceu!" Oxumaré tornou-se, assim, muito célebre. Nesta época, Olodumaré, o deus supremo, aquele que estende a esteira real em casa e caminha na chuva, começou a sofrer da vista e nada mais enxergava. Ele mandou chamar Oxumaré e o mal dos seus olhos foram curados. Depois disso, Olodumaré não deixou mais que Oxumaré retornasse a Terra. Desde esse dia, é no céu que ele mora e só tem permissão para visitar a Terra a cada três anos. É durante estes anos que as pessoas tornam-se ricas e prósperas." Oxumaré é o arquétipo das pessoas que desejam ser ricas; das pessoas pacientes e perseverantes nos seus empreendimentos e que não medem sacrifícios para atingir seus objetivos. Suas tendências à duplicidade podem ser atribuídas à natureza andrógina de seu deus. Com o sucesso tornam-se facilmente orgulhosas e pomposas e gostam de demonstrar sua grandeza recente. Não deixam de possuir certa generosidade e não se negam a estender a mão em socorro àqueles que dela necessitam.

ESSABAS DE OXUMARÉ:

Folha de café

Oriri (alfavaquinha de cobra)

Jibóia

Folha de Iróko – Iróko

Parietária, brotozinho – Monan

Taioba – Bala

Cajá – Jamin

Pente de Òsúmaré – Aberê-ejó

Mutamba – Aferê

Rama de leite – Obô

Golfo redondo do monam – Exibatá

Jarrinha – Jacomijé

Folha de neve branca, cana-de-brejo – Timim

Mariazinha – Peculé

Papinho-de-peru – Tolu-tolu

ÒSÙMÀRÈ	PENTE DE OXUMARÉ; MARIAZINHA; LÍNGUA DE VACA; INGAZEIRO; MARÉ; GRAVIOLA; CAVALINHA; BATATA DOCE; ALTÉIA; ALCAPARREIRA; ANGELICÓ; CANA DO BREJO; COQUEIRO DE VENUS; ERVA DE PASSARINHO; MUTAMBA; PARIETÁRIA; RAMA DE LEITE; TAIOBA BRANCA; FOLHA DE CAFÉ; ORIRI; JIBOIA; DORMIDEIRA
----------------	---

LENDA DE OXUMARÉ (BESSÉM):

Oxumaré era jovem e dotado de muita inteligência.

Um certo dia Oloôkun, Senhor dos Oceanos, a procurou para saber onde poderia encontrar pedras preciosas. Oxumaré pensou por alguns minutos, e disse à Oloôkun que se ele quisesse descobrir o local teria que lhe dar antes seis mil búzios.

Oloôkun deu-lhe os búzios e, logo em seguida, Oxumaré apontou para o mar, dizendo que antes de chegar ao fundo ele encontraria tais pedras preciosas.

Oloôkun deslumbrado com as pedras, além dos seis mil búzios, deu a Oxumaré a capacidade de se transformar em serpente e poder chegar ao céu com sua cabeça, com o rabo permanecendo na terra.

Oxumaré com tal poder, esticou-se toda e foi ao céu consultar Olorum, levando consigo seis mil búzios.

Oxumaré chegando ao céu, reverenciou Olorum e pediu que lhe desse a capacidade de dobrar tudo aquilo que possuía. Olorum aceitando seu pedido, dobrou os seis mil búzios em doze mil.

Retornando a Terra Oxumaré passou a atender à todos os Orixás, pois detinha o poder de multiplicar as coisas, logo em seguida, transformou-se em conselheiro inseparável de Xangô.

LENDAS DE OXUNMARE

Oxunmare, filho de Nanan e Orixalá, recebeu de Olorun uma missão muito especial e importante para dar continuidade ao processo de criação e renovação da natureza. Sua tarefa consistia em carregar, dentro de suas cabaças, toda água da Terra de volta para o céu. Era uma tarefa árdua e interminável, pois, nem bem ele enchia as nuvens, a água já começava a escorrer, molhando tudo novamente.

Ele não tinha tempo a perder, mas, numa dessas viagens, parou para olhar a Terra e viu um imenso lugar, onde tudo era extraído da lama. Estava faltando alguma coisa para dar mais alegria ao lugar.

O próprio Oxunmare já tinha colocado em movimento todos os seres criados, como Olorun havia ordenado, mas ainda não bastava, tudo parecia muito igual e sem vibração.

Ele resolveu, então, pedir a Deus que o ajudasse a encontrar uma maneira de trazer mais felicidade para a Terra, e Olorun concedeu a ele a realização desse desejo.

Quando estava carregando água, sem querer, deixou cair algumas gotas pelo caminho. De repente, formou-se um arco colorido, de uma beleza incrível.

Aquele arco mostrava as cores do universo, e, através dele e de suas infinitas combinações, Oxunmare poderia colorir toda a Terra com diversos matizes, tornando-a mais alegre e vibrante.

A partir de então, formou-se uma aliança entre Deus (Olorun) e os seres criados, que sempre poderia ser vista quando as águas do céu encontrassem a luz do sol.

O arco-íris tornou-se, também, símbolo desse Orixá, que gosta de movimento e harmonia em todas as coisas.

XANGÔ:

É a manifestação da justiça, da força e do poder. Sua representação se dá através do trovão e do fogo.

Este Orixá é o rei de Oyó, região da África onde seu culto é bastante acentuado.

Oloôkun o encarregou de julgar os homens. Esta divindade não Aceita injustiças.

Por ser considerado Rei, dono de muitas riquezas, recorre-se freqüentemente à ele pedindo-se prosperidade.

PAÓ: comum, seguindo-se de adobale.

SÍMBOLO: É o machado de duas lâminas, trás na mão também o xerê, instrumento musical, usado somente pelos filhos desse Orixá.

COR: Marrom, vermelho e branco.

METAL: Cobre.

DIA: Quarta-feira.

FILIAÇÃO: Oranmian e Yamase.

SAUDAÇÃO: "Kawô Kabiêcilê, Obá nixé Kawô!".

ANIMAIS: Galo, bode, carneiro e cágado (àjapá).

QUALIDADES:

Dadá		Oba Kossô
Agodô	Airá Igbonan	Jakutá
Airá Intilé	Airá Adjolos	

QUALIDADES DE XANGÔ:

1. Dadá	6. Jakuta	11. Airá Igbonam
2. Afonjá	7. Aganju	12. Airá Mofe ou Adjaos
3. Lubé	8. Baru	
4. Ogodo	9. Oloroke	
5. Koso	10. Airá Intile	

Xangô, em seu avatar Ayrá é a força representada pelo som do Trovão, e no avatar Aganju, é a terra firme. É um orixá que representa o poder em todas as suas dimensões: da riqueza, da sedução, da justiça, da força física, da inteligência. É irmão de Ogum por parte de mãe e também de Oxóssi, sendo um filho mais caseiro e próximo de Iemanjá.

Xangô Aganju, a terra firme, apaixonou-se por sua mãe Iemanjá, o mar, perseguindo-a por longo tempo até que ela, cansada, caiu e Aganju a possuiu. Deste incesto nasceram outros orixás, filhos de Iemanjá e Aganju, entre eles os Ibejis.

Xangô era extremamente mulherengo e competitivo, tendo roubado as mulheres favoritas de seus dois irmãos, às quais seduziu com sua beleza, inteligência e poder, pois ele reinou sobre todos sobre todas as terras e teve como esposas Oxum, a deusa do amor e da beleza, roubada de Oxóssi, o deus das matas, e Iansã, a sensual deusa dos ventos e tempestades, roubada de seu irmão Ogum, o deus da guerra. Ele manteve sempre três esposas, sendo a terceira delas a poderosa Obá, guerreira forte, a única a enfrentar Ogum numa luta física (perdendo, embora, a luta) e senhora dos segredos da cozinha, aos quais Xangô não resistiu, embora Obá não fosse uma mulher bonita.

Em suas lutas Xangô conta sempre com a vidência e magia da deusa dos rios, Oxum, com a coragem e impetuosidade de Iansã e com a força bruta de Obá. Xangô mora num palácio nos céus, onde prepara as chuvas para sua mãe Iemanjá

Xangô tem poderes secretos, e seu machado bipene é o portador de sua justiça. O barulho dos trovões é o machado de Xangô caindo do céu para fazer justiça.

Cor: vermelho/branco.

Número: 12

Dia da semana: quarta-feira

Símbolo: Oxé (machado de dois cortes)

Comida: amalá (quiabo moído).

Saudação: Kaô Kabiecilê, Xangô!

XANGÔ ("aquele que se destaca pela força e revela seus segredos")

Talvez estejamos diante do orixá mais cultuado e respeitado no Brasil. Isso porque foi ele o primeiro deus iorubano, por assim dizer, que pisou em terras brasileiras. É portanto, o principal tronco dos candomblés do Brasil.

No aspecto histórico xangô teria sido o terceiro Aláàfin Òyó, filho de Oranian e Torosi; no seu aspecto divino, permanece filho de Oranian, divinizado, porém tendo Yamase como mãe e três divindades como esposas: Oiá, Oxum e Obá..

Xangô é o rei das pedreiras, senhor dos raios e do trovão, pai da justiça e o orixá que gera o poder da política. Guerreiro, bravo e conquistador, Xangô também é conhecido como o orixá mais vaidoso entre os deuses masculinos africanos. É monarca por natureza e chamado pelo termo Obá, que significa rei. E é o orixá que reina em Oyó, na Nigéria, antiga capital política daquele país.

No dia-a-dia encontramos Xangô nos fóruns, delegacias, ministérios políticos, lideranças sindicais, associações, movimentos políticos, nas campanhas e partidos políticos, enfim, em tudo que gera habilidade no trato das relações humanas ou nos governos, de um modo geral.

Xangô é a ideologia, a decisão, a vontade, a iniciativa. É a rigidez, organização, o trabalho, a discussão pela melhora, o progresso social e cultural, a voz do povo, o levante, a vontade de vencer. Também o sentido de realeza, a atitude imperial, monárquica. É o espírito nobre das pessoas, o chamado "sangue azul", o poder de liderança.

Para Xangô, a justiça está acima de tudo e, sem ela, nenhuma conquista vale a pena; o respeito pelo rei é mais importante que o medo.

Este, que apesar de grande guerreiro, justo e conquistador, detesta doenças, a morte e aquilo que já morreu. Xangô é avesso a eguns (espíritos desencarnados). Admite-se até que ele é uma espécie de imã de eguns, daí sua aversão a eles.

Xangô costuma entregar a cabeça de seus filhos a Obaluaiê e Omulu sete meses antes da morte destes, tal o grau de aversão que tem por doenças e coisas mortas.

XANGO

Deus do trovão, irmão mais novo de Xangó Ajaká, foi o quarto Alafin de Oyó. Viveu em 1450 antes de cristo com o nome de Olofiran.

Foi o maior conquistador e possuía o poder de provocar raios e relâmpagos. Foi marido de sua prima Oya. Enforcou-se na colina de

Kosso em Oyó, onde hoje existe o palácio real de Alafin; reinou por 14 anos. Foi o mais poderoso e mais forte de todos Alafins.

Para os africanos êle reúne em sua figura mística três importantes divindades, que são:

JACUTÁ

É aquele que atira pedras, é a encarnação dos raios e trovões. É a própria ira de Olorun(Deus criador).

ORANFÉ

É o justiceiro, reto e impiedoso, que mora na cidade de Ifé

TAPÁ

É muito conhecido por seu temperamento imperioso e viril. Não perdoa os erros de seus filhos.

Xangó usa um machado de duas lâminas, chamado Oxé, dado por Ogun e na mão o Xére, que é feito de umacabaça alongada com pequenos grãos de areia dentro, que ao ser agitada produz um ruído semelhante ao da chuva. Os Edun Ará (pedras de raio) são colocadas numa gamela redonda, em cima do Odó (pilão de duas bocas), em seus altares sagrados. Usa também uma bolsa de couro, ornada com búzios, que usa a tiracolo, guardando ali suas pedras de fogo, num total de 12, representando seus 12 ministros, que lança na terra durante as tempestades e contra seus inimigos nas batalhas. Usa ainda uma corôa ornada de búzios.

Xangó como todos os reis e chefes de estado, traz consigo os seus conselheiros, os homens que o ajudam a governar e que recebem uma designa: os do lado direito: Otún Obá e do lado esquerdo: Oci Obá.

Os Obás da direita não seguram o Xere, porém tem direito a voz e voto, os da esquerda seguram o Xere é só tem direito a voto.

OS SEIS OBÁS DA DIREITA SÃO

Obá Abi Odun

Obá Yirè

Obá Arolu

Obá Telá

Obá Otopi

Obá Kankufó

OS SEIS OBÁS DA ESQUERDA SÃO

Obá Onoxokun

Obá Aressá

Obá Elerin

Obá Onikoin

Obá Olubon

Obá Xorun

Após o desaparecimento de Xango, seus sacerdotes reuniram-se com a finalidade de perpetuarem a memória de seu rei e, num culto secreto e religioso, criaram o culto dos Obás de Xango.

Ele é o Deus da justiça, das pedreiras e do trovão

QUALIDADES

AGANJÚ

Quer dizer terra firme. Tem perna de pau e é casado com Yemanjá. È o filho mais novo de Orannian e o preferido, herdou sua fortuna. É o mais cruel é aquele que leva o coração do inimigo na ponta da lança. É o Xango amaldiçoado que matou e comeu á róia mãe.

BARÚ

Pega tempo e come com Exú. Dependendo da época este Orixá ora é barú ora é Yroko. Tem caminhos com Oyá Topé. Não come quiabo nem amalá, come amendoim cozido e padê. Na Africa ele é chamado de maluco, pois, durante seu reinado fez muita besteira, motivo pelo qual os africanos não o raspam nem assentam. Não fazia prisioneiros, matava a todos.

Veste-se de marrom e branco e suas contas são iguais a roupa. Toca se para Exú e Xango. Barú era muito destemido, mas quando comia quiabo, que ele comia gostava muito, dormia o tempo todo e por isso perdeu muitas contendidas, pois quando acordava seus adversários já tinham voltado da guerra. Ele ficava indignado. Então resolveu consultar um Oluó que lhe disse: Se é assim deixe de comer quiabo. Barú perguntou: me diz o que comerei no lugar do quiabo...Só folhas...Só folhas? perguntou barú -Sim! respondeu o Oluó. Tem duas qualidades, uma se cha oió e a outra xaná, são boas e gostosas como o quiabo. E Barú falou: -A partir de hoje, eu não comerei mas quiabo.

BADÉ

É o mai jovem Vodun da família do raio (cujo chefe é Keviosso), corresponde a Xango jovem dos nagô. É irmão de Loko. Usa roupa azul com faixa atada atrás. Não fuma, não bebe, não fala. Um de seus animais prediletos é o chicharro.

OBAKOSSO

Perdeu os poderes mágicos de transportá-se da terra para o céu, enforcando-se num pé de obi. Tem fundamentos com Exú, Eguse Oyá, devido a sua morte.

AGODÔ

Muito ruim, brutal, inclinado a dar ordens e ser obedecido, foi êle que raptou Obá. Come com Yemonjá.

AFONJÁ

É o dono do talismã mágico dado por Oyá a mando de Obatalá. É aquele que fulmina seus inimigos com o raio. Come com Yemonjá, sua mãe.

ALAFIN

É o dono do palácio real,o governante de Oyó.Vem numa parte de Oxalá e caminha com Oxaguian.

OBÁ OLUBÉ

muito orgulhoso,intratável e muito bruto. Come com OYÁ.

OLO ROQUE

Seria o pai de Oxun Opará. Tem fundamento com Oxossi. Veste vermelho e branco ou marrom e branco.

ALUFAN

É idêntico a um Airá. Confundem-se ele com Oxalufan. Veste branco e suas ferramentas são prateadas.

SUAS FOLHAS

Bico de papagaio, chocalho de Xangô, erva de São João, inhame Acará, malva cheirosa, panacéia, para-raio, quiabeiro, tamarindeira, urucum, xiquexique etc.

"Xangô é viril e atrevido, violento e justiceiro; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. Por esse motivo, a morte pelo raio é considerada infamante. Da mesma forma, uma casa atingida por um raio é uma casa marcada pela cólera de xangô".

Afonjá, Ogodô, Aganjú, Ayrá, Lubé, Ibarú

ARQUÉTIPO

O arquétipo de Xango é aquele das pessoas voluntariosas e enérgicas, altivas e concientes de sua importância real ou suposta. Das pessoas que podem ser grandes senhores, cortesões, mas que não toleram a menor contradição, e, nesses casos, deixam-se possuir por crises de cólera, violentas e incontroláveis. Das pessoas sensíveis ao charme do sexo oposto e que se conduzem com tato e encanto no decurso das reuniões sociais, mas que podem perder o controle e ultrapassar os limites da decência. Enfim, o arquétipo de Xango é aquele das pessoas que possuem um elevado sentido da sua própria dignidade e das suas obrigações, o que as leva a se comportarem com um misto de severidade e benevolência, segundo o humor do momento, mas sabendo guardar, geralmente, um profundo e constante sentimento de justiça.

ESSABAS DE XANÔ:

Osigbatá	Jarrinha – Jacomijé
Eucalipto	Folha de mitamba – Bamba
Folha da costa – Odun-dun	Folha de capitão – Alapá
Folha da fortuna	Folha de loko – Iróko
Folha de akoko	Folha de caruru – Oicô
Camboatá	Chocalho de xangô – Xére-obá
Hortelã (grosso)	Bicheiro – Oxé-obá
Manjerona	Parietária – Monam
Musgo de pedreira	Mutamba – Aferé
Erva de São João (mestrato)	Rama de leite – Obô
Bredo sem espinho – Teté	Bico-de-papagaio – Odidí
Alfavaquinha - Orim-rim	Beti-cheiroso (macho e fêmea) – Obayá

<u>S</u>ÀNGÓ	XIQUEXIQUE; TAMARINDEIRO; SUSPIRO ROXO; ROMANZEIRO; QUIABEIRO; PESSEGUEIRO; PAU PEREIRA; PANACEIA; NOZ MOSCADA; MUSGO DA PEDREIRA; MORANGUEIRO; MALVA CHEIROSA; LEITEIRA; JAQUEIRA; INHAME ACARÁ; GAMELEIRA BRANCA; FEDEGOSO; ERVA DE SÃO JOÃO; ERITRINA; CRISTA DE GALO; CHOCALHO DE CHANGO; CASTANHA DO PARÁ; CAMPARÁ VERMELHO; BICO DE PAPAGAIO; BEIJO VERMELHO; AZEDINHA; AROEIRA BRANCA; ALUMÃ; ÁGUA DE LEVANTE; ALFAVACA ROXA; ANGELICÓ; AROEIRA ROXA; BETE CHEIROSO; BREDO SEM ESPINHO; CANSAÇÃO; CAPEBA; CAVALINHA; ERVA GROSSA; ERVA PRATA; ERVA TOSTÃO; FOLHA DA COSTA; FOLHA DE BICHO; FOLHA DA FORTUNA; FOLHA DE FOGO; MANJERICÃO; MELÃO DE SÃO CAETANO; MULUNGU; MUTAMBA; NEGA MINA; PARA-RAIO; PARIETÁRIA; TAQUARAÇU; TAIOBA BRANCA; UMBÁUBA; URUCUN; VENCE DEMANDA; JARRINHA; CAMBOATA; HORTELÃ GROSSO; MANJERONA; MUSMO DE PEDREIRA; ERVA SÃO JOÃO; KITOKO
---------------------	---

XANGO

Locais de maior vibração dos orixás

pedreiras, fendas

As cores e flores que são regidas pelos orixás:

Amarela e Roxa (Palmas amarelas e Saudades roxas)

As bebidas que são regidas pelos orixás:

Cerveja Preta amarga

Frutos e Frutas

Abacaxi – Laranjas ácidas.

Algumas das comidas mais comuns oferecidas aos Orixás:

Rabada em pedaços com quiabos e carne de peito. – Ajobó (quiabos em rodelas batidos na mão, com mel). – Angu (Fubá).

Mencionaremos aqui as ervas mais conhecidas no Rio de Janeiro:

Quebra pedra, Pára-Raio, Manjeriçã Roxo, Alevante, Chapéu de Couro, Saião.

Os Orixás normalmente trazem em seus filhos suas características físicas e de caráter. Assim podemos dizer que os filhos de:

São pessoas com tendência à obesidade, bons "vivants", às vezes com tendência á libertinagem, reservadas.

Os Orixás têm
suas
preferências
também
quanto aos
metais. O cobre.

Calendário
Festivo da
Umbanda 30 de setembro

LENDA DE XANGÔ

Xangô, quando viveu aqui na Terra, era um grande Obá (rei), muito temido e respeitado. Gostava de exibir sua bela figura, pois era um homem muito vaidoso. Conquistou, ao longo de sua vida, muitas esposas, que disputavam um lugar em seu coração.

Além disso, adorava mostrar seus poderes de feiticeiro, sempre experimentando sua força. Em certa ocasião, Xangô estava no alto de uma montanha, testando seus poderes. Em altos brados, evocava os raios, desafiando essas forças poderosas. Sua voz era o próprio trovão, provocando um barulho ensurdecedor. Ninguém conseguia entender o que Xangô pretendia com essa atitude, ficando ali por muito tempo, impaciente por não obter resposta. De repente, o céu se iluminou e os raios começaram a aparecer. As pessoas ficaram impressionadas com a beleza daquele fenômeno, mas, ao mesmo tempo, estavam apavoradas, pois nunca tinham visto nada parecido.

Xangô, orgulhoso de seu extremo poder, ficou extasiado com o acontecimento. Não parava de proferir palavras de ordem, querendo que o espetáculo continuasse. Era realmente algo impressionante!

Foi, então, que, do alto de sua vaidade, viu a situação fugir ao seu controle. Tentou voltar atrás, implorando aos céus que os raios, que cortavam a Terra como poderosas lanças, desaparecessem. Mas era impossível - a natureza havia sido desafiada, desencadeando forças incontroláveis!

Xangô correu para sua aldeia, assustado com a destruição que provocara.

Quando chegou perto do palácio, viu o erro que cometera. A destruição era total e, para piorar a situação, todos os seus descendentes haviam morrido. Ao ver que o rei estava muito perturbado, seu próprio povo tentou consolá-lo com a promessa de reconstruir a cidade, fazendo tudo voltar ao que era antes. Xangô, sem dar ouvidos a ninguém, foi embora da cidade.

Ele não suportou tanta dor e injustiça, retirando-se para um lugar afastado, para acabar com sua vida. O rei enforcou-se numa gameleira.

Oyá, quando soube da morte de seu marido, chorou copiosamente, formando o rio Niger. Ela, que tinha conhecimento do reino dos eguns, foi até lá para trazer seu companheiro da morte, que veio envolto em panos brancos e com o rosto coberto por uma máscara de madeira, pois não podia ser reconhecido por Ikú, o Senhor da Morte. Xangô ressurgiu dos mortos, tornando-se um ser encantado. E foi assim que surgiu uma nova forma, ou qualidade, desse orixá, a qual chamamos Airá. Essa variação da essência de Xangô adotou, além do vermelho, a cor branca.

Outra lenda nos dá conta que Xangô, com sua irresistível aparência, atraía muitas mulheres. Era muito vistoso, com seus cabelos trançados e os enfeites de cobre em seu corpo. Possuía muitas esposas, como Obá e Oxun.

Oxun era a mais bela esposa de Xangô, muito mais vaidosa do que ele, dispensando grande parte de seu tempo para enfeitar-se e, assim, poder agradar seu amado.

Xangô apreciava muito sua companhia e o esforço que fazia para fazê-lo feliz.

Obá não tinha o mesmo tratamento, por isso, sentia-se rejeitada. Ela era muito possessiva em seus relacionamentos e não suportava mais essa situação.

Oxun havia percebido que Obá a invejava e queria roubar-lhe o companheiro. Muito faceira e com ares de superioridade, começou a contar vantagens para a rival, que fingia não se importar. Dizia que Xangô adorava um certo quitute preparado com um ingrediente muito especial: um pedaço de orelha.

Obá acreditou nela, pois, naquele momento, Oxun estava com um torço amarrado na cabeça. Embora parecesse estranho, devia ser tudo verdade, pois Xangô estava enfeitado por Oxun. Juntando muita coragem e determinação, Obá cortou fora sua orelha para preparar o tal prato. Xangô chegou bem na hora e viu o sangue que escorria da cabeça de Obá. Preocupado, quis saber o que havia acontecido com ela. Quando soube do acontecido, ficou enfurecido com Obá, por pensar em oferecer-lhe uma comida tão esquisita! Percebendo a mentira de Oxun, saiu furiosa à sua procura para ajustarem contas. Xangô separou as duas rivais, que se transformaram em rios. Obá foi embora desse reinado e nunca mais voltou.

NANÃ:

Aqui mostra-se um outro lado de Nanã, que muitas vezes é esquecido. Todos a conhecem como a senhora dos lagos, pântanos e da lama, deixando assim, de falar da sua participação na purificação astral. É considerada uma das Deusas mais antigas, por isso, responsável pela ordenação do Aiyê e do Orum.

PERSONALIDADE: Dignidade, agem impensadamente, bravas, gentis, quando a situação lhes favorece, ranzinzas, gostam de criança, exibicionistas, dengosas, educa os filhos com dengo, agem com segurança e majestade, são sábias, são lentas no cumprimento do seu dever e vivem sempre rodeadas de pessoas.

FILIAÇÃO: A própria criação.

PAÓ: 7 batidas de palmas lentas, na frente da esquerda para a direita, e as três de reverência, seguindo-se o adobale.

SAUDAÇÃO: "Saluba Nanã-Buruquê!".

DIA: Sábado e Domingo

Nanã é a lama primordial, o barro, a argila da qual são feitos os homens. Dela saem seres perfeitos e imperfeitos, modelados por Oxalá e cuja cabeça é preparada pelo sensível Ajalá.

Dizem os mitos que antes de criar o homem do barro, Oxalá tentou criá-lo de ar, de fogo, de água, pedra e madeira, mas em todos os casos havia dificuldades. O homem de ar esvanecia; não adquiria forma. O de fogo, consumia-se, o de pedra era inflexível e assim por diante. Foi então que Nanã se ofereceu a Oxalá, para que com ela criasse os homens, impondo, contudo, a condição de que quando estes morressem fossem devolvidos a ela.

Sendo o barro, Nana está sempre no princípio de tudo, relacionada ao aspecto da formação das questões humanas, de um indivíduo e sua essência.

Ela é relacionada também, freqüentemente, aos abismos, tomando então o caráter do inconsciente, dos atavismos humanos. Nanã tanto pode trazer riquezas como miséria. Está relacionada, ainda, ao uso das cerâmicas, momento em que o homem começa a desenvolver cultura. Seja como for, Nanã é o princípio do ser humano físico. E assim é considerada a mais velha das iabás (orixás femininos).

Dizem os mitos que nunca foi bonita. Sempre ranzinza, instável, sua aparência afastava os homens, que dela tinham medo.

Nanã, teve dois filhos com Oxalá: Obaluaiê e Oxumarê (a terra e o arco-íris) e uma filha, Ewá, que teria nascido de uma relação entre Nanã e Oxóssi, ou ainda, entre Nanã e Orunmilá, conforme o mito. Como já vimos nos mitos de Obaluaiê e Oxumarê, ela os gerou defeituosos, por ter quebrado uma interdição e mantido relações sexuais com Oxalá, marido de Iemanjá. Abandonou a ambos, que foram criados por outros orixás, e acabou sozinha quando Ewá, para fugir de um casamento que sua mãe lhe impingia, fugiu de casa para morar no horizonte entre o céu e o mar.

Alguns mitos dizem que ela é também a mãe de Iansã, os ventos, e que foi expulsa de casa para não matar sua mãe, a lama, ressecando-a.

Nanã sempre esteve em demanda com Ogum, que amava muito sua mãe Iemanjá, tomando partido desta na disputa que se estabeleceu entre elas pelo amor de Oxalá.

Ogum muitas vezes tentou se apoderar dos territórios lamacentos de Nanã sem, no entanto, conseguir. Como diversão, Ogum gostava de provocar a orixá, que exigia de Oxalá que este fosse castigado, sem nunca ter conseguido, pois Ogum tinha fama de justo. Tantas vezes Ogum irritou Nanã que ela não recebe nenhuma oferenda feita ou cortada com objetos de metal e mesmo o sacrifício de animais feito em sua homenagem deve ser feito com faca de madeira ou coberta por um pano.

Cor : roxo ou lilás

Número: 15

Comida: mostarda

Símbolo: ibiri (conhecido como "vassoura de Nanã, um instrumento de palha com elementos mágicos dentro, semelhante ao usado por Obaluaíê, com a qual Nana varre a terra)

Dia da semana: segunda-feira

Saudação: Saluba!

NANÃ (originalmente Néné / Nana / Nanã)

Nanã, chamada também Nanã Burucu, Nanã Buruquê, é de origem Jeje, da região de Dassa Zumê e Savê, no Daomé, hoje conhecida como República de Benin.

A mais temida de todos os orixás, a mais respeitada, a mais velha, poderosa e séria. Está associada à maternidade. Teria o poder de dar a vida e forma aos seres humanos, por isso é também considerada orixá da fecundação e dos primórdios da criação. Ela é a deusa dos pântanos, da morte (associada à terra, para onde somos levados), transcendência.

Entre o mundo dos vivos e dos mortos, existe um portal. É a passagem, a fronteira entre a vida e a morte. Sua regente: Nanã. Senhora e geradora da morte (Iku).

Seus cânticos são súplicas para que leve Iku para longe, para que a vida seja mantida. É a força da natureza que o homem mais teme. Ela é senhora da passagem desta vida para outras, comandando o portal mágico, a passagem das dimensões.

Nanã está presente nos lamaçais, pois nasceu do contato da água com a terra, formando a lama, dando origem a sua própria vida. Na África, é chamada de Iniê, e seus assentamentos são salpicados de vermelho. Ela é a chuva, a garoa, a tempestade. O banho de chuva é uma lavagem do corpo no seu elemento; uma limpeza de grande força, uma homenagem a este grande orixá.

Nanã é a mãe de Obaluaíê. Tratou sempre de si e de seu filho de forma nobre, nunca se metendo ou preocupando com o que as outras pessoas faziam da própria vida. Ogum travou batalha com Nanã pelo direito de passar por suas terras. Por ser um forte e valente guerreiro, não admitia em pedir licença a uma "velha" para entrar em seus domínios. Diante dos perigos do pântano e da ira de Nanã, foi obrigado a bater em retirada tendo que achar outro caminho, longe das terras de Nanã. Esta, por sua vez, aboliu o uso de metais em suas terras. E até hoje, nada pode ser feito com lâmina de metal para ela

NANÃ BURUQUÊ

Nanã é a deusa da morte e seu culto não é popular no Brasil. Ainda hoje há temor, por parte de alguns sacerdotes, de iniciarem os Omo Nanã. Preferem iniciar seus filhos nos cultos de Omulú/Obaluaê e assentar Nanã, porém, a rigor, não se inicia homens no culto de nanã, por ser o órgão genital masculino o maior Exó de nana.

Nanã acompanha seus mortos até a desintegração total e está sempre acompanhada de Egun, assemelhando-se, neste caso a Oya.

Nanã é a mais velha das Iyagba, considerada "vovó" dos orixá. Não se usa faca de metal para Nanã. Segundo a lenda é mãe de Somponnon, Oxumaré, Obaluaê e Omolu.

É um orixá bastante complexo. representa a memória transcendental do ser humano e o acervo das reações pré-históricas de nossos antepassados.

É uma divindade das águas paradas e dos pântanos. Responsável pela matéria-prima (barro) que deu forma ao primeiro homem, participando, assim, da criação do mundo e dos seres.

Nanã rege fisicamente o estômago, os intestinos, a memória e os pés. Temida por todos que conhecem os seus hábitos e costumes, é este orixá o representante da continuidade da exigência humana e, portanto, da morte. Por isso se diz:

QUALIDADES

BURUKU: A mais velha, verdadeira Deusa da Morta. Veste-se de branco, roxo ou lilás.

TINELOKUN: Mais nova, tem culto, quase extinto.

IGBA: Seu assento é numa cabaça.

IGBAIYN: A Dona da Terra.

INANDILÉ: Associada a Oxumaré.

KITI: Fundamento com Oxumaré.

INSELE: Culto extinto.

MAAPAN:

IYAMIBASUN: Culto extinto.

COR: Branco/azul marinho, lilás ou roxo

COMIDA: Aberem (milho torrado e pilado do qual é feito um fubá com açúcar ou mel), mugunzá

DIA DA SEMANA: Sábado

DATA: 26 de julho

FOLHAS: Bredo sem espinho

Oxibata

Erva passarinho

E as demais folhas usadas no Culto aos Orixá

Sálù bá Nana Burúku!

Divindade que separa os espíritos

Trevosos da morte!

ILEKÉ: Principal é Brajá (1 búzio pra fora outro pra dentro)

METAL: Bronze, estanho, ferro

PARTES DO CORPO: Protege a barriga, o útero, a parte genital feminina, protege as mulheres gestantes

SÍMBOLOS: Ebiri ou ibiri

TOQUE: Oponijé – mais lento

SAUDAÇÃO: Salugba Nanã

ESSABAS:

Ôiri

Alfavaquinha – Orim-rim

Folha da costa – Odun-dun

Golfo redondo de manam – Exibatá

Caieba - Já

Jarrinha – Jacomijé

Cana-do-brejo

Erva de passarinho – Afoman

Manjerição

Folha de neve branca, cana-do-brejo – Timim

Rama de leite - Obô

Parioba – Peculé

Folha de mostarda

Taioba – Bala

Guaraná

Cajá – Jamin

Papoula roxa

Mutamba – Aferé

Bredo sem espinho – Teté

NÀNÁ	RAMA DE LEITE; NÀNÁ; SAMAMBAIA; QUARESMA; MARIA PRETA; MANACÁ; MACAÉ; FOLHA DA COSTA; CEDRINHO; BROTO DE BEIJÃO; ALFAVACA ROXA; ANGELIM; ASSA-PEIXE; AVENCA; BREDO SEM ESPINHO; CANA DO BREJO; CAPEBA; CIPRESTE; CRIZANTEMO; ERVA DE PASSARINHO; FOLHA DA FORTUNA; JARRINHA; LÍNGUA DE GALINHA; MÃE BOA; MELÃO DE SÃO CAETANO; MUTAMBA; RAMA DE LEITE; TAIOPA BRANCA; TRAVESCÂNIA (BROTO DE FEIJÃO PRETO)
-------------	--

NANÃ

Locais de maior vibração dos orixás charcos, lamaçal de chuvas

As cores e flores que são regidas pelos orixás: Rubra (Rosas rubras)

As bebidas que são regidas pelos orixás: Champanhe branca

Frutos e Frutas Melão

Algumas das comidas mais comuns oferecidas aos Orixás: Berinjela cozida na água, regada com azeite doce.

Mencionaremos aqui as ervas mais conhecidas no Rio de Janeiro: Colônia, Manacá, Folhas de Berinjela, pétalas de rosas vermelhas (rubras).

Os Orixás normalmente trazem em seus filhos suas características físicas e de caráter. Assim podemos dizer que os filhos de: São pessoas de espírito velho, resmungonas e fechadas, falam pouco, um tanto quanto melancólicas e vingativas.

Os Orixás têm suas preferências também quanto aos metais. O ouro.

Calendário Festivo da Umbanda 26 de julho.

QUALIDADES DE NANÃ:

- | | | |
|------------|------------|-----------|
| 1. Ologbo | 3. Biodun | 5. Elegbe |
| 2. Borokun | 4. Asainán | 6. Susure |

LENDA DE NANÃ:

Ogum, impetuoso desbravador de caminhos, fora viajar em busca de conquistas e novas terras e ultrapassando a floresta viu um pântano. Ogum sabia que uma senhora morava lá e achou que seria fácil conquistar tal lugar, julgando que poderia tomar as terras de uma velha.

Ogum começou a atravessar o pântano, e logo apareceu Nanã com sua vassoura e disse a Ogum que pedisse licença para passar, pois ali tinha dono. Ogum respondeu com mal-criação à Nanã: "Ogum não pede licença, toma! Ogum exige!".

Nanã se irritou, começou à ordena-lo e Ogum tentou acertá-la com sua lança, porém, Nanã invocou ao pântano e a lama que sugasse Ogum. Este começou a ser puxado pelo pântano, teve que lutar muito para sobreviver e Nanã, enquanto isso, assistia com grande serenidade.

Ogum consegue se libertar, e Nanã o adverte:

“Não cobice as coisas dos outros. Nunca mais entre sem pedir licença, aqui você não passa mais!”.

LENDA DE NANÃ:

Olorun enviou Nanan e Oxalá para viverem na Terra e criarem a humanidade. Os dois foram dotados de grandes poderes para desempenharem essa tarefa, mas somente Nanan tinha o domínio do reinado dos eguns, e guardava esses segredos, bem como o da geração da vida, em sua cabaça.

Oxalá não se conformava com esta situação, queria poder compartilhar desses segredos. Tentava agradar sua companheira com oferendas para convencê-la a revelar seu conhecimento.

Nanan, sentindo-se feliz com as atitudes de Oxalá, decide mostrar-lhe egun, mas apenas ela era reconhecida nesse reinado.

Certa vez, enquanto Nanan trabalhava com a lama, Oxalá, disfarçando-se com as roupas dela, foi visitar egun, sem lhe pedir autorização.

Quando Nanan, sentiu a falta de Oxalá e de sua própria vestimenta, teve certeza de que ele havia invadido o seu reinado, traiçoando-a gravemente. Enfurecida com a descoberta, resolveu fechar a passagem do mundo proibido, deixando Oxalá preso.

Enquanto isso, Oxalá caminhava no reinado de Nanan, tentando descobrir seus mistérios, mas apenas ela conseguia comunicar-se com os eguns.

Egun, sempre envolto em seus panos coloridos, não tinha rosto, nem voz. Oxalá, usando um pedaço de carvão, criou um rosto para ele, como já havia feito com os seres humanos, e, com seu sopro divino, abriu-lhe a fala. Assim, ele conseguiu desvendar os segredos que tanto queria, mas, quando se deu conta, viu que não conseguia achar a saída.

Nanan não sabia o que fazer, por isso fechou a passagem para mantê-lo preso até encontrar uma forma de castigá-lo. Contou a Olorun sobre a traição de Oxalá, que não aprovou a atitude de ambos. Nanan errou ao revelar a Oxalá os segredos que o próprio Olorun lhe confiara. Para castigá-la, tomou o seu reinado e o entregou a Oxalá, pois ele desempenhara melhor a tarefa de zelar pelo eguns. Oxalá também foi castigado, pois invadiu o domínio de um outro orixá. Daquele dia em diante, Oxalá seria obrigado a usar as roupas brancas de Nanan, cobrindo o seu rosto com um chorão, que somente as iyabás usam.

OBALUAÊ (REI DONO DA TERRA)

OMULÚ (FILHO DO SENHOR)

Distinguiu-se aqui Obaluaê e Omulú, da seguinte forma: Obaluaê representa a força jovem, o início da vida; Omulú representa a força velha, ou seja, cansada pela vida.

O verdadeiro nome de Obaluaê ou Omulú é Xaponã ou Sakpatá, mas dentro do culto não se pronuncia tal nome, pois provoca a ira do Orixá.

Deus da varíola e das doenças contagiosas, este Orixá pune seus filhos sem piedade.

Todos os anos é realizado o Olubajé, no qual o Orixá presencia a cerimônia dançando, enquanto os filhos comem suas oferendas.

PERSONALIDADE: Masoquistas, vivem em movimento quando estão tranquilos ou tristes, inteligentes, ajudam àqueles que vão ao seu encontro, rancorosos e temperamentais.

METAL: Ferro ou chumbo

DIA: Segunda-feira

COR: Todas

ANIMAIS: Porco, galo e bode.

PAÓ: 5 batidas de palma acima, 5 abaixo e as 3 de reverência, seguindo-se o adobale.

FILIAÇÃO: Oxalá e Nanã.

SAUDAÇÃO: "Atoto (para Obaluaê)" e "Ajuberu (para Omulú)".

OBS: Omulú traz vestimentas especiais, como o corpo coberto de palha e roupas estampadas. Traz na mão direita um objeto denominado xaxará.

Obaluaíê ou Omolu (os nomes se referem a fases míticas, onde o mesmo deus seria mais jovem ou mais velho), é o energia que rege as pestes como a varíola, sarampo, catapora e outras doenças de pele. Ele representa o ponto de contato do homem (físico) com o mundo (a terra). A interface pele/ar. A aparência das coisas estranhas e a relação com elas. Ele também rege as doenças transmissíveis em geral. No aspecto positivo, ele rege a cura, através da morte e do renascimento.

Diz o mito que Obaluaê é filho de Nana (a lama primordial de que foram feitas as cabeças - oris-humanas) e Oxalá, tendo nascido cheio de feridas e marcas pelo corpo como sinal do erro cometido por ambos, já que Nana seduziu Oxalá mesmo sabendo que lhe era interdito por ser ele o marido de Iemanjá.

Ao ver o filho feio e malformado, coberto de varíola, Nanã o abandonou à beira do mar, para que a maré cheia o levasse. Iemanjá o encontrou quase morto e muito mordido pelos peixes, e tendo ficado com muita pena, cuidou dele até que ficasse curado. No entanto Obaluaíê ficou marcado por cicatrizes em todo o corpo, e eram tão feias que o obrigavam a cobrir-se inteiramente com palhas.

Não se via de Obaluaíê senão suas pernas e braços, onde não fora tão atingido. Aprendeu com Iemanjá e Oxalá como curar estas graves doenças. Assim cresceu Obaluaíê, sempre coberto por palhas, escondendo-se das pessoas, taciturno e compenetrado, sempre sério e até mal-humorado.

Um dia, caminhando pelo mundo, sentiu fome e pediu às pessoas de uma aldeia por onde passava que lhe dessem comida e água. Mas as pessoas, assustadas com o homem coberto desde a cabeça com palhas, expulsaram-no da aldeia e não lhe deram nada.

Obaluaíê, triste e angustiado saiu do povoado e continuou pelos arredores, observando as pessoas. Durante este tempo os dias esquentaram, o sol queimou as plantações, as mulheres ficaram estéreis, as crianças cheias de varíola, os homens doentes. Acreditando que o desconhecido coberto de palha amaldiçoara o lugar, imploraram seu perdão e pediram que ele novamente pisasse na terra seca.

Ainda com fome e sede, Obaluaíê atendeu ao pedido dos moradores do lugar e novamente entrou na aldeia, fazendo com que todo o mal acabasse. Então homens o alimentaram e lhe deram de beber, rendendo-lhe muitas homenagens. Foi quando Obaluaíê disse que jamais negassem alimento e água a quem quer fosse, tivesse a aparência que tivesse. E seguiu seu caminho.

Chegando à sua terra, encontrou uma imensa festa dos orixás. Como não se sentia bem entrando numa festa coberto de palhas, ficou observando pelas frestas da casa. Neste momento Iansã, a deusa dos ventos, o viu nesta situação e, com seus ventos levantou as palhas, deixando que todos vissem um belo homem, já sem nenhuma marca, forte, cheio de energia e virilidade. E dançou com ele pela noite adentro. A partir deste dia, Obaluaíê e Iansã-Balé se uniram contra o poder da morte, das doenças e dos espíritos dos mortos, evitando desgraças aconteçam aos homens.

Os iorubas acreditam que este mito nos mostra que o mal existe, que ele pode ser curado, mas principalmente que é preciso ter consciência do momento em que ele terminou, sabendo recomeçar após um violento sofrimento.

Obaluaíê rege também a força da terra (herdado de sua filiação a Nanã). A umidade dela (por suas adoção por Iemanjá) e as doenças das plantações.

Numero: 13

Cor: preto, vermelho e branco

Símbolo: xaxará (um tubo de palha trançada com sementes mágicas e segredos dentro)

Dia da semana: segunda-feira

Comida: pipoca

Saudação: Atotô!

OBALUAIÊ ("rei", "senhor da terra")

Deus originário do Daomé. Obaluaíê é uma flexão dos termos Obá (rei) - Oluwô (senhor) - Ayiê (terra), "rei, senhor da terra". Omulu também é uma flexão dos termos: Omo (filho) - Oluwô (senhor) que quer dizer "filho e senhor". Obaluaíê, o mais moço, é o guerreiro, caçador, lutador. Omulu, o mais velho, é o sábio, o feiticeiro, guardião. Porém, ambos têm a mesma regência e influência, significam a mesma coisa, têm a mesma ligação e são considerados a mesma força da natureza.

Obaluaiê é o sol, a queimadura e o calor do astro rei, é o senhor das pestes, das doenças contagiosas ou não. É o rei da terra, do interior da terra, e é o orixá que cobre o rosto com o Filá (de palha da Costa), porque para os humanos é proibido ver o seu rosto devido à deformação feita pela doença, e pelo respeito que devemos a esse poderosíssimo orixá. Está no funcionamento do organismo, na dor que sentimos pelo mau funcionamento dos órgãos, por um corte, queimadura ou traumatismo. A ele devemos a nossa saúde. Trata do interior, mas cuida também da pele e de suas moléstias.

Divide com Oia-Iansã a regência dos cemitérios, pois é o orixá que vem como emissário de Oxalá (princípio ativo da morte), para buscar o espírito desencarnado. É ele que vai mostrar o caminho, servir de guia para aquele espírito. Obaluaiê também é o senhor da terra e das camadas do seu interior, para onde vamos todos nós. Daí sua ligação com os mortos, pois é ele quem vai cuidar do corpo sem vida. Também conhecido como Xapanã.

Obaluaiê está presente no nosso dia-a-dia, quando sentimos dores, agonia, aflição, ansiedade. Está presente quando sentimos coceira e comichões na pele. Rege também o suor, a transpiração e seus efeitos. Rege aquele que tem problemas mentais, perturbações nervosas e todos os doentes. Está presente nos hospitais, casas de saúde, ambulatórios, clínicas, sempre próximo aos leitos. Rege os mutilados, aleijados, enfermos. Ele proporciona a doença, mas principalmente a cura, a saúde. É o orixá da misericórdia. Rege a má digestão, a congestão estomacal. Gera o ácido úrico e seus efeitos. Filho de Nanã, que o abandonou por ser doente, foi criado por Iemanjá. Orixá fundamentalmente Jeje, mas louvado em todas as nações por sua importância. Conta-se que, abandonado por Nanã, foi cuidado por Iemanjá que o alimentava com pipoca sem sal acrescida de mel para melhorar o gosto, e passava azeite de dendê em suas feridas para aliviar a dor e coceira.

OMOLÚ- OBALUAIYÉ

OBA + OLU + AIYE = OBALUAIYE

REI + SENHOR + MUNDO = REI E SENHOR DO MUNDO

OMO + OLU = OMOLU

FILHO + SENHOR = FILHO DO SENHOR

Orixás consagrados na África, onde há grandes endemias e epidemias. São Deuses da desintegração, mostram as faces da existência e a vida, dizendo que todos nós temos princípio, meio e fim, daí a sua dança no OPANIJÉ mostrando o céu e a terra. Aqui, no Brasil, Omolu/Obaluae são velhos e decrepitos, contrapondo-se a concepção africana. Esses Orixás representam a transformação, estão ligados ao sol, ao acaso, a noite e o dia, ao princípio e o fim, ao movimento de rotação e translação da Terra e estão associados as endemias e epidemias.

Tem como companheiros inseparáveis Ogún e Exú devendo por isso ser cultuado em lugar destinado a Exu, fato este que explica também ser sua morada as encruzilhadas.

As doenças como: desintéria constante, infecção estomacal, perda vertiginosa dos cabelos, vômitos, erisipela, pústulas, furúnculos, escorbuto, inchaços, alguns problemas circulatórios, coceiras, sarampo, catapora, rubéola, lepra, coqueluche e alergias em geral são associadas a Omulu/Obaluae.

Coberto dos pés a cabeça, para esconder sua aparência esquelética e ferida, Omulu inspira medo em quem o vê. Uma espécie de varíola e das doenças e epidemias. Fechando e circunspecto, vive curvado por dores e tremores de febre. Usa como arma o Xaxará, um cetro adornado em contas e búzios que serve como captador de energias negativas. Limpando almas e ambientes.

Os raros filhos de Omulu são tensos, sábios e tristes. Costumam ser consultados para decisões importantes e, não raro, vivem solitários. Ocupam importantes cargos públicos e burocráticos, mas sentem que o bom humor não é seu forte. Omulu come pipoca, feijão preto, milho e farofa com dendê, servido em folhas de mamona ou bananeira. Apesar de intimamente ligado à morte, Omulu cura doenças, pois anda abarrotado de cabaças medicinais.

O colar que o simboliza é o ladgiba, cujas contas são feitas de sementes existentes dentro da fruta do Igi-Opê ou Ogi-Opê, palmeiras pretas. Usa também bradga, um colar longo de cauris. Obaluae é o patrono dos cauris e do conjunto de 16 búzios, que reina do instrumento ao sistema oracular: o brendilogun, que lhe pertence.

Ele lidera e detém o poder dos espíritos e dos ancestrais, os quais o seguem. Oculta sob o saio o mistério da morte e do renascimento (o mistério do gênese). Ele é a própria terra que recebe nossos corpos para que vire pó.

Obaluae mede a riqueza com cântaros, mas o povo esqueceu-se de sua riqueza e só se lembra dele como o Orixá da moléstia.

A SUA FESTA "OLUBAJE"

Diz a lenda que no princípio do mundo houve uma grandiosa festa em que todos os Orixás se fizeram representar com toda a sua corte, tudo engalanado muita alegria e muita gente presente ao evento. O candomblé prosseguia com muita empolgação e quando chegou dentro do XIRE a hora de louvar a grande Yaba Nana Buruque do meio do povo saiu um Orixá, um Vodou que caminhava todo tortinho e

com dificuldade, entrou no barracão e com aquele jeito todo esquisito e foi dançar para sua Mãe Nana, acontece que por ser alejado, deformado seus passos eram trôpegos.

Originando daí por parte dos outros Orixás uma verdadeira Xoxação criando o ridículo para aquele Orixá que acabara de chegar. Triste ele acabou de dançar para sua mãe e magoado com aquela falta de respeito e ele, antes de se retirar passou a mão em todas as suas chagas, soprou para cima de todos eles a varíola contagiante que deixou os Orixás naquele instante doentes e o candomblé acabou, e uma verdadeira praga foi disseminada e em todo o mundo principalmente em cima de quem compartilhou daquelas ofensas.

Os Orixás em desespero foram procurar YFÁ o Deus da adivinhação para que os orientassem sobre o que fazer para acabar com aquela epidemia, Yfá jogou o seu Opele Yfá e respondeu a eles que eles tinham agravado seriamente XAPANÃ, aquele velhinho que tinha sido Xoxado naquele candomblé, quando resolveu dançar para sua Mãe Nana, e por isso eles estavam sendo seriamente castigados. E disse mais que eles deveriam fazer uma romaria à casa de Xapanã com todas as suas comidas votivas em suas cabeças e em círculo em volta de sua casa fossem depositando e entre cânticos e rezas, pedissem perdão a Xapanã.

Xangô não levou Amalá, porém como era o dono de todos os Cauris (búzios) deu-os de presente a Xapanã tornando-o rico muito rico e assim ele pedira também perdão a Xapanã.

Os Orixás à medida que iam arriando as comidas votivas cantavam "OBUBAJE AJE- UMBO AYE AJEUMBO" todos em fila e Xapanã emocionado pegou suas flores o "deburu" e jogou em cima deles cantando a seguinte cantiga XAXARÁ BALEFUN AWO BALE BALE e na medida em que iam caindo as flores D'Omolu em seus corpos as suas chagas e varíolas iam sumindo ficando bons totalmente. Essa é a história da festa linda D'obaluaê que traz em seu bojo o ensinamento de que não devemos debochar de ninguém.

Por uma questão de sincretismo, no Brasil esta obrigação normalmente é realizada nos meses de agosto, ocasião que vemos nas ruas as Yaos com seus tabuleiros na cabeça, visitando sete casas na chamada peregrinação até o dia do candomblé em suas casas.

QUALIDADES

KETÚ:

JAGUN: Quando vem ao barracão, é Oxaguiã quem o traz.

AJAGUN: Essa qualidade é trazida ao barracão pelo Oxalufã.

AYERAN: Sai, no barracão, com uma seta na mão esquerda e o Xaxará na mão direita.

INTOTO: Ligado a gameleira e aos antepassados, seu assentamento é feito no barro.

ALAPAFUMO: Encontra-se, seu culto, em extinção, seu deburu é feito na terra e depois amassado.

ARAWE: Só come galos brancos.

AJASE: Associado a Ogún e Oya, é guerreiro e usa dois xaxarás.

SAPEKO: Veste-se de vermelho – palha da costa tinturada com osun ou urucum, calçolão ornado em búzios.

AJUNSUN: Associado a Oxumaré e Orinsanlá, só come orogbo e no cuscuzeiro tem 7 setas e 2 cobras amarradas ao okutá.

WARU-WARU: Velho.

AFOMAN: Nem sempre é reconhecido como qualidade.

AKAVAN: Relacionados ao cemitério – culto em extinção.

JEJE:

SAKPATA: Saí, no barracão, com o KUMON (haste feita de bambu, ornada com búzios, crânio humano, untado com cera de abelha e palha da costa). Tem dois assentamentos, um é enterrado em frente a casa de Exu envolto em pano preto e vermelho, a cada 7 anos é renovado. Come ao meio dia, em céu aberto, além de quadrúpedes, come também camaleão com crista.

AWIMAJE: Quando saí no barracão, usa um Xaxará, como o desenho descreve:

AZOANI: Duas cabacinhas e 41 búzios no assentamento.

BOZORAN: Acompanha Nana e Oxumaré.

POSU (BOSUKO): Usa máscara leonina e garras de bambu.

ANGOLA:

KAFUNJENESU:

KAFUNJE:

KAFUNJINÃ:

BURUGUNÇO:

EKITATI:

KAVIUNGO:

KANJANJA:

COR: preto (preto/branco), vermelho (marrom/vermelho), branco (vermelho caboclo).

COMIDA: -dogburu (para Sakpatá é no dendê).

-Eko branco.

-Acaçá.
-Obi funfun.
-Aberen.
-Abará.
-Acarajé.
-Farofa de ori.
-Latipá (folha de: mostrada, língua de vaca, espinafre, caruru, bredo Stº Antonio, acrescentar: dendê, camarão seco e cebola ralada).
-Miolo de boi com camarão seco e cebola ralada.
-Mocotó.
-Egbo.

DIA DA SEMANA: Segunda-feira.

DATA: 13 ou 16 de agosto.

FRUTAS: abacaxi, fruta-de-conde, graviola, abacate, gengibre.

FOLHAS:

Dandá da costa
Canela de macaco

Raiz de santa
Folha de cambará

Cordão de frade
Vassourinha de relógio

Saco-saco
Mal-me-quer-bravo

Alfavaquinha
Folha de batata

Crista de galo
Folha de São Roque

Carrapicho de boi
Taioba

Canela de velho
Mil homens

BEBIDAS: Aluá, água.

ILEKÉ: Lagidibá (pode ser entremeado com terracota ou coral).

METAL: Ferro/bronze.

PARTE DO CORPO: A pele e os pulmões.

SÍMBOLO: -Aso Iko (Aze).

-Xaxará (talos do dendezeiro, contas, palha da costa e couro).

-Oko (lanças com setas).

-Búzios.

-Xaworo.

-Igba.

SACERDOTE:

ASEGBA: Senhor do Igba (cargo masculino)

ASOGBA: Cargo no Ile Axé Opo Afonjá.

ASOGBANILE: Concertador de cabaças.

APOTUN: Zelador de Omolu, somente nos terreiros de Omolu.

APOGAN: idem.

CARGOS: Qualquer um, menos os relacionados a Xangô.

TOQUE: Opanijé (mata-come)

PRINCIPAL CERIMÔNIA: OLUBAJÉ: Comidas na folha de mamona ou couve

KOLEODO: Folhas de trepadeira maceradas, no pilão, com epo pipa, são passadas no corpo da pessoa ao meio dia.

SAUDAÇÃO: A TO TO

A TO TO (pedido de silêncio)

Xapanã nasceu em Empê, no território Tapá, também chamado, Nupê. Era um guerreiro terrível que, seguido de suas tropas, percorria o céu e os quatro cantos do mundo. Ele massacrava sem piedade aqueles que se opunham à sua passagem. Seus inimigos saíam dos combates mutilados ou morriam de peste. Assim, chegou Xapanã em território Mahí, no Daomé. A terra dos Mahis abrangia as cidades de Savalú e Dassa Zumê. Quando souberam da chegada iminente de Xapanã, os habitantes desta região, apavorados, consultaram um adivinho. E assim ele falou: "Ah! O Grande Guerreiro chegou de Empê! Aquele que se tornará o senhor do país! Aquele que tornará esta terra rica e próspera, chegou! Se o povo não o aceitar, ele o destruirá! É necessário que supliquem a Xapanã que os poupe. Façam-lhe muitas oferendas; todas as que ele goste: inhame pilado, feijão, farinha de milho, azeite de dendê, picadinho de carne de bode e muita, muita pipoca! Será necessário também que todos se prosternem diante dele, que o respeitem e o sirvam. Logo que o povo o reconheça como pai, Xapanã não o combaterá, mas protegerá a todos!" Quando Xapanã chegou, conduziu seus ferozes guerreiros, os habitantes de Savalú e Dassa Zumê reverenciaram-no, encostando suas testas no chão, e saudaram-no: "Totô hum! Totô hum! Atotô! Atotô!" "Respeito e Submissão!" Xapanã aceitou os presentes e as homenagens, dizendo: "Está bem! Eu os pouparei! Durante minhas viagens, desde Empê, minha terra natal, sempre encontrei desconfiança e hostilidade. Construam para mim um palácio. É aqui que viverei a partir de agora!" Xapanã instalou-se assim entre os Mahis. O país prosperou e enriqueceu e o Grande Guerreiro não voltou mais a Empê, no território Tapá, também chamado Nupê. Xapanã é considerado o deus da varíola e das doenças contagiosas. Ele tem também o poder de curar. As doenças contagiosas são, na realidade, punições aplicadas àqueles que o ofenderam ou conduziram-se mal. Seu verdadeiro nome é perigoso demais pronunciar. Por prudência, é preferível chamá-lo Obaluaê, o "Rei, Senhor da Terra" ou Omulú, o "Filho do Senhor". Quando Xapanã instalou-se entre os Mahis recebeu, em uma nova terra, o nome de Sapatá. Aí, também, era preferível chamá-lo Aion, o "Senhor da Terra", ou, então, Jeholú, o "Senhor das pérolas". O fato de ser chamado Jeholú e Aion causou mal-entendidos entre Sapatá e os reis do Daomé, pois eles também usavam estes títulos. Enciumados, os Jeholú de Abomey expulsaram, várias vezes, Jeholú Aion do Daomé e obrigaram-no a voltar momentaneamente, à terra dos Mahis. Jeholú Aion vingou-se: vários reis daomeanos morreram de varíola! Atotô!

ARQUÉTIPO

O arquétipo de Obaluaê é das pessoas com tendências masoquistas, que gostam de exhibir seus sofrimentos e as tristezas das quais tiram uma satisfação íntima. Pessoas que são incapazes de se sentirem satisfeitas quando a vida lhes corre tranquila. Podem atingir situações materiais invejáveis e rejeitar, um belo dia, todas essas vantagens por causa de certos escrúpulos imaginários. Pessoas que em certos casos sentem-se capazes de se consagrar ao bem-estar dos outros, fazendo completa abstração de seus próprios interesses e necessidades vitais.

ESSABAS:

Taioba - Bala		Jurubeba
Capeba - Já	Velame	Parietária - brotozinho - Monam
Folha da costa	Manjeriço Roxo	
Canela de velho	Barba de velho	Cajá - Jamin
Picão	Umbaúba	Mutamba - Aferé
Erva de bicho	Carqueja	Rama de leite - Obó

Ovo redondo de Monan –
Exibatá

Erva de passarinho – Afaziam

Mariazinha – Peculé

Jarrinha – Jacomijé

Folha de neve branca – Turim

Papinho de peru – Tolu-tolu

OMOLU	AGAPANTO; ALAMANDA; AGONIADA; ALFAZEMA DE CABOCLO; ALFAVACA ROXA; ALUMÃ; ASSA-PEIXE; JENIPAPO; MOLOLÔ; MUSGO; QUITOCO; RABUJO; SABUGUEIRO; SETE SANGRIAS; PAINEIRA; MAMONA; MANJERONA; CANELA DE VELHO; CAFÉ DO MATO; CANENA COIRANA; CAROBINHA DO CAMPO; CAPIXINGUI; CEBOLA DO MATO; CIPÓ CHUMBO; ERVA MOURA; CORDÃO DE FRADE; CORDÃO DE SÃO FRANCISCO; ERVA DE PASSARINHO; ESPINHEIRA SANTA; VELAME; HORTELÃ BRAVA; GUARAREMA; GERVÃO ROXO; CRIZANTEMO; BABA DE BOI; BABOSA; BELDROEGA VERMELHA; BOMINA;
--------------	---

OMULU (OMBALUAIE)

Locais de maior vibração dos orixás grutas, praias, cemitérios

As cores e flores que são regidas pelos orixás: Vermelha (Cravos)

As bebidas que são regidas pelos orixás: Água de arroz

Frutos e Frutas Abacaxi.

Algumas das comidas mais comuns oferecidas aos Orixás: Milho de pipoca estourado (flores), com fatias de coco com mel.

Mencionaremos aqui as ervas mais

conhecidas no Rio de Janeiro: Canela Velho , Barba de Velho, Cinco Chagas, Cordão de Frade (São Francisco).

Os Orixás normalmente trazem em seus filhos suas características físicas e de caráter. Assim podemos dizer que os filhos de: São pessoas reservadas, até um certo ponto pessimistas, batalhadores, mentalidade autodestrutiva, na maioria de vezes trazem pequenos defeitos físicos quase não percebidos.

Os Orixás têm suas preferências também quanto aos metais. O ferro.

Calendário Festivo da Umbanda 17 de dezembro.

QUALIDADES DE OBALUAIÊ:

1. Jagun Agbagba (ligação com Oyá)
2. Omolu
3. Obaluayie
4. Soponna/Sapata/Sakpatá
5. Afoman/Akavan/Kavungo (ligação com Exú) afomo; contagiante, infeccioso
6. Savalu/Sapekó (ligação com Nana)
7. Dasa
8. Arinwarun (wariwaru) título de xapanan
9. Azonsu/Ajansu/Ajunsu (ligação com Oxalá, Oxumare)
10. Azoani (ligação com Yemanjá e Oyá)
11. Posun/Posuru
12. Agoro
13. Tetu/Etetu
14. Topodun
15. Paru
16. Arawe/Arapaná (ligação com oyá)
17. Ajoji/Ajagun (ligação com Ogun, Oxagian)
18. Avimaje/Ajiuziun (ligação com Nana, Ossain)
19. Ahoye
20. Aruaje
21. Ahosuji/Segí (Ligação com Yemanjá, Oxumare/Besén)

LENDA DE OMULÚ:

Um dia, em que todos os Orixás reunidos no palácio de Obatalá dançavam e se divertiam, Omulú tentou imita-los. Mas este Orixá é coxo, e devido à sua enfermidade, tropeçou e caiu. Deuses e Deusas romperam em ruidosa gargalhada.

Furioso, Omulú jurou vingar-se e tentou infestar a todos os Deuses com a varíola. Interveio Obatalá que, de espada em punho, deitou Omulú à porta do palácio e proibiu-lhe, dali por diante, de estar junto com os outros Deuses.

LENDA DE OBALUAYE – OMULU

Nanan, esposa de Orixalá, gerou e deu à luz a um filho. Sua criação não foi perfeita, nascendo uma criança doente, com muitas chagas recobrando seu pequeno corpo. Ela não conseguia imaginar que maldição era aquela, que trouxe de suas entranhas uma criatura tão infeliz!

Sentindo-se impossibilitada de cuidar daquela criança, pois mal conseguia olhar para ela, resolveu deixá-la perto do mar. Se a morte a levasse seria melhor para todos.

Yemonjá, que estava saindo do mar, viu aquele pequeno ser deitado nas areias da praia. Ficou olhando por algum tempo, para ver se havia alguém tomando conta dele, mas ninguém aparecia. Então, a grande divindade das água foi ver o que estava acontecendo. Quando chegou mais perto, pôde compreender que aquela criança tinha sido abandonada por estar gravemente enferma. Sentindo uma imensa compaixão por aquela pobre criatura, não pensou em mais nada, a não ser em adotá-lo como a um filho.

Com seu grande instinto maternal, Yemonjá dispensou a ele todo o carinho e os cuidados necessários para livrá-lo da doença. Ela envolveu todo o corpo do menino com palhas, para que sua pele pudesse respirar e, assim, fechar as chagas.

Obaluayê cresceu e continuou usando aquele tipo de roupa, e ninguém, a não ser sua querida mãe, tinha visto seu rosto. Era um ser austero e misterioso, provocando olhares curiosos e assustados de todos. Ninguém conseguia imaginar o que se escondia sob aquelas palhas.

Oyá, certa vez, o encarou, pedindo que descobrisse seu rosto, pois queria desvendar, de uma vez por todas, aquele mistério. Obaluayê, sem lhe dar a menor atenção, negou-se a fazê-lo. Ela, que nunca se deu por vencida, resolveu enfrentá-lo. Usando toda sua força, evocou o vento, fazendo voar as palhas que o protegiam.

Quando a poeira assentou, Oyá pode ver um ser de uma beleza tão radiante, que só poderia ser comparado ao sol. Nem mesmo ela, como orixá, conseguia erguer os olhos para ele. Assim, todos entenderam que aquele mistério deveria continuar escondido.

Uma outra lenda nos mostra que esse poderoso orixá, em suas andanças pelo mundo, pode presenciar o desenrolar de muitas guerras. Os povos que Olorun criou e deu vida brigavam por um pedaço de terra. Muitas pessoas morriam, para que seus líderes pudessem conquistar extensões maiores para seu reinado. Os limites, para esses guerreiros, eram insuperáveis, e as guerras não

tinham mais fim. Obaluayê não entendia o motivo destas guerras, já que Olorun havia criado a terra para todos.

As lutas traziam muita dor e destruição, e ninguém mais sabia dar o devido valor à vida humana. Os homens só pensavam em seus interesses materiais.

Obaluayê, indignado com essa situação, resolveu mostrar a eles que a vida é o maior tesouro que alguém pode ter.

O poderoso orixá traçou, então, com seu cajado, um grande círculo no chão, no centro dos conflitos. Colocou dentro dele todo tipo de doença existente. Todo guerreiro, que por ali passasse, iria contrair algum tipo de doença.

De fato, foi o que aconteceu. Muitas pessoas adoeceram, inclusive os líderes dos exércitos. Só isso conseguiu por fim às guerras.

As doenças se transformaram em epidemias, deixando populações inteiras à beira da morte.

Um babalawô revelou o mau presságio, pedindo a todos que refletissem sobre o que estava acontecendo, por culpa deles próprios. Obaluayê havia mandado essas mazelas para a terra, a fim de mostrar que, enquanto temos saúde e uma vida plena, não devemos nos preocupar excessivamente com coisas materiais. Desta vida nada se leva, a não ser o conhecimento e a experiência que acumulamos.

Assim, os que aceitaram esses desígnios e fizeram oferendas, conforme explicou o babalawô, conseguiram livrar-se de suas enfermidades e restabelecer sua dignidade. Mas, infelizmente, nem todos agiram assim.

Talvez, por isso, existam tantos povos africanos vivendo do mesmo jeito há milhares de anos, tentando não se desligar da natureza.

IRÔKO:

Senhor do dia, da tarde e da noite. Este Orixá está sempre em movimento, se assemelhando à Exú neste aspecto, pois ambos são dinâmicos.

Irôko está ligado às árvores e aos quatro elementos da natureza (ar, terra, água e fogo). Por isso representa as estações do ano.

PERSONALIDADE: Temperamentais, dominadores, intransigentes, fartos, generosos, sábios, emocionais e dedicados.

PAÓ: Comum acompanhado de sopro.

COR: Cinza, branco e azul.

FILIAÇÃO: Oxalá.

METAL: Chumbo, alumínio e ferro.

Iroko representa o tempo. É a árvore primordial. A primeira dádiva da terra (Oduduwa) aos homens. Existe desde o princípio dos tempos e a tudo assistiu, a tudo resistiu, a tudo resistirá.

Iroko é a essência da vida reprodutiva. Do poder da terra. Alguns mitos dizem que Iroko é o cajado de Oduduwa, a Terra, que através dele ensina aos homens o sentido da vida.

É também a permanência dentro da impermanência e impermanência na permanência. O ciclo vital, que não muda com o transcorrer da eternidade. A infinita e generosa oferta que a natureza nos faz, desde que saibamos reverencia-la e louvá-la. É também conhecido, nos candomblés como "Tempo", embora esta seja uma designação própria do rito angola. Diz o mito que no princípio de tudo, a primeira árvore nascida, foi Iroco. Iroko era capaz de muita magia, tanto para o bem quanto para o mal, e se divertia atirando frutos aos pés das pessoas q passavam.

Quando não tinha o que fazer, brincava com as pedras que guardava nos ocos de seu tronco. Um dia, as mulheres de uma aldeia próxima ficaram todas estéreis, por ação das Iyami. Então elas foram a Iroko e pediram fertilidade. Iroko, contudo, exigiu dádivas em troca, pois é preciso abrir espaço para receber dons, como é preciso perder as flores para receber os frutos. As mulheres concordaram e prometeram muitos presentes. Uma delas, contudo, tendo como única riqueza seu filho, prometeu dar a Iroko esta criança. Quando engravidaram, as mulheres foram a Iroko e fizeram as oferendas. Menos a que prometera a criança, pois ela amava muito o filhinho.

Iroko ficou muito zangado. E aguardou o dia em que a criança brincava ao redor dele e a raptou. Quando a mãe foi buscar a criança, Iroko lembrou a mulher de sua promessa, ameaçando matar o outro filho que lhe dera caso ela retirasse "sua" criança dali. Então a mulher, desesperada, procurou o babalaô, que jogando os búzios sugeriu que ela mandasse fazer um boneco de madeira com as feições de uma criança, banhasse com determinadas ervas e quando Iroko estivesse dormindo, substituísse a criança pelo boneco. E assim ela fez. Até hoje pode-se ver, nas gameleiras brancas o bebe de Iroko, repousando deitado em seus galhos.

Em sua copa vivem também as Iyami Oshorongá, as ajés (feiticeiras) da floresta.

Numero: 11

Símbolo: grelha (representando as direções do tempo)

Cor: verde/marrom

Dia da semana: Quinta-Feira

Comida: inhame, carneiro

Ele reside na gameleira branca. É assentado no seu pé, após preparo ritual da raiz, e o tronco é enfeitado com ojá branco. A relação com essa árvore é comum a várias divindades e exprime sua relação com os antepassados. Como Exú, Yroko carrega para longe os fluido aléfcicos. Quando manifesta-se os fiés jogam sobre ele os fluídos que querem se livrar e ele corre para fora para atirar no mato todo os malefícios. As vezes bebe tanto que cai no chão. Cobre-se então com um alá branco e, pouco depois, já recuperado ele ergue-se e torna a dançar. Dança de joelhos no chão e o bravun, ritmo jeje, como Oxumarè. Veste cores fortes, vermelho, azul e verde, as vezes cinza ou marrom e branco e leva uma lança na mão. Suas contas são verde musgo riscadas e riscadas de marrom. As vezes veste-se de palha como Omolú. Sua incorporação é pouco vista, seus filhos giram tontos, cambaleando pelo barracão antes de caírem fulminados, logo levantam-se e põem-se a dançar.

Seu assentamento é feito numa gamela oval, pega-se um pedaço de tronco da gameleira branca e faz-se uma pequena estátua de um negro africano com um idé branco no nariz, na cabeça um colar de búzios e moedas. Na gamela poe-se uma corrente em volta, seis moedas e no meio da gamela uma seta e a estátua.

QUALIDADES

GIROKOSI

LOKOSSI

SUAS FÔLHAS

Milame, colônia, saião, mãe boa, barba de velho, erva prata, crita de galo, nóz moscada, abilzeiro, jaqueira, cajueiro.

Quando se faz o Orixá, poe-se uma folha de saco-saco embaixo do pé do Iyawó uma fôlha de saco-saco na boca uma folha de assa-peixe.

SEUS BICHOS

Um cabrito de chifre virado

Quatro frangos de esporão grande

Um galo d'angola

Um pombo branco

Após copar os bichos, tira-se a lingua de todos eles e as esporas do galo.

ESSABAS:

Gameleira branca

Folha da fortuna

Folha da costa

Folha de akoko

Folha de colônia

ÌRÓKÒ	SAIÃO; IRIRI; CAJUEIRO; ABILZEIRO; NOZ MOSCADA; CRISTA DE GALO; BARBA DE VELHO; COLONIA; GAMELEIRA BRANCA; JAQUEIRA; MÃE BOA; MILAME;
--------------	--

LENDA DE IROKÔ:

Irôko vivia junto a seu pai Oxalá, era um ser afoito e reclamava demais.

Um dia Irôko reclamou a Oxalá que se considerava muito agitado, e gostava de resolver várias coisas ao mesmo tempo, achava que um dia era muito curto e não conseguia resolver tudo à tempo. Só que os períodos de tempo quem estipulava era ele mesmo, ninguém o determinava, era algo de seu próprio desejo.

Oxalá não agüentando mais a pressão de Irôko, resolveu lhe dar o dia, a noite e a tarde, as estações do ano e as horas. Então, ele passou a controlar todo o tempo.

Tempo/Irôko e Ifá/Orumilá

Tempo /Irôko

Tempo ou Loko é um orixá originário de Íwerè, região que fica ao leste de Oyó na Nigéria, tão importante que ele é um orixá (e os africanos a muito sabem disso).

Tem um dito que diz "O tempo dá, o tempo tira, o tempo passa e a folha vira", muitas vezes precisamos que o tempo nos seja favorável, e outras não, quero dizer, precisamos de tempo curto ou longo, com o bom uso do tempo, muitas coisas se modificam, ou podemos modificar.

Irôko tem um temperamento estável, de caráter firme e em alguns casos violento.

Na Nigéria, Irôko é cultuado numa árvore que tem o mesmo nome. Porém, no Brasil esta árvore foi substituída pela gameleira-branca que apresenta as mesmas características da árvore usada na África. É nesta árvore, a gameleira-branca, que fica acentuado o caráter reto e firme do orixá pois suas raízes são fortes, firmes e profundas.

Irôko foi associado ao vodun daomeano Loko dos negros de dinastia Jeje e ainda ao inkice Tempo, dos negros bantos.

Irôko, na verdade, é o orixá dos bosques nigerianos, onde lá na Nigéria é muito temido, porque como conta um itan, ninguém se atrevia a entrar num bosque sem antes reverenciá-lo. No Brasil, é nos pés da gameleira-branca que fica seu assentamento e também é ali que são oferecidas suas oferendas.

Sua cor é o branco e ainda usa palha da costa em sua vestimenta. Sua comida é o ajabó, o caruru, feijão fradinho, o deburu, o acaçá, o ebô e outras.

Em geral na frente das grandes casas de Candomblé, principalmente em Salvador, existe uma grande árvore com raízes que saem do chão, e são envoltas com um grande Alá (pano branco), este é Iroko, que é tido com árvore guardiã da casa de Candomblé pois ter esta árvore plantada no terreno da casa de Candomblé representa força e poder..

Este orixá é conhecido na angola como Maianga ou Maiongá.

Orumilá /Ifá

A importância de Orumilá é tão grande que chegamos a concluir que se um homem fizer algum tipo de pedido ao todo poderoso Olorum (Deus, o Senhor dos Céus), esse pedido só poderá chegar até Ele através de Orumilá e/ou Exú, que são somente eles dois dentre todos os Orixá os que têm a permissão, o poder e o livre acesso concedido pôr Olorum de estar junto a Ele, quando assim for necessário.

Ainda vale ressaltar que somente Orumilá e Exú possuem para si um culto individual, onde são feitos adorações totalmente específicas para os mesmos, também são eles os únicos que podem possuir para somente o seu culto um sacerdote específico. Isso só é possível pôr causa dos poderes delegados pelo todo poderoso a eles, pois os demais Orixá são totalmente dependentes de Ifá e Exú, enquanto que eles não dependem de nenhum dos Orixás para desenvolverem sua própria evolução, ou seja, o culto à Ifá e Exú não dependem do culto aos Orixá, entretanto o culto aos Orixá dependem totalmente de Ifá e Exú.

Orumilá é o senhor dos destinos, é quem rege os o plano onírico (sonhos), é aquele que tudo sabe e tudo vê em todos os mundos que estão sob a tutela de Olorum, ele sabe tudo sobre o passado, o presente e o futuro de todos habitantes da Terra e do Céu, é o regente responsável e detentor dos

oráculos, foi quem acompanhou Odudua na criação e fundação de Ilé Ifé, é normalmente chamado em suas preces de:

Elérí Ìpín - "o testemunho de Deus"

Ibikéjì Olódúmarè - "o vice de Deus"

Gbàiyégbòrún - "aquele que está no céu e na terra"

Òpitan Ifé - "o historiador de Ifé"

Acredita-se que Olorum passou e confiou de maneira especial toda a sabedoria e conhecimento possível, imaginável e existente entre todos os mundos habitados e não habitados à Orumilá, fazendo com que desta forma o tornasse seu representante em qualquer lugar que estivesse.

No Terra Olorum fez com que Orumilá participasse da criação da terra e do homem, fez com que ele auxiliasse o homem a resolver seus problemas do dia a dia, também fez com que ajudasse o homem a encontrar o caminho e o destino ideal de seu orì. No Céu Ihe ensinou todos os conhecimentos básicos e complementares referente todos os Orixá, pois criou um elo de dependência de todos perante Orumilá, todos devem consultá-lo para resolver diversos problemas, com pôr exemplo, a vinda de Oxalá à terra para efetuar a criação de tudo aquilo que teria vida na mesma, porém o grande Orixá não seguiu as orientações prescritas pôr Ifá, e não conseguiu cumprir com sua obrigação caindo nas travessuras aplicadas pôr Exú, ficando esta missão pôr conta de Odudua.

Também Orumilá fala e representa de maneira completa e geral todos os Orixás, auxiliando pôr exemplo, um consulente no que ele deve fazer para agradar ou satisfazer um determinado Orixá, obtendo desta forma um resultado satisfatório para o Orixá e para o consulente.

Orumilá sabe e conhece o destino de todos os homens e de tudo o que têm vida em nosso mundo, pois ele está presente no ato da criação do homem e sua vinda a terra, e é neste exato instante que Ifá determina os destinos e os caminhos a serem cumpridos pôr aquele determinado espírito.

É pôr isso que Orumilá tem as respostas para toda e qualquer pergunta Ihe é feita, e que ele têm a solução para todo e qualquer problema que Ihe é apresentado, e é pôr esta razão que ele têm o remédio para todas as doenças que Ihe forem apresentadas, pôr mais impossível que pareça ser a sua cura.

Todos nós deveríamos consultar Ifá antes de tomarmos qualquer atitude e decisão em nossas vidas, com certeza iríamos errar menos, os Iorubás consultam Ifá antes de tomarem qualquer decisão, com pôr exemplo, antes de um casamento, antes de um noivado, antes do nascimento e até mesmo na hora de dar o nome a criança, antes da conclusão de um negócio, antes de uma viagem, etc.

Além disto tudo, Orumilá é também quem tem a vida e a morte em suas mãos, pois ele é a energia que esta mais atuante e mais próxima de Olorum, podendo ele ser a única entidade que tem poderes para suplicar, pedir ou implorar a mudança do destino de uma pessoa.

Não é Orixá, encontra-se num plano mítico e simbólico superior ao dos outros orixás. Se Olorum é o ser supremo dos Iorubás, o nome que dão ao Absoluto, Orumilá é a sua emanção mais transcendente, mais distanciada dos acontecimentos do mundo sub-lunar.

Na tradição de Ifé é o primeiro companheiro e "Chefe Conselheiro" de Odudua quando da sua chegada à Ifé. Outras fontes dizem que ele estava instalado em um lugar chamado Òkè Igèti antes de vir fixar-se em Òkè Itase, uma colina em Ifé onde mora Àràbà, a mais alta autoridade em matéria de adivinhação, pelo sistema chamado Ifá. É também chamado Àgbónmìrégún ou Èlà. É o testemunho do destino das pessoas.

Os babalaôs (pais do segredo), são os porta vozes de Orumilá. A iniciação de um babalaô não comporta a perda momentânea de consciência que acompanha a dos orixás. É uma iniciação totalmente intelectual. Ele deve passar um longo período de aprendizagem, de conhecimentos precisos, em que a memória, principalmente, entra em jogo. Precisa aprender uma quantidade de Itans (histórias) e de lendas antigas, classificadas nos duzentos e cinquenta e seis odú (signos de Ifá), cujo conjunto forma uma espécie de enciclopédia oral dos conhecimentos do povo de língua Iorubá.

Cada indivíduo nasce ligado a um Odu, que dá a conhecer sua identidade profunda, servindo-Ihe de guia por toda vida, revelando-Ihe o Orixá particular, ao qual deverá ser eventualmente dedicado. Ifá é sempre consultado em caso de dúvida, antes de decisões importantes, nos momentos difíceis da vida.

LENDAS DOS ORIXÁS

Iroko Castiga A Mãe Que Não Lhe Dá O Filho Prometido

No começo dos tempos, a primeira árvore plantada foi Irôco, mais antiga que o mogno, o pé de obi e o algodoeiro. Na mais velha das árvores de Irôco, morava seu espírito. E o espírito de Irôco era

capaz de muitas mágicas e magias. Irôco assombrava todo mundo, assim se divertia. À noite saía com uma tocha na mão, assustando os caçadores. Quando não tinha o que fazer, brincava com as pedras que guardava nos ocos de seu tronco. Fazia muitas mágicas, para o bem e para o mal. Todos temiam Irôco e seus poderes e quem o olhasse de frente enlouquecia até a morte.

Numa certa época, nenhuma das mulheres da aldeia engravidava. Já não havia crianças pequenas no povoado e todos estavam desesperados. Foi então que as mulheres tiveram a idéia de recorrer aos mágicos poderes de Irôco. Juntaram-se em círculo ao redor da árvore sagrada, tendo o cuidado de manter as costas voltadas para o tronco. Não ousavam olhar para a grande planta face a face. Suplicaram a Irôco, pediram a ele que lhes desse filhos. Ele quis logo saber o que teria em troca. As mulheres eram, em sua maioria, esposas de lavradores e prometeram a Iroko milho, inhame, frutas, cabritos e carneiros. Cada uma prometia o que o marido tinha para dar. Uma das suplicantes, chamada Olurombi, era a mulher do entalhador e seu marido não tinha nada daquilo para oferecer. Olurombi não sabia o que fazer e, no desespero, prometeu dar a Irôco o primeiro filho que tivesse.

Nove meses depois a aldeia alegrou-se com o choro de muitos recém-nascidos. As jovens mães, felizes e gratas, foram levar a Irôco suas prendas. Em torno do tronco de Irôco depositaram suas oferendas. Assim Irôco recebeu milho, inhame, frutas, cabritos e carneiros. Olurombi contou toda a história ao marido, mas não pôde cumprir sua promessa. Ela e o marido apegaram-se demais ao menino prometido. No dia da oferenda, Olurombi ficou de longe, segurando nos braços trêmulos, temerosa, o filhinho tão querido. E o tempo passou. Olurombi mantinha a criança longe da árvore e, assim, o menino crescia forte e sadio. Mas um belo dia, passava Olurombi pelas imediações do Irôco, entretida que estava, vindo do mercado, quando, no meio da estrada, bem na sua frente, saltou o temível espírito da árvore. Disse Irôco: "Tu me prometeste o menino e não cumpriste a palavra dada. Transformo-te então num pássaro, para que vivas sempre aprisionada em minha copa." E transformou Olurombi num pássaro e ele voou para a copa de Irôco para ali viver para sempre.

Olurombi nunca voltou para casa, e o entalhador a procurou, em vão, por toda parte. Ele mantinha o menino em casa, longe de todos. Todos os que passavam perto da árvore ouviam um pássaro que cantava, dizendo o nome de cada oferenda feita a Irôco. Até que um dia, quando o artesão passava perto dali, ele próprio escutou o tal pássaro, que cantava assim: "Uma prometeu milho e deu o milho; Outra prometeu inhame e trouxe inhames; Uma prometeu frutas e entregou as frutas; Outra deu o cabrito e outra, o carneiro, sempre conforme a promessa que foi feita. Só quem prometeu a criança não cumpriu o prometido."

Ouvindo o relato de uma história que julgava esquecida, o marido de Olurombi entendeu tudo imediatamente. Sim, só podia ser Olurombi, enfeitada por Irôco. Ele tinha que salvar sua mulher! Mas como, se amava tanto seu pequeno filho? Ele pensou e pensou e teve uma grande idéia. Foi à floresta, escolheu o mais belo lenho de Irôco, levou-o para casa e começou a entalhar. Da madeira entalhada fez uma cópia do rebento, o mais perfeito boneco que jamais havia esculpido.

O fez com os doces traços do filho, sempre alegre, sempre sorridente. Depois poliu e pintou o boneco com esmero, preparando-o com a água perfumada das ervas sagradas. Vestiu a figura de pau com as melhores roupas do menino e a enfeitou com ricas jóias de família e raros adornos. Quando pronto, ele levou o menino de pau a Irôco e o depositou aos pés da árvore sagrada. Irôco gostou muito do presente. Era o menino que ele tanto esperava! E o menino sorria sempre, sua expressão, de alegria.

Irôco apreciou sobremaneira o fato de que ele jamais se assustava quando seus olhos se cruzavam. Não fugia dele como os demais mortais, não gritava de pavor e nem lhe dava as costas, com medo de o olhar de frente. Irôco estava feliz. Embalando a criança, seu pequeno menino de pau, batia ritmadamente com os pés no solo e cantava animadamente. Tendo sido paga, enfim, a antiga promessa, Irôco devolveu a Olurombi a forma de mulher. Aliviada e feliz, ela voltou para casa, voltou para o marido artesão e para o filho, já crescido e enfim libertado da promessa. Alguns dias depois, os três levaram para Irôco muitas oferendas. Levaram ebós de milho, inhame, frutas, cabritos e carneiros, laços de tecido de estampas coloridas para adornar o tronco da árvore. Eram presentes oferecidos por todos os membros da aldeia, felizes e contentes com o retorno de Olurombi. Até hoje todos levam oferendas a Irôco. Porque Irôco dá o que as pessoas pedem. E todos dão para Irôco o prometido.

Iroko Ajuda A Feiticeira A Vingar O Filho Morto

Irôco era um homem bonito e forte e tinha duas irmãs. Uma delas era Ajé, a feiticeira, a outra era Ogboí, que era uma mulher normal. Irôco e suas irmãs vieram juntos do Orun para habitar no Aiê. Irôco foi morar numa frondosa árvore e suas irmãs em casas comuns. Ogboí teve dez filhos e Ajé teve só um, um passarinho.

Um dia, quando Ogboí teve que se ausentar, deixou os dez filhos sob a guarda de Ajé. Ela cuidou bem das crianças até a volta da irmã. Mais tarde, quando Ajé teve também que viajar, deixou o filho pássaro com Ogboí. Foi então que os filhos de Ogboí pediram à mãe que queriam comer um passarinho. Ela lhes ofereceu uma galinha, mas eles, de olhos no primo, recusaram. Gritavam de fome,

queriam comer, mas tinha que ser um pássaro. A mãe foi então foi a floresta caçar passarinhos, que seus filhos insistiam em comer. Na ausência da mãe, os filhos de Ogboí mataram, cozinham e comeram o filho de Ajé. Quando Ajé voltou e se deu por conta da tragédia, partiu desesperada a procura de Irôco. Irôco a recebeu em sua árvore, onde mora até hoje. E de lá, Irôco vingou Ajé, lançando golpes sobre os filhos de Ogboí. Desesperada com a perda de metade de seus filhos e para evitar a morte dos demais, Ogoí ofereceu sacrifícios para o irmão Irôco. Deu-lhe um cabrito e outras coisas e mais um cabrito para Exú. Irôco aceitou o sacrifício e poupou os demais filhos.

Irôco Engole A Devota Que Não Cumpre A Interdição Sexual

Era uma vez uma mulher sem filhos, que ansiava desesperadamente por um herdeiro. Ela foi consultar o babalaô e o babalaô lhe disse como proceder: Ela deveria ir à árvore de Irôco e a oferecer um sacrifício, comidas e bebidas. Com panos vistosos ela fez laços e enfeitou o pé de Irôco. Aos seus pés depositou o seu ebó. Fez tudo como mandara o adivinho, mas de importante preceito ela se esqueceu. Ela deu tudo a Irôco, ou, quase tudo. Ela esqueceu que o babalaô mandara que nós três dias antes do ebó ela deixasse de ter relações sexuais. Só então, assim, com o corpo limpo, deveria entregar o ebó aos pés da árvore sagrada.

Irôco irritou-se com a ofensa, abriu uma grande boca em seu grosso tronco e engoliu quase totalmente a mulher, deixando de fora só os ombros e a cabeça. A mulher gritava feito louca por ajuda e toda a aldeia correu para o velho Irôco. Todos assistiam o desespero da mulher. O babalaô foi também até a árvore e fez seu jogo, e o jogo revelou sua ofensa, sua oferta com o corpo sujo. Mas a mulher estava arrependida e a grande árvore deixou que ela fosse libertada. Toda a aldeia ali reunida regozijou-se pela mulher. Todos cantaram e dançaram de alegria. Todos deram vivas a Irôco. Tempos depois a mulher percebeu que estava grávida e preparou novos laços de vistosos panos e enfeitou agradecida a planta imensa. Tudo ofereceu-lhe do melhor, antes resguardando-se para ter o corpo limpo. Quando nasceu o filho tão esperado, ela foi ao babalaô e ele leu o futuro da criança: deveria ser iniciada para Irôco. Assim foi feito e Irôco teve muitos devotos. E seu tronco está sempre enfeitado e aos seus pés não lhe faltam oferendas.

OXALÁ:

Criador do Universo, responsável pelos seres (animais, vegetais e o homem).

Este Orixá rege o destino do Homem.

Oxalá participa de todos os orikis. Sendo o Orixá que originou quase todos os outros Orixás, através das uniões com Iemonjá e Nanã. Dentro do culto é tratado com muita reverência.

PERSONALIDADE: Fortes, lutadores, prepotentes, algumas de suas qualidades são bondosas, agressivas, reclamões, irritantes gostam do perigo.

PAÓ: Comum, de forma lenta e compassada. Seguindo do adobale.

COR: Branco e azul.

SÍMBOLO: Oxoguian (pilão, escudo e a espada), Oxalufan (cajado).

METAL: Chumbo

FILIAÇÃO: A própria criação

QUALIDADES:

Oxoguian

Oxalufan

Lissaça

Obatalá *

Oxaluzí *

Amadiocilé *

Oduduwá *

QUALIDADES DE OXALÁ:

1. Oxalá -o sol
2. Oxaguian - o nascer do sol
3. Oxanyin - Oxalá moço
4. Oxadinhan - Oxalá moço
5. Oxagiriyan - Oxalá feminino
6. Oulissa - Oxalá no gege
7. Oxalufan - Oxalá velho
8. Oxá olokun - Oxalá do mar
9. Orixalá - Oxalá do meio dia
10. Obi-am - esposa de orixalá
11. Orixá okô - Oxalá da agricultura
12. Obá-okê - Oxalá da montanha
13. Ora minhan - filho de odudua e obatalá
14. Orixanlá - rei dos orixás
15. Ifá - o espírito santo
16. Canaburá - o nascer do dia
17. Obatalá
18. Odudua
19. Okin
20. Lulu
21. Ko
22. Oluiá
23. Babá Roko
24. Babá Epe
25. Babá Lejugba
26. Akanjapriku
27. Ifuru
28. Kere
29. Babá Igbo
30. Ajaguna

ORI

Ori é o deus portador da individualidade de cada ser humano. Representa o mais íntimo de cada um, o inconsciente, o próprio sopro de vida em sua particularização para cada pessoa. Ori mora dentro das cabeças humanas, tornando cada um aquilo que é.

Como ao morrer, a cabeça de uma pessoa não é separada para o enterro, Ori é conhecido como aquele q pode fazer a grande viagem sem retorno, pois os outros orixás, mesmo quando morrem seus filhos, são libertados da cabeça (Ori) e retornam ao Orun (céu, ou mundo exterior).

Durante o processo iniciático a primeira entidade a ser equilibrada é justamente o ori, a individualidade pessoal, para que a pessoa não se transforme em um mero espelho do orixá. À cerimônia de equilíbrio do Ori dá-se o nome de Bori (bo = comer, ori = cabeça => dar comida para a cabeça, fortalece-la).

Um dos mitos sobre Ori diz que ele pode depois de enterrado voltar ao orum, levado por Nanã ou Ewá. Diz este mito q um dia Ori percebeu q era o momento de nascer outra vez e foi falar com Olorum, o Universo, solicitando permissão para nascer na mesma família em que havia nascido antes. Olorum permitiu, com a condição de q apenas ele, Olorum, pudesse conhecer o dia de sua morte, sem que Ori pudesse opinar sobre esta questão. E que o destino de Ori só pudesse ser mudado quando Ifá fosse consultado".

Este orixá não tem características estéticas pois não incorpora. Apenas é cultuado juntamente com os orixás, possuindo um número no jogo de búzios onde "fala".

A quizila de Ori é a mentira

AJALÁ

Ajalá é o oleiro primordial. A parte de Oxalá responsável pela criação física dos homens, por seu corpo, sua cabeça (onde vive Ori). Ele representa o aspecto mais orgânico do ser humano; o tipo de barro, de maior ou menor qualidade, mais ou menos cozido (o que implica maior ou menor numero de problemas), mais claro ou escuro. Ajalá mistura ao barro folhas, frutas, minérios, sangues e uma série de materiais que determinam como será aquela pessoa, como Ori poderá agir nela. Estes ingredientes, com o tempo perdem o axé (energia) e precisam ser, de vez em quando, repostos, o que é feito nos rituais do candomblé, entre eles a iniciação.

Diz um dos mitos que Ajalá foi incumbido de moldar as cabeças dos homens com a lama do fundo dos rios e outros elementos da natureza. Ele moldava as cabeças e as punha para assar em seu forno.

Ajalá tinha, contudo, o hábito de embriagar-se enquanto cozia o barro e criou muitas cabeças defeituosas, queimando algumas e deixando outras com o barro cru. A causa dos problemas que muitas pessoas apresentam antes de serem iniciadas viria exatamente de um ori cru, ou queimado, ou mal proporcionado feito durante alguma bebedeira de Ajalá. Como os orixás não gostam de cabeças ruins, a pessoa ficaria desprotegida, sem a energia do orixá. Depois que Ajalá terminava de fazer os oris (cabeças) Obatalá soprava nelas e lhes dava eni, a vida.

Ajalá é considerado avatar de Oxalá, mantendo as mesmas características. Não é cultuado. Apenas louvado.

ORUNMILÁ

Orunmilá, também conhecido como Ifá, é o princípio da intuição, da premonição, os sentidos do espírito, o olhar que conhece o futuro. É o deus invocado no jogo de búzios, pois é ele quem conhece todos os destinos (odus), cabeças (oris) e caminhos. Ele diz a Exu que movimentando suas palavras até os búzios, indicando que orixá está regendo uma pessoa, porque, com q destino. É considerado um avatar de Oxalá, pois ele estava no começo do mundo. Olodumare (o universo) Obatalá (o princípio), Oxalá (a criação), Oxaguiã (o conflito), Orunmilá (intuição), Oduduwa (o planeta terra), Ajalá (o oleiro q molda os oris - cabeças) e Fururu (o sopro de vida) são considerados Oxalá todos eles. O começo de tudo. O princípio dividido em oito, o infinito.

Diz o mito que Obatalá havia reunido todos os materiais necessários à criação do mundo e que mandou a Estrela da Manhã convocar todos os orixás a fim de começar o trabalho com sua ajuda. Mas na hora marcada, apenas Orunmilá apareceu. Obatalá gostou muito da atitude de Orunmilá e o recompensou, ordenando à Estrela da Manhã que revelasse a Orunmilá todos os segredos da criação e do porvir. E ela entregou a Orunmilá todos os segredos e materiais que compõem a vida humana, e que estavam escondidos há muito tempo dentro de uma concha de caramujo guardada num vaso que ficava entre as pernas de Obatalá. Orunmilá tornou-se, desde este dia, o dono dos segredos, das magias, das fórmulas dos ebós, dos rituais, de tudo quanto envolvia o conhecimento da alma humana e de seu destino. Ele conhece a vontade dos orixás e sabe com que matéria foi feito cada homem.

Outro mito narra que Orunmilá/Ifá é filho dos dois princípios mágicos. Que nasceu mudo e não disse uma só palavra até a adolescência, quando seu pai lhe bateu com um bastão. E neste dia ele disse: "Gbê-medji", palavra que ninguém compreendia. Quando apanhou de novo, tempos depois, disse: "Yeku-medji". E assim, em diversas ocasiões, ele foi dizendo palavras, as 16 palavras q compõem o opelê-ifá. Depois, disse a seu pai que se apanhasse mais poderia dizer muito mais que uma só palavra. O pai então bateu muito em Orunmilá, que disse então que ele não ficaria na terra, mas que entregaria a seu pai uma herança que serviria eternamente para todos os deuses de Oxalá. E explicou que os 16 nomes que havia dito eram os nomes de seus futuros filhos e que cada um deles tinha um conhecimento. Que se transformaria numa palmeira e que com os caroços de seus frutos (seus filhos) se faria o jogo de Ifá, que poderia ser consultado quando se quisesse saber o futuro ou como resolver problemas.

Cor: verde/amarelo

Comida: banana com sal.

Número: 16

Símbolo: iruke (um bastão de madeira, curvo)

Dia da semana: sexta-feira

OXAGUIÃ

Oxaguiã, também conhecido como Ajagunã, é o conflito que antecede a paz; a revolução que antecede as transformações profundas; a instabilidade necessária ao dinamismo da vida e da sociedade e a busca do conhecimento. Por isso é compreendido como Oxalá moço, enquanto a paz, a tranquilidade, a estabilidade, a sabedoria são compreendidos como Oxalá velho, Oxalufã. Ele é também guerreiro, e sente prazer em destruir para q o novo se estabeleça.

Um dos mitos diz que Oxaguiã nasceu apenas de Obatalá. Não teve mãe. Nasceu dentro de uma concha de caramujo. E quando nasceu, não tinha cabeça, por isso perambulava pelo mundo, sem sentido.

Um dia encontrou Ori numa estrada e este lhe deu uma cabeça feita de inhame pilado, branca. Apesar de feliz com sua cabeça, ela esquentava muito, e quando esquentava Oxaguiã criava mais conflitos. E sofria muito. Foi quando um dia encontrou a morte (iku), que lhe ofereceu uma cabeça fria. Apesar do medo que sentia, o calor era insuportável, e ele acabou aceitando a cabeça preta que a morte lhe deu. Mas essa cabeça era dolorida e fria demais. Oxaguiã ficou triste, porque a morte com sua frieza estava o tempo todo acompanhando o orixá. Foi então que Ogum apareceu e deu sua espada para Oxaguiã, que espantou Iku. Ogum também tentou arrancar a cabeça preta de cima da cabeça de inhame, mas tanto apertou que as duas se fundiram e Oxaguiã ficou com a cabeça azul, agora equilibrada e sem problemas.

A partir deste dia ele e Ogum andam juntos transformando o mundo. Oxaguiã depositando o conflito de idéias e valores que mudam o mundo e Ogum fornecendo os meios para a transformação, seja a tecnologia ou a guerra.

Cor: Branca e azul

Numero 4

Comida: Inhame pilado

Dia da semana: sexta-feira

Saudação: Exeuê, babá!, Epa Babá!

OXALUFÃ

Oxalufã é o princípio da criação, o vazio, o branco, a luz, o espaço onde tudo pode ser criado, e também a paz, a harmonia, a sabedoria que vem depois do conflito (Oxaguiã). O fim do círculo e o recomeço. Oxalufã é o compasso do terra, Oduduwa. Caminha apoiado em seu cajado cerimonial, que é o também o símbolo da ligação que ele estabeleceu entre o Orun (o céu) e o Ayê (a terra). O grande pai ioruba, considerado a bondade masculina.

São muitos os mitos que falam de Oxalá, mas o mais conhecido nos candomblés é o que conta que Oxalá sentia muitas saudades de seu filho Xangô, e resolveu visitá-lo.

Para saber se a longa viagem lhe seria propícia, foi consultar Orunmilá o deus adivinho, seu grande amigo. Este jogou os ikins (casca de caroços de dendezeiro) divinatórios e lhe disse que a viagem não se encontrava sob bons auspícios. E que se ele desejasse que tudo corresse bem deveria se vestir inteiramente de branco e não sujar suas roupas até chegar ao palácio, devendo também manter silêncio absoluto até o momento em que encontrasse seu filho.

E assim fez Oxalá.

Exu, contudo, que adorava atormentar Oxalá, disfarçou-se de mendigo e apareceu no caminho deste, pedindo a ajuda para levantar um pesado saco de carvão que se encontrava no chão. Sem poder responder nada e sendo piedoso, Oxalá levanta o saco de carvão para Exu, mas estando este saco com o fundo rasgado, abre-se e cai sobre Oxalá sujando sua roupa branca. Exu ri loucamente e se vai.. Prevenido como sempre fora, Oxalá toma banho num rio e veste roupas brancas novamente. E segue seu caminho. Novamente Exu se disfarça e pede ajuda ao viajante, dessa vez para entornar um barril de óleo num tacho.

Sem poder responder para explicar e tendo boa vontade em ajudar, Oxalá levanta o barril e Exu o derrama sobre suas roupas, que desta vez não podiam mais ser trocadas, pois eram as últimas roupas limpas que Oxalá tinha para trocar.

Sujo e cansado, Oxalá vai seguindo seu caminho quando vê o exército de Xangô se aproximar dele, sinal de que estava bem perto de seu destino. Este, contudo, prende Oxalá, confundindo-o com um procurado ladrão. Como não podia falar, Oxalá nada diz e acaba jogado numa prisão durante sete anos.

Neste meio tempo o reino de Xangô entra em decadência: suas terras não produzem alimentos, os animais morrem, o povo fica doente.

Desesperado, Xangô chama um babalaô que ao jogar o ikin lhe diz que todo o mal do reino advém do fato de haver injustiça na terra do senhor da justiça.

Xangô vai então averiguar pessoalmente todos os presos de seu reino e descobre Oxalá pai na prisão. Desolado, coloca o velho pai sobre suas próprias costas e o carrega para o palácio, onde se encarrega de banha-lo e vesti-lo com sua alvas roupas, realizando a seguir uma grande festa.

A cerimônia do candomblé chamada "Águas de Oxalá" rememora este episódio.

Cor: branco

Dia da semana: sexta-feira

Numero 16 e 8

Comida: canjica

Saudação: Epa, Babá! Exeuê, Babá

OXALÁ

Oxalá, o mais importante e elevado dos deuses iorubanos, foi o primeiro a ser criado por Olorum, o deus supremo. Representa o céu, o princípio de tudo, e foi encarregado de criar o mundo.

De sua união com Iemanjá resultou o nascimento da maioria dos orixás e da linha do horizonte, dividindo o céu e o mar. É considerado o pai de todos os orixás na cultura iorubana.

Equilíbrio positivo do universo, é o pai da brancura, da paz, da união, da fraternidade entre os povos da terra e do cosmo. É considerado o fim pacífico de todos os seres. Orixá da ventura, da compreensão, do entendimento, do fim da confusão.

Oxalá é orixá que vai determinar o fim da vida, o fim da estrada do ser humano, o fim com a certeza do dever cumprido. A morte deve ser encarada com naturalidade como encaramos os demais assuntos da nossa vida, pois ela faz parte da natureza e sabemos que tudo tem um início, um meio e um fim.

Exu inicia, Oxalá termina. É assim nas rodas de Candomblé, nos Xirês, quando louvamos todos os orixás. É ele que sempre atuará como mediador para acalmar discórdias em qualquer plano e produzindo uma solução, uma definição.

Oxalá era marido de Nanã, senhora do portal da vida e da morte. E por determinação dela, somente os seres femininos tinham acesso ao portal, não permitindo aproximação de seres masculinos em hipótese alguma. Determinação que servia também para Oxalá, que com o passar do tempo não se conformava com esta decisão, não só por ser marido de Nanã, como por sua própria importância no panteão dos orixás.

Assim pensou até que encontrou uma forma de burlar as determinações de sua esposa. Não fugindo de sua cor branca, vestiu-se de mulher, colocou o adê (coroa) com os chorões no rosto, próprio das iabás e aproximou-se no portal satisfazendo enfim sua curiosidade. Foi pego, porém, por Nanã no exato momento em que via o outro lado da dimensão. Nanã aproximou-se e determinou:

- "Já que tu, meu marido, vestiste-te de mulher para desvendar um segredo tão importante, vou compartilhá-lo contigo. Terás, então, a incumbência de ser o princípio do fim, aquele que tocará o cajado três vezes ao solo para determinar o fim de um ser. Porém, jamais conseguirás te desfazer das vestes femininas e, daqui para frente terás todas as oferendas fêmeas!"

E Oxalá passou a comer não mais como os demais santos aborós (homens), mas sim cabras e galinhas como as iabás. E jamais se desfez das vestes de mulher. Em compensação, transformou-se no senhor do princípio da morte e conheceu todos os seus segredos.

ORIXÁS BALÉS (ligados à morte)

OGUM - intimamente ligado a causa de acidentes e desastres

OBALUAIÊ - ligado à doenças letais e contagiosas. Servirá de guia para os espíritos desencarnados;

OIA-IANSÃ - regente dos cemitérios e principalmente por também ser guia dos eguns;

NANÃ - dona do portal da vida e da morte. Considerada como a própria morte;

OXALÁ - princípio ativo da morte. A determinação final. A paz. O fim.

OXÁLÚFÓN

Ele é muito velho, idade avançada, aleijado, lento. Move-se com muita dificuldade, associa-se a idéia de repouso, de imobilidade, dança curvado e apoiado no Opáxoro, treme de frio e de velhice. Detesta violência, disputas e brigas, evita tudo que é excitante, come sem sal e sem dendê, odeia côres fortes e particularmente o vermelho. A ele pertencem os metais e substâncias brancas como a prata; no reino vegetal o algodão; no animal o caracol, d'angola, martim pescador e o preá. Tem ódio do cavalo, pois, por causa deste animal que ficou prêsso por sete anos e muito sofreu.

QUALIDADES

BABA NILÀ

BABA OJOBÈ

BABA OTUN DUNDUN- Usa uma tira prêta sob às vestes. Não se raspa.

BABA OIÓÓKUN- É o responsável pelo fundo do mar. Pai de Yemonjá.

BABA ORY

YJALADÉ

O Opáxoro, na África, é o bastão cerimonial feito de um galho fino de árvore Akoko. No Brasil é feito de metal branco

LENDA

Oxalufon saudoso de seu filho Xangô resolveu visitá-lo, porém, antes consultou um Babalawó para saber se correria tudo bem nessa viagem. O Babalawó disse-lhe que não fosse, pois haveria contra tempos. Oxalufón mesmo assim, quis se aventurar-se. O Babalawó disse-lhe que a viagem seria muito perigosa, se realmente quisesse ir, deveria seguir tudo

o que êle dissesse. Oxalufon aceitou e ele disse que leva-se três peças de roupas brancas e sabão e aceitasse tudo que lhe acontecesse sem reclamar. Oxalufon fez todas as oferendas que lhe foram confiadas e partiu, como era muito velho ia muito lentamente, apoiado em seu cajado. Encontrou logo em seu caminho Exú Elepô Pupa, dono do azeite de dendê, sentado na beira da estrada com um barril de azeite de dendê do lado, após trocas de saudações, Exú pediu a ele que ajudasse a colocar o barril sobre a sua cabeça, ele concordou e Exú aproveitou para, durante a operação derramar, maliciosamente, o conteúdo do barril sobre Oxalufon, pondo-se a zombar dele. Este não reclamou, seguindo as recomendações do babalawó, lavando-se no rio próximo, pôs uma roupa nova e deixou aquela como oferenda, continuando a andar e foi vítima, ainda pôr duas vezes, de triste aventuras com Exú Eleedu, dono do carvão e Exú Alaady, dono do óleo de palma, Oxalufon sem perder a paciência lavou-se e trocou de roupa, após cada uma das experiências, enfim chegou aos arredores de Oyó e foi surpreendido pelo tropel de um cavalo que havia fugido, tentando agarra-lo. Os guardas confundindo com um ladrão, nessa época o roubo de cavalos era um crime inafiançável pegaram como de costume na época, quebraram-lhe às pernas, porque assim que faziam com os ladrões. Preso e impossibilitado de comunicar-se com seu filho Xangô, pelos maus tratamentos, acabou por ficar aleijado. Logo as coisas começaram a cair em Oyó, as colheitas secaram, as mulheres ficaram estéreis, as colheitas não mais produziam, os animais começaram a morrer, as calamidades e doenças invadiram o reino de Oyó. Xangô muito preocupado procurou um Oluwo, advinho, este disse-lhe que tudo estava acontecendo por causa de um velho que estava preso em suas masmorras em seu castelo. Xangô imediatamente se

dirigiu para as masmorras, pois queria saber quem era esse velho que tanto danos a seu reino causara. Chegando ao calabouço, ordenou que abrissem as celas, para sua surpresa, em uma delas, encontrava-se seu pai, soltando imediatamente e suplicando, desculpas, sendo perdoado. Então, como por encanto, tudo começou a prosperar em Oyó. Xangô vestiu seu pai ricamente e banhou-o com as águas mais limpas das fontes, cercado com belas mucambas, Oxalufon sentiu-se no paraíso, fartas colheitas e fartos banquetes lhe foram servidos, só tinha um porém, ele estava aleijado e não podia andar, seu filho então lhe presenteou com uma bengala de prata, ornada com pedras preciosas e pérolas, o Opaxoró.

Quando Oxalufon teve que seguir para Ilé Yfé, cidade sagrada pelo povo Yorubá, devido ao seu estado alquebrado, Xangô pediu a Ayrá que o carregasse nas costas, Ayrá era um Orixá no fundamento de xangô, era um de seus servos de confiança. Xangô naquele momento estava reconstruindo Oyó, não podia ausentar-se da cidade nem do seu povo, para redimir-se com Oxalufon, pediu a Ayrá que o levasse, pois sentia-se indignado com que havia acontecido com seu pai, mesmo sabendo que não tinha sido de propósito.

Ayrá ia ser o preferido de Oxalufon no período de reconhecimento, entretanto, Ayrá percebeu que Oxalufon era um Orixá muito especial, um ser de grande sabedoria e sabendo que era da confiança de xangô, aproveitou o momento para saber os segredos de Oxalufon, então usou de má fé e tentou convencer a este que Xangô era culpado pelos sete anos que passou na prisão de Oyó. Oxalufon, porém, estava ciente de que tudo que passou, pois Olodumare e o Babalawo o havia prevenido. Ayrá passou a ter uma grande rivalidade com xangô, por este motivo não se deve colocá-los juntos na mesma casa, para xangô se põem pilão e para Ayrá não, porque irá criar confusão entre Oxalufon e xangô. Chegando a Yfé, Oxalufon agradecido a Ayrá deu-lhe o título de seu primeiro ministro, fazendo dele seu mais fiel amigo, por este motivo Ayrá come diferente dos Xangô, sendo suas oferendas levando todos ingredientes que estavam na mesa de Oxalufon, foi lhe concedido comer em sua gamela o arroz, a canjica e o mingau de acaçá, sendo lhe proibido o dendê, o sal e os carochos do quiabo, que quando secos prepara-se certos atins de Exú.

OXAGUIAN

Filho de Oxalufon, é jovem, guerreiro e não perde uma oportunidade de lutar contra Omolú e xangô. É o único que tem autorização de enfeitar seus colares brancos com as pedras azuis, chamadas de seguy, e suas roupas brancas podem, às vezes, levar uma franja vermelha. Está ligado ao culto de Yroko e dos espíritos, assim como a fertilidade e ao culto dos inhames. É pai de Oxossi Inlé, come com Ogun já, Oxossi Inlé, Ayrá, Exú, Oyá e Onira. Tem fundamento com Oyá, pois é o dono do atori fundamento que lhe foi dado por ela, motivo pelo qual as pessoas de Guian devem agradar muito a Oyá. Vem pelos caminhos de Onira. Tem ligação com Exú. Seus filhos devem evitar brigas, confusões e mentiras, principalmente não devem enganar a Ogún ou a seus filhos, pois será castigado sem dó. Não devem comer ovo frito para não esquentar o Orixá, cachaça, sal e dendê. É um Orixá muito perigoso.

QUALIDADES

ORANDIAN

OXANDIAN

OXANDIN

OXANIN

OXAMIN

O QUE É ORI

Dentro da cultura yorùbá, orí é explicado com muito teor de sabedoria e complexidade da bagagem tão rica que nos foi deixada como herança por esse povo milenar.

Orí não é somente a cabeça que carregamos sustentada pelo pescoço. Sua função é mais profunda e de suma importância que abrange um conjunto de: <Alma + Personalidade>.

O Orí é o que direciona o ser humano, em todas suas ações, seja lá o que for.

O Orí é como se fosse uma grande bateria que comanda todo nosso corpo. No Orí são gerado energias positivas, que trazem muito axé para o ser humano, mas em contra partida quando enfraquecida acumula energias negativas trazendo terríveis consequências para o ser humano.

Como tragédias, assassinatos, guerras, loucuras, doenças etc. Tem Orí que é bom e é chamado de orí energizado, calibrado as pessoas que tem esse ori são pessoas afortunadas, possuidoras de Olorí-IRE. As pessoas que carregam um mal ori, são pessoas infelizes possuidoras de OLORÍ-Buruku.

Por isso eu chamo a atenção de todos que estão lendo essa explanação, trate de cuidar de seus oris, dando comida a cabeça, passando primeiro pelo processo de limpeza como: <Balaio de Eguns, comida a bara, comida a terra, comida a Ikú, odus, bori branco a cabeça, com assento de Ibaori.

AXÉ ORÍ

ORUNMILÁ IFÁ

O Oráculo africano. Deus dos destinos que aparece no Candomblé como qualidade de Oxalá. Teria sido o encarregado de estabelecer a ordem no mundo, de separar os elementos e instituir a paz entre os homens. É o dono das nozes que revelam a vontade dos deuses, o senhor da adivinhação, que exprime a palavra do criador. As mulheres não podem ser sacerdotizas de Ifá.

Não se manifesta. Dono dos Búzios, Ifá é um orixá muito importante e muito bom, acredita-se que o deus todo poderoso mandou Ifá que morava lá no céu para terra, para que êle consertasse, deu sabedoria, conhecimento e muita inteligência que lhe permitiu o poder maior entre os outros Orixás.

ESSABAS:

Folha da costa (Oxalufan)	Lingua de vaca (Oxalufan)	Folha de neve branca, cana do brejo – Timim
Tapete de Oxalá (Boldo) (Oxafufan)	Bredo sem espinho – Teté	Folha da Costa branca – Pachoró
Folha da fortuna – Ori-dum-dum	Alfavaquinha – Orim-rim	Parietária – Monam
Rama de leite - Obô	Folha de bicho – Ibin	Parioba – Peculé
Colônia	Malva branca – Efin	Folha de leite – Omim-ibá-ójú
Golfo branco de Monan	Folha de vintém – Ilerin	Taioba – Bala
Levante (Oxoguian)	Beldroega – Omim	Cajá – Jamin
Arruda (Oxoguian)	Golfo branco – Omin-ójú	Mutamba – Aferê
	Jarrinha – Jacomijé	

ÒRÌSÀNLÁ	ÁGUA DE LEVANTE; AKÓKÓ; VENCE DEMANDA; TAPETE DE OXALÁ; SÁLVIA; PAINEIRA; MANJERICÃO; MAMOEIRO; MALVA BRANCA; MACAÇA; JITIRINA; INHAME; GUACO; FUNCHO; FOLHA VINTÉM; EWEBI; ERVA PRATA; COLONIA; BOLDO; BETE CHEIROSO; ALGODÃO; BELDROEGA; DENDEZEIRO; FOLHA DE BICHO; FOLHA DA FORTUNA; LOURO; MANJERONA; SANGOLOVO (CANA DO BREJO); UMBU; MANACÁ; ARRUDA; LINGUA DE VACA; MILAGRE DE SÃO JOAQUIM; ALFAVACA; ERVA DOCE.
-----------------	---

	OXALÁ
Locais de maior vibração dos orixás	colina descampada
As cores e flores que são regidas pelos orixás:	Branca (Palmas e Rosas)
As bebidas que são regidas pelos orixás:	Vinho tinto doce
Frutos e Frutas	Uva Branca.
Algumas das comidas mais comuns oferecidas aos Orixás:	Canjica branca cozida, regada com mel e noz moscada em pó, coberta com algodão.
Mencionaremos aqui as ervas mais conhecidas no Rio de Janeiro:	Tapete de Oxalá (Boldo), Manjeriçãõ branco, Puejo, Cinco Chagas, Saião, Alecrim, Barba de Velho, Canela de Velho.
Os Orixás normalmente trazem em seus filhos suas características físicas e de caráter. Assim podemos dizer que os filhos de:	

Os Orixás têm suas preferências também quanto aos metais.

A prata e o chumbo.

Calendário Festivo da Umbanda

LENDA DE OXALUFAN - OXALÁ (A CRIAÇÃO DA TERRA)

Olorun, Deus supremo, criou um ser, a partir do ar (que havia no início dos tempos) e das primeiras águas. Esse ser encantado, que era todo branco e muito poderoso, foi chamado Oxalá. Logo em seguida, criou um outro orixá que possuía o mesmo poder do primeiro, dando-lhe o nome de Nanan. Os dois nasceram da vontade de Olorun de criar o universo.

Oxalá passou a representar a essência masculina de todos os seres, tornando-se o lado direito de Olorun. Nanan, por sua vez, teria a essência feminina, e representaria o lado esquerdo. Outros orixás também foram criados, formando-se um verdadeiro exército a serviço de Olorun, cada um com uma função determinada para executar os planos divinos.

Exú foi o terceiro elemento criado, para ser o elo de ligação entre todos os orixás, e deles com Olorun. Tornou-se costume prestar-lhe homenagens antes de qualquer outro, pois é ele quem leva as mensagens e carrega os ebós.

Olorun confiou à Oxalá a missão de criar a Terra, investindo-o de toda a sabedoria e poderes necessários para o sucesso dessa importante tarefa. Deu a ele uma cabaça contendo todo axé que seria utilizado.

Oxalá, orgulhoso por ter recebido tamanha honraria, achou desnecessário fazer as oferendas a Exú.

Exú, vendo que Oxalá partira sem lhe fazer as oferendas, previu que a missão não seria cumprida, pois, mesmo com a cabaça e toda a força do mundo, sem a sua ajuda não conseguiria chegar ao local indicado por Olorun.

A caminhada era longa e difícil, e Oxalá começou a sentir sede, mas, devido à importância de sua missão, não podia se dar ao luxo de parar para beber água. Não aceitou nada do que lhe foi oferecido, nem mesmo quando passou perto de um rio interrompeu a sua jornada. Mais à frente, encontrou uma aldeia, onde lhe ofereceram leite de cabra para saciar sua sede, que também foi recusado.

Todos os caminhos pareciam iguais e, depois de andar por muito tempo, sentiu-se perdido. De repente, ele avistou uma palmeira muito frondosa, logo à sua frente, Oxalá, já delirando de tanta sede, atingiu o tronco da palmeira com seu cajado, sorvendo todo o líquido que saía de suas entranhas (era vinho de palma). Embriagado pela bebida, desmaiou ali mesmo, ficando desacordado por muito tempo.

Exú avisou Nanan que Oxalá não havia feito as oferendas propiciatórias, por isso não terminaria sua tarefa. Ela, agindo por contra própria, resolveu consultar um babalawô para realizar devidamente as oferendas. O sacerdote enumerou uma série de coisas que ela deveria oferecer, entre elas um camaleão, uma pomba, uma galinha com cinco dedos e uma corrente com nove elos. Exú aceitou tudo, mas só ficou com a corrente, devolvendo o restante à Nanan, pois ela iria precisar mais tarde. Outros sacrifícios foram realizados, até que Olorun a chamou para procurar Oxalá, que havia esquecido o saco da criação com o qual criaria a Terra. Nanan, após terminar suas oferendas, foi atrás de Oxalá, encontrando-o desacordado próximo ao local onde deveria chegar.

Ao saber que Oxalá havia falhado em sua missão, Olorun ordenou que a própria Nanan prosseguisse naquela tarefa com a ajuda de todos os orixás. E assim foi feito. Nanan pegou o saco da criação e o entregou à pomba, para que voasse em círculo. A galinha com cinco dedos foi solta, para espalhar aquela imensa quantidade de terra, e, finalmente, o camaleão arrastou-se vagarosamente, para compactá-la e torná-la firme.

Quando Oxalá acordou, viu que a Terra já havia sido criada, e não o fora por ele. Desesperado, correu até Olorun, que o advertiu duramente por não ter reverenciado Exú antes de partir, julgando-se superior a ele. Oxalá, arrependido, implorou perdão. Olorun, sempre magnânimo, deu-lhe uma nova e importantíssima tarefa, que seria a de criar todos os seres que habitariam a Terra. Desta vez ele não poderia falhar!

Usando a mesma lama que criou a Terra, Oxalá modelou todos os seres, e, insuflando-lhes seu hálito sagrado, deu-lhes a vida.

Desta forma, Nanan e Oxalá desempenharam tarefas igualmente importantes, juntamente com a valiosa ajuda de todos os orixás, que possibilitaram o surgimento deste novo e maravilhoso mundo em que vivemos.

O Orixá e sua relação com os Santos Católicos:

Oxalá - N.S. Jesus Cristo, N.S. do Bonfim
 Xangô - São Jerônimo, São Pedro
 Ogun - São Sebastião (Bahia), São Jorge (RJ)
 Oxossi - São Sebastião (RJ), São Jorge (Bahia)
 Obaluaiê - São Lazaro, São Roque
 Oxumare - São Bartolomeu
 Logun edé - Santo Expedito
 Ibeji - São Cosme e São Damião
 Exu - Santo Antônio, e erroneamente Diabo
 Nanã - N.S. Santana
 Iemanjá - N.S. da Glória, N.S. dos Navegantes
 Oxum - N.S. Conceição (RJ), N.S. das Candeias (Bahia)
 Iansã - Santa Bárbara
 Oba - Santa Catarina

ORIXÁS		SINCRETISMOS
OXALÁ	Oxaguiã Oxalufã Oxalá	Menino Jesus de Praga Jesus com 33 anos, Pregador Cristo, o Nazareno, crucificado - Senhor do Bonfim (Bahia)
SENHORAS	Oxum Iemanjá Iansã Nanã	Nossa Senhora da Conceição Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora dos Navegantes (Bahia) Santa Bárbara, Santa Luzia, Santa Joana D'Arc Rainha Santana, Santa Teresinha, Santa Edwiges
IBEJI	Cosme Damião Doum Crispim Crispiniano	Congêneres na Religião Católica
XANGÔ	Xangô Agodô Xangô Alufam Xangô Agojô Xangô Kaô Xangô Alafim Xangô Aganju Xangô Abomi	São João Batista São Pedro São Paulo São Jerônimo São Tiago Maior São José Santo Antônio e São Benedito
OGUM	Ogum de Malê Ogum Beira Mar Ogum Dilê Ogum de Nagô Ogum Guerreiro Ogum Rompe Mato Ogum Megê	São Jorge (São Sebastião na Bahia)
OXÓSSI		São Sebastião (São Jorge, na Bahia)
ALMAS		Representada pelo Cruzeiro das Almas (cemitério)
NEGATIVOS		

OXALÁ	Omolu Obaluaê Iatôô	São Lázaro São Judas Tadeu Judas Iscariotes
--------------	---------------------------	---

OS DOZE ORIXÁS MAIS CULTUADOS *

OMOLOCÔ	NAGÔ	CONGO
Zâmbi	Olorum	Nazamb
Oxalá	Oxalá	Lembá Di Lê
Oxum	Oxum	Kissimbi
Iemanjá	Iemanjá	Danda Lunga
Iansã	Iansã	Kaiongo
Nanã	Iansã	Rodialonga
Ogum	Ogum	Roximucumbí
Oxóssi	Oxóssi	Kibuco Motolombo
Ibeji	Ossanyn	Katende
Xangô	Xangô	Zaze
Omolu	Omolu	Kingongo
Exu	Exu	Bombogira (masculino)
Pomba-gira	Exu	Panjira (feminino)

* Orixás ou Voduns do culto Mina-Gêge

OS SETE ORIXÁS PRINCIPAIS

NAGÔ	GÊGE
Oxalá	Olissara ou Lissa
Oxum	Aziri
Xangô	Sobô ou Badê
Ogum	Gú ou Gou
Oxóssi	Aguê ou Aghé
Omolu	Azoani ou Sakpate ou Sakpata
Exu	Legba

Na Umbanda o sincretismo ficou assim estabelecido:

OXALÁ- Nosso Senhor Jesus Cristo
IEMANJÁ- Nossa Senhora da Glória
OXUM- Nossa Senhora da Conceição
OBALUAIÊ- São Lázaro e São Roque
NANÃ- Nossa Senhora de Sant´Anna
OGUM- São Jorge
OXÓSSI- São Sebastião
XANGÔ- São Jerônimo
IANSÃ- Santa Bárbara

DIFERENÇA ENTRE CANDOMBLÉ E UMBANDA

É necessário elucidar a diferença entre Candomblé e Umbanda, pois a frase mais comum que ouvimos de pessoas leigas no assunto é: eu achava que tudo era a mesma "coisa". O primeiro ponto sobre a diferença entre Candomblé e Umbanda, é que: não há semelhança entre os dois. A começar

pelas origens, o Candomblé é uma religião africana que existe desde os tempos mais remotos daquele continente, que é o berço da terra. De uma forma básica, no Candomblé não existem "incorporações" de espíritos, pois os orixás de quem sentimos força e vibrações, são energias puras da natureza, que não passaram pela vida, ou seja, não são "entidades", mas elementais puros da natureza, criados por Olorún. No Candomblé a consulta é feita através da leitura esotérico/divinatória do jogo de búzios (no Brasil) - forma de leitura exclusiva do povo candomblecista - e o tratamento para cada caso, é feito com elementos da natureza, oriundos dos reinos vegetal, animal e mineral, através de ebós (oferendas), Orôs (rezas) e rituais africanos.

A Umbanda por sua vez - sem qualquer demérito a quem a pratica, pois se levada de uma forma séria e consciente tem seu mérito, valor e aplicação -, é uma religião brasileira, que advém do sincretismo católico-fetichista, necessário em uma época de grande repressão das religiões africanas, em que era proibido o culto dos orixás na sua forma de origem. A partir desta premissa, a Umbanda começou a tomar corpo, com algum conhecimento de alguns africanos no trato com seus ancestrais, onde se fazia a "incorporação" de algum ente falecido, por um elégún por motivos familiares. Na Umbanda por sua vez, a consulta é feita através de um médium "incorporado", e os "trabalhos" pelo espírito ali incorporado com seus elementos rituais. A umbanda é deste século, e utiliza os orixás do Candomblé, sob outra forma e outro aspecto. Qualquer incorporação, deste gênero, que se fale com as pessoas, beba ou fume em público, não é Candomblé, é umbanda; a única manifestação "semelhante" no Candomblé é a figura do Erè, que, assim como o orixá, é um elemental da natureza, com uma conduta infantilizada, e que nunca passou pela vida, portanto não é um egun (espírito de morto). Ele tem função específica, e uma delas é se comunicar pelo orixá, justamente pelo fato de que ele não fala. Assim, nos referimos como "estado de erê".

O RITUAL DE ENTRADA

O ritual de iniciação no candomblé é uma cerimônia secreta. Antes de ser iniciada, a noviço (a) fica quase um mês trancada na camarina, um quatinho muito simples que tem uma portinha, a palha do dendezeiro e para entrar é necessário tirar os sapatos. O teto é de amianto e a camarina tem uma janelinha, para ventilar o ar. No chão, uma esteira e atrás uma mesinha, um prato, uma caneca e a noviço (a) só pode comer com colher.

Durante o período de clausura, o futuro filho de santo passa por um processo de entorpecimento, tendo a cabeça raspada, bebendo sangue de animais sacrificados e fazendo o juramento ao candomblé. No dia da festa, o terreiro fica cheio de convidados. O barracão canta com os atabaques. O iniciado (a) é finalmente apresentado ao público.

ENCORPORAÇÃO E POSSESSÃO

Assunto polêmico até mesmo entre os adeptos, o qual dá margem, a interpretações e atitudes, erradas, exageradas e equivocadas, dentro e fora da comunidade.

Duas situações de extrema seriedade, normatizam e definem na sua essência a "incorporação" pelo orixá do seu "filho", lista na categoria dos adoxús, aqueles que "sentem" o orixá:

1º - A Lei de Deus não permite, em momento ou instante algum, que o ser humano, não esteja sempre em condições de exercer seu livre arbítrio, ou seja, comandar a si mesmo.

2º - Este mesmo livre arbítrio está presente em todas as horas e situações no Candomblé, e, como dissemos, o orixá, é uma energia pura da natureza.

Portanto, o que sentem os adoxús quando "incorporados", é uma forte vibração dessa energia, que no primeiro impacto, é muito forte e com o decorrer do tempo de "incorporação", vai enfraquecendo, para explicar melhor ao leigo, é como uma forma de "encanto", motivo pelo qual a atitude, de quando ainda a pessoa é iniciada, não abre os olhos ou fala, pois se o fizer, some o "encanto", com o passar dos anos, este orixá "incorporado" assume algumas atitudes independentes, pelo seu próprio amadurecimento e compreensão desta forma de energia. O que varia bastante de pessoa para pessoa, é a intensidade dessa energia, e, como se sente, quando está sob esse efeito. A única possibilidade, fora disso, para uma perda de consciência, é de que, na África, conforme consta em alguns livros, eram ministrados aos iniciados (mas somente nesta fase) um tipo de beberagem. Composta de plantas que teriam este poder, da pessoa ficar num estado de letargia ou sub-consciência.

A RELIGIÃO

O Candomblé é uma religião dinâmica, ao contrário da imaginação de muitos, pela sua variedade de deuses, é essencialmente monoteísta, crê em um único Deus e criador, Olorún (olo=dono, senhor ; orun= céu, espaço celeste sagrado), que criou o céu e a terra, os orixás e o homem. O Orún sua moradia e dos Araorún, todos os ancestres e elementais divinizados; o Aiyé, moradia dos Araiye, os

seres humanos, os animais, vegetais, minerais e toda forma da natureza; os orixás, elementais da natureza por excelência, guardiões e fiscais da mesma energia indispensável para toda sobrevivência, com função dupla: reger e cuidar da natureza em si e da natureza humana; o homem, objeto maior da sua criação, para de tudo usufruir dentro dos critérios do seu Criador.

A teologia yorubana, crê no Orún e Aiyé, e em momento algum cita as palavras inferno e pecado. As leis, a lógica, o bom senso e os ensinamentos permeiam a conduta das pessoas. No candomblé nada se inventa, tudo se aprende, o saber e o conhecimento só vem com o tempo, ensinamento, humildade, axé, merecimento e compreensão; a sua prática tende a se adaptar, pelo crescimento e modernidade do mundo, professando a sua religião através dos seus ritos, cada vez mais, confinados no Ilê.

AS REGRAS

Para existir um Ilê (casa de candomblé), é necessário um Babalorixá ou Yialorixá, competente, iniciado dentro da lei, seguindo rigidamente ao longo dos seus anos de iniciação suas normas e preceitos, pois somente assim terá o aval, o consentimento, o axé necessário para desenvolvimento das suas atribuições, atributos esses consignados por seu iniciador no nosso plano material, e seu conseqüente desempenho com resultados positivos junto à sua comunidade, que só serão obtidos com a aquiescência dos orixás que os monitoram de forma permanente, permitindo ou até mesmo interrompendo uma situação de resultados realmente significativos, quer seja na sua leitura esotérica ou no trato com o povo. Um Ilê com axé, é estruturado com estudo, aprendizado, dedicação, humildade, respeito e principalmente, conduta ritual. A medida que o ilê vai "merecendo" os orixás vão lhe "dando" valores ao ponto de se obter uma estrutura suficiente, para o início das atividades de um novo Ilê. As pessoas que freqüentam uma casa de candomblé, basicamente são: praticantes, simpatizantes e usuários. A procura por esta religião tanto para prática como consulta, é muito em virtude de um atendimento pessoal e individualizado, em que as pessoas têm uma participação ativa. Naquele instante a pessoa não é uma a mais na multidão, mas o centro das atenções, de uma forma que possa canalizar toda sua fé, para obtenção do seu objetivo.

O AXÉ

Energia mágica, universal e sagrada do orixá. É uma energia muito forte, mas que por si só é neutra. Deve ser anipulada e dirigida pelo homem através dos orixás e seus elementos símbolos. O axé dos iniciados está ligado, e diretamente proporcional a sua conduta ritual - relacionamento com seu orixá; sua comunidade; suas obrigações e seu babalorixá.

O axé é o elemento mais precioso do Ilê, é a força que assegura a existência dinâmica. É transmitido, deve ser mantido e desenvolvido, e como toda força pode aumentar ou diminuir e essa variação está relacionada com a atividade e conduta ritual. A conduta é determinada pela escrupulosa observação dos deveres e obrigações, de cada detentor de axé, para consigo, seu orixá e para com seu ilê. O desenvolvimento do axé individual e do grupo impulsionam o axé do ilê. A força do axé é contida e transmitida através de certos elementos e substâncias materiais, e é transmitido aos seres e objetos, que mantêm e renovam os poderes de realização. O axé está contido numa grande variedade de elementos representativos dos reinos: animal, vegetal e mineral. Quer sejam da água (doce ou salgada), da terra, da floresta, mato ou espaço urbano. Está contido nas substâncias naturais e essenciais de cada um dos seres animados ou não, simples ou complexos, que compõem o universo. Os elementos portadores de axé podem ser agrupados em três categorias:

- 1 - sangue vermelho (ex: sangue, óleo de dendê, cobre e bronze etc)
- 2 - sangue branco (ex: sêmen, álcool e sais etc)
- 3 - sangue preto (ex: cinzas de animais, carvão e ferro etc)

Toda oferenda e ato ritualístico implicam na transmissão e revitalização do axé. Para que seja verdadeiramente ativo, deve provir da combinação daqueles elementos que permitem uma realização determinada. Receber axé significa incorporar os elementos simbólicos que representam os princípios vitais e essenciais de tudo o que existe. Trata-se de incorporar o aiyé e o orún, o nosso mundo e o além, no sentido de outro plano. O axé de um ilê é um poder de realização transmitido através de uma combinação que contém representações materiais e simbólicas do "branco", "vermelho" e "preto", do aiyé e orún. O axé é uma energia que se recebe, compartilha e distribui, através da prática ritual. É durante a iniciação que o axé do ilê e dos orixás é "plantado" e transmitido aos iniciados.

O JOGO DE BÚZIOS

O jogo de búzios é uma leitura divinatória e esotérica por excelência, utilizado como consulta para identificar nosso orixá (ori= cabeça + ixá=guardião), que é a mesma figura do anjo de guarda como também a situação material, astral e espiritual de uma pessoa.

A leitura esotérica divinatória está diretamente ligada à Òrúnmìlà, cujos babalorixás, são seus portavozes, outras lendas africanas, mostram a ligação do jogo de búzios com Exú, Oxum e Oxalá. O jogo de búzios é exclusivo dos candomblecistas praticantes e reconhecidamente iniciados.

Os búzios são jogados em número de dezesseis, que correspondem aos dezesseis odús principais: okaran (exú), megioko (ogum), etaogunda (obaluaiê), iorosun (yemanjá), oxê (oxum), obara (oxossi e logunedé, na África é um odú de xangô), odí (omolu e oxalá), egionile (oxaguiã), ossá (oyá e yemanjá), ofum (oxalufan), owarim (oyá), egilexebora (xangô), egioligibam (nanã), iká (ossain e oxumare), obeogundá (ewá e obá) e alafia (orixalá).

Duas formas são as mais utilizadas, sobre a urupema (peneira), ou sobre erindilogun (fio de contas), que em alguns casos constam os dezesseis orixás cultuados atualmente no Brasil; igualmente constam desta parafernália: uma otá, uma vela branca, um adjá (espécie de sineta) usado para saudar os orixás, abrir o jogo e convocar o eledá do consulente para que permita uma boa leitura; água; indispensável os fios de Oxalá e Oxum; um côco de ifá; moedas; favas; obi; orobô; um imã; uma fava (semente) especial que represente no jogo o eledá consultado, aforante a isso um preparo do babalorixá, e os orôs (rezas) necessários.

Para uma boa leitura de búzios, três situações são fundamentais:

- 1) Conhecimento e aprendizado.
- 2) Autorização, através de ritual próprio, o qual é ministrado por sacerdote responsável, tendo o iniciado passado por completo, com seriedade e merecimento, seu período de iniciação, que são no mínimo 7 anos.
- 3) Seriedade do consultor e do consulente.

Quem "responde" no jogo de búzios é o orixá do consulente, ele é quem determina a formação dos búzios para serem analisados, é uma espécie de permissão, do orixá, para que a situação do seu filho seja exposta.

O SACRIFÍCIO DE ANIMAIS

Os animais comumente utilizados são, em via de regra: galos, cabritos, carneiros, pombos e galinhas da angola; machos e fêmeas. Sua forma de abate, é cortado o pescoço com faca bem afiada. Após o sacrifício do animal, cujo sangue é derramado, em local determinado, são retirados os "axés", que são as vísceras principais (moela, rim, pulmão, coração...) que serão cozidas ou fritas, colocados num oberó (prato de barro) e oferecidas como complemento. A carne, será consumida normalmente pelas pessoas, como se estivesse sido comprada em um supermercado.

No Candomblé, utilizar o sangue e demais vísceras dos animais dessa forma tem uma causa e objetivo nobre: o de produzir uma energia, o axé, que irá cumprir uma função: o sangue como forte elemento portador de energia.

AS ERVAS DOS ORIXÁS

As ervas contém grande quantidade de axé – energia mágico-universal e sagrada, que bem combinadas entre si, detém forte poder de limpeza da aura e produzem energia positiva. Um banho de ervas do orixá do candomblé age sobre a aura eliminando energias negativas, produzindo boas energias. Um banho de ervas deve reunir as ervas adequadas a cada caso a fim de agir diretamente sobre distúrbios, eliminando sintomas provocados por más energias. Algumas das ervas largamente utilizadas pelo candomblé são:

Babosa, Aloe Vera, Erva de Santa Luzia, Sete Sangrias, Goiabeira, Mamona Vermelha, Melissa, Alfavaca, Patchouli, Alecrim, Alfazema, Algas Marinhas - Saião Amoreira.

AS FOLHAS SAGRADAS DOS DEUSES AFROS

ACÁCIA-JUREMA

Ligada ao Deus (Orixá) Oxossi. Usada nos banhos de descarrego, sacudimentos, lavagem de contas. Obs.: ESTA FOLHA NUNCA DEVE SER QUEIMADA. Nos cultos de Catimbó, os indígenas fazem uma bebida, extraída da raiz desta planta, que chamam de Cauim ou Ajucá. Da infusão ou decocção obtida da casca, dizem os índios que, depois de bebê-la, se sentem leves, transportados para o Céu. Na medicina caseira é utilizada externamente, em banhos ou compressas sobre úlceras, cancras, e na erisipela, em razão de um princípio orgânico nela contida.

ALECRIM DO MATO OU DE CABOCLO

Ligada aos Deuses (Orixás) Oxalá e Oxossi e vários Orixás. A única diferença do alecrim do mato é que esta espécie chega a uma altura de dois a três metros. Usada para banhos, amacis de Ori Banho de cabeça), lavagem de contas, e defumações pessoais e de ambientes, banhos de Abô

(indispensável), pois afugenta os Éguns (espíritos desencarnados) e Exu (Orixá das encrizilhadas, que muitas vezes confundem o bem com o mal). Na medicina caseira é usada como remédio eficaz para tosses (catarros), bronquites, usando-a como chá.

ALFAVACA DO CAMPO

Planta conhecida na Bahia como Quioiô e no Nordeste como remédio de xaqueiro. Usada para obrigações de amaci de Orí. Descarrego, banho de Abô (limpeza espiritual), lavagem de contas. Do cozimento das folhas, usa-se fazer o chá e um xarope para coqueluche e principalmente para combater tosses rebeldes, bronquites e asma.

ALFAZEMA DE CABOCLO OU ACÁCIA OU JUREMINHA

Ligada aos Espíritos dos Caboblos. Usada para o Abô, amaci de Ori, lavagem de contas e nas defumações pessoais e de ambientes. Na medicina caseira é usada para fazer essências aromáticas (perfumes) ou são colocados em ramos em saquinhos perfumados (sachê). para as gaveta. O chá é usado contra tosses rebeldes e bronquites.

ARACÁ DO CAMPO

Ligada ao Deus Oxossi . Usada para lavagem de contas. Na medicina caseira, é usada como chás para diarreias e para alterações das vias urinárias.

ARRUDA MACHO

Usada em todos os rituais e principalmente em banhos para cortar inveja, olho-grande, benzimentos, lavagem de contas. Esta planta na Bahia é usada para se fazer amuletos, patuás, figas e cruces. Na medicina caseira, usada contra vermes e reumatismo. O sumo macerado é utilizado para fechar feridas (excelente cicatrizante).

ALAMANDA

Ligada aos Deuses Obaluayê e Oxun. É muito usada para banhos de descarrego. Na medicina caseira é muito usada nos tratamentos das doenças de pele, sarna (coceiras), eczemas e furunculose. Usa-se uma loção feita com as folhas cozidas.

ÁLFAVACA-ROXA

Ligada aos Deuses Obaluayê e Xangô. Na medicina tem as mesmas aplicações descritas antes.

ALOÉS OU BABOSA AZEVRE OU AZEBRE — ALOÉ

Ligada aos Deuses Obaluayê e Ogun. Da gosma contida no interior da folha, faz-se aplicações para queimaduras, tônico capilar, cristel para hemorróidas. Tendo grande eficácia como emoliente, é muito usada para abscessos e tumores. Como esta planta custa muito a secar é substituída pela piteira (folha de Ossayn), que oferece sempre folhas secas para uso imediato e que, do mesmo modo, é um Aloés.

ANDA-AÇU OU INDAIAÇU OU COTIEIRA

— Ligada ao Deus Obaluayê ou Omólu. Na medicina caseira é tida e havida como eficaz, aplicados os frutos socados, para descarregar o intestino, pois age como laxante e purgativo. No campo da veterinária, também é usada em doses muito fortes. Do cozimento das folhas é feita uma mistura para o tratamento do reumatismo, em demoradas compressas ou em banhos quentes demorados. Também é usada como regulador do fluxo menstrual das senhoras.

ARATICUM -DE-AREIA OU BIRIBÁ OU MALÔLO

Ligada aos Deuses Obaluayê, Oxun e Yemaujá. Planta africana muito usada pelos povos Bantus, principalmente no Congo e na Angola, onde toma os nomes de Yôlo, Maylo ou Malôlo. Liturgicamente muito usada, sem mistura de outra erva, para banhos de descarrego. Na medicina caseira, a polpa dos frutos é usada para vazar tumores, e do cozimento das folhas para o tratamento de reumatismo (Obs: Há outra espécie que pertence à mesma família, que é o araticum-do-mato, aironacea, pertencente aos mesmos Orixás e que dá uma fruta gostosa, conhecida como Biribá)

ARREBENLA-CAVALO

Ligada aos Deuses Obaluayê e Exu. Usada como aroeira, para banhos fortes de descarrego, do pescoço pra baixo. Participam do cozimento para banho (sem ir ao fogo), maceradas: O pinhão roxo, são gonçalinho e a vassourinha-de-relógio (Obs.: Esta planta difere bastante da outra que possui o mesmo nome. Esta não tem espinhos, as folhas são denteadas, macias e a planta é leitosa, enquanto que a outra dá uns frutos arredondados e vermelhos; quando maduros, as folhas e caules são espinhosos).
ESTA PLANTA NÃO TEM USO NA MEDICINA CASEIRA.

ANGELICA

Ligada aos Deuses Ossaiyn e Oxalá. Ter um ramalhete em casa afasta a inveja e os más fluídos. Usada serve também para atrair o amor perfeito, quando usada em magias para tal.

ANTÚRIO OU ZANGA

Ligada aos Deuses Tempo ou Ossaiyn. Dentro da medicina caseira, é usada como tônico capilar.

ALFACE

Contam as lendas que Vênus - Afrodite quis um dia esconder Adonis, e para isso acomodou-o num de pé de laface, cobrindo-o com as folhas da referida planta. Deste modo protegeu o filho da ira dos outros deuses por longos anos. A alface para os gregos era tida como planta sagrada. Nos cultos afro-brasileiros é folha de Eguns (mortos). Toma-se chá das folhas para retirar influências de espíritos desencarnados.

AROEIRA

Ligada aos Deuses Exu, Ogum e Logun-Éde. O banho forte serve para descarregar energias negativas e lavar instrumentos e latares , visando sua purificação das larvas astrais danosas.

ARREBENTA CAVALO

Ligada aos Deuses Exú e Obaluayê. O Banho é usado para descrrego de larvas astrais danosas (do pescoço para baixo).

AVELÓS OU FIGUEIRA DO DIABO OU GAIOLINHA

Trazida da África por um missionário e plantada em Caruaru, estado de Pernambuco, em 1892. Usa-se socada para purificação dos instrumentos mágicos e altares. Obs.: O LEITE DESTA ÁRVORES , CASO CAIA NOS OLHOS, CEGA.

BAMBÚ

Ligada aos Deuses Ogum e Iansã. Usado as folhas secas com bagaços de cana para defumações e o banho do pescoço para baixo, contra as influências danosas de energias de espíritos negativos,.

BRINCO DE PRINCESA

Para (Eligbará – Rei dos Exús). Empregada em banhos fortes de descarga contra energias negativas, preferencialmente numa encrizilhada, tendo-se o cuidado, de deixar um vela acesa e um copo d'água, em caso, num local mais lato que a cabeça e fazendo-se uma presce ao seu guia espiritual (firmar o guia).

BRIO DE ESTUDANTE

Ligada aos Deuses Ossaiyn e Ogum. Na medicina caseira é usada em chá, contra a insônia.

BARBA-DE-VELHO OU MUSGO

Ligada aos Deuses Obaluayê e Oxalá. Aplicada nas defumações após os banhos de descarrego. Na medicina caseira é usada como uso tópico em forma de suco para combater hemorróidas.

BELDROEGA

Ligada aos Deuses Obaluayê, Exú e Tempo. Usada para purificação de altares e instrumentos. A purificação é feita limpando-se os instrumentos e utensílios com sabão da Costa ou de coco. Depois de bem limpa com a palha da Costa e o sabão, tudo é lavado e friccionado com a Beldroega. Na medicina caseira, usam-se as folhas socadas para apressar a cicatrização das feridas (cortes, ferimentos por bala ou faca), colocando-se por cima, o efeito é rápido, em razão do princípio ativo da planta, o ácido salicílico.

BERINJELA ROXA

Ligada aos Deuses Obaluayê e Tempo. Na medicina caseira as folhas aquecidas, colocadas por cima dos tumores, desinflam-nos com brevidade. O chá das folhas é eliminador dos calculos da bexiga e rins, sendo um ótimo diurético, aumentando o volumeda urina.

CAAPEBA OU PARIPAROBA

Ligada aos Deuses Xangó e Oxóssi. Usada em Banhos e lavagem de contas. Na medicina caseira, o chás erve para os males do fígado, e do cozimento das raízes em decocção, é usada como diurético e para as perturbações uterinas.

CAFERANA OU ALUMÃ (CAFÉ)

Ligada aos Deuses Ossaiyn, Xangô e Ogun. Na Bahia é conhecida por Alumã. Na medicina caseira é usada para fraqueza e debilidade. Poderosos

CABELO DE MILHO

Ligada ao Deus Oxóssi . A aplicação na medicina caseira está no cabelo. Nasce das espigas ao fruto e às sementes do milho. As espigas são ligadas a Deusa Iansã. A espiga usada como Yteque (amuleto), dependura na porta da cozinha ou copa, sem que lhe retire a palha, fazxendo-se uma alça de palha que capeia a espiga e deixando-se a metade, no sentido do comprimento, descoberta, ficando os gãos à vista. É um modo de atrair fartura de alimentos.

Obs.: Quando estiver secando, trocar por outra verdinha. Na medicina caseira é usado como diurético e para cálculos renais (toma-se o chá).

CAPIM-LIMÃO

Na Bahía e Nordeste é conhecido como incenso de caboclo. Erva sagrada, Axé de Oxóssi, muito usada em lavagem de contas e instrumentos mágiscos ritualísticos e nas defumações. Na medicina caseira é usado para males do estômago, resfriados, bronquites, tosses.

CIPÓ – CABOCLO

Usado nos banhos de descarrego e lavagem de contas e instrumentos mágiscos ritualísticos. Na medicina moderna, usado em banhos para combater o linfatismo, inchaços e inflamações das pernas e testículos.

CIPÓ CAMARÃO

Usado em banhos de descamgo e defumações. Na medicina caseira, do cozimento das folhas e do cipó para feridas e contusões (lavagem ou compressas).

CIPÓ BRAVO

Ligado aos Deuses Oxalá e Oxóssi. Na medicina caseira é usado para cmbater o fumo excessivo, controlador do sono e calmante.

COCO DE IRI

Ligado aos Deuses Oxossi e Iemanjá. Das Folhas são feitos banhos de descarrego. Na medicina caseira, pelo cozimento das raízes, debela os males do aparelho genital feminino. Usado em banhos e lavagens.

CAROBINHA DO CAMPO OU JACANDÁ PETERÓIDES

Ligada aos Deuses Obaluayê, Omulú e Tempo. Esta planta é de grande Axá (poder) nos cultos baianos, pelo uso que o povo faz. Não conhecemos em outras nações, fora do Congo, o emprego litúrgico. Na medicina caseira o seu emprego vem dos Cambutas (Grupo Kilongo), negros que a trouxeram para a Bahia, como debeladora dos males ou doenças de pele, coceiras, feridas e esfoladura.

CEBOLA DO MATO OU CENCÉM

Ligada aos Deuses Obaluayê e Exu. Na medicina caseira, usada ralada sobre tumores, é resolutive como emoliente. Do cozimento (folhas), apressa a cicatrização de feridas que não fecham.

CIPÓ-CHUMBO

Ligada aos Deuses Obaluayê e Exu. Na medicina caseira muito usado como xarope para tosses e bronquites. Do cozimento das folhas é feito o chá para diarréias sanguinolentas e icterícia. Seco e reduzido a pó é eficaz para cicatrizar feridas.

COENTRO

Ligada aos Deuses Obaluayê e Oxalá. Na medicina caseira é usado como regularizador das funções digestivas e eliminador de gases intestinais.

CELIDÔNIO OU ERVA -DE-ANDORINHA

Ligada aos Deuses Ossaiyn, Obaluayê e Tempo. Na medicina caseira é utilizada para lavar as vistas (cataratas). A lenda conta que as andorinhas apanhavam esta planta para dar vistas aos filhos. Era chamada pelos gregos de KLELIDÓN, que quer dizer andorinha, por isto vulgarmente é denominada erva-de-andorinha. É usada para banhar o rosto e o corpo e para tirar manchas.

COCO-DE -DENDÊ

Ligada aos Deuses Ossaiyn, Yfá e Exu. O óleo que se extrai da polpa do referido coco tem um teor enorme de vitaminas. A semente do coquinho, desprovida da polpa fornece um óleo branco e serve para substituir a manteiga: é a chamada manteiga de Carité ou Adin. Na medicina caseira é muito usado o coco, para debelar dores de cabeça, anginas e diminuição da vista, em razão de fraqueza dos órgãos visuais (catarratas, etc..) inchaços de pernas e cólicas abdominais.

Cebola-do-Mato ou Mangue-Cebola

Ligada aos Deuses Exu, Omolú . Usada como a cebola-cecém, cortada em 4 partes iguais e distribuída pelos cantos, debaixo dos móveis para afastar falsidade, inveja, etc.

FEDEGOSO OU CÁDIA

Ligada ao Deus Exu. Usada para sacudimentos de ambientes, banhos. Acompanha outras ervas que prestam à mesma finalidade. Também empregada para limpeza do chão. Pode ser também empregada como oferenda para deuses da guerra (Ogum, Áries e etc...).

DOURADINHA DO CAMPO

Ligada ao Deus Obaluayê. Na medicina caseira é usada no tratamento das doenças da pele ou dermatoses. Esta erva cura a sarna e é o ponto final nas coceiras.

ESPINHEIRA SANTA

Ligada aos Deuses Obaluayê, Oxalá e Tempo. Também chamada de caucerosa, salva-vidas, espinho-de-deus. Usada para banhos de descarrego. Na medicina caseira possui bastante aplicação quando recebeu de Olorun (Deus Supremo), para aliviar as dores humanas. É empregada para debelar as afecções do estômago, nas gastrites, gastralgias, úlceras e câncer: Põe fim as dores com espantosa rapidez.

ESTORAQUE BRASILEIRO

Ligada aos Deuses Obaluayê e Oxalá. Usada a resina (goma) que aparece após se aplicar talhos, golpes, em volta do pé, do caule. Tirada a resina, esta é reduzida a pó. Emprega-se misturada com benjoim e alfazema, em farta defumação pessoal, depois do banho de descarrego. Na medicina caseira, o pó resultante da resina ou das cascas e folhas é usado para o tratamento de úlceras varicosas. Modo de usar: polvilhando as varizes.

ERVA CUNALEIRA

Ligado ao Deus Oxássi. Usada em banhos de descarrega. Na medicina caseira usada como diurético e sudorífico, muito empregada para o combate da sífilis. Usa-se o cozimento das folhas.

FIGO DO INFERNO OU FIGUEOIRA BRAVA

Ligada ao Deus Exu. Belíssima árvore que dá frutos grandes, de cor marrom-escura. No tronco nascem os frutos em grandes quantidades, bem juntos. Interessante é o perfume que chama a atenção de qualquer pessoa que se aproxima do tronco. É local de concentração para Exu e de arriada de obrigações. Excelente para se deixar presentes para as entidades das ruas e da terra.

FOLHA-DA-FORTUNA / FOLHA -DE-OXALÁ OU FOLHA-DA-COSTA

Ligada aos Deuses Oxalá e Exu. Usada nos banhos lustrais.

FIGO BENJAMIM

Ligada aos Deuses Obaluayê e Exu. Usado em banhos fortes para pôr fim à perseguição (obsidiação, obsessão). Fazer a gangorra — banho dado com o paciente de costas, sentado sobre uma gangorra feita de um paralelepípedo e uma tábua, onde o paciente fica sentado no meio e o banho escorre para o ralo. Para melhor efeito, este banho deve ser dado no tempo (ao ar livre), junto com três sabugos de milho cortados ao meio.

Obs.: Estes sabugos tem de ser colhidos nos restos das feias-livres ou no lixo, junto a estes, o pião roxo, pau - d'alho, aroeira, vassourinha-de-relógio

GUACO CHEIROSO

Ligado aos Deuses Oxalá, Oxóssi, Oxumaré. Também conhecido como erva das serpentes. Usado para banhos de limpeza. Na medicina caseira é usado contra tosses rebeldes, bronquites, como xarope. Aplicado contra veneno de cobra (soro antiofídico), com folhas secadas no local e o chá forte (bebido), dosagem de 30 gramas para 1 litro d'água.

GUINÉ PIPI

Usado em defumações pessoais e de ambientes. Na medicina caseira, o chá é usado para dores de cabeça (enxaquecas) e para reumatismo articular (artrite).

GUINÉ CABOCLO

Muito diferente do Guiné Pipi. pois esta dá em árvores de dois a três metros de altura. Própria de restingas, capoeiras e matas. Encontrada principalmente em Arauama e ao longo do litoral fluminense. Na medicina caseira, usada em chá, para os males do intestino, estômago, má digestão.

GAMELEIRA

Ligada aos Deuses Tempo, Iroko ou Loôko e Xangô. Planta de grande poder e tida como intocável fetiche do Orixá Irôko, no Ketú, que no Jêjê é chamado de Loôko e no Congo e Angola de Tempo. Delas se reco-lhe, por ocasião das desfolhas, as folhas que caem e também aquelas que ficam com a parte direita do limbo para cima. É tal como se encontram quando presas ao caule. No Brasil é conhecida a gameleira branca, árvore rara e quase extinta, embora existam outros tipos de gameleira. **POR SER UMA ÁRVORE INTOCÁVEL, E SAGARADA NÃO TEM USO NA MEDICINA CASEIRA.**

HISSOPO OU ALFAZEMADE CABOCLO

Usada nos amacis de Ori, lavagem de contas, banhos. Na medicina do povo, usada nas afecções do aparelho respiratório e principalmente como xarope expectorante, anticatarral e bronquite.

HORTELÃ PIMENTA

Ligada ao Deus Exu. Usada para banhos de descarga, do pescoço para baixo, para anular maus fluidos e cargas, na purificação do altar e instrumentos mágicos.

KITOCO

Ligada aos Deuses. Na medicina caseira muito utilizado nas doenças de estômago, em chá; e nos abscessos e tumores, as folhas são aplicadas socadas. Também para doenças de senhoras (chá), para dores uterinas, cólicas mensstruais. etc.

JABORANDI

Usada Na medicina caseira na lavagem dos cabelos, tomando-os sedosos; tônico dos cabelos (policarpica). Serve para suadouro eficaz nas pleuras, bronquites e febres que tragam erupções (sarampo).

JENIPOPO

Ligada aos Deuses Obaluayê, Tempo Iruko, Loôko e Ossaiyn. As folhas usadas para banhos de descarrego ou limpeza. Esta árvore presta-se para uma simpatia muito útil e eficaz para exterminar os ataques de cólera e epilepsia ou ataques do Tempo, apesar desses males serem considerados incuráveis. Coloca-se o doente de pé, encostado na árvore, e ao lado acende-se três velas dos três reinos da natureza, sendo uma de cera (animal), uma de carnaúba (getal) e outra de espermacete (mineral) comum, formando um triângulo, e com uma faca virgem, de aço, reza-se suplicando a Ossaiyn e ao Tempo a extinção do mal, dando golpes no anuredo, dizendo: **ASSIM COMO CORTO ESTA ÁRVORE, FICARÁ CORTADO DE FULANO, PARA SEMPRE, ESTE MAL.** Na medicina caseira as folhas são cozidas juntamente com as cascas e se extrai um sumo, usado no tratamento das úlceras varicosas. Lavando-as e o caldo dos frutos é remédio para combate à hidropisia.

JUREMA BRANCA OU MIMOSA VERRUGOSA

Bastante diferente da jurema preta, principalmente devido aos calombos que existem no caule, pelos ramos. É também armada de espinhos. Na medicina caseira o uso de cascas em decocção (sabor amargo) tem aplicação em banhos ou lavagens, como adstringente para doenças da pele. O chá é empregado como narcótico para insônia e estado nervoso.

LÁGRIMA DE NOSSO SENHORA

Ligada aos Deuses a Ossaiyn e Yemanjá. As folhas com as sementes são usadas para banhar os olhos propiciando o desenvolvimento da clarividência. A aplicação é feita pela manhã e o banho dos olhos deve ficar durante a noite exposto ao sereno, retirando-se antes do Sol nascer. Obs.: Esta erva não vai ao fogo. Na medicina caseira é tida como excelente diurético, chá Os banhos debelam o reumatismo e reduzem as inchações.

MALVA DO CAMPO OU MALVARISCO

Ligada aos Deuses Oxalá e Oxóssi. Usada nos banhos para purificação pessoal, de altyares e instrumentos. Na medicina caseira, é usada como emoliente, empregando-se em bochechos e gargarejos. em abscessos nas gengivas, inflamações da garganta e operações da boca.

MANJERICÃO ROXO

Ligada aos Deuses Obaluayê, Xangô, Tempo, Iansã. Colhido e posto a secar, é grande preventivo contra raios, coriscos, em dias de tempestades, usando-se o defumador. Usa-se em defumação como purificador do ambiente. É indispensável como banho de descarrego e proteção. Na medicina caseira é usalo, como os outros, para males do aparelho digestivo e eliminador de gases.

MANGUE VENNELHO OU MANGUE-SAPATEIRO

Ligada aos Deuses Obaluayê e Omólu. Usado na medicina caseira para adstringente no tratamento das úlceras varicosas e feridas rebeldes, sendo aplicado em compressas ou banhos nas partes lesada Usado também para lavagens ginecológicas ou banhos de assento (moças virgens) para tratamento de leucorréia (flores brancas).

MASTRÚÇO OU MASTRUZ

Ligada aos Deuses Obaluayê e Oxalá. Usado na medicina caseira, goza de grande prestígio no tratamento das afecções pulmonares, principalmente nas pleurísias secas ou com derrames. Usa-se o sumo, simples ou de mistum com leite quente, quantas vezes possível. É um excelente antibiótico natural.

MALVARIOSCO OU CHAPÉU-DE – TURCO

Usada para banhos de descarrego.

MANGUEIRA

Ligada aos Deuses Exu e Ogun. Usada pøm banhos de descarego com a mistura de arueira, pinhão roxo, cajuero e vassourinha de relógio, do pescoço para baixa As folhas servem também para cobrir o chão a fim de afastar maus fluidos e larvas astrais.

MELÃO-DE -SÂ O-CAETANO OU ERVAS DAS LAVADEIRAS

Ligada aos Deuses Xangô. O Chá é Anfi-reumático, antifebril, banho de assento (doenças de senhoras, corrlinentos, etc).

NÓS DE COLA (OBI)

Ligada aos Deuses Oxalá, Obatalá, Odudwá, Olissassa, e demais divindades da criação. Os africanos comem os frutos do Obi, como gerador de energias. Na medicina caseira é usado como tônico do coração, regularizando as pulsações e para o sistema nervoso, sendo também muito eficaz contra anemias.

CANA

Ligada ao Deus Exu . As folhas e os bagaços serve para as defumações. O açúcar extraído da cana é usado nas defumações destxuir larvas astrais e afugentar Éguns (desencarnados).

PIPEREGUM VERDE OU DAMACENA

Planta originária da Guiné (África). Grande Axé (força) de Oxóssi, o Deus da Caça. Usada para sacudimentos contra as energias de espítos desencarnados, pessoas ou domicílios. Na medicina caseira é usada contra reumatismo, por meio de banhos e compressas.

PIPEREGUM VERDE E AMARELO OU DAMACENA RAJADA

Ligada aos Deuses Legun-Éde e Oxumarê. Usada da mesma maneira que o descrito antes, que é de Oxóssi.

PITANGUEIRA

Usada para defumações de ambiente para atrair dinheiro. Usa-se as folhas secas, misturadas com canela em pó, pé de café (virgem), açúcar, cravodaíndia e palha de alho e bagaço de cana-de-açúcar. (Obs.: Esta defumação é feita da porta da rua para dentro da casa, deixando-se na área ou quintal o resíduo, para depois despachar-se no dia seguinte, no mato, na praia ou água corrente. Usada na medicina moderna para dar fim às lombrigas das crianças, em chá.

PANECÊA OU AZOUGUE DE POBRE

Ligada aos Deuses Obaluayê e Xangô. Na Bahia é conhecida por bolsa de pastor ou braço de preguiça. Na medicina caseira é tida como poderoso diurético e eficaz no combate a sífilis, usando-se o chá. Também é indicada para as doenças de pele, eczemas e para debelar o reumatismo, em banhos.

PARIETÁRIA- VIDRO

Ligada aos Deuses Obaluayê e Oxun. Apesar de fazer parte da família das urtigas, esta qualidade é inofensiva ao contato das mãos. Na medicina caseira é usada como diurético, das vias urinárias (urina solta). É empregada, em cozimento das folhas, para os males da pele.

PAU - D'ALHO OU GUARAREMA

Ligada aos Deuses Obaluayê e Exu. Usado em sacudimentos pessoais e domiciliar, casas, lojas, onde o homem exerce funções lucrativas. Também usado para banhos fortes de descarrego para retirar influência negativa. Usado com aroeira, pinhão roxo e branco. Na medicina caseira, as folhas, socadas e colocadas em cima de furúnculos e tumores, resolvem eficazmente. Também no cozimento das folhas, em banhos quentes e demorados, é muito útil para reumatismo e hemorróidas.

PITEIRA IMPERIAL

Ligada aos Deuses Ossaiyn, Obaluayê e Tempo. Na medicina caseira, as folhas verdes e cozidas são usadas para lavar feridas e dermatoses.

RABO DE TATU OU LANCETA

Ligada aos Deuses Obaluayê e Oxóssi. Na medicina caseira que é tida como uma preciosidade para abrir abscessos e tumores, pôr fim às inflamações, panarícios, unheiras, erisipelas, regenerando o tecido cutâneo atacado por inflamações de qualquer origem e fazendo cessar as dores.

SUMARÉ OU BISTURI-DO-MATO

Ligada aos deuses Obaluayê e Oxóssi. Na medicina caseira os seus efeitos rápidos promovem a abertura de tumores de qualquer natureza, expulsando o pus e fazendo cessar dores, para alívio do paciente. Extingue os furúnculos, panarícios, erisipelas. Contra a inflamações de qualquer origem, abre-se a banana (bulbo) da planta e com uma colher raspa-se a goma nela contida (mucilagem), colocando sobre a pele inflamada ou tumorada, cobrindo-se com gaze ou pano limpo.

SABUGUEIRO

Ligada ao Obaluayê, muito usado na medicina caseira para tratamento de cataporas, sarampo, escarlatina. Usado para suadouro, do cozimento das folhas é um grande diaforético e debeladora do sarampo.

SAPÊ OU SAPÉ

Ligada ao Deus Exu. As raízes são usadas para banhos de descarrego. após o sacudimento. Obs.: O banho é do pescoço para baixo.

VASSOURINHA DE IGREJA

Ligada ao Deus Exu. Usada para sacudimentos de casas. Juntamente com cipreste e palha-da-costa, serve para espantar energias de desencarnados e todos os males são retirados,

URTIGA - MAMÃO

Ligada ao Deuse Obaluayê. Na medicina caseira, muito usada para cura de erisipela. Usa-se em chumaço de algodão embebido no leite da planta. Emprega-se o chá das folhas para debelar males dos ruins (O banho, forte, afasta influências energéticas de desencarnados).

BIBLIOGRAFIA:

- (1) Bastide, Roger. "O Candomblé da Bahia" – Rito Nagô – RJ
- (2) Quirino, Manoel; "Raça Africana e seus Costumes" – Editora Progresso – Salvador BA
- (3) Dos Santos, Juana Albein; "Os Nagô e a Morte" – Editora Vozes – RJ, 1975

(4) Dados retirados da internet por um intrometido.

(5) Mitos dos Orixás do Candomblé Paulista - Rita Amaral

(6) **Candomblé e os Tipos Psicológicos por Carminha Levy**

(7) Orixas Site Silvio de Otolu

(8) Conceitos de vida e morte no ritual do axexê: Tradição e tendências recentes dos ritos funerários no candomblé - Reginaldo Prandi